

Rodolpho Gauthier Cardoso dos Santos

**A invenção dos discos voadores.  
Guerra Fria, imprensa e ciência no  
Brasil (1947-1958)**

Campinas-SP  
2009

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA  
BIBLIOTECA DO IFCH – UNICAMP  
Bibliotecária: Maria Sílvia Holloway – CRB 2289**

**Sa59i Santos, Rodolpho Gauthier Cardoso dos**  
**A invenção dos discos voadores. Guerra Fria, imprensa e ciência no Brasil (1947-1958) / Rodolpho Gauthier Cardoso dos Santos - - Campinas, SP : [s. n.], 2009.**

**Orientador: Eliane Moura Silva.**  
**Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.**

**1. Discos voadores – Cobertura da imprensa – Brasil – 1947-1958. 2. Guerra fria. 3. Ciência. I. Silva, Eliane Moura. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.**

**Título em inglês: The invention of the flying saucers. Cold War, press and science in Brazil (1947-1958).**

**Palavras chaves em inglês (keywords) : Flying saucers in the press – Brazil – 1947-1958 - Cold War - Science**

**Área de Concentração: História cultural**

**Titulação: Mestre em História**

**Banca examinadora: Eliane Moura Silva, Cristina Meneguello, Iara Lis Franco Schiavinatto**

**Data da defesa: 05-10-2009**

**Programa de Pós-Graduação: História**

RODOLPHO GAUTHIER CARDOSO DOS SANTOS

*A Invenção dos discos voadores. Guerra Fria, imprensa e ciência no Brasil (1947 – 1958).*

Dissertação de Mestrado apresentada ao Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas sob a orientação da Profa. Dra. Eliane Moura da Silva.

Este exemplar corresponde à redação final da Dissertação defendida e aprovada pela Comissão Julgadora em 05 / 10 / 2009.

BANCA



Profa. Dra. Eliane Moura da Silva (orientadora)



Profa. Dra. Cristina Meneguello



Profa. Dra. Iara Lis Franco Schiavinatto

Prof. Dr. José Alves de Freitas Neto (suplente)

Prof. Dr. Roberto de Andrade Martins (suplente)

OUTUBRO/2009

## **Resumo**

Este trabalho analisa a história das idéias relacionadas aos discos voadores, expressão utilizada para se referir a objetos e fenômenos aéreos não identificados no final dos anos 1940 e na década de 1950. Ao longo do texto, acompanhamos as mutações sofridas por esse conceito e sua cristalização num complexo sistema simbólico relacionado à noção de visitantes extraterrestres. Observamos especialmente as particularidades desse processo no Brasil entre os anos de 1947 e 1958. As principais fontes lidas foram produzidas pela imprensa. Através desse material, examinamos também o comportamento da própria imprensa, da comunidade científica nacional e de outros atores da sociedade brasileira no debate público a respeito do assunto. Desse modo, reconstituímos parcialmente lutas e tensões a respeito dos significados atribuídos aos discos voadores naquela época.

**Palavras-chave:** discos voadores, imprensa, ciência, Guerra Fria.

## **Abstract**

This work analyses the history of the ideas related to the flying saucers, an expression used during the 1940s and 1950s to mean aerial unidentified phenomena and objects. Alongside the text, we follow the changes suffered by this concept and its crystallization into a complex symbolic system related to the extraterrestrial visitors idea. We also observe the specificities of this historical process in Brazil between 1947 and 1958 years. The main sources analyzed in this research were produced by the press. By reading texts from these sources, we could examine the behavior of the press, of the Brazilian scientific community and other actors from Brazilian society in the public debate related to this subject. In this manner, we reconstituted part of the struggles and tensions regarding the meanings attributed to the flying saucers at that time.

**Keywords:** flying saucers, press, science, Cold War.

## Agradecimentos

Agradeço inicialmente ao Programa de Iniciação Científica da Unicamp (PIBIC), que me concedeu por um ano e meio uma bolsa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Agradeço também a Fapesp (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo) pela bolsa de mestrado que me permitiu passar vários meses nos arquivos.

Agradeço aos funcionários dos arquivos e biblioteca que consultei. Alguns deles trabalham em condições que os tornam os verdadeiros heróis. Que Val e Alice, funcionárias da Biblioteca da Associação Brasileira de Imprensa (ABI), recebam meus agradecimentos em nome de toda sua classe.

Agradeço também aos meus amigos do extinto grupo cético OPUs (Organização de Pesquisas Ufológicas, 1999-2007), de Araraquara-SP. Nossas intermináveis reuniões aos sábados produziram uma massa crítica que está presente ao longo desse texto de uma maneira difusa. Nesses encontros, é provável que eu tenha roubado alguma idéia de Diego Nyko, Fernando de Almeida Caldas, Matheus Soto, Millen Larocca e Tiago Bojikian da Costa Vital. Agradeço especialmente ao amigo Fernando por ter lido meticulosamente a primeira versão da monografia e apontado dezenas de erros e imprecisões. Fernando sempre foi um grande incentivador.

Agradeço aos ufólogos Carlos Alberto Machado e Cláudio Tsuyoshi Suenaga pelo material, apoio e incentivo em diferentes momentos. Agradeço também ao ativista cético Kentaro Mori pelo apoio e por publicar no seu site, o *Ceticismo Aberto*, tantos textos que analisam a ufologia de uma perspectiva cultural e histórica.

Ao amigo argentino Alejandro Agostinelli, agradeço pelo material e indicações bibliográficas valiosas. Ao amigo chileno Diego Zuñiga devo o acesso a vários artigos raros e a incorporação à lista de e-mails internacional *Anomalist*, onde pude encontrar e trocar algumas figurinhas com o antropólogo espanhol Ignacio Cabria. A *Fundación Anomalía*, da qual todos eles fazem parte, também me ajudou muito em todo esse processo.

Agradeço também aos meus amigos de graduação e pós-graduação da Unicamp, que tornaram a academia mais alegre e acolhedora. Obrigado em especial a Cássio Henrique Dyna Correa Lorato, Eduardo Rodrigo da Silva, Rogério Luis Giampietro Bonfá, Daniel de Sousa Pacheco Wegmann, Angela Nucci, Nestor Tsu, Patrícia Sayuri Tanabe Galvão, Sara Cristina de

Souza, Ana Carolina Marmo e Geraldo Witeze Junior. Cássio, em especial, leu a monografia e fez considerações bastante pertinentes. Agradeço também ao companheiro itapetiningano Luís Fernando Prestes Camargo por tantas sugestões, pelas caronas ao Arquivo do Estado de São Paulo e pelas provocações a respeito dessa “pesquisa sobre o que não existe”.

Agradeço a todos que pacientemente me receberam em suas casas durante o trabalho. A Alexandre Kimei Leandro Yamashiro, em São Paulo. A Welton Pereira de Oliveira, Maurina Rodrigues Novais e Wesley Rodrigues de Oliveira, também em São Paulo. A Marlene Rodrigues Novais, em Campinas. E a Henrique Medeiros Vianna e Júlia Vianna, no Rio de Janeiro. Agradeço também aos meus novos amigos sertanezinhos, Caio Henrique Silveira da Silva e Edimara Benedita Pereira, por suportarem minha “caramujice”.

Agradeço a algumas pessoas e instituições bacanas que me auxiliaram em diferentes momentos: Alexandre Busko Valim, Alfredo Suppia, Ana Maria Maud, Ana Maria Ribeiro de Andrade, Bernardo Esteves, Catarina Capella Silva, Danilo Albergaria, Edison Boaventura Júnior, Eduardo Dorneles Barcelos (*in memoriam*), Fabio Sapragnas Andrioni, José Alves de Freitas Neto, José Carlos Rocha Vieira Júnior, Luis R. González (Espanha), Márcia Azevedo de Abreu, Márcia Perozzi Gonçalves de Souza, Marta Ferreira Abdala Mendes, Matías Morey Ripoll (Espanha), Paulo Renato da Silva, Renato Salgado de Melo Oliveira, Roberto de Andrade Martins, Rúben Morales (Argentina), Rubens Ramiro Júnior, Sidney Chalhoub e a todos os entrevistados pela paciência e colaboração.

Agradeço às professoras que avaliaram o trabalho no exame de qualificação e defesa, prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Cristina Meneguello e prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Iara Lis Franco Schiavinatto, por sugestões e reflexões muito valiosas.

Agradeço a minha orientadora, Eliane Moura Silva, pela orientação e por acreditar no meu trabalho desde o começo, mesmo quando eu demorava a dar sinais de vida.

Agradeço a Adriana Rodrigues Novais, pela paixão e paciência com um namorado freqüentemente ocupado. Eu te amo.

Finalmente, agradeço à minha família, Célia (mãe), Vilson (pai), Renan (irmão) e cão (Requeijão, *in memoriam*), pelo grande apoio e incentivo.

*Para a minha família.*

## LISTA DE IMAGENS

1. A típica nave do seriado <i>Flash Gordon</i> .....	16
2. Quadrinhos de <i>Flash Gordon</i> do ano de 1940. <sup>1</sup> .....	16
3. Fac-símile da 1ª. página do jornal <i>Folha da Manhã</i> (1/11/1938) <sup>2</sup> .....	17
4. Representação de um dirigível visto em Sacramento, Califórnia (17/11/1896). <sup>3</sup> .....	21
5. Desenho do objeto voador visto por Kenneth Arnold segundo sua descrição. <sup>4</sup> .....	25
6. Fac-símile da primeira página do jornal de Roswell (8/7/1947) <sup>5</sup> .....	31
7. O norte-americano Russel Long e seu “disco voador” (16/7/1947) <sup>6</sup> .....	33
8. Fac-símile da primeira página do jornal <i>A Noite</i> (RJ) de 9/7/1947. <sup>7</sup> .....	36
9. Primeira página do jornal <i>A Noite</i> , de São Paulo, 12/7/1947. <sup>8</sup> .....	39
10. Charge publicada na <i>Folha da Manhã</i> . <sup>9</sup> (15/7/1947) .....	40
11. Os espalhafatosos títulos do jornal <i>A Noite</i> , de São Paulo (11/7/1947) <sup>10</sup> .....	44
12. Representação do objeto relatado por um paulistano (5/8/1947) <sup>11</sup> .....	50
13. Parte da ilustração publicada na revista <i>O Cruzeiro</i> (13/11/1954) <sup>12</sup> .....	62
14. Donald Keyhoe (1897-1988). <sup>13</sup> .....	74
15 e 16. O protótipo da “Panqueca Voadora”, o Vought V-173 (acima). <sup>14</sup> .....	79
17. A “Panqueca Voadora”, o XF5U-1 (abaixo). <sup>15</sup> .....	79
18. Detalhe da primeira página de <i>A Manhã</i> em 19 de março de 1950. <sup>16</sup> .....	86
19. Ilustração: O homem no futuro (4/4/1950) <sup>17</sup> .....	89
20. Capa da revista <i>Ciência Popular</i> de julho de 1950. <sup>18</sup> .....	111
21. Primeira página do <i>Diário da Noite</i> de 8/5/1952. <sup>19</sup> .....	116
22. Domingos Costa, astrônomo-chefe do Observatório Nacional (24/05/1952) <sup>20</sup> .....	118

<sup>1</sup> *O GLOBO*, 15/2/1940 apud HUGUENIN, O.C. **Dos mundos subterrâneos para os céus: discos voadores**. Irmãos Di Giorgio & Cia Ltda. Editores, Rio de Janeiro, 1956, p. 4.

<sup>2</sup> *Intenso pânico provocado nos Estados Unidos pela irradiação de “A guerra dos mundos”, de H. G. Wells. Folha da Manhã*, São Paulo, 1/11/1938, p. 3 (AEL)

<sup>3</sup> BARTHOLOMEW, Robert E. and George S. Howard. **UFOs & alien contact: two centuries of mystery**. Prometheus Books, New York, 1998, p. 25.

<sup>4</sup> Fonte: <http://www.ufopop.org/fullimgbk.php?cid=FSAsISawIt.jpg> . Acesso em: 22/8/2007.

<sup>5</sup> Disponível em <http://www.roswellfiles.com/Articles/RoswellNews.htm> . Acesso em 28/8/1947

<sup>6</sup> *PODE NÃO SER “VOADOR” MAS É UM DISCO...* [Foto] *A Noite*, São Paulo, 16 de julho 1947, p.1. (AESP)

<sup>7</sup> *O E.M. do Exército e os “discos voadores”*. *A Noite*. Rio de Janeiro, 9 de julho 1947, edição final, p. 1 e 9. (BN)

<sup>8</sup> *Discos Voadores sobre São Paulo*. *A Noite*, São Paulo, 12 de julho 1947, p.1. (AESP)

<sup>9</sup> [Charge]. *Folha da Manhã*, São Paulo, 15/7/1947, p. 4, 1º. Caderno. (AEL)

<sup>10</sup> *Inquieta o mundo o mistério dos discos voadores*. *A Noite*. São Paulo, 11 de julho 1947, p.7 e 11. (AESP)

<sup>11</sup> *“Discos voadores” sob os céus de São Paulo*. *Folha da Noite*, São Paulo, 5 agosto 1947, p. 5.(AESP)

<sup>12</sup> MARTINS, João. (Ilustração de Mauro). *Na esteira dos “Discos Voadores” – parte 7. Seres do espaço descem a Terra*. In *O Cruzeiro*. Rio de Janeiro, 13 de novembro de 1954, p. 80 (BMA)

<sup>13</sup> KEYHOE, Donald. *Não zombem dos discos voadores! Aconteceu*. Rio Gráfica e Editora LTDA, Rio de Janeiro, ano VIII, n° 94, setembro 1961, p. 7.

<sup>14</sup> Crédito da foto site *Ceticismo Aberto*. Disponível em : [http://www.ceticismoaberto.com/ufologia/kottmeyer\\_1947.htm](http://www.ceticismoaberto.com/ufologia/kottmeyer_1947.htm) . Acesso 11/1/2009.

<sup>15</sup> Retirada de LOBO, Ary Maurell, *Várias hipóteses sobre os misteriosos discos voadores* IN *Ciência Popular*, julho 1950, p. 38 (AESP)

<sup>16</sup> *“Discos voadores” sobrevoam Montevideú*. *A Manhã*. Rio de Janeiro, 19/3/1950, p. 1 e 2 (BN).

<sup>17</sup> *O homem do futuro será gigante ou pigmeu?* *A Noite*. São Paulo, 4 de abril de 1950, p. 6 (AESP)

<sup>18</sup> LOBO, Ary Maurell. *Várias hipóteses sobre os misteriosos discos voadores*, in *Ciência Popular*, Rio de Janeiro, julho 1950, n°. 22, p. 35-8 (AESP)

<sup>19</sup> *Fotografado na Barra da Tijuca o disco voador*. *Diário da Noite*, Rio de Janeiro, 8 de maio de 1952, edição extra, p. 1 (BN)

23. Capa do encarte extra com as fotos na Barra da Tijuca (17/05/1952). <sup>21</sup> .....	120
24. Páginas de <i>O Cruzeiro</i> , 25 de junho de 1955, p.82-B e 82-C. <sup>22</sup> .....	123
25. Os rostos de João Martins e Ed Keffel (17/05/1952) <sup>23</sup> .....	126
26. A 4ª. foto obtida por Ed Keffel em maio de 1952. <sup>24</sup> .....	129
27 e 28. Uma parte da 5ª. foto da Barra da Tijuca (à esquerda). À direita, o objeto. <sup>25</sup> .....	131
29. Propaganda voltada para os anunciantes de <i>O Cruzeiro</i> (1953-1954). <sup>26</sup> .....	133
30. A prevalência da imagem nas matérias sobre discos voadores (17/5/1952) <sup>27</sup> .....	138
31. Detalhe da fotomontagem na qual David Nasser aparece nos EUA (30/8/1952) <sup>28</sup> .....	140
32. Revista em quadrinhos <i>Disco Voador</i> n° 5, 1955 (à esquerda). <sup>29</sup> .....	151
33. Revista <i>Álbum Gigante</i> , <i>Charles Vick e seu Disco Voador</i> , janeiro 1952 (à direita). <sup>30</sup> .....	151
34. Anúncio de 21 julho de 1947. <sup>31</sup> .....	152
35. Anúncio de 26 maio de 1952. <sup>32</sup> .....	152
36. George Adamski (à esquerda) ao lado do retrato do venusiano andrógino .....	159
37. Dolores Barrios (à direita) <sup>33</sup> .....	159
38. Propaganda do lançamento do filme <i>O dia em que a Terra parou</i> . <sup>34</sup> .....	163
39. Fac-símile da 1ª página do jornal <i>Diário da Noite</i> de 27/10/1954 (BN).....	65
40. Fotografia publicada na revista <i>O Cruzeiro</i> sobre o episódio de Caratinga. <sup>35</sup> .....	168
41. O coronel João Adil de Oliveira e seu filho. <sup>36</sup> .....	170
42. João Martins discursando para os militares. <sup>37</sup> .....	173
43. Capa de <i>O Cruzeiro</i> , edição de 25 de junho de 1955.....	176
44. Capa da edição de <i>Ciência Popular</i> de janeiro de 1955.....	178
45 e 46. 2ª. foto tirada por Almiro Baraúna e sua respectiva ampliação. <sup>38</sup> .....	185
47. A 4ª. e última foto da Ilha de Trindade. <sup>39</sup> .....	188

<sup>20</sup> MARTINS, João & KEFFEL, Ed. *O disco voador* In **O Cruzeiro**. Rio de Janeiro, 24/05/1952, p. 14. (AEL)

<sup>21</sup> MARTINS, João & KEFFEL, Ed. *Extra! Discos Voadores na barra da Tijuca*. In **O Cruzeiro**. Rio de Janeiro, 17 de maio de 1952 (ABI)

<sup>22</sup> MARTINS, João. *Nos bastidores da espionagem internacional – parte II (final) - A Batalha secreta dos Discos*. In **O Cruzeiro**. Rio de Janeiro, 25/06/1955, p. 82-B e 83-C. (BMA)

<sup>23</sup> MARTINS, João & KEFFEL, Ed. *Extra! Discos Voadores na barra da Tijuca*. In **O Cruzeiro**. Rio de Janeiro, 17 de maio de 1952 (ABI)

<sup>24</sup> MARTINS, João & KEFFEL, Ed. *Extra! Discos Voadores na barra da Tijuca*. In **O Cruzeiro**. Rio de Janeiro, 17 de maio de 1952 (ABI)

<sup>25</sup> Fonte: <http://www.ceticismoaberto.com/fotos/fotosovnis09.htm>. Acesso 7/3/2006.

<sup>26</sup> [Anúncio]. **Anuário Brasileiro de Imprensa**. Revista Publicidade e Negócios, Rio de Janeiro, 1953-1954, p. 31 (ABI)

<sup>27</sup> MARTINS, João & KEFFEL, Ed. *Extra! Discos Voadores na barra da Tijuca*. In **O Cruzeiro**. Rio de Janeiro, 17 de maio de 1952 (ABI)

<sup>28</sup> NASSER, David. *A Capital do Disco Voador* In **O Cruzeiro**. Rio de Janeiro, 30 de agosto de 1952 (BN)

<sup>29</sup> **DISCO VOADOR**, Orbis Publicações S.A., Rio de Janeiro, fevereiro-março-abril de 1955, ano 2, n° 5, 34 p.

<sup>30</sup> *Charles Vick e seu Disco Voador*. **Álbum Gigante**. Editora Brasil-América Limitada (EBAL), Rio de Janeiro, janeiro de 1952, n° 33, 36 p.

<sup>31</sup> [Anúncio com desenho]. **A Noite**. Rio de Janeiro, 21 de julho 1947, edição final, p. 2. (BN)

<sup>32</sup> [Anúncio com desenho]. **A Noite**. Rio de Janeiro, 26 de maio 1952, p. 2 (BN)

<sup>33</sup> MARTINS, João. *Na esteira dos “Discos Voadores” – parte 3. Reunião de “Discos” em Palomar*. In **O Cruzeiro**. Rio de Janeiro, 16 de outubro de 1954 (BMA)

<sup>34</sup> [Cartaz] **Folha da Noite**, São Paulo, 18/6/1952, p. 9. (AESP)

<sup>35</sup> SILVA, Eugênio. *O Disco de Caratinga – O maior “Bluff” do ano* In **O Cruzeiro**. Rio de Janeiro, 11 de dezembro de 1954 (CMU)

<sup>36</sup> SALLES, Milton (reportagem) e VIEIRA, Antônio (fotos). *“Habitantes de outros planetas já se encontrariam na Terra”*. **Revista da Semana**. Rio de Janeiro, n° 51, ano 54, 18 de dezembro de 1954, p. 52-55. (BN)

<sup>37</sup> *Discos Voadores na 6ª Região Militar*. In **O Cruzeiro**. Rio de Janeiro, 22/2/1958 (BMA)

<sup>38</sup> MARTINS, João. *Disco Voador sobrevoa o “Almirante Saldanha”*. In **O Cruzeiro**. Rio de Janeiro, 8/03/1958 (BMA)

48. Ilustrações de casos venezuelanos. <sup>40</sup> .....	191
49. Ary Maurell Lobo, editor da revista <i>Ciência Popular</i> .....	194
50 a 56. Primeiros ufólogos brasileiros .....	205
57. Mário Prudente Aquino, João Martins e Walter K. Bühler. <sup>41</sup> .....	208
58. O pequeno marciano (24/8/2955) <sup>42</sup> .....	227

## LISTA DE TABELAS

1. Pesquisa Gallup agosto 1947 .....	29
2. Jornais paulistanos 1947 .....	42
3. Jornais cariocas 1947 .....	42
4. Pesquisa Gallup maio 1950 .....	81

## LISTA DE ABREVIATURAS DOS ARQUIVOS CONSULTADOS

(ABI) - Biblioteca da Associação Brasileira de Imprensa, Rio de Janeiro-RJ

(AEL) – Arquivo Edgar Leuenroth, UNICAMP, Campinas-SP

(AESP) - Arquivo do Estado de São Paulo – São Paulo-SP.

(BANESPA) - Biblioteca do Banespa – São Paulo-SP.

(BMA) - Biblioteca Mário de Andrade, São Paulo-SP.

(BN) - Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro-RJ.

(CEMM) - Centro Municipal de Memória, Sertãozinho-SP.

(CMU) - Centro de Memória da Unicamp, Campinas-SP.

(ECA) - Biblioteca da Escola de Comunicações e Artes, USP, São Paulo-SP.

(IEB) - Instituto de Estudos Brasileiros, USP, São Paulo-SP.

---

<sup>39</sup> Idem

<sup>40</sup> MARTINS, João. *A terrível missão dos Discos Voadores*. In **O Cruzeiro**. Rio de Janeiro, 12/10/1957, p. 73 e 75.

(BMA)

<sup>41</sup> **Boletim SBEDV**, nº 26-27, abril a julho 1962, p. 2.

<sup>42</sup> *O pequeno marciano*. **O Cruzeiro**, Rio de Janeiro, 24 de agosto de 1955 (AEL).

## SUMÁRIO

### INTRODUÇÃO 1

#### 1. EXISTEM DISCOS VOADORES? 9

A IDÉIA DE VIDA EXTRATERRESTRE	11
ESTRANHAS VISÕES	20
O PRIMEIRO DISCO VOADOR	24
O CASO ROSWELL	30
A ONDA DE 1947 NO BRASIL	34
A IMPRENSA	41
OS CASOS BRASILEIROS	48
PRIMEIRAS HIPÓTESES	52
UMA HIPÓTESE MARGINAL	60

#### 2. SÃO ARMAS SECRETAS? 65

O HOMEM DOS EXTRATERRESTRES	72
A ERA DA CONFUSÃO	78
IMAGINÁRIO EM MUTAÇÃO	80
A SEGUNDA ONDA BRASILEIRA	84
VÊNUS, O DEUS DOS DISCOS VOADORES	91
APOCALIPTISMO	95
A CIÊNCIA NA BERLINDA	100
A CIÊNCIA NO BRASIL	106

#### 3. SERÃO EXTRATERRESTRES? 113

QUEM SE IMPORTA COM A VERDADE?	121
INDÚSTRIA CULTURAL	131
QUANTO MAIS, MELHOR	137
A ORIGEM DAS ONDAS DE RELATOS	142
O AVANÇO DOS EXTRATERRESTRES	149

#### 4. SÃO EXTRATERRESTRES! 155

A ONDA DE 1954	164
CHUMBO TROCADO	175
NOVAS POLÊMICAS	180
DOIS CASOS FAMOSOS	184
A EXPULSÃO DO TEMPLO	193
ÚLTIMAS MATÉRIAS	199
O NASCIMENTO DA UFOLOGIA BRASILEIRA	200
POR QUE OS EXTRATERRESTRES VENCERAM?	210
O FIM DE UMA ERA	216

### CONSIDERAÇÕES FINAIS 221

### BIBLIOGRAFIA 229

<b>ANEXOS</b>	197
LISTAS DAS FONTES CONSULTADAS	234
LISTA DE CASOS	256

# Introdução

Amor,  
 estou triste porque  
 sou o único brasileiro vivo  
 que nunca viu um disco voador.  
 (...)  
 Amor, estou tristonho, estou tristonho  
 por ser o só  
 que nunca viu um disco voador  
 hoje comum na Rua do Ouvidor.

*Falta um disco*  
 Carlos Drummond de Andrade.<sup>43</sup>

Nos primeiros dias do mês de julho de 1947, começaram a surgir em vários pontos das grandes cidades brasileiras aglomerações de pessoas com os olhos voltados para o alto. Estavam a observar ou a buscar os discos voadores de que tanto falavam os jornais. Numa dessas ocasiões, o cronista Guilherme de Almeida juntou-se à pequena multidão que se formara no Viaduto do Chá, em São Paulo, e escutou de um rapaz: “O senhor também viu os “discos-voadores”? Acho que a outra guerra está aí!”.<sup>44</sup>

Episódios como esse devem ter se repetido centenas de vezes em várias partes do mundo. Toda essa mobilização era motivada por algo que nunca teve sua existência comprovada, os discos voadores. Essa expressão, criada em 1947, era utilizada para designar objetos e fenômenos aéreos não identificados.<sup>45</sup>

Pouca gente hoje tem a exata noção do que significavam os discos voadores na década de 1950. Eles eram capazes de provocar pânico, choro, risos e grandes discussões que consumiram muito, muito papel. Ao contrário do que acontece hoje, eram encarados freqüentemente como uma questão séria. Simbolizavam anseios e preocupações de toda uma geração. Contaremos aqui essa breve história.

O trabalho analisa o surgimento e as transformações das idéias relacionadas aos discos voadores. Acompanhamos as mutações sofridas por essa representação e sua lenta cristalização

---

<sup>43</sup> ANDRADE, Carlos Drummond de. **O poder ultra-jovem**. Rio de Janeiro, Livraria José Olympio, 1972.

<sup>44</sup> ALMEIDA, Guilherme de. *Elevação*. Coluna Ontem - Hoje - Amanhã. **Diário de São Paulo**, São Paulo, 20 de julho, p. 8. (AESP)

<sup>45</sup> Como veremos, termos um pouco mais precisos, como ufo (acrônimo da expressão inglesa *unidentified flying object*, que significa objeto voador não identificado), só se popularizaram no país no final da década de 1950.

num complexo sistema de pensamento no qual a idéia central são as visitas extraterrestres. Vistos inicialmente como boato passageiro, os discos voadores logo foram apontados como armas secretas. Nos primeiros anos da década de 1950, porém, eles foram associados a naves alienígenas, situação que persiste até hoje.

As principais fontes lidas foram produzidas pela imprensa. Essa escolha deu-se, entre outros motivos, pelo fato da mídia escrita ter sido uma grande arena de debate público sobre discos voadores, ainda que, deve-se reconhecer, ela também fosse parte interessada nas discussões. Através desse material, examinamos o comportamento da própria imprensa, da comunidade científica nacional e, quando possível, de outros atores da sociedade brasileira. Desse modo, reconstituímos parcialmente as lutas e tensões entre diferentes grupos sociais, observando as especificidades desse processo histórico no Brasil.

Vale ressaltar que este não é um trabalho específico sobre a imprensa, a ciência, ou a Guerra Fria naqueles anos. Outras pesquisas cumprem tal função. Tampouco é uma dissertação sobre os discos voadores em si, já que eles continuam não identificados e, portanto, longe da possibilidade de qualquer análise realmente científica. Trata-se de uma investigação sobre a maneira pela qual os discos voadores foram inventados como representação a partir da interação e conflitos entre jornalistas, cientistas e da própria sociedade brasileira. É possível demonstrar que esse fenômeno cultural não foi completamente imposto pela cultura norte-americana, mas continuamente discutido e recriado pelos diferentes atores sociais que atuavam sob contingências do momento histórico vivido.

Procuramos também alternativas às duas abordagens mais tradicionais da historiografia acadêmica sobre discos voadores. Na primeira, identificamos a defesa da existência dos óvnis e a denúncia das tentativas governamentais de ocultação. Um exemplo nesse sentido é a primeira obra do historiador norte-americano David Jacobs.<sup>46</sup> Nela, Jacobs apresenta uma exaustiva seqüência de descrições de casos, mas se esquece de relacioná-los a fatores culturais e

---

<sup>46</sup> Jacobs produziu uma das primeiras teses sobre o tema em 1973, quando se doutorou em história na University of Wisconsin, em Madison, Estados Unidos. Seu trabalho intitula-se *The Controversy Over Unidentified Flying Objects in America: 1896-1973* e foi a base para seu livro, *The UFO Controversy in America*, publicado em 1975. Referência: JACOBS, David Michael. **The UFO Controversy in America**, Indiana Press University, Bloomington & London, 1975.

históricos. Realiza uma louvável pesquisa em arquivos e hemerotecas, porém, parece mais preocupado com o fenômeno em si do que com a própria sociedade que o interpreta.<sup>47</sup>

No sentido inverso, parte da historiografia busca desqualificar os casos de discos voadores, tratando-os como uma seqüência de erros, mentiras e exageros. Até certo ponto, podemos enquadrar nessa tendência o trabalho do pesquisador norte-americano Curtis Peebles.<sup>48</sup> Nesse viés cético, o foco sai dos detalhes dos casos para se concentrar nas criações e transformações do imaginário ao longo dos anos, demonstrando a influência da cultura nos casos de óvnis. Embora mais preocupada com a história, essa vertente costuma vangloriar demais as explicações científicas e depreciar, através da seleção de detalhes pitorescos, os argumentos ufológicos.<sup>49</sup> Isso, no entanto, gera uma questão: se as explicações científicas são tão superiores, por que não impediram que tanta gente continuasse acreditando em discos voadores? Se o discurso ufológico é uma mera combinação de absurdos, como conquistou tantos adeptos? O sociólogo francês Pierre Lagrange parece estar certo quando afirma que: “Demonstrar o erro não basta para explicar sociologicamente a ufologia”.<sup>50</sup>

Assim, buscamos aqui analisar fatores históricos, culturais e sociais das idéias relacionadas aos discos voadores sem denunciá-las como pseudociência ou um tipo de pensamento irracional, primitivo. Boa ou má, a ufologia faz parte da nossa cultura. Tomar os discos voadores como mero mito tecnológico é fazer como antropólogos de outrora, que explicavam mitos sem compreender sua lógica interna e função social. Não se trata de relativismo culturalista. A questão é que manter o debate em aberto ajuda a entendê-lo, além de

---

<sup>47</sup> Pelo menos quatro resenhas feitas na época do lançamento da obra criticam a pouca análise social e histórica e seu excesso de paráfrases de notícias de jornais falando sobre os casos. A saber: BERENDZEN, Richard. *Sightings, Conjectures, and Disputes*. **Science**, New Series, Vol. 189, No. 4203. (Aug. 22, 1975), pp. 627-628; WRIGHT, Monte D. **Technology and Culture**, Vol. 17, No. 3. (Jul., 1976), pp. 596-598; TOBEY, Ronald. *Epiphany and Conspiracy: The UFO Controversy*. **Reviews in American History**, Vol. 4, No. 1. (Mar., 1976), pp. 128-131; TATE, James P. **The Journal of American History**, Vol. 64, No. 3. (Dec., 1977), pp. 844-845.

<sup>48</sup> Curtis Peebles é pesquisador do Smithsonian Institution em Washington, Estados Unidos. Referência: PEEBLES, Curtis. **Watch the skies! A chronicle of the flying saucer myth**. Washington e Londres, Smithsonian Institution Press, 1994, 420 p.

<sup>49</sup> David Jacobs não gostou nada da obra de Curtis Peebles. Afirmou que ele não era um historiador profissional e que seu livro dependia muito de fontes secundárias, pois não era fruto de uma pesquisa em arquivos. Ele ainda acusou Peebles de não mencionar as críticas que os próprios céticos sofreram e de confiar demais nos pronunciamentos governamentais. Jacobs descreveu a obra como uma “história amadora pouco inspirada (...)”. Nos anos recentes, Jacobs se tornou mais conhecido por ser um dos defensores da realidade dos seqüestros alienígenas. Referência: JACOBS, David M. **The Journal of American History**. Vol. 82, No. 2. (Sep., 1995), pp. 781-782.

<sup>50</sup> LAGRANGE, Pierre. *Volver a cero. Para uma sociologia no reduccionista de los ovnis*. In: **La nave de los locos** nº 6, Santiago, Chile, enero 2001, p. 7

ser bastante enriquecedor, na medida em que permite observar os conflitos simbólicos entre diferentes grupos sociais.

É necessário reconhecer, no entanto, que não foi nada fácil tentar manter a neutralidade ao longo do trabalho. Concordamos com o comentário do historiador da ciência norte-americano Michael Crowe, que notou que “séculos de busca por evidência dos extraterrestres produziram centenas de argumentos, milhares de publicações e milhões de crentes, mas nenhuma simples prova”.<sup>51</sup> Mesmo sem acreditar que fomos visitados, tentamos ter sido justos ao descrever os lados envolvidos nas lutas simbólicas em torno dos discos voadores.

A propósito, essas controvérsias são socialmente relevantes. Em 2002, uma pesquisa de opinião mostrou que 48% das pessoas nos Estados Unidos acreditavam que fomos visitados por seres de outros planetas.<sup>52</sup> Até hoje, nenhuma pesquisa desse tipo foi feita no Brasil, mas pode-se imaginar que, ainda que menores, os números nacionais sejam substanciais. Diante disso, faz-se necessário tentar entender como e porque milhões (talvez bilhões) de pessoas têm acreditado em discos voadores e seres extraterrestres nos últimos sessenta anos, mesmo que nunca tenha surgido nenhuma evidência conclusiva a respeito. É necessário compreender porque, como reclama Drummond, tantos sentiram falta de um disco voador.

\*\*\*

Metodologicamente, vale repetir, as principais fontes lidas foram produzidas pela imprensa escrita. Jornais e revistas constituíram a imensa maioria do material pesquisado. A busca por notícias sobre discos voadores, no entanto, nem sempre foi algo fácil. Era impossível, por exemplo, ler todos os exemplares de um único jornal durante os doze anos de alcance da pesquisa (1947-1958). Por isso, nos concentramos no que foi publicado durante as ondas de relatos de discos voadores, que foram momentos em que muitos relatos de observações surgiam num curto espaço de tempo. Nessas ocasiões, os meios de comunicação se tornavam em geral mais condescendentes com o assunto e passavam a veicular mais casos e opiniões. Durante as ondas, os discos voadores deixavam momentaneamente de ser tratados como curiosidade e

---

<sup>51</sup> “Centuries of searching for evidence of extraterrestrials have produced hundreds of claims, thousands of publications, and millions of believers, but not as yet a single proof.” (CROWE, **The Extraterrestrial Life Debate - 1750-1900**. Nova York, Cambridge University Press, 1986, p. 547)

<sup>52</sup> Pesquisa encomendada pelo canal de TV norte-americano *Sci-fi*. Os dados estão disponíveis em <http://www.scifi.com/ufo/roper/04.html>. Acesso em 12/2/2006.

passavam a ser discutidos mais seriamente por jornalistas, autoridades científicas e governamentais.

Através de referências diversas, do conhecimento das ondas em outros países e de uma pitada de sorte conseguimos identificar quatro grandes ondas de relatos de discos voadores no Brasil. Elas ocorreram nas seguintes épocas: julho de 1947, março de 1950, novembro e dezembro de 1954 e outubro a dezembro de 1957. Pesquisamos a fundo principalmente os dois primeiros períodos, pois eles eram menos conhecidos e documentados. Ao concentrar nossos esforços na leitura do que foi publicado durante as ondas de casos, a tarefa de buscar agulhas em forma de discos voadores em um palheiro de páginas tornou-se bem menos árdua.

Em seguida, selecionamos jornais diários das duas maiores cidades do país na época, São Paulo e Rio de Janeiro. A idéia inicial era acompanhar o desenvolvimento do noticiário e comparar, quando possível, o tratamento dado pelos jornais considerados mais “sóbrios”, os matutinos, e por aqueles vistos como mais populares ou sensacionalistas, que em sua maioria eram vespertinos.<sup>53</sup> Assim, poderíamos vislumbrar diferentes estratégias e abordagens em relação ao mesmo tema. Embora essa metodologia tenha funcionado em alguns momentos (onda de 1947), nem sempre foi possível utilizá-la com êxito (onda de 1950), pois é difícil encontrar nos arquivos alguns jornais mais populares. São três grandes problemas: a inexistência de alguns títulos nos acervos, coleções incompletas de exemplares e indisponibilidade de consulta devido ao estado de conservação.<sup>54</sup>

No caso das revistas, optamos pela leitura dos semanários *O Cruzeiro* e *Manchete*, por possuírem grandes tiragens, e pela revista mensal *Ciência Popular*, pois embora tivesse alcance reduzido, destacou-se no tratamento do tema. Consultamos praticamente todos os exemplares dessas três publicações ao longo de doze anos (1947 a 1958), o que resultou em quase mil e cem revistas verificadas. A leitura das fontes foi complementada ainda por livros publicados na época, gibis e boletins de associações ufológicas. Também foram feitas algumas entrevistas com pessoas que participaram dos acontecimentos relatados.

Mas tão importante quanto dizer o que foi realizado é apontar o que não nos propomos a fazer. Devemos indicar em primeiro lugar a análise dos filmes sobre discos voadores, que

---

<sup>53</sup> RIBEIRO, Ana Paula Goulart. **Imprensa e história no Rio de Janeiro dos anos 1950**. Rio de Janeiro: E-papers, 2007, p. 57.

<sup>54</sup> Esses problemas são bem mais críticos nos jornais paulistanos do que nos cariocas, pois a Biblioteca Nacional parece ter conservado a maioria dos títulos de jornais cariocas da década de 1950.

embora apareça fortuitamente nas páginas a seguir, sempre foi objetivo secundário. Uma das dificuldades com a análise fílmica é a demanda de instrumentos e conhecimentos específicos, impossíveis de serem alcançados plenamente no espaço deste trabalho. Haveria também um problema de dimensão, pois na década de 1950 foram produzidas ao menos 87 películas baseadas na exploração do espaço e em visitantes de outros mundos.<sup>55</sup> É forçoso reconhecer, no entanto, que o cinema deve ter sido muito influente em relação ao imaginário sobre os discos voadores. A tal ponto que mereceria outra dissertação.

Outro viés pouco explorado foi a participação de espíritas, teosofistas e rosacruzes no desenvolvimento da crença na vida extraterrestre. Bem antes da invenção da expressão “disco voador”, médiuns brasileiros já psicografavam mensagens de espíritos que habitavam planetas do sistema solar. Essas ligações podem ser melhor elucidadas em um trabalho específico de história das religiões.<sup>56</sup>

A respeito das fontes, não acessamos dois tipos de locais que poderiam eventualmente colaborar com a pesquisa: os arquivos militares e de cientistas. Na dissertação, analisamos a participação desses dois grupos apenas a partir de suas declarações na grande imprensa. No caso dos militares, tentamos ainda contato com algumas instituições, como Serviço de Documentação da Marinha, no Rio de Janeiro, mas não houve avanço nas conversas. Tampouco visitamos arquivos de instituições científicas que poderiam conter alguns registros, pois eles pareciam pouco promissores.<sup>57</sup>

No entanto, a ausência menos perdoável neste trabalho é a de uma análise comparativa e histórica mais profunda dos contatados brasileiros dos anos 1950. Nesse período, diferentes pessoas relataram encontros com extraterrestres e criaram narrativas influenciadas pela ficção

---

<sup>55</sup> CABRIA, Ignacio. **OVNI's y ciencias humanas**. Fundación Anomalia, Santander, 2003, p. 240.

<sup>56</sup> São dessa época, por exemplo, dois livros famosos da doutrina espírita: *Os exilados de Capela* (escrito por Edgard Armond em 1949) e *A vida no planeta Marte e os discos voadores* (psicografado por Hercílio Maes em 1955). A respeito da ligação dos teosofistas com o assunto, ver a série *Os “Discos Voadores” e o mistério dos mundos subterrâneos* publicada pela revista *O Cruzeiro* em fevereiro de 1955. Segundo a mesma revista, houve ainda em Rezende, Rio de Janeiro, um grupo místico chamado Associação Mundialista Interplanetária liderado pelo sr. Sevañanda Swami. O grupo editava a edição brasileira de um periódico chamado *Correio Interplanetário*. Ver: MARTINS, João. *A terrível missão dos Discos Voadores - segunda parte*. In **O Cruzeiro**. Rio de Janeiro, 19/10/1957 (BMA)

<sup>57</sup> Em troca de e-mails com a professora Ana Maria Ribeiro de Andrade do MAST (Museu de Astronomia e Ciências Afins), no Rio de Janeiro, ela comentou que os arquivos do MAST não possuem nada sobre as atividades do astrônomo Domingo Costa, que participou da polêmica sobre as fotos da Barra da Tijuca em 1952. Há muitos documentos sobre a atuação de Lélío Gama, ex-diretor do Observatório Nacional, mas provavelmente nada relacionado aos discos voadores. Em todo caso, faltou-nos oportunidade para visitar pessoalmente o arquivo do MAST.

científica e altamente utópicas. Devido a problemas de planejamento, esse material riquíssimo não será muito analisado nas próximas páginas, mas pode aparecer em trabalhos futuros.

Enfim, a dissertação começa com um breve resgate da idéia de vida extraterrestre no mundo ocidental nos últimos séculos. A análise histórica propriamente dita inicia-se apenas em junho de 1947, quando narramos a invenção da expressão “disco voador” e a primeira onda de relatos de fenômenos aéreos não identificados no Brasil. Na seqüência, o texto acompanha o desenrolar dos acontecimentos ao mostrar como os discos voadores, que eram vistos inicialmente como meros boatos (capítulo 1 – Existem discos voadores?), passaram a ser pensados como armas secretas (capítulo 2 – São armas secretas?), depois como aeronaves extraterrestres (capítulos 3 – Serão extraterrestres?) para finalmente se cristalizarem na idéia de visitantes de outros planetas (capítulo 4 - São alienígenas!).

O trabalho termina no ano 1958, quando a associação entre discos voadores e seres extraterrestres parecia já consolidada. No final da década, foram criados os primeiros grupos civis de investigação (grupos ufológicos) e seus boletins periódicos, marcando o nascimento da ufologia brasileira. Nesse período, também aconteceram outras mudanças importantes, como o refluxo momentâneo do interesse pelo assunto e o início de uma crise econômica que atingiu a mídia impressa e levou à falência muitos diários vespertinos. Embora esse ponto final seja um tanto quanto arbitrário, ele era necessário para marcar o recorte histórico da pesquisa.

# **Capítulo 1**

## **Existem discos voadores?**

Sabemos, agora, que não devemos mais considerar nosso planeta como uma habitação segura e inviolável para o homem; nunca poderemos prever que bens ou males invisíveis nos podem vir repentinamente do espaço. (...) Devo confessar que o terror e os perigos desses momentos deixaram em meu espírito uma impressão permanente de dúvida e falta de segurança.<sup>58</sup>

*A guerra dos mundos*

H. G. Wells (1898)

Há muito tempo a humanidade discute a possibilidade de vida em outros planetas. Há muito tempo também as pessoas vêem fenômenos aéreos que não consegue identificar de imediato. Por longos séculos essas duas coisas estiveram separadas. Este trabalho narra os caminhos e descaminhos desse inesperado encontro.

## 1.1 \_ A IDÉIA DE VIDA EXTRATERRESTRE

O questionamento humano sobre sua solidão cósmica é bastante antigo. É difícil, no entanto, precisar o início das especulações a respeito da vida fora da Terra. O certo é que antes de pensarmos em seres extraterrestres era necessário que nos reconhecêssemos como terrestres, ou seja, como parte de um mundo como outro qualquer. Tal concepção passou a ganhar força a partir da Idade Moderna, quando a revolução copernicana derrubou a crença de que a Terra era o centro de universo e inaugurou o heliocentrismo. A partir de então, a idéia de “pluralidade dos

---

<sup>58</sup> WELLS, H. G. **A guerra dos mundos**. Tradução de Carlos de Souza Ferreira. 4ª. edição, F. Briguiet & Cia Editores, Rio de Janeiro, 1953, p. 232-33.

mundos”, expressão muito comum entre os séculos XVII e XIX, passou a penetrar lentamente na cultura ocidental.<sup>59</sup>

Durante séculos, literatos e filósofos utilizaram a figura do extraterrestre como alegoria do seu próprio pensamento. Foi desse modo, por exemplo, que o iluminista Voltaire (1694-1778) criou o conto *Micrômegas*, no qual dois seres extraterrestres gigantes vêm a Terra e discutem ciência e filosofia com os pequeninos humanos. Embora sejam diferentes no tamanho, os visitantes não são alheios à nossa cultura ou natureza. Pelo contrário, discutem os costumes humanos da época. Segundo o extraterrestre *Micrômegas*: “(...) Todos os seres pensantes são diferentes, e todos se assemelham no fundo, pelo dom do pensamento e dos desejos”.<sup>60</sup>

Às vezes os argumentos das experiências literárias envolvendo extraterrestres eram tirados das discussões científicas em voga. Por volta de 1800, por exemplo, a comunidade científica internacional era quase unânime em defender a possibilidade de vida em outros planetas.<sup>61</sup> Mas como as distâncias entre os astros eram vistas como intransponíveis e a tecnologia para viagens espaciais sequer havia sido esboçada, quase ninguém cogitava seriamente a possibilidade de visitarmos ou sermos visitados. No século XIX, isso era inverossímil.

No século XIX, o assunto ganhou novo fôlego com a descoberta da espectroscopia e da teoria da evolução.<sup>62</sup> A teoria de Darwin provocou um novo raciocínio: “outros planetas devem ser habitados porque a seleção natural modela seres vivos que aproveitem as condições locais em todo cosmos”.<sup>63</sup> Já a espectroscopia, ou análise da luz, passou a ser aplicada aos corpos celestes e pôde revelar sua composição. Foi através dela que se comprovou empiricamente que

---

<sup>59</sup> Embora a idéia da pluralidade dos mundos tenha sido recorrente ao longo dos últimos cinco séculos, ela não recebeu muita atenção por parte dos historiadores. Paolo Rossi, historiador da ciência italiano, também notou isso e comentou que “a história da longa disputa sobre a existência de mundos habitados (...) ainda está para ser escrita”. Ver ROSSI, Paolo. **A ciência e a filosofia dos modernos: aspectos da revolução científica**. Tradução de tradução de Alvaro Torencini, São Paulo, Unesp, 1992, p. 260.

Parte desse vazio historiográfico acusado por Rossi foi preenchido pelos trabalhos de dois historiadores da ciência norte-americanos: Michael J. Crowe e Steven J. Dick. Michael Crowe, professor da Universidade Notre Dame nos Estados Unidos, é autor de **The extraterrestrial Life Debate (1750-1900): From Kant to Lowell** uma exaustiva pesquisa sobre o período anterior ao século XX. Já o astrônomo Steven J. Dick é autor de várias obras sobre o tema, entre elas **Life on other worlds – The 20th-Century Extraterrestrial Life Debate** um livro mais voltado ao grande público e que contempla o século de interesse deste trabalho.

<sup>60</sup> VOLTAIRE. *Micrômegas, história filosófica* IN **Contos**. Tradução de Mário Quintana, São Paulo, Editora Abril S.A., 1972, p. 117

<sup>61</sup> GRINSPOON, David. **Planetas solitários: a filosofia natural da vida alienígena**. Tradução Vera de Paula Assis. São Paulo, Globo, 2005, p. 61.

<sup>62</sup> GRINSPOON, *op. cit.*, p. 64-65.

<sup>63</sup> *Ibidem*

outras estrelas tinham composição semelhante ao nosso sol. Se havia outros sóis, outras Terras deviam existir. Para o historiador da ciência Karl Guthke, nesse momento a ciência revestiu a idéia de vida fora da Terra com “uma credibilidade inimaginável anteriormente”, o que permitiu que ela penetrasse profundamente na consciência da época.<sup>64</sup> Talvez isso explique o fato de que “cerca de três quartos dos mais prolíficos astrônomos e cerca da metade dos mais proeminentes intelectuais do século dezoito e dezenove contribuíram para o debate [sobre vida extraterrestre]”.<sup>65</sup>

Na segunda metade do século XIX, avanços na tecnologia dos telescópios mostraram que a Lua, local preferido dos romancistas, não tinha temperaturas adequadas nem atmosfera, duas condições fundamentais para a vida. Por outro lado, Marte aparecia nos telescópios de baixa resolução da época com sombras azuis e verdes, que eram interpretadas por alguns como água e vegetação. Em 1877, o astrônomo italiano Giovanni Schiaparelli declarou ter observado na superfície marciana a existência de linhas retas e extensas, a que ele chamou de canais. Esse termo lembrava os canais artificiais construídos pelo homem na Terra.

Poucos mais de uma década após a observação de Schiaparelli, um milionário norte-americano excêntrico chamado Percival Lowell (1855-1916) montou seu próprio observatório. Depois de algum tempo de olho no planeta vermelho, ele passou a defender publicamente que Marte era um mundo agonizante e que um sistema de canais trazia água dos pólos para as regiões centrais. Naqueles anos, o homem havia construído canais gigantescos, como o de Suez (1869). Ora, se nós podíamos produzi-los, por que não os marcianos? Embora os cientistas tenham ficado divididos a respeito dos canais, a sociedade da época mostrou-se bastante receptiva à idéia. Os livros de Lowell venderam muito e suas palestras atraíram multidões.

Três anos após o primeiro livro de Lowell, o escritor inglês Herbert George Wells publicou *A guerra dos mundos*, um romance que narra a invasão da Terra por marcianos. Wells conhecia bem as idéias do milionário norte-americano e explorou-as literariamente com grande competência. A trama se passa nos arredores de Londres, então cidade mais importante do mundo. Marcianos em fuga de um planeta moribundo chegam a Terra e passam a atacar a

---

<sup>64</sup> “A previously unimagined credibility that allows it to penetrate deep into the consciousness of the age”

GUTHKE, Karl S. **The Last Frontier: Imagining Other Worlds from the Copernican Revolution to Modern Science Fiction**, Ithaca, NY, 1990 apud Dick, op. cit., p. 17

<sup>65</sup> “About three-fourths of the most prolific astronomers and nearly half of the most prominent intellectuals of the eighteenth and nineteenth centuries contributed to the debate”. CROWE, Michael J. **The Extraterrestrial Life Debate - 1750-1900**. Nova York, Cambridge University Press, 1986, p. 547.

humanidade com raios de fogo. Eles trazem consigo máquinas sofisticadas e amedrontadoras e se alimentam de sangue, de preferência o humano. Além disso, têm uma forma grotesca, o que ajuda a compor o cenário de horror. No final, porém, os alienígenas são atacados pelos seres microscópios existentes no nosso planeta. Sem imunidade biológica, morrem. A humanidade é salva não pela sua força moral ou bélica, mas pela natureza que a rodeia.

Acredita-se que *A guerra dos mundos* seja uma crítica velada ao colonialismo britânico, pois o romance coloca a Inglaterra, maior potência da época, em posição de inferioridade tecnológica em relação aos invasores. “Somos porventura tão puros apóstolos da misericórdia para que possamos nos queixar de que os marcianos nos tenham atacado com o mesmo intuito?”, questiona Wells. *A guerra dos mundos* é também um romance apocalíptico. Não é de se estranhar, portanto, que tenha feito tanto sucesso em uma época tão preocupada com o fim do mundo como a Guerra Fria. Um memorando do governo inglês datado 1954 especulava sobre a evacuação de Londres em uma eventual guerra nuclear e afirmava que o trabalho-padrão nesse caso era o livro de H. G. Wells.<sup>66</sup>

*A guerra dos mundos* ajudou a mudar a imagem do extraterrestre na cultura ocidental. No livro, “eles” não são parecidos com os humanos, não têm nenhuma mensagem filosófica e não estão distantes. Ali, o extraterrestre é o invasor, o completo desconhecido. De fato, Wells não foi o primeiro a tirar os extraterrestres de mundos distantes e colocá-los, digamos, na nossa cozinha. Entretanto, ele criou uma narrativa com excepcional força dramática, que rapidamente passou a ser recriada por toda indústria cultural. Para o astrônomo norte-americano Steven J. Dick:

O imenso sucesso de *A guerra dos mundos* lançou não apenas a carreira de Wells, mas a carreira do extraterrestre também. Reimpressões, variações sobre o tema e arte imaginativa começaram imediatamente e tem continuado até hoje. (...) o efeito tem sido sempre poderoso e as imitações, variações e elaborações sobre a estória ecoaram através do século.<sup>67</sup>

---

<sup>66</sup> SMITH, P. D.. **Os homens do fim do mundo: o verdadeiro Dr. Fantástico e o sonho da arma total**. Tradução José Viegas Filho. São Paulo, Companhia das Letras, 2008, p. 375.

<sup>67</sup> “The immense success of *The war of the worlds* launched not only Well’s carrer, but also the career of the alien. Reprintings, variations on the theme, and imaginative art began immediately and have continued to the present. (...) always the effect has been powerful, and the imitations, variations, and elaborations on the story have echoed down the century.” (DICK, Steven J. **Life on other worlds – The 20th-Century Extraterrestrial Life Debate**. Cambridge, Cambridge University Press , p. 116)

O sucesso dos marcianos, no entanto, foi abalado no universo científico nos anos 1920, quando telescópios mais potentes passaram a vislumbrar a superfície do planeta vermelho. Eles mostraram os tais canais não eram linhas retas e extensas, como se pensava. Essa decepção com os canais marcianos criou certo constrangimento na comunidade científica em relação à discussão sobre vida em outros lugares do cosmos.<sup>68</sup> Mesmo assim, importantes astrônomos ainda defenderam por algum tempo a existência de vida não-inteligente em Marte. Para o astrônomo norte-americano David Grinspoon, Percival Lowell deu grande projeção ao debate científico sobre vida alienígena, mas também foi responsável pelo seu refluxo nas décadas seguintes.

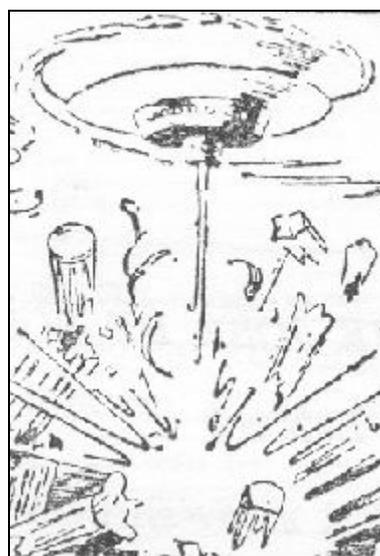
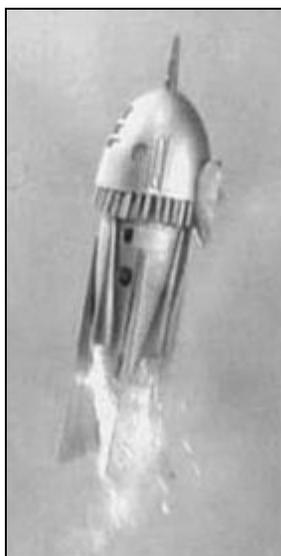
O desencanto dos cientistas afetou muito pouco o prestígio do assunto junto aos meios de comunicação de massa. Nos cinemas, bancas e livrarias, as histórias em quadrinhos, filmes e *pulp magazines* passaram a explorá-lo largamente.<sup>69</sup> Nos cinemas e nos quadrinhos, o herói espacial mais conhecido foi, sem dúvida, Flash Gordon. Criado em 1934 pelo norte-americano Alex Raymond, Flash Gordon era um mocinho das galáxias que defendia a Terra dos ataques do impiedoso Ming, líder do planeta Marte (ou Mongo, a depender do episódio).<sup>70</sup> Flash pilotava um veículo espacial em forma de foguete (imagem à esquerda). Naves em forma de disco eram raras (imagem à direita).

---

<sup>68</sup> GRINSPOON, *op. cit.*, p. 71

<sup>69</sup> As *pulp magazines* eram publicações impressas com papel barato, consumidas especialmente pelos mais jovens. Traziam narrativas literárias de vários gêneros da ficção científica e foram um sucesso nos Estados Unidos principalmente nos anos 1920 e 1930.

<sup>70</sup> LUCHETTI, Marco Aurélio. **A Ficção Científica nos Quadrinhos**. São Paulo: GRD, 1991, p. 29.



**Imagem 1 (esquerda) – A típica nave do seriado *Flash Gordon*, exibido nos cinemas das décadas de 1930 e 40.**

**Imagem 2 (direita) – Um caso raro de “balão metálico” em forma de disco voador bombardeando o planeta nos quadrinhos de *Flash Gordon* do ano de 1940.<sup>71</sup>**

Em 1938, ocorreu nos Estados Unidos um episódio marcante. Na noite de 30 de outubro daquele ano, o programa de rádio de Orson Welles fez uma dramatização do livro *A Guerra dos Mundos*. De maneira inovadora, o programa foi produzido para parecer absolutamente real: músicas eram interrompidas abruptamente por jornalistas ofegantes, autoridades eram consultadas sobre os últimos acontecimentos e o tom desesperado das vozes aumentava a cada intervenção. Para piorar, muitos ouvintes perderam o aviso dado no início do programa, que alertava para a encenação. Resultado: milhões de pessoas acreditaram que uma invasão estava ocorrendo. Segundo a rede de rádio CBS (*Columbia Broadcasting System*), das seis milhões de pessoas que ouviram o programa, pelo menos 1,2 milhão confundiu a dramatização com a realidade.<sup>72</sup> Algumas fugiram com toalhas na cabeça, “acreditando na iminencia [sic] de um ataque em que seriam empregadas bombas de gases asphyxiantes”.<sup>73</sup> Os postos policiais

<sup>71</sup> *O GLOBO*, 15/2/1940 apud HUGUENIN, O.C. **Dos mundos subterrâneos para os céus: discos voadores**. Irmãos Di Giorgio & Cia Ltda. Editores, Rio de Janeiro, 1956, p. 4.

<sup>72</sup> VALIM, Alexandre Busko. “*Os marcianos estão chegando!*”: as divertidas e imprudentes reinvenções de um ataque alienígena no cinema e no rádio. **Diálogos**. DHI/PPH/UEM, Maringá, v. 9, n. 3, p. 185-208, 2005, 189.

<sup>73</sup> *Intenso pânico provocado nos Estados Unidos pela irradiação de “A guerra dos mundos”, de H. G. Wells. Folha da Manhã*, São Paulo, 1/11/1938, p. 3 (AEL)

contabilizaram milhares de ligações, inclusive de muitos médicos e enfermeiras que se ofereceram para ajudar na suposta emergência.

No dia seguinte, Wells e a emissora pediram desculpas às autoridades e à população norte-americana. Três anos depois, o radialista interrompeu novamente seu programa para informar sobre o ataque japonês a Pearl Harbor. Dessa vez, no entanto, pouca gente o levou a sério.



Imagem 3 - Fac-símile de notícia publicada no jornal paulista *Folha da Manhã* <sup>74</sup>

Nos dias seguintes à dramatização de *A Guerra dos Mundos*, jornalistas e psicólogos norte-americanos relacionaram os distúrbios à crise política existente na Europa. Um mês e um dia antes da transmissão, Inglaterra e França tinham assinado o Acordo de Munique, que permitiu a Alemanha ocupar a região dos Sudetos, pertencente a Tchecoslováquia. Era mais uma tentativa de apaziguar a política expansionista de Hitler. Mesmo com o acordo, a tensão permaneceu durante todo o mês de outubro.<sup>75</sup> Novos detalhes da ocupação alemã interromperam freqüentemente as transmissões de rádio norte-americanas naqueles dias. Para muitos, não havia dúvida de que uma nova guerra estava prestes a começar.<sup>76</sup> Uma notícia da agência *United Press* publicada no jornal paulistano *Folha da Manhã* informou que:

<sup>74</sup> Ibidem.

<sup>75</sup> JOHNSON, Dewayne B., *op. cit.*, p. 168.

<sup>76</sup> Uma pesquisa feita em 16 de setembro daquele ano indicou que 80% dos norte-americanos acreditavam que seriam chamados para combater os nazistas, caso houvesse guerra. Segundo: SARRAUTE, CLAUDE. “Welles e Wells” in LAVOINNE, Yves. *A Rádio*. Lisboa, Editora Vega, s/d APUD SAROLDI, Luiz Carlos. *A Guerra dos Mundos e o outro conflito mundial* in MEDITSCH, Eduardo (org.). *Rádio e pânico: a Guerra dos Mundos 60 anos depois*. Florianópolis, Insular, 1998, p. 93

O engano [provocado por Orson Welles] foi devido, em parte, a que durante a semana a transmissão de boletins sobre a crise européia recente tinha levado milhões de norte-americanos a considerar como quasi possível uma catastrophe qualquer. (...)

Os physiologistas attribuem a hysteria de hontem à noite aos recentes receios de guerra e à propensão de numerosas pessoas para interpretar erroneamente os factos, em consequência de uma audição imprópria e rápida.

O sr. Raymond Paynter, da Universidade de Long Island, declarou: “O povo tem sido habituado à idéia de catastrophes. O medo da guerra é o culpado e veio demonstrar o quanto as emoções básicas, aterrorizadoras, estão perto da superfície.”<sup>77</sup>

Segundo o escritor britânico Peter D. Smith, “muitos [dos que ouviram o programa] pensaram que uma potência estrangeira estivesse por trás do ataque. (...) A maioria pensava que Hitler era o culpado”.<sup>78</sup>

Ainda assim, surpreende o fato de que tenha existido gente que acreditou em uma invasão alienígena. Isso nos leva a pensar que, de certo modo, essa possibilidade já era crível, verossímil ou pelo menos não parecia um completo absurdo a uma parte da sociedade norte-americana. Se o mesmo tivesse ocorrido no Brasil, as pessoas teriam acreditado também? Ainda que seja um exercício meramente especulativo, a resposta parece ser não. O Brasil de 1938 ainda era um país agrário, com pouca industrialização e vivia uma ditadura. Além disso, poucos aparelhos de rádio estavam disponíveis.<sup>79</sup> Para arrematar, é provável que a idéia de seres extraterrestres fosse bem menos conhecida no nosso país, pois a população tinha menos contato com a gama de produtos da indústria cultural que tratava do tema.

Mas isso não significa que a noção de seres extraterrestres fosse completamente desconhecida no país. Os primeiros rastros das idéias sobre vida extraterrestre no Brasil podem ser encontrados no livro *Doutor Benignus* (1875), que inaugura a ficção científica nacional. A obra narra a viagem de uma expedição científica que termina com o encontro com um ser

---

<sup>77</sup> *Intenso pânico provocado nos Estados Unidos pela irradiação de “A guerra dos mundos”, de H. G. Wells. Folha da Manhã*, São Paulo, 1/11/1938, p. 3

<sup>78</sup> SMITH, P. D. *Os homens do fim do mundo: o verdadeiro Dr. Fantástico e o sonho da arma total*. Tradução José Viegas Filho. São Paulo, Companhia das Letras, 2008, p. 275.

<sup>79</sup> BRITTOS, Valério Cruz. *Por que não aconteceu aqui: o rádio em 1938 no Brasil* in MEDITSCH, Eduardo (org.). *Rádio e pânico: a Guerra dos Mundos 60 anos depois*. Florianópolis, Insular, 1998, p. 109-118.

espiritual proveniente do Sol.<sup>80</sup> Além desse livro, outras obras ficcionais tematizaram contatos com alienígenas, como *A Liga dos Planetas* (1923) de Albino José Ferreira Coutinho e *O outro mundo* (1934) de Epaminondas Martins.<sup>81</sup>

Esses livros, no entanto, tiveram repercussão pequena e não foram suficientes para gerar uma tradição literária autônoma. Roberto de Sousa Causo, pesquisador dos primórdios da ficção científica brasileira, comentou que: “(...) os exercícios nacionais não resistiram à invasão estrangeira, à pressão da crítica, que nunca criou um nicho para a ficção especulativa no Brasil, e ao relativo desinteresse do público leitor”.<sup>82</sup> De fato, nas primeiras décadas do século XX a maior parte dos livros de ficção científica publicados no Brasil eram traduções de autores estrangeiros como Júlio Verne e H. G. Wells. A primeira tradução conhecida de *A Guerra dos Mundos* no Brasil, por exemplo, é de 1904, apenas seis anos após a versão original.

Além da literatura, histórias em quadrinhos de personagens como *Flash Gordon* eram publicados aqui desde a década de 1930.<sup>83</sup> Muita coisa também pode ter chegado através dos cinemas. Nas salas de exibição brasileiras da década de 1930 e 40, era comum que as matinês exibissem capítulos de seriados como os de *Flash Gordon*.

No Brasil, outro importante foco irradiador de idéias sobre vida em outros planetas foi o espiritismo. Formulado por Hippolyte León Denizard Rivail (1804-1869), sob pseudônimo de Allan Kardec, o espiritismo tem a vida extraterrestre como um dos seus principais pressupostos. Influenciados especialmente pelas idéias do astrônomo francês Camille Flammarion (1842-1925), os espíritas acreditam que nos diversos mundos vivem seres com diferentes níveis de evolução espiritual. Estes, no entanto, não necessariamente possuem a constituição física predominante na Terra.

O espiritismo passou a conquistar muitos adeptos no Brasil a partir da década de 1860, principalmente entre a elite e a classe média. Sylvia F. Damazio, pesquisadora da história do espiritismo no país, alerta para o fato de que os aspectos mais filosóficos e menos práticos da doutrina espírita se espalharam em menor grau na sociedade brasileira, pois exigiam certo grau

---

<sup>80</sup> ZALUAR, Augusto Emílio. **O Doutor Benignus**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1994.

<sup>81</sup> CAUSO, Roberto de Sousa. **Ficção Científica, Fantasia e Horror no Brasil (1875-1950)**. Belo Horizonte, editora UFMG, 2003, p. 123-232.

<sup>82</sup> CAUSO, *op. cit.*, p. 210.

<sup>83</sup> LUCHETTI, Marco Aurélio. **A ficção científica nos quadrinhos**. São Paulo, Edições GRD, 1991, p. 141.

de instrução dos adeptos.<sup>84</sup> Por muito tempo, apenas uma pequena parcela dos frequentadores de centros espíritas teve contato com noções sobre vida em outros lugares do cosmos. A maioria das pessoas que buscava curas através dos espíritos não conhecia a fundo a doutrina espírita. Ainda assim, não devemos subestimar a influência do espiritismo. Em 1935, Chico Xavier, o maior médium espírita brasileiro, já “recebia” notícias de sua mãe, que, segundo ele, havia reencarnado em Marte.<sup>85</sup> Outros livros psicografados publicados na primeira metade do século XX também tecem comentários sobre vida em outros planetas. Embora não fossem tão populares quanto nos Estados Unidos, os extraterrestres não eram totalmente desconhecidos no Brasil.

## 1.2 \_ ESTRANHAS VISÕES

Há muito tempo gente de todas as partes do mundo tem visto coisas no céu que não consegue identificar de imediato. Na maioria das vezes, esses episódios estiveram ligados ao desconhecimento de fenômenos atmosféricos e astronômicos. As interpretações, em geral, seguiram as idéias do contexto no qual as pessoas viveram. Na Idade Média, por exemplo, cometas eram frequentemente entendidos como sinais religiosos.<sup>86</sup>

Outro exemplo de que as interpretações seguem as idéias do contexto no qual as pessoas vivem é a onda de observações dos anos de 1896 e 1897 nos Estados Unidos. Naquela época, milhares de norte-americanos relataram luzes durante a noite com formas vagas atrás delas. Por muitos meses, um grande número de notícias desencontradas veio à tona. Alguns jornais publicaram descrições que falavam de naves cilíndricas com carros de passageiros, parecidas com os dirigíveis que vinham sendo testados na época. Na imprensa, a principal teoria era de

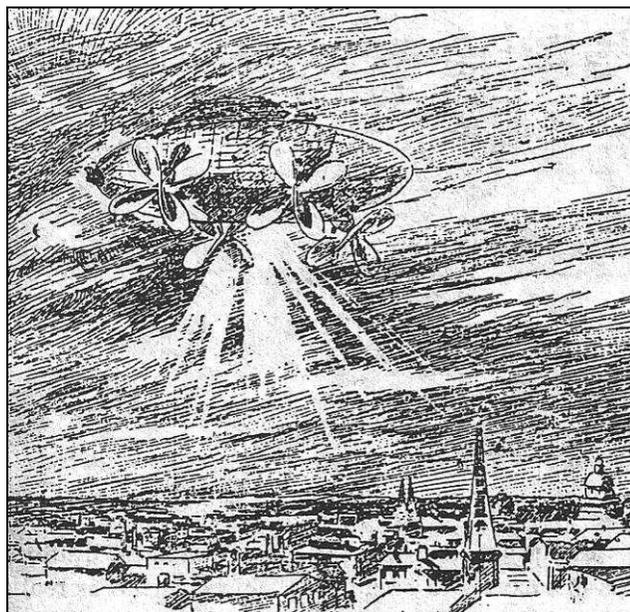
---

<sup>84</sup> DAMAZIO, Sylvia F. **Da elite ao povo: advento e expansão do espiritismo no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1994, p. 35.

<sup>85</sup> XAVIER, Francisco Cândido. **Cartas de uma morta**. Lake, 1990.

<sup>86</sup> Nem sempre, porém, as pessoas se lembram que documentos, lendas e imagens do passado estão totalmente ligados ao contexto histórico e social no qual foram produzidos. Com frequência costumam interpretar registros milenares a partir de semelhanças superficiais com imagens e descrições contemporâneas de discos voadores e extraterrestres. Foi o que fez, por exemplo, o escritor suíço Erich Von Däniken no famoso livro *Eram os deuses astronautas?*. Sobre isso, o antropólogo espanhol Ignacio Cabria escreveu: “O que se faz é tirar do seu contexto histórico e cultural representações, crônicas e lendas da antiguidade e encaixá-las nos nossos mitos ocidentais da ciência e do progresso, o que constitui um etnocentrismo histórico imperdoável”. Ver: CABRIA, Ignacio. **Entre ufólogos, creyentes y contactados. Una historia social de los ovnis em España**. Cuadernos de Ufología, Santander, 1993, p. 4.

que os Estados Unidos estavam sendo sobrevoados por um engenho secreto, produzido por um inventor que houvesse finalmente descoberto o segredo do voo. Essa máquina secreta, porém, nunca apareceu. Depois de algum tempo, os relatos diminuíram e o assunto desapareceu.



**Imagem 4 - Representação de um dirigível visto em Sacramento, Califórnia em 17 de novembro de 1896.<sup>87</sup>**

Naquela época não havia, porém, nenhum dirigível que conseguisse voar mais do que algumas milhas sem precisar voltar ao solo. A tecnologia para viagens de longas distâncias feitas por dirigíveis ficou pronta apenas vinte anos depois. Ou seja, as pessoas não viram dirigíveis, pois eles ainda não tinham a capacidade tecnológica assinalada nos relatos. Para alguns, os casos daquela onda estiveram relacionados a fraudes e erros de interpretação ligados ao planeta Vênus que foram temperados pelo sensacionalismo de alguns jornais.<sup>88</sup> Outros, porém, acreditam que houve de fato um fenômeno inexplicado nos céus.<sup>89</sup>

O que importa realmente aqui é notar que as pessoas relacionaram os episódios aos dirigíveis porque os avanços no voo eram um grande assunto na época. Havia expectativa de que alguém inventasse uma máquina de voar em breve. Muitos inventores estavam tentando

<sup>87</sup> BARTHOLOMEW, Robert E. and George S. Howard. **UFOs & alien contact: two centuries of mystery**. Prometheus Books, New York, 1998, p. 25.

<sup>88</sup> Ver CAMBIAS, James L. **O Incrível Dirigível de 1896**. Tradução de Kentaro Mori. Disponível em <http://www.ceticismoaberto.com/ufologia/dirigivel.htm> . Acesso em 30/12/2008.

<sup>89</sup> Ver JACOBS, *op. cit.*, p. 32

construir uma máquina que conseguissem permanecer no ar e fosse manejável. Para o historiador David Jacobs, as testemunhas de 1896-7 expressavam uma crença popular de que a solução para a aviação viria dos dirigíveis.<sup>90</sup> As máquinas voadoras mais pesadas que o ar só assumiram importância após o experimento dos irmãos Wright em 1903. Ou seja, a interpretação dos objetos não identificados obedeceu à mentalidade em voga nos Estados Unidos naquele período. Pessoas de uma época diferente interpretariam objetos voadores não identificados de uma maneira diferente.

Novos episódios de objetos ou fenômenos aéreos não reconhecidos continuaram acontecendo no século XX. Nas primeiras décadas, o escritor norte-americano Charles Fort (1874-1932) colecionou milhares de relatos de fenômenos incomuns publicados em jornais, revistas e publicações científicas. Eram casos de teletransporte, *poltergeist*, chuvas de carne e de peixes, fogo espontâneo, levitação e, claro, objetos voadores não identificados. Em sua obra mais famosa, *O livro dos Danados* (1919), Charles Fort usou essas narrativas para criticar a ciência ortodoxa que, segundo ele, exclui propositadamente os fenômenos estranhos de suas pesquisas. Embora não tenha sistematizado muito suas idéias, Fort chegou a especular que as luzes não identificadas no céu poderiam ser aeronaves vindas de outros planetas.<sup>91</sup>

Recentemente, casos do tipo colecionado por Fort têm sido encontrados também no Brasil. O ufólogo Edison Boaventura Júnior, por exemplo, descobriu o relato do militar Augusto João Manuel Leverger, publicado na *Gazeta Official do Império do Brasil* em 6 de novembro de 1846.<sup>92</sup> No texto, Leverger conta que viu vários globos luminosos movimentando-se estranhamente no céu por cerca de vinte e cinco minutos.<sup>93</sup> Outro ufólogo, Ubirajara Franco Rodrigues, descobriu em um antigo livro de registros de uma fazenda um relato de 1899.<sup>94</sup> Um episódio estranho também ocorreu em dezembro de 1935 em Juiz de Fora, Minas Gerais, onde um jornal local informou que:

---

<sup>90</sup> JACOBS, David. , *op. cit.*, p. 5.

<sup>91</sup> FORT, Charles. **O livro dos danados: verdadeiro caos de fatos insólitos**. tradução de Edson Bini e Márcio Pugliesi. São Paulo, Hemus, s.d.;

<sup>92</sup> **Gazeta Official do Império do Brasil**, 26 de novembro de 1846, p. 295, vol. 1, n° 74.

<sup>93</sup> BOAVENTURA JR., Edison. **OVNIs avistados por militares brasileiros antes de 1947**. Disponível em <http://www.burn.org.br/modules.php?name=News&file=article&sid=317>. Acesso em 20/12/2008.

<sup>94</sup> BOAVENTURA JR., Edison. **Ovnis avistados na região sudeste do Brasil antes de 1947**, 2008 (manuscrito inédito)

(...) centenas de pessoas foram presas de grande pavor, no centro da cidade. Um corpo estranho, de aspecto exqu岸ito, atravessou o espaço com alguma rapidez. (...) Era extraordinariamente brilhante na frente e o restante todo vermelho. Algumas pessoas, aterrorizadas, ajoelharam-se. Esse gesto revela bem a pequenez do homem, sua covardia ante o desconhecido. E também muita falta de medo ao ridículo.<sup>95</sup>

Mais casos brasileiros foram descritos<sup>96</sup> e provavelmente outros ainda serão resgatados dos arquivos. Na maioria das vezes, porém, é difícil inferir o que esses brasileiros pensaram a respeito do que viram, pois eles deixaram poucos comentários escritos.<sup>97</sup>

No contexto mundial os fenômenos aéreos não identificados voltaram aos jornais em 1944 e 1945, quando pilotos aliados que sobrevoavam a Alemanha e o Oceano Pacífico relataram perseguições por bolas de fogo brilhantes que se moviam ao redor das asas dos aviões. Elas foram chamadas de *foo-fighters*. Os militares aliados pensaram inicialmente que os *foo-fighters* eram armas secretas alemãs com objetivo de danificar o sistema de ignição dos aviões. Contudo, sua completa falta de hostilidade às aeronaves fez os militares mudarem de idéia e esquecerem o assunto.<sup>98</sup>

Em 1946 foi a vez da Suécia viver uma onda de relatos de objetos voadores não identificados, que desta vez foram chamados de “foguetes fantasmas”. Nesse caso, as descrições mais frequentes foram de foguetes voadores em forma de mísseis, que ficavam visíveis por poucos segundos.

Em 1946, os russos controlavam boa parte do norte da Europa e suas intenções na região não estavam muito claras. Após a Segunda Guerra, Stálin tinha ocupado Peenemunde, um antigo centro nazista de pesquisa de foguetes. Havia na Suécia da época grande receio de que mísseis de longo alcance estivessem sendo usados pelos soviéticos. Muitos suecos viram os “foguetes fantasmas” como atos de intimidação ou mesmo o prelúdio de uma invasão

<sup>95</sup> **Gazeta Commercial**, 22/12/1935, Juiz de Fora-MG, citada por MARTINS, João. *Na esteira dos “Discos Voadores” – parte 8. O que são os “Discos Voadores”*. In **O Cruzeiro**. Rio de Janeiro, 20 de novembro de 1954, p. 60x (MA)

<sup>96</sup> Cláudio T. Suenaga e outros ufólogos, por exemplo, acreditam que a morte do lavrador João Prestes Filho, atacado por uma luz misteriosa em 1946 em Araçariгуama-SP, pode estar relacionada com os discos voadores. Ver SUENAGA, Cláudio Tsuyoshi. **A dialética do real e do imaginário: uma proposta de interpretação do fenômeno OVNI**. Dissertação de Mestrado, Universidade Estadual Paulista, Assis, 1998, p. 55 a 62

<sup>97</sup> Não se tem conhecimento, até o momento, de nenhuma grande onda de relatos de objetos voadores estranhos no Brasil que tenha ocorrido antes de julho de 1947.

<sup>98</sup> JACOBS, *op. cit.*, p. 36

vermelha.<sup>99</sup> Uma grande gama de casos, no entanto, estava relacionada à entrada de meteoritos na atmosfera. Segundo a revista brasileira *Eu sei tudo* de setembro de 1947:

Nunca se descobriu a fonte de onde partiram esses “bóides artificiais”; (...) nunca produziram, no entanto, danos pessoais ou materiais (...). A imprensa sueca, em coro, protestou com vivacidade e com evidente indignação. Houve, no entanto, o cuidado de não se formular referencia alguma a qualquer potência estrangeira, a que se pudesse atribuir a responsabilidade do acontecimento.<sup>100</sup>

Todos os episódios citados nas páginas anteriores não eram pensados como parte de um mesmo fenômeno antes do dia 25 de junho de 1947.<sup>101</sup> Somente nessa data foi criada uma expressão para agregar casos como os dirigíveis norte-americanos do final do século XIX, os foguetes fantasmas suecos de 1946 e centenas de outras ocorrências de objetos aéreos não identificados. Veremos a seguir como todas essas coisas passaram a ser chamadas genericamente de discos voadores.

### 1.3 \_ O PRIMEIRO DISCO VOADOR

Em 1947, Kenneth Arnold (1915-1984) era um empresário de 32 anos, casado, com duas filhas e muita experiência como piloto de avião. Com seu aeroplano, ele costumava visitar fazendas de cinco estados do oeste dos Estados Unidos. Dono do próprio negócio, ganhava a vida vendendo e instalando equipamentos de combate ao fogo em áreas rurais.<sup>102</sup>

Segundo seu relato, no dia 24 de junho daquele ano ele foi a trabalho até a cidade de Chevalis, estado de Washington. Ali, soube que uma recompensa de 5 mil dólares estava sendo oferecida a quem encontrasse os destroços de um avião da Marinha que havia caído nas

---

<sup>99</sup> *Sweden Ghost Rocket Delusion of 1946* In BARTHOLOMEW, Robert E. and George S. Howard. **UFOs & alien contact: two centuries of mystery**. Prometheus Books, New York, 1998, p. 163-188.

<sup>100</sup> *Foguetes e Discos Voadores*. In *Eu sei tudo*, setembro de 1947, p. 17 (CMU)

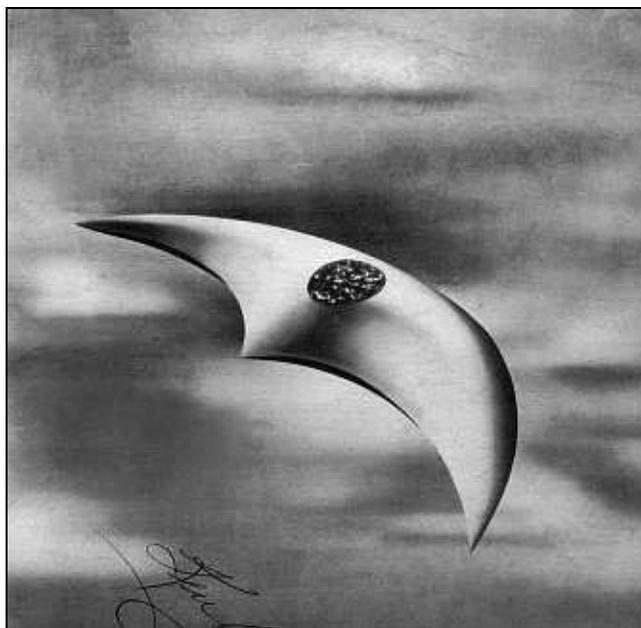
<sup>101</sup> Atualmente, a data do caso Arnold, 24 de junho, é celebrada pelos ufólogos como “dia mundial dos discos voadores”. Vale lembrar, contudo, que o termo nasceu realmente no dia 25, na redação do jornal *East Oregonian*.

<sup>102</sup> LAGRANGE, Pierre. “*It is Impossible, but There it is*”. In John Spencer y Hillary Evans (orgs.). **Phenomenon. From Flying Saucers to UFOs-Forty Years of Facts and Research**. Futura, Londres, 1988.

montanhas próximas. Após terminar seu trabalho, ele levantou vôo com a esperança de receber o prêmio.

Com o tempo claro, Arnold pôs-se a observar o terreno em busca dos destroços. Por volta das três da tarde, porém, viu um flash brilhante refletir sobre seu avião. Ele narrou: “(...) olhei para a esquerda, em direção ao Monte Rainier, onde eu observei uma cadeia de nove aeronaves voadoras peculiares”.<sup>103</sup> Elas estavam dispostas em linha e voavam de maneira ondulante, “como um disco se você o joga sobre a água”. Arnold inicialmente pensou que pudesse ser um grupo de gansos, pois se moviam como gansos, mas eles pareciam ter tamanha velocidade que só um novo protótipo de aeronave poderia alcançar.<sup>104</sup>

Após alguns instantes, notou que as aeronaves tinham a forma de “um prato de torta cortado no meio com um tipo de triângulo convexo na traseira”, o que lhe causou bastante estranheza. Percebendo a rapidez com que se moviam, pensou em calcular sua velocidade e, para isso, cronometrou o tempo que levaram para ir do Monte Rainier ao Monte Adams, ambos ao alcance da sua visão. Pouco depois, não conseguiu mais vê-las. Tudo ocorreu em menos de três minutos.



**Imagem 5 – Desenho do objeto voador visto por Kenneth Arnold segundo sua descrição.<sup>105</sup>**

<sup>103</sup> *ibidem*, p. 26.

<sup>104</sup> LAGRANGE, Pierre. *El affaire Kenneth Arnold* IN **La Nave de los Locos**, no. 26/27, Santiago, Chile, marzo 2004, p. 32-43.

<sup>105</sup> Parte da capa do livreto lançado por Kenneth Arnold em 1950, com título “The Flying Saucer as I saw it”. Fonte: <http://www.ufopop.org/fullimgbk.php?cid=FSAsISawIt.jpg> . Acesso em: 22/8/2007.

Arnold continuou procurando pelos destroços do avião da Marinha por mais vinte minutos, mas as lembranças do que tinha visto o perturbavam. Pensou que os pilotos do aeroporto da cidade mais próxima, Yakima, poderiam explicar sua observação. No final da década de 1940, era comum que pessoas ligadas à aviação discutissem quão rápido podiam ser os aviões. Os jornais também destacavam o assunto, pois havia concorrência entre os países para produzir a aeronave mais veloz.<sup>106</sup> Em 19 de junho de 1947, poucos dias antes do caso Arnold, o recorde de velocidade na aviação havia sido batido pelo XP-80R, um avião norte-americano que alcançou 1004,2 km/h.<sup>107</sup>

Quando pousou em Yakima, Arnold relatou rapidamente sua visão a algumas pessoas do aeroporto local. Sem encontrar respostas para suas dúvidas, decidiu reabastecer seu avião e decolar novamente em direção a Pendleton, estado do Oregon. Ao chegar a esse destino, porém, já era aguardado por um grupo de pessoas avisadas sobre o ocorrido pelo telefone. Na conversa com esses homens, Arnold calculou a velocidade das supostas aeronaves. Usando mapas descobriu a distância entre o Monte Rainier e o Monte Adams e dividiu-a pelo tempo cronometrado quando estava no avião. O resultado foi de mais de 1300 milhas por hora (ou 2091 km/h), uma marca bem superior aos recordes que vinham sendo batidos. Ao chegar a esse número, Arnold pensou que pudessem ser mísseis guiados à distância. Isso o levou, no mesmo dia, ao escritório do *Federal Investigation Bureau* (FBI) em Pendleton, onde encontrou as portas fechadas. “Eu pensei que essas coisas poderiam possivelmente ser da Rússia” afirmou depois.

Naquela noite, Arnold dormiu num pequeno hotel de Pendleton. Na manhã seguinte, porém, caminhou duzentos ou trezentos metros até a sede do único jornal local, o *East Oregonian*.<sup>108</sup> Na redação, Arnold reportou os acontecimentos a dois jornalistas. Embora sua narrativa fosse estranha, ele passava bastante credibilidade. O jornalista Willian (ou Bill) Bequette escutou Arnold e redigiu uma pequena nota sobre o caso. Seu pequeno texto informava, entre outras coisas, quem era Arnold, a “incrível velocidade” dos objetos e sua forma. Por um erro de compreensão, contudo, Bequete descreveu os objetos como pires

---

<sup>106</sup> Havia em especial uma luta para construir a primeira aeronave que ultrapassasse a barreira do som. O feito foi conseguido alguns meses depois, em 14 de outubro de 1947, quando o piloto norte-americano Chuck Yeager atingiu 1225 km/h com seu X-1.

<sup>107</sup> Os jornais da época, inclusive os brasileiros, cobriam com bastante interesse a concorrência para produzir o avião mais rápido do planeta. Ver: POLILLO, Raul de. *Respingando pelo noticiário mais recente*. Coluna **Aviação. Folha da Manhã**, São Paulo, 27/7/1947, p. 4, 1º. caderno. (AEL)

<sup>108</sup> LAGRANGE, 2004, op. cit., p. 35

(“saucer-like objects”<sup>109</sup>). No mesmo dia, a redação mandou a história para a agência de notícias *Associated Press* (AP), por acreditar que o caso poderia ter interesse nacional.

E, de fato, tinha. A nota foi distribuída pela *Associated Press* e instantaneamente publicada em milhares de jornais norte-americanos. De modo espontâneo, os jornalistas passaram a criar termos como *flying disks*, *flying platters* ou *flying saucers* (pires voadores, em tradução literal) para se referir ao que tinha sido visto. Aos poucos, a última expressão tornou-se mais popular. *Flying saucer* sugeria uma tecnologia francamente superior à convencional. Foi um rótulo novo, que capturou a imaginação popular.<sup>110</sup> Nos anos seguintes, a maioria dos objetos voadores não identificados passaria a ser chamada de *flying saucer*, mesmo que não tivesse forma de disco ou que sequer fosse arredondado. A expressão passou a abrigar um conjunto variado de eventos que não tinha denominação própria antes de 1947.

Obviamente, não foram apenas as palavras certas que garantiram o sucesso do caso. Os Estados Unidos viviam um momento delicado. Apenas três meses antes, o presidente norte-americano Harry Truman (1884-1972), havia feito um duro discurso em que defendia uma política de contenção à expansão soviética na Europa, dando início àquilo que ficou conhecido como Doutrina Truman. Para alguns historiadores, as palavras do presidente norte-americano foram também o marco inicial da Guerra Fria. Muitas pessoas imaginaram, inclusive o próprio protagonista, que as estranhas aeronaves de grande velocidade poderiam ser artefatos militares secretos dos Estados Unidos ou da União Soviética.

Naquele momento, os Estados Unidos viviam muito preocupados com a possibilidade de revoluções socialistas na Europa e na Ásia. Em 1947, havia instabilidade política em muitas regiões do globo, além de guerras civis na Grécia e na China. Embora nenhum outro país além dos Estados Unidos tivesse conseguido fabricar bombas atômicas, vivia-se um momento de tensão. Naquele contexto, o governo norte-americano “multiplicava declarações de anticomunismo militantes e agressivas”.<sup>111</sup>

Outros fatores ajudam a explicar a grande repercussão do caso Arnold. Segundo um estudo de Herbert Hackett, a semana posterior ao caso foi demasiado tranqüila para a imprensa. Sem notícias importantes, os editores buscaram tirar o máximo proveito da história dos *flying*

---

<sup>109</sup> PEEBLES, op.cit., p. 11.

<sup>110</sup> KOTTMEYER, Martin S. **Por que 1947?**. Traduzido por Kentaro Mori, disponível em [http://www.ceticismoaberto.com/ufologia/kottmeyer\\_1947.htm](http://www.ceticismoaberto.com/ufologia/kottmeyer_1947.htm) . Acesso em 29/2/2009.

<sup>111</sup> HOBBSAWM, op. cit., p. 226

*saucer*.<sup>112</sup> Hackett comenta também que as negativas da Força Aérea norte-americana paradoxalmente serviram para estimular o assunto.

Três dias após o caso, o jornal carioca *O Globo* reproduziu uma nota da agência de notícias *France Presse* (AFP), na qual um informante não identificado do governo dos Estados Unidos afirmava que a velocidade calculada por Arnold era ridícula “pois o avião mais rápido do mundo não passa de 1000 quilômetros por hora e que as bombas voadoras não voam a menos de 5000 quilômetros horários e que são invisíveis nessa velocidade”.<sup>113</sup> O mesmo texto dizia que o Departamento de Guerra norte-americano tomaria medidas enérgicas para que “os boatos relativos ao sobrevôo do território dos Estados Unidos por objetos misteriosos não se espalhem pelo país e para que não atinjam a amplitude que atingiram na Suécia, no ano passado [1946]”.<sup>114</sup>

Se tais medidas existiram, foram em vão. Em questão de dias, os jornais dos Estados Unidos foram inundados por relatos de pessoas que diziam ter visto aeronaves em forma de disco. Durante semanas, o assunto dominou o noticiário. A respeito daqueles momentos, disse Arnold posteriormente: “não posso estimar o número de pessoas, cartas, telegramas e telefonemas que eu tentei responder. Depois de três dias dessa bagunça, eu cheguei à conclusão de que eu era o único ajuizado nessa turma”.<sup>115</sup>

Segundo o pesquisador norte-americano Ted Bloecher, o início da onda de relatos aconteceu em 26 de junho, quando a notícia sobre o caso Arnold alcançou todo país.<sup>116</sup> Mais ocorrências começaram a aparecer na última semana de junho, numa média de 15 a 20 por dia. Nos primeiros dias de julho, ocorreu aumento expressivo do número de casos, que chegaram ao número de 90 no dia 4. Em 7 de julho, ocorreu o pico de relatos publicados pelos jornais. Foram mais de 160 casos diferentes. No dia 8, a notícia de que um disco voador havia sido capturado por oficiais na cidade de Roswell, estado do Novo México, causou grande sensação. No dia seguinte, porém, um comunicado da Força Aérea afirmou que tudo não passava de um

---

<sup>112</sup> HACKETT, Herbert (1948). “The Flying Saucer: A Manufactured Concept”. *Sociology and Social Research*, 32, mayo-junio, 1948, pp. 869-73 apud KOTTMEYER, Martin S. *Oleadas OVNI: un análisis*. IN *La Nave de los Locos*, Monográfico nº. 2, Santiago, Chile, junio 2003.

<sup>113</sup> *Objetos misteriosos sobrevoam os .E. U U*. *O Globo*. Rio de Janeiro, 27 junho 1947, 1ª. seção, p. 4. (BN)

<sup>114</sup> Idem

<sup>115</sup> LAGRANGE, 1988, op. cit., p. 30.

<sup>116</sup> Ted Bloecher leu 142 jornais norte-americanos da época e encontrou mais de 850 casos noticiados entre o final de junho e o dia 10 de julho de 1947. Ver: ALDRICH, Jan L. *1947: Beginning of the UFO era* in EVANS, Hilary e STACY, Dennis (org.), *UFOs 1947-1997 From Arnold to the abductees: fifty years of flying saucers*, Londres, Inglaterra, 1997, p. 23.

engano. Esse foi um dos motivos para o declínio de interesse da mídia pelo assunto. Quinze dias depois, os discos voadores tinham praticamente sumido dos periódicos norte-americanos.

No mês seguinte a essa avalanche de observações, o instituto Gallup fez uma pesquisa de opinião com os norte-americanos e perguntou-lhes: "O que você acha que esses discos são?".<sup>117</sup> Eis os resultados:

**TABELA 1 – Pesquisa Gallup agosto 1947**

Sem resposta, não sabe	33%
Imaginação, ilusões óticas, miragens, etc.	29%
Fraude	10%
Arma secreta americana, parte da bomba atômica, etc	15%
Dispositivos de previsão de tempo	3%
Arma secreta russa	1%
Outras explicações	9%

Como se pode notar, muita gente acreditava que os discos voadores eram simplesmente fenômenos comuns, explicáveis, como miragens, fraudes etc. Um terço dos norte-americanos, no entanto, não tinha idéia do que poderiam ser os discos voadores, o que mostra quanto as notícias foram contraditórias. Para esse grupo, eles continuavam um mistério. O instituto Gallup notou com surpresa que noventa por cento dos entrevistados tinha escutado algo sobre o assunto, um número bem superior aos cinquenta por cento que tomara conhecimento do Plano Marshall, lançado em junho de 1947.<sup>118</sup>

As notícias de discos voadores devem ter causado imensa surpresa a Raymond A. Palmer, editor de uma *pulp magazine* chamada *Amazing Stories*. Desde 1945, Palmer vinha alimentando uma história conhecida como mistério Shaver. Ela começara com a carta de um homem chamado Richard Shaver, que dizia escutar vozes que o alertavam sobre seres subterrâneos conhecidos como Deros que estavam controlando a vida na superfície através de seus raios diabólicos. Shaver afirmava também que tinha estado oito anos nas cavernas e que os Deros possuíam aeronaves utilizadas para viajar pelo mundo subterrâneo e principalmente pelo espaço. O mistério Shaver foi publicado como se fosse real e fez sucesso entre os consumidores desse tipo de publicação. Elevou as vendas da revista a 250 mil exemplares por mês, o que fez

<sup>117</sup> DURRANT, Robert. *Public opinion polls and UFOs* in EVANS, Hilary e STACY, Dennis (org.), **UFOs 1947-1997 From Arnold to the abductees: fifty years of flying saucers**, Londres, Inglaterra, 1997, p. 231.

<sup>118</sup> idem

Palmer prolongá-lo por anos.<sup>119</sup> Quando Kenneth Arnold e milhares de pessoas começaram a relatar discos voadores, os aficionados os viram como uma confirmação da existência das naves dos Deros.<sup>120</sup> No entanto, Palmer descobriu depois que o tempo que Richard Shaver alegou ter passado nas cavernas na verdade havia sido gasto em um hospício estadual.<sup>121</sup>

Apesar da história das naves dos Deros ser anterior a 1947, o caso Kenneth Arnold é considerado o marco inicial das narrativas envolvendo discos voadores. Até hoje, diversos especialistas tentaram explicar o que ele observou. O primeiro foi o astrônomo norte-americano Joseph Allen Hynek, que estava convencido de que Arnold vira “qualquer tipo de avião conhecido”.<sup>122</sup> Outro astrônomo, Donald Menzel, afirmou que ele “tinha sido enganado por condensações de nuvens ou névoa refletida pelo Sol”.<sup>123</sup> Philip Klass, ativista cético, defendia a hipótese de fragmentos brilhantes de meteoritos.<sup>124</sup> A teoria mais recente é de James Easton, para quem os discos voadores foram confundidos com pelicanos brancos americanos.<sup>125</sup> No entanto, para os ufólogos defensores da hipótese extraterrestre nenhum desses estudos explica satisfatoriamente todos os aspectos do caso e o que Kenneth Arnold viu continua um mistério.<sup>126</sup>

## 1.4 \_ O CASO ROSWELL

O incidente em Roswell, Novo México, foi um momento especial da onda de relatos de 1947 nos Estados Unidos. Milhares de jornais estamparam a nota oficial dada por um

---

<sup>119</sup> KEEL, John A. **O homem que inventou os discos voadores**. Tradução de Kentaro Mori. Disponível em <http://www.ceticismoaberto.com/ufologia/shaver.htm>. Acesso em 2/2/2009.

<sup>120</sup> Teria *Amazing Stories* influenciado os norte-americanos com suas imagens e histórias? (Ver: KELL, John, *op. cit.*). Ou tudo não passou de uma grande coincidência, já que a influencia de *Amazing Stories* raramente ia além dos entusiastas de ficção científica e dos seguidores de Charles Fort? (Ver: CLARK, Jerome. *Meeting the Extraterrestrials: How ETH Was Invented*. In EVANS, Hilary e STACY, Dennis (org.), **UFOs 1947-1997 From Arnold to the abductees: fifty years of flying saucers**, Londres, Inglaterra, 1997, p. 70.)

<sup>121</sup> PEEBLES, Curtis. **Watch the skies! A chronicle of the flying saucer myth**. Washington e Londres, Smithsonian Institution Press, 1994, p. 6

<sup>122</sup> STEIGER, Brad. **Projecto Livro Azul**, Rio de Janeiro, Internacional Portugália Editora, 1976, p. 37

<sup>123</sup> Ibidem, p. 9

<sup>124</sup> KLASS, Philip. *¿Fueron meteoros los OVNIS de Arnold?* In **La Nave de Los Locos**, Monográfico 1, Santiago, Chile, agosto 2001, p. 18-19.

<sup>125</sup> EASTON, James. **Kenneth Arnold, 'Discos Voadores' e Vôo Ondulante**. Tradução Kentaro Mori. [http://www.ceticismoaberto.com/ufologia/easton\\_arnold.htm](http://www.ceticismoaberto.com/ufologia/easton_arnold.htm). Acesso em 21/08/2007

<sup>126</sup> MACCABEE, Bruce. **Prosaic Explanations: The Failure Of UFO Skepticism**. <http://brumac.8k.com/prosaic4.html>. Acesso em 21/8/2007.

grupamento da Força Aérea norte-americana que informava a captura de um disco voador. De imediato, a localização da cidade chamou atenção. Alguns meios de comunicação destacaram o fato de Roswell estar próxima à base de experiências militares de White Sands, “onde autoridades militares vinham realizando experiências com foguetes V-2 alemães reconstruídos”.<sup>127</sup> Outros perceberam que ela estava próxima também da região na qual a primeira bomba atômica havia sido secretamente testada. Presumia-se que, se os discos voadores fossem uma aeronave secreta norte-americana, teriam sido fabricados naquela região.



Imagem 6 - Fac-símile da primeira página do jornal de Roswell noticiando a captura de um “flying saucer” por membros da Força Aérea dos Estados Unidos (8 de julho de 1947).<sup>128</sup>

No entanto, um dia após o anúncio da captura veio o desmentido. A Força Aérea afirmou que uma confusão havia ocorrido e que os destroços não passavam de restos de um balão meteorológico. Pouca gente questionou a explicação oficial. Curiosamente, essa negativa acabou desestimulando a imprensa norte-americana a publicar sobre o tema. Após o dia 10 de julho, o número de notícias caiu substancialmente. Uma nota publicada no Brasil informava que o desmentido “parece ter reduzido às devidas proporções o sensacionalismo provocado pelos “discos voadores””.<sup>129</sup> Outra comentava ainda:

<sup>127</sup> Sobre Pearl Harbor os “discos voadores”. **Folha da Manhã**, São Paulo, 9/7/1947, p. 1, 1º. caderno. (AEL)

<sup>128</sup> Disponível em <http://www.roswellfiles.com/Articles/RoswellNews.htm>. Acesso em 28/8/1947

<sup>129</sup> Reduzidos às suas verdadeiras proporções os “misteriosos discos-voadores”. **Folha da Noite**, São Paulo, 9 de julho 1947, p. 1. (AESP)

Os misteriosos “discos voadores” desapareceram quase completamente. Todas as notícias de que se haviam encontrado um dos discos foram falsas e o número de informações dadas por pessoas que afirmam ter visto “discos” voando ficou reduzido a um total insignificante. Por outro lado que o Q. G. das Forças Aéreas do Exército, de Washington, repreendeu energicamente os oficiais da base aérea de Roswell, por dizerem que havia sido encontrado um “disco voador” em um estabelecimento rural no Novo México.<sup>130</sup>

Como entender essa brusca diminuição de interesse pelo tema após o desmentido de Roswell? Segundo o pesquisador norte-americano Jan L. Aldrich, aqueles foram dias de completa loucura.<sup>131</sup> Outras notícias de quedas de discos voadores já tinham sido publicadas e posteriormente esclarecidas como balões meteorológicos ou fraudes feitas por pessoas que queriam ganhar prêmios oferecidos aos que capturassem um disco voador.<sup>132</sup> Além disso, muita gente informou casos apenas para ver seu nome nos jornais. Houve até publicações que colocaram fotos de mulheres bonitas como testemunhas para atrair leitores. Ou seja, Roswell apareceu (e desapareceu) em meio a um grande número de boatos que se mostraram infundados.

É possível perceber o nível de desencontro das notícias pela leitura dos jornais brasileiros. Em 11 de julho, por exemplo, *O Estado de S. Paulo* anunciou: “Em poder do governo norte-americano um “disco-voador”.<sup>133</sup> A notícia dava conta de que Russel Long, engenheiro construtor de North Hollywood, havia chamado os bombeiros para resgatar um pequeno “disco voador” de 30 polegadas que havia caído no seu jardim e estava fumegando. O objeto, “aparentemente controlado pelo rádio”, era composto por duas chapas de ferro galvanizado, uma válvula de rádio, duas pilhas vazias e um leme.<sup>134</sup> Nos dias seguintes, entretanto, a verdade apareceu: era apenas uma brincadeira.<sup>135</sup> Embora hoje a idéia de um disco voador de 30 polegadas pareça jocosa, jornais matutinos pouco afeitos ao sensacionalismo,

<sup>130</sup> - *É TUDO FALSO! A Noite*. Rio de Janeiro, 10 de julho 1947, edição das 11 horas, p. 1. (BN)

<sup>131</sup> ALDRICH, op. it., p. 25.

<sup>132</sup> Ibidem, p. 26.

<sup>133</sup> *Em poder do governo norte-americano um “disco voador”*. **O Estado de S. Paulo**, 11 de julho de 1947, p. 1. (AESP)

<sup>134</sup> Idem

<sup>135</sup> Nem todos os jornais brasileiros, entretanto, esclareceram que se tratava de uma brincadeira. As edições paulista e carioca do jornal *A Noite* trouxeram o desmentido do caso. Já a *Folha da Manhã* e o *Estado de S. Paulo* não explicaram posteriormente aos seus leitores que tudo não passava de mais uma fraude.

como a *Folha da Manhã* e *O Estado de S. Paulo* veicularam a história. Isso dá uma idéia de quão perdidos estavam os editores.



**Imagem 7 – O norte-americano Russel Long segurando o seu “disco voador”.<sup>136</sup>**

Considerando esse contexto, fica mais fácil entender porque os jornais norte-americanos diminuíram abruptamente seu interesse pelos discos voadores após o desmentido de Roswell. O caso foi visto como mais um engano, outro alarme falso. Com tantos mal-entendidos, os editores se convenceram de que não havia nada de concreto por trás de toda polêmica e passaram a não dar mais tanta atenção ao assunto.<sup>137</sup> Além disso, as notícias de observações tinham se tornado repetitivas, o que desinteressava os leitores.

Depois de algum tempo, o caso Roswell caiu em um completo esquecimento que durou mais de trinta anos. Sua importância para a cultura ufológica da década de 1950 é praticamente zero. Afora algumas notas publicadas nos dias posteriores ao ocorrido, nenhuma das centenas de notícias lidas nesta pesquisa sequer cita o caso. Roswell só voltou à mídia em 1978, quando um ufólogo norte-americano passou a divulgar a tese de que aqueles destroços eram restos de

<sup>136</sup> *PODE NÃO SER “VOADOR” MAS É UM DISCO...* [Foto] **A Noite**, São Paulo, 16 de julho 1947, p.1. (AESP)

<sup>137</sup> *Reduzidos às suas verdadeiras proporções os “misteriosos discos-voadores”.* **Folha da Noite**, São Paulo, 9 de julho 1947, p. 1. (AESP)

uma nave de outro planeta com tripulantes.<sup>138</sup> Em 1947, porém, poucos pensaram que discos voadores podiam ser naves de outros mundos.

## 1.5 \_ A ONDA DE 1947 NO BRASIL

A imprensa ocidental noticiou com grande interesse os acontecimentos de junho e julho de 1947 nos Estados Unidos. Depois de alguns dias de cobertura, relatos de discos voadores começaram a aparecer em outros países.<sup>139</sup> Já existem alguns estudos sobre isso. Na Argentina, o psicólogo Roberto Banchs colheu 20 ocorrências que foram destaque nos jornais.<sup>140</sup> No Chile, Diego Zuñiga encontrou dezenas de casos publicados durante o mês de julho.<sup>141</sup>

No Brasil, selecionamos nove jornais diários para analisarmos a repercussão das primeiras notícias sobre discos voadores. Eles eram publicados na cidade do Rio de Janeiro, então capital do país, (*O Globo*, *Diário de Notícias*, *A Noite* – com duas edições diárias - e *Correio da Manhã*) e em São Paulo (com *Diário de São Paulo*, *O Estado de S. Paulo*, *Folha da Noite*, *Folha da Manhã* e *A Noite*). Foram escolhidos cinco matutinos e quatro vespertinos.

A pesquisa se concentrou principalmente no que foi publicado durante todo mês de julho de 1947. Notamos que os discos voadores começaram a aparecer timidamente nos jornais brasileiros por volta dos dias 5 e 6, quando eles trouxeram as primeiras informações sobre o que ocorria nos Estados Unidos. O espaço no noticiário cresceu bastante até o dia 10, momento em

---

<sup>138</sup> O ufólogo que ressuscitou o caso Roswell é o ex-físico nuclear norte-americano Stanton Friedman, que encontrou e entrevistou o major Jesse Marcel, envolvido no episódio. Segundo Marcel, os objetos que encontrou não tinham as características de um balão meteorológico e deviam ser artefatos extraterrestres. Depois da repercussão dessa narrativa, outras testemunhas apareceram e a história se tornou mais complexa. Deve-se observar, entretanto, que a história de Roswell baseia-se quase totalmente em relatos que foram tomados mais de 30 anos depois dos acontecimentos. Ou seja, são evidências bastante frágeis. Em 1997, a Força Aérea Americana deu sua versão ao publicar um relatório em que dizia que o que caiu em Roswell foi um balão do ultra-secreto Projeto Mogul, criado para monitorar o programa soviético de armas nucleares.

<sup>139</sup> Lendo o que foi publicado nos periódicos do Brasil, notamos que, de modo geral, as primeiras notícias de casos ocorridos fora dos Estados Unidos vieram dos países com língua inglesa (África do Sul, Austrália e Canadá) ou próximos ao território norte-americano (caso do México). A América do Sul, Europa e Japão só passaram a ter maior destaque depois do dia 9 de julho. Podemos especular que os relatos de discos voadores surgiram primeiro naqueles países devido à maior proximidade cultural com os Estados Unidos e à influência das agências de notícias. Obviamente, essa é apenas uma suposição, que pode ser confirmada ou negada numa pesquisa profunda e comparativa com jornais de vários países. É importante notar a pouca frequência de relatos da África e da Ásia e a ausência de notícias do lado comunista. Sobre esse último ponto, ver: ALDRICH, *op.cit.*, p. 25.

<sup>140</sup> BANCHS, Roberto. **Guía biográfica de la ufología argentina**. Cefai Ediciones, Buenos Aires, Argentina, 2000.

<sup>141</sup> ZUÑIGA, DIEGO. **LOS OVNIS. La prensa escrita en la difusión de creencias populares**. Memoria para optar al título de periodista, Universidad de Chile, Santiago, 2003.

que atingiu seu ápice. O interesse se manteve alto até o dia 16 e diminuiu lentamente depois disso. Já nos últimos dias de julho e primeiros dias de agosto poucos diários tocavam no assunto. No total, foram 116 notícias nos nove periódicos pesquisados, o que fez dos discos voadores um dos assuntos mais comentados daquele mês.

Ao contrário do que acontecia nos Estados Unidos, esse período aparentemente foi bastante movimentado no Brasil, pelo menos em termos políticos. O Partido Comunista Brasileiro tinha tido seu registro cassado em maio. Discutia-se agora a cassação dos mandatos dos políticos comunistas eleitos em 1946, medida que foi efetivamente tomada em janeiro de 1948. Os diários trouxeram também detalhes dos preparativos e das discussões da Conferência de Paris, reunião dos países capitalistas para preparar o plano Marshall. Deram bastante atenção ainda às guerras civis na Grécia e China.

Os primeiros telegramas de agências internacionais de notícias que tratavam dos discos voadores surgiram por volta do dia 5 de julho. Apenas quatro dias depois, alguns jornais informaram que em Presidente Prudente, estado de São Paulo, uma jovem do comércio local havia visto “um disco estranho, atravessando o espaço, em grande velocidade”.<sup>142</sup> O texto era curto e desencontrado, não trazia sequer o nome da suposta testemunha. Ao notar a “chegada” dos discos voadores, o jornal *A Noite*, de São Paulo, ironizou: “Como sempre, o Brasil não pode ficar por baixo...”.<sup>143</sup>

No mesmo dia, alguns repórteres procuraram o então chefe do Estado-Maior do Exército, general Milton de Freitas Almeida. Ele disse não ter nenhuma informação sobre o que havia acontecido em Presidente Prudente. Acrescentou que os casos se deviam ao “estado natural de alarma do povo”<sup>144</sup> ou “efeito de sugestão das pessoas”.<sup>145</sup> Citou ainda a possibilidade de ter acontecido episódio idêntico ao de Roswell, onde os militares ao examinar os destroços chegaram à conclusão de que “não se encontrava[m] diante de engenho bélico algum, mas de partícula de um balão sonda”.<sup>146</sup>

<sup>142</sup> *Teriam sido vistos no Brasil “discos voadores”*. **O Globo**. Rio de Janeiro, 9 julho 1947, p. 1 e 7. (BN)

<sup>143</sup> *Pronto: A professora já viu o disco no Rio*. **A Noite**. São Paulo, 10 de julho 1947, p.1. (AESP)

<sup>144</sup> *O propalado aparecimento de “discos voadores” no Brasil*. **Folha da Manhã**, São Paulo, 9/7/1947, p. 2, 1º caderno. (AEL)

<sup>145</sup> *Teriam sido vistos no Brasil “discos voadores”*. **O Globo**. Rio de Janeiro, 9 julho 1947, p. 1 e 7. (BN)

<sup>146</sup> *O E.M. do Exército e os “discos voadores”*. **A Noite**. Rio de Janeiro, 9 de julho 1947, edição final, p. 9. (BN)

**Violenta batida policial na capital grega -** (Foto de agências notcias, questo colano)

**Teria fins subversivos a viagem do Sr. Getulio Vargas -** (Foto de suas fotos, outras colano)

Mais de duas mil prisões — Frustrada, assim, uma conspiração comunista

ALIANÇA COM OS COMUNISTAS — DECLARAÇÕES DO SENHOR FLORES DA CUNHA A IMPRENSA

**FINAL**

**O Chile exige satisfações da Rússia**

SE NÃO FOREM DADAS EM 48 HORAS, OS DIPLOMATAS CHILENOS DENUNCIARÃO MOSCOW E O EMBAIXADOR SOVIETICO SERÁ CONSIDERADO "PERSOÑA NON GRATA"

SANTIAGO, 8 (A. B.) — Emissa última disseu a embaixador russo e disse que o vice-embaixador José Alberto Guerra pediu ao subsecretário argentino Raúl Iller para que se retire do Chile e que se retirem os outros argentinos e se declarem os diplomatas chilenos em Buenos Aires. Guerra disse também que não era difícil, e que em caso contrário, seria dada ordem para que os diplomatas chilenos deixassem o Chile, devendo os mesmos deixar imediatamente "dentro de um mês" o subsecretário Duarte.

TAPETES PASSAGERAS Sotilizados, qualificados e podes INCOMPARAVES

**O E. M. do Exército e os «discos voadores»**

**Fala o general Milton de Freitas Almeida, a propósito da notícia de que teria caído em território paulista um dos estranhos engenhos**

Os "discos voadores" caíram no céu, de um momento para outro, em São Paulo, misteriosamente, de repente, quando não havia nenhuma notícia de sua existência. O fato é conhecido de poucos na cidade de São Paulo, que se diz que se a existência de tais fenômenos não fosse conhecida por alguns oficiais militares, não seria possível a existência de tais "discos voadores".

"Discos voadores" em São Paulo

Há, a respeito dos "discos voadores", que, ao menos, não são apenas os "discos" dos países, mas também os países de São Paulo. São Paulo, portanto, dispõe de uma "discos voadores" que, ao menos, não são apenas os "discos" dos países, mas também os países de São Paulo. São Paulo, portanto, dispõe de uma "discos voadores" que, ao menos, não são apenas os "discos" dos países, mas também os países de São Paulo.

ANO XXXVI Rio de Janeiro — Quarta-feira, 9 de julho de 1947 N. 12.612

**A NOITE**

Dirigido por GIL PÉCERA

Endereço: CAVALHO NETTO

EMPRESA A NOITE

Contato: ALMEIDA RAMOS

Número Anual: 05 650

**Sequestrada há 11 meses**

Não apanhava sol durante todo esse tempo — Portas e paredes mágicas — Escandida no forno da casa e nas prateleiras da cozinha — Fascinação e obsessão — A jovem que brigou com o marido descobriu tudo



Imagem 8 – Os discos voadores chegam às páginas da imprensa brasileira. Fac-símile da primeira página do jornal *A Noite* (RJ) de 9 de julho de 1947.<sup>147</sup>

No dia seguinte, um caso mais interessante apareceu. No Rio de Janeiro, a professora Micaela da Rocha Casali afirmava ter visto sozinha seis ou oito “manchas em forma de discos de vitrola”. Segundo ela, a visão teria durado menos de um minuto, pois os discos, ao se aproximarem, foram se apagando, como a chama de uma vela que tivesse sido assoprada.<sup>148</sup> *A Noite*, do Rio de Janeiro, publicou a reportagem mais completa a respeito. Segundo a matéria, a professora parecia uma testemunha bastante confiável.<sup>149</sup>

No dia 11, informações da cidade de São Paulo davam conta de que uma multidão se aglomerava na avenida Independência para ver os supostos objetos.<sup>150</sup> O escritor Guilherme de Almeida comentou essa agitação em uma crônica. Disse ele que, ao passar pelo Viaduto do Chá, em São Paulo, encontrou várias pessoas olhando insistentemente para o alto. Perfilou-se então ao lado de um rapaz que mirava para cima:

<sup>147</sup> *O E.M. do Exército e os “discos voadores”*. *A Noite*. Rio de Janeiro, 9 de julho 1947, edição final, p. 1 e 9. (BN)

<sup>148</sup> *Discos voadores avistados no Rio. O depoimento de uma testemunha*. *Diário da Tarde*, Belo Horizonte, 10 junho 1947, p. 1. (BN)

<sup>149</sup> *“Discos voadores” também sobre o Rio*. *A Noite*. Rio de Janeiro, 10 de julho 1947, edição das 11 horas, p. 1 e 3. (BN)

<sup>150</sup> *“Discos voadores” sobre a capital*. *A Noite*. São Paulo, 11 de julho 1947, p.1. (AESP)

(...) Fiquei ao lado dele e imitei-o. De repente, notei que se formara em torno de nós um grosso novelo humano: toda a gente olhava para o céu. O nosso belo exemplo frutificara!

Afinal, o rapaz voltou a si, isto é, à terra. E disse-me:

- O senhor também viu os “discos-voadores”? Acho que a outra guerra está aí!<sup>151</sup>

A reportagem do jornal paulistano *A Noite* relatou algo parecido. Ao chegar ao bairro do Ipiranga, em São Paulo, encontrou “uma verdadeira multidão [que] tecia comentários em torno do assunto”.<sup>152</sup> Também em Florianópolis “juntou-se grande multidão na avenida Mauro Ramos (...) trocando-se então os mais descontraídos comentários”<sup>153</sup>, segundo o *Diário de São Paulo*.

No dia 12, surgiram relatos de casos em Recife<sup>154</sup> e novamente em São Paulo,<sup>155</sup> nos bairros do Ipiranga e Brás. Em seguida, outra história curiosa: um disco voador teria caído em Niterói, Rio de Janeiro. Ao entrar na sede do Canto do Rio Futebol Clube, o tesoureiro da entidade encontrou muitos destroços e um buraco no teto. Entre a bagunça, achou uma estranha peça de metal com dez centímetros de diâmetro. Os boatos correram a cidade e rapidamente o fato foi relacionado ao mistério do momento, os discos voadores. Autoridades militares, no entanto, não tardaram a identificar o objeto como uma granada antiaérea sem carga explosiva, utilizada em treinamento pelo Exército. Nenhum jornal questionou a explicação oficial.<sup>156</sup>

Aviadores também relataram objetos voadores estranhos. Em 16 de julho, o *Diário da Tarde* de Belo Horizonte, estado de Minas Gerais, publicou o relato em primeira pessoa de um piloto da antiga viação *Panair* que, junto com outros cinco tripulantes, viu “um disco voador passar a grande velocidade sobre o campo de Lagoa Santa”.<sup>157</sup> Nesse mesmo dia, outros dois jornais informaram que um aspirante a aviador da Base de Santos, estado de São Paulo, havia

<sup>151</sup> ALMEIDA, Guilherme de. *Elevação*. Coluna Ontem - Hoje - Amanhã. **Diário de São Paulo**, São Paulo, 20 de julho, p. 8. (AESP)

<sup>152</sup> *Discos Voadores sobre São Paulo. A Noite*, São Paulo, 12 de julho 1947, p.1. (AESP)

<sup>153</sup> CROPANI, Barão de O. De Fiore de. “*Discos Voadores*” e *Antropófagos*. **Diário de São Paulo**, São Paulo, 13 de julho, p. 4. (AESP)

<sup>154</sup> *Teriam sido vistos em diversas regiões os famosos “discos voadores”*. **Diário de São Paulo**, São Paulo, 13 de julho, p. 3. (AESP)

<sup>155</sup> *Discos Voadores sobre São Paulo. A Noite*, São Paulo, 12 de julho 1947, p.1. (AESP)

<sup>156</sup> *Não caiu “disco voador” em Niterói*. **Diário de Notícias**. Rio de Janeiro, 13 julho 1947, 2ª seção, p. 1. (BN)

<sup>157</sup> “*Discos voadores*” avistados em Lagoa Santa. **Diário da Tarde**, Belo Horizonte, 16 junho 1947, p. 1. (BN)

visto “um enorme disco afastando-se a grande velocidade ”<sup>158</sup> enquanto pilotava seu aeroplano.<sup>159</sup>

Com o aumento do interesse os jornais foram ficando mais a vontade para publicar os casos brasileiros. Alguns deles provavelmente jamais seriam ganhariam as bancas em outros contextos, por serem demasiado estranhos ou por não possuírem nenhum tipo de confirmação, como testemunhas adicionais, por exemplo. Aos poucos, os diários foram abaixando suas barreiras e se tornando menos críticos. Em Presidente Prudente, o sr. Alberto Tombam relatou a visão de um disco em forma de pneu, com o centro escuro e as bordas cor de prata.<sup>160</sup> Já em Campinas, três operários relataram uma “espécie de panela” voadora.<sup>161</sup> Na cidade de São Paulo, o sr. Ílio de Almeida disse ter visto um objeto circular, em forma de disco de vitrola.<sup>162</sup> Em 14 de julho, a situação chegou a tal ponto que o jornal *O Globo* noticiou sem ironia: “Enchem-se de “discos voadores” os céus do Brasil...”<sup>163</sup>

---

<sup>158</sup> *Mais um “disco voador”... A Noite*. Rio de Janeiro, 16 de julho 1947, edição das 11 horas, p. 3. (BN)

<sup>159</sup> Parece não haver unanimidade em relação à qualidade dos testemunhos de pilotos. O capitão norte-americano Edward Ruppelt, antigo chefe do Projeto Blue Book, defende que os pilotos, especialmente os da aviação comercial, são ótimos observadores e dificilmente confundem-se. Ver: RUPPELT (1959), *op. cit.*, p. 118. Outros, no entanto, pensam que os pilotos de avião estão entre aqueles com mais dificuldade para identificar corretamente fenômenos visuais não familiares, diferentes do seu treinamento visual. Assim pensava o astrônomo norte-americano Joseph Allen Hynek. Ver: OBERG, James. **Estudos de Caso em Más interpretações de "OVNIs" por pilotos**. Traduzido por Kentaro Mori. Disponível em: [http://www.ceticismoaberto.com/ufologia/oberg\\_pilots.htm](http://www.ceticismoaberto.com/ufologia/oberg_pilots.htm). Acesso: 2/2/2008.

<sup>160</sup> *Inquieta o mundo o mistério dos discos voadores*. **A Noite**. São Paulo, 11 de julho 1947, p.7 e 11. (AESP)

<sup>161</sup> *Enchem-se de “discos voadores” os céus do Brasil...* **O Globo**. Rio de Janeiro, 14 julho 1947, p. 2. (BN)

<sup>162</sup> *Discos Voadores sobre São Paulo*. **A Noite**, São Paulo, 12 de julho 1947, p.1. (AESP)

<sup>163</sup> *Enchem-se de “discos voadores” os céus do Brasil...* **O Globo**. Rio de Janeiro, 14 julho 1947, p. 2. (BN)



Imagem 9 – Primeira página do jornal *A Noite*, de São Paulo, 12 de julho de 1947.<sup>164</sup>

Contudo, na medida o mês se aproximava do fim as notícias começaram a diminuir. Foi justamente nessa época que o trabalho dos humoristas se intensificou. No *Diário de São Paulo*, a coluna do BODE (Boletim Oficial dos Estados), assinada pelo “camarada Lorotoff”, informava que um disco voador caído em Goiás havia sido imediatamente levado à discoteca municipal. Lorotoff dizia também que se pegasse um disco vivo, faria com que ele falasse, mesmo se fosse necessário usar agulhas... de vitrola.<sup>165</sup>

<sup>164</sup> *Discos Voadores sobre São Paulo*. *A Noite*, São Paulo, 12 de julho 1947, p.1. (AESP)

<sup>165</sup> *Achou-se um disco em Goiás*. Coluna do BODE. *Diário de São Paulo*, São Paulo, 17 de julho 1947, p. 5. (AESP)



Imagem 10 – Charge publicada na *Folha da Manhã*.<sup>166</sup> Legenda:  
 - Serão discos voadores?  
 - Não, é o Amoroso que discute com a mulher...

O Barão de Itararé, personagem de Aparício Fernando de Brinkerhoff Torelly (1895-1971), defendeu que os discos voadores andavam atrás das “vitrolas voadoras”, que ainda não tinham sido vistas por se confundirem com os aviões de grande porte que cruzavam os ares.<sup>167</sup>

Já “Gato Félix”, autor da coluna Bar do Ponto, publicada no *Diário da Tarde* de Belo Horizonte, disse que os discos voadores eram as moedas de cruzeiro que estavam fazendo falta nos bolsos das pessoas. E emendou num tom levemente sombrio:

Já é um palpite, pelo menos mais tranquilizador do que pensar que a gente está dormindo na cama e um deles cai sobre nossa carcaça, estraçalhando tudo, carcaça e casa, deixando no ar um cheiro de enxofre e de “vodka”...

Vamos ser racionais e lógicos em nossas conclusões. Deve ser o cruzeiro...<sup>168</sup>

<sup>166</sup> [Charge]. *Folha da Manhã*, São Paulo, 15/7/1947, p. 4, 1º. Caderno. (AEL)

<sup>167</sup> ITARARÉ, O Barão de. *OS DISCOS VOADORES*. *Folha da Noite*, São Paulo, 29 de julho 1947, p. 2. (AESP)

<sup>168</sup> FELIX, GATO. *Discos voadores*. *Coluna Bar do Ponto*. *Diário da Tarde*, Belo Horizonte, 18 junho 1947, p. 3. (BN)

Nos últimos dias de julho, as notícias já tinham escasseado muito. Aqui, não houve aparentemente nenhum evento responsável pela diminuição do interesse dos meios de comunicação pelo assunto. Aos poucos, o “mistério” deve ter saturado editores e leitores. As informações eram muito contraditórias e nos Estados Unidos a polêmica já havia esfriado sem chegar a lugar algum. Além disso, devido à repetição, os relatos de discos voadores devem ter perdido seu poder de interessar, de novidade. *A Noite*, do Rio de Janeiro comentou no começo de agosto: “Já vão saindo dos noticiários dos jornais os estranhos “discos”, “pratos” e “caçarolas voadoras”. A ciência até o momento não lhes explicou a origem e tudo leva a crer tratar-se apenas de fruto de sugestão”.<sup>169</sup>

## 1.6 \_ A IMPRENSA

Essa onda de relatos de discos voadores só pode ser compreendida em sua totalidade se tivermos em conta algumas características do jornalismo impresso daquela época. Um de seus principais aspectos era a divisão entre jornais matutinos, que circulavam ao amanhecer, e vespertinos, vendidos nas bancas a partir das 11 horas da manhã.

Os matutinos eram jornais mais tradicionais. Tinham, em sua maioria, abordagens mais sérias, analíticas e profundas.<sup>170</sup> Eram também um pouco mais objetivos na transmissão das notícias, usando menos recursos da narrativa literária. Voltados para a classe média e alta, privilegiavam assuntos políticos e econômicos, temas que pouco tinham a ver como os discos voadores. Como era de se esperar, os matutinos não deram tanto espaço aos casos de discos voadores ocorridos no Brasil. Preferiram reproduzir notícias de agências internacionais sobre a situação nos Estados Unidos. Estavam mais atentos à possibilidade de tratar-se de uma questão bélica. *O Estado de S. Paulo* e a *Folha da Manhã* em São Paulo e o *Correio da Manhã* e o *Diário de Notícias* no Rio de Janeiro se encaixam nessa categoria.

Já os diários vespertinos eram mais populares, lidos preferencialmente por trabalhadores, donas-de-casa e jovens. Tinham vocabulário mais simples e, muitas vezes, apelativo. Visualmente, eram mais espalhafatosos, pois utilizavam letreiros grandes e muitas

---

<sup>169</sup> “Não era um disco era uma bola de fogo”. *A Noite*. Rio de Janeiro, 5 de agosto 1947, edição final, p. 1 e 7. (BN)

<sup>170</sup> RIBEIRO, Ana Paula Goulart.*op. cit.*, p. 57.

fotos. Alguns eram explicitamente sensacionalistas, outros nem tanto. Costumavam abordar com bastante frequência assuntos cotidianos, como problemas urbanos, crimes, histórias pitorescas e, é claro, discos voadores.

As diferenças entre vespertinos e matutinos podem ser vistas claramente nas tabelas abaixo, especialmente quando observamos a quantidade de notícias sobre discos voadores publicadas nas primeiras páginas:

**TABELA 2 – Notícias sobre discos voadores publicadas nos jornais paulistanos em julho de 1947**

<b>Jornal</b>	<b>Nº. notícias 1ª. página</b>	<b>Nº. notícias naquele mês</b>	<b>Categoria</b>
A Noite	13	20	Vespertino
Folha da Noite	8	11	Vespertino
Folha da Manhã	5	13	Matutino
O Estado de S. Paulo	3	5	Matutino
Diário de S. Paulo	1	12	Matutino

**TABELA 3 – Notícias sobre discos voadores publicadas nos jornais cariocas em julho de 1947**

<b>Jornal</b>	<b>Nº. notícias 1ª. página</b>	<b>Nº. notícias naquele mês</b>	<b>Categoria</b>
A Noite (edição 11h)	8	10	Vespertino
A Noite (edição final)	7	18	Vespertino
O Globo	5	16	Vespertino
Correio da Manhã	4	5	Matutino
Diário de Notícias	3	6	Matutino

Como se pode notar, os discos voadores eram, por excelência, um assunto dos vespertinos. Alguns deles eram relativamente “sóbrios”, como *O Globo* e a *Folha da Noite*.<sup>171</sup> Outros, porém, eram francamente apelativos. Era o caso dos jornais de título *A Noite*, publicados tanto em São Paulo como no Rio de Janeiro. *A Noite* teve uma história bastante

<sup>171</sup> As diferenças entre matutinos e vespertinos eram propositais. Cada tipo de jornal voltava-se para um segmento de público. A empresa *Folha da Manhã S.A.*, por exemplo, possuía dois periódicos, *Folha da Manhã* (matutino) e *Folha da Noite* (vespertino), que tiveram coberturas bastante diferentes. Enquanto a *Folha da Noite* focou mais os casos brasileiros, a *Folha da Manhã*, como outros matutinos, preferiu enfatizar casos e declarações oficiais transmitidas pelas agências de notícias norte-americanas.

peculiar. Desde 1940 fazia parte das Empresas Incorporadas ao Patrimônio da União, um conjunto de empreendimentos tomados pelo governo federal durante o Estado Novo (1937-1945). O jornal era administrado por um superintendente indicado politicamente, mas funcionava em regime semelhante ao de uma empresa privada. Com baixa tiragem e grande número de funcionários indicados por políticos, *A Noite* vivia em “crise permanente”.<sup>172</sup> Além disso, contava com a desconfiança da população por ser, no fundo, um diário estatal, que elogiava quem estivesse no poder. Esses problemas talvez expliquem seu sensacionalismo na questão dos discos voadores. Era, possivelmente, uma tentativa desesperada de tentar ampliar a venda de exemplares. Eis um trecho pinçado das matérias publicadas por *A Noite*:

Hoje o telefone da redação nos trouxe a sensacional [notícia] de que os misteriosos “discos” foram vistos nos céus de São Paulo. Parece incrível, porém, o “Paulista-Reporter”, sr. Arquimedes Prand, residente à avenida Independência, [36?], foi quem nos deu conhecimento do fato, dizendo-nos que naquela rua, observara enorme aglomeração de pessoas e todas elas constataram a passagem dos aludidos “pratos” mais ou menos às onze horas, que atravessaram o céu de norte para sul, numa rapidez fantástica.<sup>173</sup>

Nota-se que o jornal publicou uma notícia transmitida por um leitor através de um telefonema.<sup>174</sup> Além disso, usa-se um conjunto de palavras que acentuam o tom pitoresco, como “sensacional”, “misteriosos”, “incrível”, “enorme”, “fantástica”. Nas linhas posteriores, sabemos que nenhum repórter confirmou *in loco* o relatado, o que mina completamente a confiabilidade da publicação. Em ocasião semelhante, *A Noite* recebeu de um leitor a notícia de que um “disco voador” passara pelo céu tocando a música “Tico-Tico no Fubá”.<sup>175</sup>

---

<sup>172</sup> ABREU, Alzira Alves de (Coord.). **Dicionário histórico biográfico brasileiro pós- 1930**. 2. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2001, p. 4107.

<sup>173</sup> “Discos voadores” sobre a capital. **A Noite**. São Paulo, 11 de julho 1947, p.1. (AESP)

<sup>174</sup> Dentro desse jornal, isso era conhecido como *Paulista-repórter*, um serviço que gratificava com CR\$ 500 aquele que enviasse “boas notícias”. Para efeito de comparação, uma assinatura anual de *A Noite* (SP) custava CR\$ 120.

<sup>175</sup> O “disco voador” passou tocando Tico-Tico no Fubá. **A Noite**, São Paulo, 23 de julho 1947, p.1. (AESP)



Imagem 11 – Os espalhafatosos títulos do jornal *A Noite*, de São Paulo.<sup>176</sup>

Nas décadas de 1940 e 1950, existiam muitos vespertinos como *A Noite*. Havia na época muito mais competitividade por leitores. O número de títulos disponíveis nas bancas era grande e as tiragens, pequenas. Em 1954, por exemplo, existiam só na cidade do Rio de Janeiro 26 jornais diários.<sup>177</sup> A maioria dessas empresas trabalhava com poucos profissionais e poucos recursos financeiros.

De certo modo, vespertinos como *A Noite* guardavam resquícios do antigo jornalismo político-literário, existente nos primórdios da atividade. Nesse estilo, os textos frequentemente traziam comentários e palavras qualificativas misturados às notícias. Imparcialidade e objetividade não estavam entre os ideais a serem seguidos. Pelo contrário, o modo de narrar os acontecimentos era tão ou mais importante que os fatos. Alceu Amoroso Lima chegou a definir esse tipo de jornalismo como “literatura sob pressão”.<sup>178</sup> Para autores como Ana Paula Goulart Ribeiro<sup>179</sup>, Carlos Eduardo Lins da Silva<sup>180</sup> e Alzira Alves Abreu<sup>181</sup> esse estilo foi bastante

<sup>176</sup> *Inquieta o mundo o mistério dos discos voadores. A Noite*. São Paulo, 11 de julho 1947, p.7 e 11. (AESP)

<sup>177</sup> RIBEIRO, Ana Paula Goulart. *Imprensa e história no Rio de Janeiro dos anos 1950*. Rio de Janeiro: E-papers, 2007, p. 58.

<sup>178</sup> Apud RIBEIRO, op. cit., p.29

<sup>179</sup> RIBEIRO, Ana Paula Goulart. *Imprensa e história no Rio de Janeiro dos anos 1950*. Rio de Janeiro: E-papers, 2007.

<sup>180</sup> SILVA, Carlos Eduardo Lins da. *O adiantado da hora : a influência americana sobre o jornalismo brasileiro*. São Paulo: Summus, 1991.

<sup>181</sup> ABREU, Alzira Alves de. *A Imprensa em transição: o jornalismo brasileiro nos anos 50*. Rio de Janeiro, Editora Fundação Getúlio Vargas, 1996.

influyente até a década de 1950. O trecho abaixo é um bom exemplo de tal maneira de produzir notícia:

(...) Recebendo-nos com distinção e fidalguia em seu luxuoso apartamento, Mme. Micaela da Rocha Casali, manteve com redator de A NOITE, de “A Manhã” e “Repórter Esso” da Rádio Nacional, amável palestra, durante a qual tudo confirmou com inteira segurança. (...) <sup>182</sup>

Como se sabe, palavras como “distinção”, “fidalguia”, “luxuoso” e “amável” não tem a ver com o ideário de objetividade jornalística.

Nos anos 1940 e 1950, tampouco estavam amplamente difundidas técnicas do jornalismo norte-americano, como o *lead* <sup>183</sup> e a pirâmide invertida. <sup>184</sup> Praticamente não havia a noção de que era necessário transmitir ao leitor as informações principais do acontecimento logo nas primeiras linhas. Praticava-se bastante o nariz de cera, que era uma longa introdução ao texto. Vejamos as primeiras linhas da notícia “*Discos voadores*” *sob os céus de São Paulo*, publicada pela *Folha da Noite*. O leitor descobrirá o que aconteceu apenas no terceiro parágrafo:

Os “Discos Voadores” têm trazido a população de vários continentes em ansiosa expectativa [sic]. Assinalada sua aparição, pela primeira vez nos Estados Unidos, os telegramas informaram, depois, terem sido observados, sucessivamente, em vários países da costa do Pacífico, em Changai, na Itália, sobre Portugal e, agora, se anuncia também sua aparição nos céus desta capital.

#### APARECEM NESTA CAPITAL

Sabedora de que os Discos Voadores haviam sido observados nesta capital a reportagem das “Folhas” se pôs a campo, a fim de saber da veracidade do

<sup>182</sup> “*Discos voadores*” *também sobre o Rio*. **A Noite**. Rio de Janeiro, 10 de julho 1947, edição das 11 horas, p. 1 e 3. (BN)

<sup>183</sup> O primeiro parágrafo da notícia organizado para responder “o que, onde, quando, por que, quem e como” aconteceram os eventos.

<sup>184</sup> Técnica que consiste em apresentar as informações segundo sua ordem de importância. Os dados fundamentais, ou seja, o *lead*, devem ser colocados logo nas primeiras linhas. Os detalhes menos importantes vão para as últimas. Isso facilita a vida do leitor com pressa e do editor, caso ele precise cortar parte de uma notícia que tenha ficado grande demais para o espaço da página. Diante desse problema, o editor corta as últimas linhas.

acontecimento e colher detalhes sobre o assunto. Foi assim que localizou a primeira pessoa a ver - nos céus da Paulicéia - os estranhos elementos que vêm desafiando os meios científicos de todo o mundo e as investigações dos círculos militares de várias potências.

O sr. João Martinho Ferreira Gomes - engenheiro agrônomo e agente fiscal federal - disse-se a primeira pessoa (...).<sup>185</sup>

Os discos voadores encontraram seu caminho em direção à sociedade brasileira em um jornalismo no qual a literariedade e o sensacionalismo se misturavam, algo típico dos vespertinos. Afinal, esses diários estavam mais abertos à publicação de casos e notícias estranhas. Eles possuíam pouca gente para checar informações ou revisar notícias antes de publicá-las. Praticavam, de modo geral, um jornalismo de sensação, que publicava rumores e notícias não verificadas, o que estimulava ainda mais as especulações. Sem meios de comunicação como o jornal *A Noite* e seus congêneres, os boatos sobre discos voadores teriam bem menos força.

Seria incorreto, no entanto, afirmar que os jornais de 1947, mesmo os vespertinos mais sensacionalistas, eram típicos do jornalismo político-literário existente em tempos anteriores. Podemos detectar já no final da década de 1940 uma tendência, presente principalmente nos matutinos, de separar aquilo que era considerado informação do que era visto como opinião. Os jornalistas de então ainda usavam palavras qualificativas e faziam alguns comentários no interior das notícias, mas boa parte das opiniões já estava confinada às colunas. Havia certa narratividade sim, mas o material produzido era bem diferente da literatura. Analisados em conjunto, os periódicos lidos parecem um híbrido entre o “velho jornalismo” opinativo com o “novo” jornalismo objetivo. Uma mistura da antiga maneira de fazer notícia, mais pessoal, com novas tendências que valorizavam a impessoalidade.<sup>186</sup>

Devemos destacar ainda a atuação do rádio e dos jornais do interior. Durante a onda de casos de 1947, houve um momento em que informes vindos de cidades do interior,

---

<sup>185</sup> “Discos voadores” sob os céus de São Paulo. **Folha da Noite**, São Paulo, 5 agosto 1947, p. 5. (AESP)

<sup>186</sup> É provável que a recém-terminada ditadura do Estado Novo (1937-1945) tenha contribuído para o processo de segregação das opiniões às colunas. Em meio à instabilidade política predominante na primeira metade do século XX no Brasil, um jornal precisava ser minimamente objetivo se quisesse sobreviver às constantes mudanças. Além disso, o jornalismo norte-americano e sua maneira “objetiva” de produzir notícias possivelmente já influenciavam parte dos profissionais. Ver BAHIA, Juarez. **Jornal, história e técnica. História da imprensa brasileira**. São Paulo, Ática, 1990.

principalmente do estado de São Paulo, passaram a dominar o noticiário. Por volta do dia 15 de julho, casos em Campos,<sup>187</sup> Campinas,<sup>188</sup> Itapira,<sup>189</sup> Mogi-Mirim,<sup>190</sup> Pedregulho,<sup>191</sup> Santos<sup>192</sup> e Torrinha<sup>193</sup> ganharam algumas linhas nos jornais das capitais. Infelizmente, porém, essas notas tendiam a ser bastante superficiais em comparação às reportagens produzidas pelos diários das capitais. Frequentemente traziam pouquíssimos detalhes das ocorrências, às vezes nem o nome das testemunhas.

Em relação a isso, é possível que tenha ocorrido no Brasil algo semelhante ao que houve dos Estados Unidos. O norte-americano Herbert Strentz dedicou seu doutorado em jornalismo à análise da cobertura da imprensa daquele país a respeito dos discos voadores entre 1947 e 1966. Ele mostrou que lá os jornais do interior participaram de maneira muito ativa. Segundo Strentz, os pequenos diários locais tenderam a publicar muito mais casos do que os grandes jornais. O problema é que esses jornais locais, por possuírem menos infra-estrutura e funcionários, tendiam a ser menos cuidadosos na checagem de informações. Não costumavam consultar aeroportos, estações meteorológicas, astrônomos locais e autoridades policiais. Por isso, acabavam divulgando um número maior de notícias falsas ou distorcidas.<sup>194</sup>

Sobre o rádio, é bastante difícil asseverar algo com segurança. Sabemos, pela leitura de algumas notícias, que houve gente que tomou conhecimento do tema através desse meio de comunicação. Contudo, a falta de registros radiofônicos da época dificulta um estudo mais aprofundado. Nos Estados Unidos, segundo Herbert Strentz, o rádio teve papel secundário na cobertura do tema, pois seus noticiários dependiam do que era publicado nos jornais e agências de notícias.<sup>195</sup> Podemos pensar que o mesmo ocorreu no Brasil, pois segundo o pesquisador Valério Cruz Brittos, até a década de 1930, “as notícias (...) eram transmitidas pelo rádio

---

<sup>187</sup> *Avistados em várias cidades. Diário da Tarde*, Belo Horizonte, 15 junho 1947, p. 1. (BN)

<sup>188</sup> *Mais “Discos Voadores” agora foram vistos em Campinas. A Noite*, São Paulo, 28 de julho 1947, p.3. (AESP)

<sup>189</sup> *Também em Itapira foi visto um “disco voador”. Folha da Noite*, São Paulo, 14 de julho 1947, p. ?. (AESP)

<sup>190</sup> *“Discos voadores” no interior de São Paulo. A Noite*. Rio de Janeiro, 22 de julho 1947, edição final, p. 10. (BN)

<sup>191</sup> *“Discos Voadores” também foram vistos em Pedregulho. Diário de São Paulo*, São Paulo, 19 de julho, p. 3. (AESP)

<sup>192</sup> *Mais um “disco voador”... A Noite*. Rio de Janeiro, 16 de julho 1947, edição das 11 horas, p. 3. (BN)

<sup>193</sup> *“Discos voadores” em todo o interior. A Noite*, São Paulo, 16 de julho 1947, p.1. (AESP)

<sup>194</sup> Ver STRENTZ, Herbert. *A survey of press coverage of unidentified flying objects, 1947-1966*. Capítulos I, V, VI e conclusões. [Versão revisada pelo autor, não publicada].

<sup>195</sup> *Ibidem*, p. 44

mediante a leitura de jornais, já que as emissoras não possuíam departamentos de radiojornalismo estruturados”.<sup>196</sup>

## 1.7 \_ OS CASOS BRASILEIROS

Nos primeiros dias de julho de 1947, os jornais brasileiros publicaram material principalmente das agências de notícias internacionais, sobretudo as norte-americanas. Na língua inglesa havia inicialmente uma multiplicidade de expressões para se referir ao fenômeno. Eles eram chamados de *flying disks* (discos voadores), *flying saucers* (pires voadores) e *flying platters* (pratos voadores).<sup>197</sup> Depois de algum tempo, prevaleceu a expressão *flying saucers*. Segundo David Jacobs, embora tenha possibilitado às pessoas colocar observações aparentemente inexplicáveis em uma nova categoria, o termo *flying saucer* deu também certo tom ridículo ao fenômeno, afinal pires (*saucers*) não voam. “Era ridículo para uma testemunha, usando a única frase disponível para ela, dizer que havia visto um. (...) O termo em si fez o evento real parecer inválido.”<sup>198</sup>

No Brasil, as três expressões foram traduzidas e apareceram os termos: “pires voadores”, “pratos voadores” e “discos voadores”. Ao longo dos dias, porém, a imprensa nacional passou a dar preferência a “disco voador” e não utilizou mais outras expressões, padronizando o vocabulário. Por que os jornalistas teriam preferido “disco voador” ao invés de “pires” ou “prato” voador? Parece impossível chegar a uma resposta confiável. Talvez os editores daquela época não tenham achado a imagem de um pires ou de um prato voando crível. Afinal, pires e pratos são objetos muito pequenos em relação ao tamanho de uma aeronave. Já “disco voador” estava menos relacionado a objetos domésticos. Dos três termos, “disco voador” é o que mais sugere uma tecnologia superior à convencional.

<sup>196</sup> BRITTOS, Valério Cruz. *op. cit.*, p. 110.

<sup>197</sup> O pesquisador norte-americano Herbert Strentz comenta que a palavra *disk* foi bastante utilizada nas manchetes dos jornais dos Estados Unidos possivelmente por sua economia de espaço em relação à expressão *flying saucers*, ou mesmo *saucers*. Entretanto, opina Strentz que *flying saucer* (pires voador) pode ter prevalecido em relação aos demais por parecer criado exclusivamente para o novo fenômeno. Ver: STRENTZ, Herbert. **A survey of press coverage of unidentified flying objects, 1947-1966**. Capítulos I, V, VI e conclusões. [Versão revisada pelo autor, não publicada].

<sup>198</sup> “It was ludicrous for a witness, using the only phrase available to him, to say that he saw one. (...) The term itself made the actual event seem invalid”. Ver: JACOBS, *op.cit.*, p. 37

O vocabulário escolhido pode ter sido muito importante para o desenvolvimento dos acontecimentos. Tanto nos Estados Unidos como no Brasil as informações sobre tamanho e forma dos objetos que estavam sendo relatados eram muito desencontradas. Frequentemente os periódicos sequer veiculavam esses dados. Além disso, havia poucas imagens. Nesse cenário, as palavras podem ter sido altamente importantes ao influenciar na “moldagem” das descrições feitas pelas pessoas.

O caso Arnold parece um bom exemplo nesse sentido. Influenciados pela difusão do termo *flying saucer*, boa parte dos norte-americanos descreveu objetos discóides, a mesma forma divulgada pelos diários a partir do erro de um jornalista. Mas, vale lembrar mais uma vez, Arnold, que deu início ao processo, disse que os objetos que viu se pareciam mais com bumerangues ou morcegos. Por que os discos voadores vistos pelas pessoas eram iguais aos dos jornais e diferentes dos que Arnold relatou?<sup>199</sup>

Outro estudo, feito a partir de recortes de jornais do Canadá de 1947, mostrou que naquele ano os canadenses relataram muitos objetos pequenos, tão pequenos que nem uma criança caberia em seu interior.<sup>200</sup> Nos Estados Unidos, aconteceu a mesma coisa, segundo um estudo do cético norte-americano Martin S. Kottmeyer.<sup>201</sup> Mas por quê? Alguns poderão afirmar que as pessoas naquela época confundiam mais frequentemente pássaros e balões meteorológicos. Outra explicação diz que canadenses e norte-americanos podem ter levado muito ao pé da letra o termo pires voador (*flying saucer*).<sup>202</sup> Muita gente pode ter moldado seu relato voluntaria ou involuntariamente para se adequar aos jornais, que vinham utilizando bastante a palavra objeto para descrever o fenômeno.

No Brasil, quatro dos 28 casos encontrados descrevem objetos parecidos com “discos de vitrola” - redondos com um círculo de cor diferente no centro. É possível que essas pessoas também tenham tomado a expressão “disco voador” muito literalmente.<sup>203</sup> Sem imagens e com

---

<sup>199</sup> KOTTMEYER, Martin S. **Rendondamente errados**. Traduzido por Kentaro Mori, disponível em [http://www.ceticismoaberto.com/ufologia/kott\\_error.htm](http://www.ceticismoaberto.com/ufologia/kott_error.htm) . Acesso em 21/8/2007.

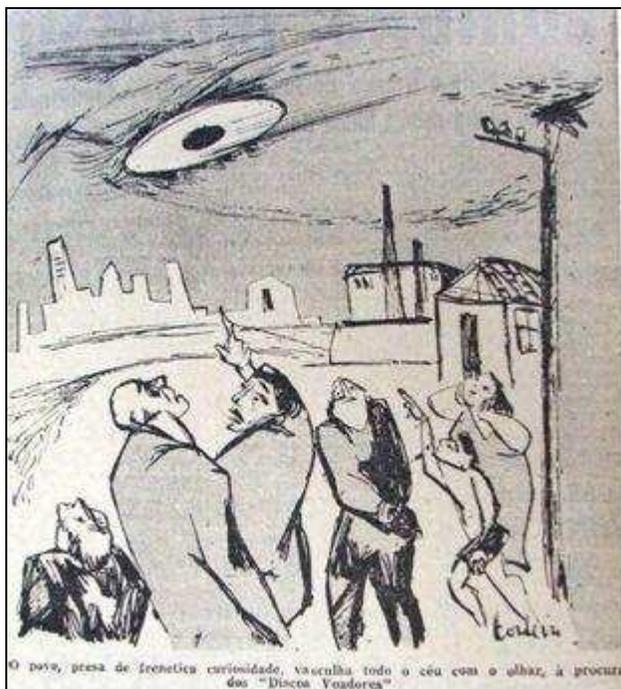
<sup>200</sup> Ver: <http://www.virtuallystrange.net/ufu/updates/2001/mar/m14-021.shtml> . Acesso em 8/5/2007.

<sup>201</sup> KOTTMEYER, Martin S. **Discos que aumentam**. Disponível em [http://www.ceticismoaberto.com/ufologia/kott\\_saucer.htm](http://www.ceticismoaberto.com/ufologia/kott_saucer.htm) . Tradução Kentaro Mori. Acesso em 2/9/2007

<sup>202</sup> Ibidem.

<sup>203</sup> Existe também a possibilidade de que alguns casos brasileiros envolvendo objetos com furo no meio tenham sido influenciados pela publicação do fraudulento caso Dahl. Em 8 de julho de 1947, três jornais (*O Globo*, *O Estado de S. Paulo*, *Diário de Notícias-SP*) noticiaram que o norte-americano Harold Dahl havia observado cinco objetos que “apresentavam no centro um orifício cercado de orifícios menores”. Esse relato mentiroso deu origem ao polêmico episódio da ilha Maury. Ver: RUPPELT, Edward J. **Discos voadores - relatório sobre objetos**

informações confusas sobre a forma e o tamanho, ninguém sabia ao certo como eram os discos voadores. “Como se vê pelas notícias, os fatos são bastante contraditórios”<sup>204</sup>, comentou *A Noite*. Em 1947 existiam idéias bem diferentes sobre qual seria a imagem de um disco voador.<sup>205</sup> Alguma padronização iconográfica só seria alcançada anos depois com a ajuda do cinema hollywoodiano.



**Imagem 12 – Representação do objeto relatado por um paulistano, semelhante a um disco fonográfico (LP).<sup>206</sup> Abaixo da foto, pode-se ler: “O povo, presa de frenética curiosidade, vasculha todo o céu com o olhar, à procura dos “Discos Voadores” ”.**

A confusão não era somente em relação à forma. Dos 28 casos encontrados no Brasil, seis continham informações sobre o tamanho do que havia sido visto. Em três relatos os supostos objetos eram adjetivados como grandes. Em um deles é estimado em “30 metros de

---

**aéreos não identificados.** Tradução: J. Escobar Faria e Auripebo Berrance Simões, São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1959, p. 44-47.

<sup>204</sup> *Inquieta o mundo o mistério dos discos voadores. A Noite.* São Paulo, 11 de julho 1947, p.7 e 11. (AESP)

<sup>205</sup> As formas dos objetos relatados pelos brasileiros foram bastante desiguais. Pratos ou pires (6 casos), discos (5 casos), caçarolas e panelas (2 casos), “como um balão” (1 caso) ou simplesmente circular (4 casos) foram alguns dos termos utilizados para descrever as formas do que era observado. Dos 28 casos encontrados nos jornais pesquisados, eis outras informações menos importantes: 16 deles aconteceram durante o dia (o horário foi revelado em apenas 17 casos), 21 estavam relacionados a um único objeto (dos 23 casos em que existe essa informação), 7 relataram cor alumínio (dos 17 casos) e em 16 deles havia mais de uma testemunha (dos 22 casos em que aparece esse dado). A grande velocidade foi o único aspecto presente em quase todas as narrativas.

<sup>206</sup> “Discos voadores” *sob os céus de São Paulo. Folha da Noite*, São Paulo, 5 agosto 1947, p. 5.(Arquivo do Estado de São Paulo)

diâmetro”.<sup>207</sup> Nos outros três relatos, entretanto, os objetos eram considerados pequenos, com “sete centímetros de diâmetro”<sup>208</sup> ou mesmo “do tamanho de um globo comum de luz elétrica”.<sup>209</sup>

A grande dispersão geográfica das ocorrências era outro motivo para dúvidas. Como explicar que a aparição de discos voadores em cidades tão distantes no mesmo dia? Sobre isso, o barão Ottorino de Fiore di Cropani, professor da USP, comentou: “(...) esta formidável dispersão geográfica torna duvidosa muitas das observações e faz crer em histerismo coletivo, repetição de outro ocorrido há um ano atrás [1946 na Suécia] (...)”.<sup>210</sup>

A variedade de formas e tamanhos e a dispersão geográfica talvez expliquem porque a imprensa utilizou com muita frequência aspas para a expressão disco voador. Elas denotam certo desconforto com um termo que abrangia descrições bastante díspares. As aspas só começaram a sumir nos anos 1950, quando a expressão disco voador se incorporou definitivamente ao vocabulário nacional. Antes disso, porém o termo foi continuamente perseguido pela desconfiança conotada por esses símbolos.

Essa falta de padronização em vários aspectos dos casos tornava o assunto altamente criticável nos círculos intelectualizados. Por outro lado, foi essa indeterminação, a não padronização dos relatos que permitiu a continuidade do mistério, que possibilitou que muitas pessoas se animassem a narrar suas observações sem serem refutadas por um especialista. Afinal, ninguém tinha a verdade quando o assunto era discos voadores. A essa altura, já não importava tanto que não houvesse um padrão no conjunto de casos porque o que imperava era a lógica do mistério, o pensamento de que, mesmo reinando alguma confusão, no fundo devia existir algo novo, desconhecido e, por isso, atraente.

Nos primeiros dias de julho *A Noite* publicou: “(...) dizem, ainda no domínio do consta, que na cidade de Presidente Prudente, foi visto, cortando os ares, um dos tais “discos””.<sup>211</sup> Era justamente nesse impreciso “domínio do consta”, do “fala-se”, do “comenta-se” que as notícias circulavam. Ninguém tinha certeza sobre que o eram ou mesmo se existiam discos voadores. Eles alcançaram sucesso no noticiário porque, até certo ponto, eram um fenômeno que beirava a

<sup>207</sup> *Marcianos descem no Paraná!* **A Noite**, São Paulo, 15 de agosto 1947, p. 2 e 8. (AESP)

<sup>208</sup> *Em Ipanema, eu vi um “disco voador”!* **A Noite**. Rio de Janeiro, 14 de julho 1947, 1ª. edição, p. 1 e 3. (BN)

<sup>209</sup> *“Discos voadores” em todo o interior.* **A Noite**, São Paulo, 16 de julho 1947, p.1. (AESP)

<sup>210</sup> CROPANI, Barão de O. De Fiore de. *“Discos Voadores” e Antropófagos.* **Diário de São Paulo**, São Paulo, 13 de julho de 1947, p. 4. (AESP)

<sup>211</sup> *O E.M. do Exército e os “discos voadores”.* **A Noite**. Rio de Janeiro, 9 de julho 1947, edição final, p. 1 e 9. (BN)

ficcionalidade, um tema no qual era difícil separar invenção e realidade. Além disso, a grande quantidade de depoimentos dava a legitimidade de um processo coletivo. Não uma legitimidade científica, mas social e cultural, uma legitimidade do senso comum, representada pelo dito popular de que “onde há fumaça, há fogo”.

## 1.8 \_ PRIMEIRAS HIPÓTESES

Desde o início, a imprensa buscou apresentar aos leitores as principais explicações sobre o aparecimento de discos voadores. Mais do que simples elucubrações, essas primeiras discussões públicas revelam bastante sobre o contexto histórico em que o fenômeno nasceu.

A primeira (e eterna) dúvida era: os discos voadores realmente existem?<sup>212</sup> Nos debates iniciais dois grupos se destacaram. O primeiro acreditava que os casos eram fruto de algum fenômeno psicológico individual ou coletivo ou ainda resultado de confusões com objetos e fenômenos conhecidos. Para estes, os discos voadores não existiam. Já o segundo grupo defendia que os discos voadores eram aeronaves reais, provavelmente armas secretas.

A maioria dos cientistas consultados pelas agências de notícias internacionais defendeu que os discos voadores eram fruto de histerismo coletivo ou meras confusões com fenômenos aéreos conhecidos. Para Edward Streecker, do Hospital de Doenças Mentais e Nervosas de Filadélfia, Estados Unidos, as notícias eram “reveladoras do estado mental de muita gente”.<sup>213</sup> Outros acreditavam que o histerismo era um exemplo em pequena escala das conseqüências psicológicas de um ataque atômico ao território norte-americano. Para eles, os discos voadores mostravam que, caso isso acontecesse, as vítimas psicológicas seriam enormes entre os civis.<sup>214</sup> Halow Shapley, diretor do Observatório de Harvard, acreditava que as notícias eram causadas por auto-sugestão. Segundo ele, os discos voadores não eram problemas de meteorologistas ou astrônomos, mas de psiquiatras.<sup>215</sup> Possibilidades bastante estranhas também foram divulgadas, como a de que os casos estariam relacionados a “distúrbios psíquicos em indivíduos particularmente sensíveis” às manchas solares e suas enormes quantidades de radiação.<sup>216</sup>

<sup>212</sup> Ver: *Inquieta o mundo o mistério dos discos voadores*. **A Noite**. São Paulo, 11 de julho 1947, p.7 e 11. (AESP)

<sup>213</sup> *Inquieta o mundo o mistério dos discos voadores*. **A Noite**. São Paulo, 11 de julho 1947, p.7 e 11. (AESP)

<sup>214</sup> *Campanha para a guerra os “discos voadores”*. **O Globo**. Rio de Janeiro, 9 julho 1947, p. 2. (BN)

<sup>215</sup> *QUEM QUER VER OS “DISCOS VOADORES”?* **O Globo**. Rio de Janeiro, 15 julho 1947, p. 2. (BN)

<sup>216</sup> *Influência das manchas solares sobre a Terra*. **A Noite**, São Paulo, 22 de julho 1947, p.1. (AESP)

Em 1947, as principais tentativas de explicação vieram de especialistas estrangeiros consultados pelas agências de notícias internacionais. Poucos membros da comunidade científica brasileira expressaram sua opinião. Os que falaram, em sua maioria, não permitiram que sua identidade fosse revelada. *A Noite* inclusive reclamou: “esta reportagem procurando falar com várias personalidades afim [sic] de bem orientar nosso público, viu seus esforços baldados”.<sup>217</sup>

De fato, deve ter sido bem difícil encontrar cientistas brasileiros dispostos a falar. Primeiro porque a comunidade científica brasileira era bastante reduzida, como veremos mais adiante. Em segundo lugar, os cientistas brasileiros não tinham informações suficientes e provavelmente estavam esperando dados mais confiáveis vindos dos pesquisadores dos Estados Unidos. Além de estarem na vanguarda da pesquisa científica, os norte-americanos tinham sido os primeiros a vivenciar o fenômeno. “O assunto é inteiramente desconhecido. Talvez se trate de algo da categoria dos segredos militares. (...) ainda não tenho a menor idéia sobre a natureza dos mesmos”<sup>218</sup> disse o professor Ignácio Manuel de Azevedo Amaral, então reitor da Universidade do Brasil (futura Universidade Federal do Rio de Janeiro).

*A Noite* conseguiu entrevistar um astrônomo brasileiro não identificado que apostava na hipótese de meteoritos.<sup>219</sup> Já um técnico em física experimental, que também não quis se identificar, disse a *O Globo* que concordava com a hipótese de meteoritos, mas estava mais “propenso a acreditar que se trate (...) de uma ilusão de ótica coletiva”.<sup>220</sup>

Autoridades governamentais, de modo geral, emitiram declarações contrárias à existência dos discos voadores. O presidente dos Estados Unidos, Harry Truman, comparou os acontecimentos à agitação provocada pelo jornal *New York Sun*, quando este anunciou em 1835 que um poderoso telescópio secreto havia descoberto homens morcegos vivendo na lua.<sup>221</sup> Já Gromyko, embaixador da União Soviética nos Estados Unidos, brincou que a culpa era dos atletas soviéticos que estavam se preparando para as Olimpíadas de 1948, pois tinham aplicado força demais no lançamento de discos.<sup>222</sup>

<sup>217</sup> *Tremenda colisão entre a Terra e um planetóide*. **A Noite**, São Paulo, 17 de julho 1947, p.8. (AESP)

<sup>218</sup> *Inquieta o mundo o mistério dos discos voadores*. **A Noite**. São Paulo, 11 de julho 1947, p.7 e 11. (AESP)

<sup>219</sup> *Tremenda colisão entre a Terra e um planetóide*. **A Noite**, São Paulo, 17 de julho 1947, p.8. (AESP)

<sup>220</sup> *Teriam sido vistos no Brasil “discos voadores”*. **O Globo**. Rio de Janeiro, 9 julho 1947, p. 1 e 7. (BN)

<sup>221</sup> *TRUMAN E OS “DISCOS VOADORES”*. **Correio da Manhã**. Rio de Janeiro, 11 de julho 1947, p. 1. (BN)

<sup>222</sup> *“Discos voadores” avistados em Lagoa Santa*. **Diário da Tarde**, Belo Horizonte, 16 junho 1947, p. 1. (BN)

Orson Welles também foi consultado. Ao ser perguntado sobre a possibilidade de um novo fenômeno de sugestão semelhante ao seu programa sobre marcianos, ele afirmou: “Certa vez arrepiei o cabelo dos americanos. E... basta”.<sup>223</sup> Em uma matéria de *A Noite* podia-se ler: “O que estão trazendo estes ainda hipotéticos discos? Onda de nervos com objetivos políticos ou resultados de simples trabalhos de imaginação, à Welles? Tudo isto é difícil de responder, sem dúvida”.<sup>224</sup>

Para o jornalista carioca Manuel Gondim da Fonseca (1899-1977) os casos brasileiros refletiam a influência do jornalismo internacional. Em sua coluna, ele relatou que, ao ler as primeiras notícias internacionais, avisou sua mulher “Cabocla! Você verá que dentro de poucos dias aparece um desses discos em Niterói ou na Linha Auxiliar”.<sup>225</sup> Dito e feito.

*O Globo* foi o único dos jornais consultados que se posicionou claramente a respeito do que estava acontecendo. Em editorial não assinado, defendeu que os discos voadores tinham a ver com a vontade dos homens de crer em mistérios ou, segundo seus próprios termos, superstições:

Os homens são inclinados a crer nas coisas vagas, misteriosas e imprecisas. (...) Se tivéssemos necessidade de prova indiscutível aí estariam agora os discos voadores. As agencias telegráficas estão transmitindo alguns capítulos da novela. Em torno desta já se tramam e enredam outros capítulos, que os telegramas prolongam e enfeitam. Há quem tenha visto os discos voadores entre as nuvens do Brasil. No sul, no centro, no norte muita gente anda de nariz no céu (...). Os homens foram sempre assim. Houve tempo em que os fantasmas se divertiam com surtidas em certos bairros da cidade. Hoje os fantasmas mudaram de tática. Progrediram. Evoluíram. Escolheram formas modernas. A última delas aí está: discos voadores... Os homens sempre viveram à custa desses pequenos romances. Mais um, menos um, não alteram os ritmos da vida...<sup>226</sup>

---

<sup>223</sup> *O Exército dos E.U.A. investiga os misteriosos “discos-voadores”*. **Folha da Noite**, São Paulo, 8 de julho 1947, p. 2. (AESP)

<sup>224</sup> “*Discos voadores*” em *todo o interior*. **A Noite**, São Paulo, 16 de julho 1947, p.1. (AESP)

<sup>225</sup> FONSECA, Gondim da. Coluna *Recado Carioca*. **Folha da Manhã**, São Paulo, 26/7/1947, p. ?. (AEL)

<sup>226</sup> “*DISCOS VOADORES*”. **O Globo**. Rio de Janeiro, 11 julho 1947, p. 1. (BN)

Mas havia também o outro lado, aqueles que pensavam que os discos voadores eram reais, provavelmente armas secretas. Estes, entretanto, apareceram menos nos jornais. O barão Ottorino de Fiore di Cropani acreditava que os discos voadores estavam relacionados a “um novo tipo de balões para sondagens meteorológicas ou um novo aparelho rádio-comandado, relacionado com a guerra química ou bacteriológica”.<sup>227</sup> Outro cientista brasileiro não identificado declarou que o que estava acontecendo não era uma “alucinação, como se vinha acreditando”, mas novos aparatos militares: “Lembremos que estes “discos voadores” poderão no tempo de guerra conter nuvens radioativas ou matérias bacteriológicas”.<sup>228</sup>

Enfim, as principais explicações em voga em 1947 - causas psicológicas (histeria coletiva, auto-sugestão, superstição, contaminação pelo noticiário etc) e armas secretas – estavam relacionadas a Guerra Fria, um conflito que vinha abalando os nervos de todos.<sup>229</sup>

Após duas guerras mundiais, pouca gente se sentia segura em 1947.<sup>230</sup> Havia grande ansiedade em relação a um novo conflito mundial e o medo de uma nova depressão econômica, semelhante àquela ocorrida após a Primeira Guerra.<sup>231</sup> As esperanças de uma nova era de paz após a Segunda Guerra tinham se esvaziado depois da escalada de hostilidades entre as superpotências, Estados Unidos e União Soviética. Menos de um ano após a rendição japonesa, o ex-primeiro ministro inglês Winston Churchill declarou que a União Soviética estava baixando uma cortina de ferro sobre a Europa central e oriental. Em março de 1947 o presidente norte-americano Harry Truman defendeu que os Estados Unidos deviam ajudar militar e economicamente Grécia e Turquia, países em vias de se tornarem comunistas. Nas suas palavras, era necessário salvar as vítimas de agressão em todo o mundo e lutar contra o autoritarismo.<sup>232</sup>

Desde a Segunda Guerra Mundial já havia um “mal-estar” a respeito do desenvolvimento tecnológico alcançado pelo Ocidente. Aquele conflito ceifara a vida de mais de 55 milhões de pessoas, das quais cerca da metade eram civis.<sup>233</sup> Terminara de maneira estarrecedora com duas bombas atômicas arrasando cidades japonesas repletas de inocentes.

<sup>227</sup> CROPANI, Barão de O. De Fiore de. “Discos Voadores” e Antropófagos. *Diário de São Paulo*, São Paulo, 13 de julho, p. 4. (AESP)

<sup>228</sup> *Tremenda colisão entre a Terra e um planetóide. A Noite*, São Paulo, 17 de julho 1947, p.8. (AESP)

<sup>229</sup> Ver *Inquieta o mundo o mistério dos discos voadores. A Noite*. São Paulo, 11 de julho 1947, p.7 e 11. (AESP)

<sup>230</sup> SMITH, *op.cit.*, p. 477

<sup>231</sup> HOBBSAWM, *op. cit.*, p. 228

<sup>232</sup> GADDIS, *op. cit.*, p. 91

<sup>233</sup> SMITH, P. D.. **Os homens do fim do mundo: o verdadeiro Dr. Fantástico e o sonho da arma total.**

Tradução José Viegas Filho. São Paulo, Companhia das Letras, 2008, p. 384.

Um momento, sem dúvida, funesto. De nada adiantou o confisco dos filmes e fotografias que mostravam as conseqüências das bombas sobre os japoneses, tentado pelas forças de ocupação norte-americanas.<sup>234</sup> Aos poucos, as imagens, de um horror quase wellsiano, vieram à tona.

É verdade que, comparativamente, o Brasil não sofreu tanto os efeitos da guerra. A Força Expedicionária Brasileira (FEB) foi enviada a Europa com pouco mais de 25 mil homens, dos quais 465 não voltaram vivos e quase três mil ficaram feridos. Nas grandes cidades a população não chegou a receber bombas, mas teve que enfrentar racionamento de gás, luz, carne e leite. Manteiga e gasolina também eram artigos de luxo. Cidades estratégicas, como o Rio de Janeiro, fizeram treinamento de blecaute para prevenir ataques noturnos.<sup>235</sup>

Mas mesmo sem terem visto derramamento de sangue, os brasileiros preocupavam-se bastante com a possibilidade de um novo conflito mundial. As terríveis notícias da vida nos campos de batalha tinham chegado ao país através do rádio, dos jornais e da memória dos pracinhas. Diante dos casos de discos voadores, o jornalista Guilherme de Almeida, do *Diário de São Paulo*, escreveu:

NUNCA os homens olharam tanto para o céu como neste instante, pelo mundo todo.

Em menos de meio século, duas grandes guerras - as maiores da história da humanidade - desgraçaram a terra e suas gentes e suas coisas, para sobre os seus escombros e sobre os seus cadáveres se edificar... o que? - Um mundo mais apurado na arte de destruir, mais ferozmente ansioso por experimentar as suas armas secretas.

Nunca os homens olharam tanto para o céu como neste instante, pelo mundo todo.

Naturalmente, um desejo de desprendimento, de levitação, de fuga para o alto, para Deus (quem sabe?), que possa redimi-los do bestial materialismo que nestes últimos trinta e sete anos tão pesadamente os fez sentir a estúpida verdade da gravitação terrestre...<sup>236</sup>

---

<sup>234</sup> SMITH, P. D., *op. cit.*, p. 326.

<sup>235</sup> MOREIRA, Regina da Luz. *A vida longe do front* IN **Revista Nossa História**, Editora Vera Cruz, Rio de Janeiro, ano 2, no. 15, p. 36-38.

<sup>236</sup> ALMEIDA, Guilherme de. *Elevação*. Coluna Ontem - Hoje - Amanhã. **Diário de São Paulo**, São Paulo, 20 de julho, p. 8. (AESP)

Lamartine, cronista do *Diário da Tarde* de Curitiba, teceu comentários parecidos. Escreveu ele:

Temos apreciado nos últimos tempos as coisas mais absurdas que nem mesmo o gênio inventivo de Julio Verne previu. Já vimos a bomba atômica, que aterrorizou um século e fez muita gente acreditar que o fim do mundo está próximo; vimos a penicilina e a sulfa a operar milagres, cada qual mais surpreendente; vimos os “discos voadores”, algo que até hoje ainda não foi bem explicado, a encher de terror muita gente e a levantar muitas hipóteses; vimos conferencias que infelizmente, fracassaram e coisas outras, vimos, ainda, que aturdem e que alongariam a lista ao enumerá-las.<sup>237</sup>

Segundo o historiador inglês Eric Hobsbawm, o final dos anos 1940 e início dos anos 1950 foi provavelmente o período mais explosivo da Guerra Fria. Mais precisamente o intervalo “entre a enunciação formal da Doutrina Truman, em março de 1947 (...) e abril de 1951”, data da demissão do general Douglas MacArthur durante a Guerra da Coreia (1950-1953).<sup>238</sup> Ainda assim, por toda a década de 1950 a angústia em relação a uma Terceira Guerra Mundial continuou fritando de preocupação a cabeça de todos. A continuidade das hostilidades e principalmente a fabricação de bombas de hidrogênio, mil vezes mais potentes que a de Hiroshima, fizeram com que esse período receba a alcunha de a “década do fim do mundo”.<sup>239</sup> Ao receber o prêmio Nobel de literatura de 1949, o escritor norte-americano William Faulkner comentou “Já não há problemas de espírito. Há apenas a pergunta: quando é que serei detonado?”.<sup>240</sup> De acordo com Hobsbawm, a Guerra Fria teve efeitos psicológicos devastadores:

Gerações inteiras se criaram à sombra de batalhas nucleares globais que, acreditava-se firmemente, podiam estourar a qualquer momento e devastar a

---

<sup>237</sup> LAMARTINE. Extranho aparelho teria sido visto a noroeste de Pitanga! **Diário da Tarde**, Curitiba, 5 agosto de 1947, p. 5 (Biblioteca Pública do Paraná – Curitiba-PR)

<sup>238</sup> HOBBSAWM, *op. cit.*, p. 226

<sup>239</sup> SMITH, P. D., *op. cit.*, 19.

<sup>240</sup> *Idem*, p. 36.

humanidade (...) não aconteceu, mas por cerca de 40 anos pareceu uma possibilidade diária.<sup>241</sup>

Além da existência das bombas nucleares, colaborou para o sentimento de insegurança geral a retórica francamente apocalíptica que as superpotências assumiram desde muito cedo. Alguns presidentes norte-americanos conclamavam o povo a uma cruzada contra o iminente perigo da “conspiração comunista mundial”. Para Hobsbawm, o anticomunismo apocalíptico era útil aos políticos norte-americanos, principalmente durante as eleições. A demonização do rival causava “histeria pública [que] tornava mais fácil para os presidentes obter de cidadãos famosos (...) as imensas somas necessárias para a política americana.”<sup>242</sup> Por outro lado, Moscou também fazia questão de mostrar aos soviéticos que o mundo capitalista era extremamente hostil. Para o diplomata norte-americano George Kennan, a propaganda anticapitalista era peça fundamental na sustentação do autoritário regime stalinista.<sup>243</sup>

Foi nesse contexto marcado pelo medo e pela ansiedade em relação a uma nova guerra e às bombas nucleares que os discos voadores apareceram. Mas qual a relação entre esses sentimentos e os avistamentos? Podemos dizer que as pessoas passaram a ver estranhos objetos voadores, pois, de alguma maneira, foram motivadas ou influenciadas pelo medo da guerra? Ou elas simplesmente viram fenômenos que julgaram desconhecidos e depois os relacionaram ao conflito mundial? Afinal, os sentimentos provocados pela Guerra Fria foram causa ou efeito dos casos?

Para o escritor e jornalista Austregésilo de Athayde (1898-1993) era o medo de um novo conflito mundial que determinava essas “visões fantásticas”. Alguns dias após as primeiras notícias vindas dos Estados Unidos ele escreveu:

A psicose de medo de que está possuída a humanidade, depois do aparecimento das bombas atômicas, tem se manifestado desde o fim da guerra, através dessas notícias de que os céus estão sendo cortados por objetos luminosos de natureza estranha.

Primeiro foi a Suécia... (...) Agora é a América que se encontra sob a magia dos discos candentes (...)

<sup>241</sup> HOBBSAWM, *op. cit.*, p. 224.

<sup>242</sup> HOBBSAWM, *op. cit.*, p. 232.

<sup>243</sup> GADDIS, *op. cit.*, p. 28.

Alucinação, meus amigos, pura alucinação.

Não tardará que aqui pelo Brasil comecem a vir do fundo dos sertões histórias semelhantes.

Pelas noites escuras, costume ver, da ilha de Marajá (sic), dezenas de estrelas candentes (sic) atirando-se loucas em todas as direções. Fenômeno tão velho quanto o universo.

O medo é o pai dessas visões fantásticas. Não há discos luminosos nem corpos estranhos encandescentes, dispersos nos céus do mundo. O que há nas almas é o pânico de que novamente se espalhem os Cavaleiros Apocalípticos, apenas recolhidos para um ligeiro descanso.<sup>244</sup>

O sociólogo francês Pierre Lagrange, porém, não concorda com essa idéia. Para ele, o fenômeno era primeiro observado pelas testemunhas e só depois relacionado com o conflito mundial. Lagrange critica a postura dos que entendem os discos voadores como mero subproduto da Guerra Fria, pois, em sua opinião, essas interpretações tomam as testemunhas como sujeitos passivos influenciados pelo clima do conflito. Nessa perspectiva, elas são desqualificadas como sujeitos ativos da história.<sup>245</sup>

O clima da Guerra Fria de fato influenciou a história dos discos voadores, ao incentivar muitos a olhar para o céu em busca de novas armas e aeronaves. A observação de Kenneth Arnold teria tido tanta repercussão se não tivesse ocorrido naquela época? Talvez não. Mas há uma grande distância entre aceitar isso e afirmar que o medo determinava as observações de discos voadores. Apenas a psicologia poderia dizer com segurança se os sentimentos em voga na Guerra Fria foram os grandes responsáveis pelas visões de objetos voadores estranhos. Alheios a essa questão, os historiadores podem se concentrar nas reações da sociedade, nas polêmicas e interpretações elaboradas pelos que viveram em outra época.

Reais ou não, provocados pelo medo da guerra ou não, os discos voadores foram interpretados pelas pessoas a partir dos dados e sentimentos daquele momento histórico, os quais, não sem razão, eram bastante pessimistas. Os *flying saucers* nasceram em uma época permeada pelo horror e pela ansiedade e isso ficou registrado nas crônicas angustiadas da época.

<sup>244</sup> ATHAÍDE, Austregésilo de. *Alucinação. Diário da Noite*. Última edição. Rio de Janeiro, 10/7/1947, p. 2.

<sup>245</sup> LAGRANGE, Pierre. *Comment tordre le cou à quelques idées reçues à propos des soucoupes volantes*. Julho de 2000, disponível em <http://greguti.free.fr/ovni/lagrange-bifrost.htm> . Acesso em 4/1/2009.

## 1.9 \_ UMA HIPÓTESE MARGINAL

Uma das poucas maneiras de inferir o que alguns leitores pensaram do noticiário de 1947 é através de uma pequena pesquisa de opinião feita pelos repórteres de *O Globo*. O jornal colheu opiniões de 12 cariocas. Seis defenderam que o fenômeno não existia, sendo “simples imaginação” ou “uma tolice”. O senhor Antonio Figuias (sic) comentou, por exemplo: “alguém deve ter visto uma estrela-candente [sic] e pensado que era um disco. Depois, como quem conta um conto sempre aumenta um ponto, os outros se encarregaram de aumentar a história”.<sup>246</sup> Outro entrevistado apostou na repetição de histórias das bombas voadoras vistas na Suécia no ano anterior.

Surpreendentemente, três pessoas achavam que os supostos objetos eram de outros planetas.<sup>247</sup> O senhor Martins Afonso Pereira declarou:

Hoje não há o impossível. Temos a bomba atômica, as bombas voadoras, os aviões foguetes, por que não acreditamos que outro planeta esteja, pelo menos, tão adiantado quanto nós? Pois olha, seu reporte, isso de disco-voador só pode ser mensagem de outro planeta.<sup>248</sup>

Guilherme de Almeida, colunista do *Diário de São Paulo* pensava de maneira parecida. Em criticou duramente a atitude dos cientistas, os “sábios”, de taxar de histerismo o que estava acontecendo. Embora pensasse que os discos voadores fossem russos, ele aceitava a hipótese interplanetária:

Engraçados, esses senhores sábios! Sempre admitiram a existência de habitantes de Marte. Não é de agora que sonham com a possibilidade das comunicações interplanetárias. Faz pouco tempo, enviaram à lua, pelo “radar”,

<sup>246</sup> *O QUE VOCÊ ACHA DOS “DISCOS VOADORES”*. *O Globo*. Rio de Janeiro, 10 julho 1947, p. 1 e 7. (BN)

<sup>247</sup> Esse número é ainda mais expressivo quando temos em conta que apenas uma notícia (*Folha da Noite*, 5/7/1947) sobre extraterrestres foi publicada nos jornais consultados nos dias anteriores à pesquisa. Obviamente, o fato de 3 dos 12 entrevistados acreditarem nas visitas interplanetárias não significa que 25% dos cariocas pensavam assim. Afinal, não foi uma pesquisa de opinião com base científica, mas uma rápida consulta com pessoas escolhidas a esmo nas ruas. Além disso, é possível que os jornalistas tenham selecionado para publicação aquelas opiniões com mais apelo, mais sensacionais.

<sup>248</sup> *O QUE VOCÊ ACHA DOS “DISCOS VOADORES”*. *O Globo*. Rio de Janeiro, 10 julho 1947, p. 1 e 7. (BN)

uma primeira mensagem e tiveram notícia científica, exata, da sua chegada ao destino... E, no entanto, não admitem que outros planetas tenham também a curiosidade de se comunicar com a Terra.<sup>249</sup>

Vale notar que os argumentos de Martins Afonso Pereira e Guilherme de Almeida coincidem ao tomar a possibilidade de visitas extraterrestres como verossímil a partir dos avanços tecnológicos humanos. Para muita gente daquela época, a ciência era uma maravilha capaz de produzir qualquer coisa. “Hoje não há o impossível” afirmou o sr. Afonso Pereira. Com a invenção do avião, do rádio, do telefone e da televisão em um espaço de tempo tão curto esse pensamento tornou-se comum e, de certo modo, correspondido pelas novas tecnologias que continuavam a aparecer. Curiosamente foi o grande avanço da tecnologia terrestre que permitiu os sonhos com visitas extraterrestres.

De certa forma, os depoimentos de Martins Afonso Pereira e Guilherme de Almeida são surpreendentes porque pouquíssima coisa sobre extraterrestres foi publicada na grande imprensa em julho de 1947. Essa hipótese ainda era bastante marginalizada e até ridicularizada. Uma nota da *France Press* comentou, por exemplo, que na Argentina “o jornal *Crítica* avisa humoristicamente que os discos são enviados pelos habitantes de Marte”.<sup>250</sup>

Se a imprensa publicou tão pouco a respeito, onde essas pessoas tiveram contato com a idéia de visitantes extraterrestres? Uma entrevista com uma testemunha paulista dá algumas pistas. O senhor Ílio de Almeida comentou:

- Eu não sou espírita, mas acredito que outros planetas sejam habitados. Tenho um pouco de leitura. Já li Wells e Júlio Verne. No meu pensamento acredito que estes “discos voadores” venham do planeta Marte. (...) Várias bombas atômicas foram lançadas sobre a superfície da Terra; quem sabe se elas não ocasionaram sinais luminosos que foram vistos de outros planetas? (...).<sup>251</sup>

Como mostra o trecho, a ficção científica e o espiritismo podem ter sido as principais fontes para o nascente imaginário extraterrestre no Brasil. Nenhuma referência a Charles Fort

---

<sup>249</sup> ALMEIDA, Guilherme de. *Ora os sábios!* Coluna Ontem - Hoje - Amanhã. **Diário de São Paulo**, São Paulo, 12 de julho, p. 3. (AESP)

<sup>250</sup> *Lançados foguetes para além da força de atração da Terra!* **A Noite**, São Paulo, 13 de julho 1947, p.1. (AESP)

<sup>251</sup> *Discos Voadores sobre São Paulo.* **A Noite**, São Paulo, 12 de julho 1947, p.1. (AESP)

foi encontrada na grande imprensa, o que mostra que suas idéias ainda circulavam em domínios restritos.

Dos 28 casos encontrados nos jornais do Brasil em 1947 apenas um envolveu contato com seres de outro mundo. Um caso, aliás, bastante estranho.<sup>252</sup> Lamartine, colunista do *Diário da Tarde* de Curitiba, disse ter recebido uma carta “que mais parecia ter saído da imaginação de um fecundo escritor, do cérebro de um H. G. Wells”.<sup>253</sup> O colunista transcreveu a missiva na qual um homem chamado José C. Higgins narrava ter visto um disco voador pousar quando estava trabalhando com outros homens em uma região rural do Paraná.

Conta Higgins na carta que, depois que todos correram de medo, ele teria visto três extraterrestres de forma humanóide, com 2 metros e 30 centímetros de altura usando capacetes e macacão. Através dessa roupa, segundo ele, se “via perfeitamente as pessoas vestidas de camiseta, calções e sandálias, não de fazenda, creio, mas de papel brilhante.”



**Imagem 13 – Parte da ilustração publicada na revista *O Cruzeiro*, segundo a descrição dada por Higgins.<sup>254</sup>**

<sup>252</sup> Essa, aliás, parece ter sido uma característica da onda de 1947 no mundo todo. Nos Estados Unidos, onde centenas de casos foram catalogados, apenas três casos de contatos explicitamente extraterrestres foram encontrados. Ver: KOTTMEYER, Martin S. . **Discos que aumentam**. Disponível em [http://www.ceticismoaberto.com/ufologia/kott\\_saucer.htm](http://www.ceticismoaberto.com/ufologia/kott_saucer.htm) . Acesso em 2/9/2007

<sup>253</sup> LAMARTINE. *Extranho aparelho teria sido visto a noroeste de Pitanga!* **Diário da Tarde**, Curitiba, 5 agosto de 1947, p .5 (Biblioteca Pública do Paraná – Curitiba-PR)

<sup>254</sup> MARTINS, João. (Ilustração de Mauro). *Na esteira dos “Discos Voadores” – parte 7. Seres do espaço descem a Terra*. In **O Cruzeiro**. Rio de Janeiro, 13 de novembro de 1954, p. 80 (4)

Usando sinais e desenhos, os extraterrestres teriam convidado Higgins a entrar na espaçonave e visitar seu planeta. Ele teria hesitado e, com a desculpa de que precisava chamar sua mulher para a viagem, se afastou e ficou a observar os alienígenas à distância até que fossem embora. Antes de partirem, viu-os brincar “como crianças, dando pulos, erguendo-se, uns aos outros, atirando longe pedras de tamanho descomunal”. Ao final, Higgins comentou num tom literário: “Teria sido realidade? Às vezes duvido que isso tenha realmente acontecido, pois bem pode ser que tudo não tenha passado de um extranho [sic], mas belo sonho”.<sup>255</sup>

Ao final, Lamartine, o colunista que disse ter recebido a carta, emendou: “Neste século XX, da bomba atômica que destrói uma cidade e aterroriza uma civilização, quem poderá duvidar que até o impossível aconteça?”.<sup>256</sup>

---

<sup>255</sup> Cabe aqui uma questão: se existiram outras testemunhas do pouso do disco voador, como Higgins poderia admitir a hipótese de tudo ter sido um sonho? A narrativa parece bastante incoerente nesse ponto.

<sup>256</sup> A carta de Higgins foi reproduzida em jornais de vários estados nos dias seguintes e parece ter marcado algumas pessoas, pois, no final de 1954, a revista *O Cruzeiro*, de grande circulação nacional, passou a publicar matérias sobre discos voadores e, segundo o repórter João Martins, três pessoas mandaram para a redação recortes antigos daquela estranha carta. Ver: MARTINS, João. *Na esteira dos “Discos Voadores” – parte 7. Seres do espaço descem a Terra*. In **O Cruzeiro**. Rio de Janeiro, 13 de novembro de 1954. O assunto também foi comentado em: *Desceu no Brasil um disco voador*. **Diário da Noite**, Rio de Janeiro, 29/10/1954, p. 1 e 3. (BN)

# **Capítulo 2**

## **São armas secretas?**

Queremos saber  
 O que vão fazer  
 Com as novas invenções  
 (...)
   
 Queremos de fato um relato  
 Retrato mais sério  
 Do mistério da luz  
 Luz do disco voador  
 Pra iluminação do homem  
 Tão carente e sofredor  
 Tão perdido na distância  
 Da morada do Senhor

Queremos saber  
 Queremos viver  
 Confiantes no futuro  
 Por isso se faz necessário  
 Prever qual o itinerário da ilusão  
 A ilusão do poder  
 Pois se foi permitido ao homem  
 Tantas coisas conhecer  
 É melhor que todos saibam  
 O que pode acontecer (...)

*Queremos saber*  
 Gilberto Gil.<sup>257</sup>

Nos anos seguintes relatos de discos voadores continuaram eventualmente surgindo no mundo todo. Nos Estados Unidos, os militares, especialmente da Força Aérea, mantinham-se bastante atentos. Afinal, cabia a eles proteger o país no caso de um ataque aéreo. É difícil, porém, saber com exatidão o que se passou dentro das instalações militares norte-americanas naqueles anos. Boa parte do que se conhece deve-se ao relato do capitão Edward J. Ruppelt (1923-1960), engenheiro aeronáutico que entre 1952 e 1953 liderou uma comissão secreta da Força Aérea norte-americana responsável por investigar casos de discos voadores, o *Projeto Blue Book*. Em 1956, Ruppelt publicou um livro sobre sua experiência. Sua obra mostra quanto os militares daquele país estiveram perdidos.<sup>258</sup> Sem conseguir definir o que eram ou mesmo se existiam discos voadores, as comissões oficiais oscilaram entre opostos: da aceitação da hipótese extraterrestre à negação total das ocorrências. Salta aos olhos também a incapacidade

<sup>257</sup> Disco: **Viramundo** (1976)

<sup>258</sup> RUPPELT, Edward J. **Discos voadores - relatório sobre objetos aéreos não identificados**. Tradução: J. Escobar Faria e Auriphebo Berrance Simões, São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1959

da Força Aérea norte-americana em criar uma política de divulgação pública minimamente clara e eficiente. Como veremos, as constantes contradições das autoridades militares inadvertidamente geraram grande desconfiança em relação às suas próprias atividades, minando sua credibilidade junto à parte da sociedade norte-americana.

O primeiro grupo de pesquisas permanente da Força Aérea norte-americana surgiu no final de 1947 com nome de Projeto *Sign*. Funcionava na base de Wright Field, estado de Ohio. Não era considerado *top secret*, mas o conhecimento de suas atividades era restrito a algumas autoridades militares.<sup>259</sup> Seu principal objetivo era responder se os discos voadores representavam ameaça à segurança nacional. Da porta para fora, porém, a Força Aérea possuía uma mensagem padrão: os discos voadores são resultado de enganos com fenômenos e artefatos conhecidos.

Segundo Ruppelt, a situação era considerada “extremamente séria”<sup>260</sup> no final de 1947. O alto escalão militar queria uma solução rápida para um incômodo problema: os relatórios de ocorrências que, embora em número menor, continuavam a chegar às Forças Armadas.

Duas semanas após a criação do projeto *Sign* ocorreu o primeiro dos três casos do ano de 1948 que ficaram conhecidos posteriormente como “os clássicos” devido à ampla divulgação que receberam. No dia 7 de janeiro, a torre de controle aéreo da Base de Godman, próxima a Louisville, estado de Kentucky, recebeu informações de que uma estranha aeronave estava sendo observada nas cidades vizinhas. Diante disso, oficiais da torre pediram para que uma esquadrilha de aviões militares que estava nas redondezas se aproximasse para verificar o que estava acontecendo. Os pilotos localizaram visualmente o objeto, mas não puderam reconhecer exatamente o que era. Depois de algum tempo, o comandante da esquadrilha, Thomas Mantell, decidiu se aproximar sozinho do estranho artefato. Ele começou a subir bastante até atingir seis mil metros de altitude. A partir desse ponto, porém, a comunicação entre o piloto e a torre misteriosamente cessou. Horas depois soube-se que Mantell havia espatifado seu avião contra o solo. Os militares norte-americanos alegaram que ele se confundira com o planeta Vênus.<sup>261</sup> Ao subir demais, ficara sem oxigênio e desmaiara. Acima dos cinco mil metros ninguém consegue ficar acordado por muito tempo sem ter oxigênio adicional, como era o caso. Mas a Força Aérea não conseguiu convencer a todos. Como um piloto experiente poderia se equivocar dessa

---

<sup>259</sup> PEEBLES, *op. cit.*, p. 19

<sup>260</sup> RUPPELT, *op. cit.*, p. 42.

<sup>261</sup> PEEBLES, *op. cit.*, p. 24.

maneira?<sup>262</sup> Alguns jornalistas desconfiaram que Mantell pudesse ter sido abatido por um disco voador.<sup>263</sup>

Após alguns meses, os pesquisadores militares do projeto *Sign* passaram a se concentrar em duas hipóteses: aeronaves soviéticas desenvolvidas com tecnologia roubada dos nazistas e naves extraterrestres.<sup>264</sup> Na época, existiam muitos rumores de que os soviéticos estavam desenvolvendo novos aviões e mísseis teleguiados a partir dos projetos que encontraram na Alemanha logo após a Segunda Guerra Mundial.<sup>265</sup> Depois de algum tempo, porém, os membros do *Sign* concluíram que nenhuma aeronave terrestre poderia realizar as manobras atribuídas aos discos voadores. Além disso, acreditavam que os soviéticos não seriam tolos a ponto de sobrevoar o espaço aéreo inimigo com tecnologia tão avançada. Ela poderia ser roubada numa eventual queda em solo norte-americano.

Enquanto os militares quebravam a cabeça, outra ocorrência ganhou as páginas dos jornais. Em 24 de julho de 1948, dois pilotos comerciais norte-americanos, Clarence S. Chiles e John B. Whitted, disseram ter observado durante menos de 15 segundos um estranho objeto luminoso em forma de charuto, com “duas fileiras de janelas” e um rastro vermelho e laranja. Este caso impressionou bastante os investigadores do *Sign*, pois os pilotos foram considerados testemunhas de confiança e puderam observar o fenômeno teoricamente a pouca distância.

Depois desse caso, alguns membros do projeto produziram um documento não oficial e altamente secreto intitulado *Estimativa da Situação*.<sup>266</sup> Nele, os pesquisadores ponderaram que a melhor explicação para os discos voadores era a origem extraterrestre. Partiam da premissa de que a imensa velocidade e as surpreendentes manobras informadas pelas testemunhas eram dados confiáveis. Se tais informações realmente estivessem corretas, pensavam os técnicos, nenhuma aeronave terrestre poderia estar envolvida. Eles, no entanto, ignoraram por completo a alta falibilidade da visão humana diante de estímulos rápidos e inesperados.<sup>267</sup> Apesar dos

---

<sup>262</sup> Atualmente, há uma teoria razoavelmente bem aceita que defende que Mantell foi enganado por um balão do tipo *Skyhook*, um projeto secreto da Marinha. RUPPELT, *op. cit.*, p. 58.

<sup>263</sup> RUPPELT, *op. cit.*, p. 64-65 e PEEBLES, *op. cit.*, p. 67.

<sup>264</sup> PEEBLES, *op. cit.*, p. 19.

<sup>265</sup> RUPPELT, *op. cit.*, p. 43.

<sup>266</sup> A *Estimativa da Situação* é até hoje um dos documentos mais controversos da história dos discos voadores. É conhecido apenas por relatos. Nunca foi apresentado publicamente. Ver JACOBS, *op. cit.*, p. 47.

<sup>267</sup> Segundo David Jacobs, o principal problema do *Sign* era a inexperiência da equipe em diferenciar o que merecia investigação cuidadosa. Devido à falta da familiaridade com o fenômeno, seus membros gastavam horas preciosas em casos que obviamente eram meteoros, fraudes e aviões. Ver: JACOBS, *op. cit.*, p. 47.

deboches na mídia, a hipótese extraterrestre ironicamente tinha ganhado adeptos dentro de um grupo de investigação militar.<sup>268</sup>

No entanto, o então chefe de gabinete da Força Aérea norte-americana, general Hyot Vandenberg, leu e rejeitou veementemente o documento por considerar que não havia provas suficientes para sustentar tais conclusões. A partir dessa negativa, o grupo que defendia a hipótese extraterrestre perdeu considerável influência dentro do projeto *Sign*.<sup>269</sup> Aqueles que acreditavam que os discos voadores não passavam de fenômenos e objetos convencionais passaram a predominar. Aparentemente, o alto escalão militar se identificava mais com as idéias desse segundo grupo.

O terceiro caso importante de 1948 ocorreu em 1º de outubro, quando o piloto militar George Gorman perseguiu uma luz não identificada por mais de 25 minutos em Fargo, estado de Dakota do Norte. Gorman declarou acreditar que a luz era movida por alguma inteligência, pois tinha movimentos bruscos e fugiu de sua aproximação. Segundo Ruppelt, Gorman lutou contra um balão meteorológico iluminado, que não foi identificado devido à falta de pontos de referência típica dos vôos noturnos.<sup>270</sup>

Em fevereiro de 1949, o projeto *Sign* produziu seu último relatório. Afirmava que não havia coletado evidência suficiente para provar a existência ou não dos discos voadores, nem para dizer se eles representavam ou não ameaça à segurança nacional. O relatório recomendava ainda a continuidade das pesquisas, pois julgava que durante uma guerra “a rápida e convincente solução de tais ocorrências são necessárias para manter a moral da população civil e militar”.<sup>271</sup> Não havia qualquer menção a uma pesquisa em conjunto com a comunidade científica. Desde o início, essa parceria esteve fora de cogitação. Na visão dos militares, os discos voadores eram uma questão de segurança nacional.<sup>272</sup>

Nos primeiros meses de 1949 os militares que ainda defendiam a hipótese extraterrestre foram mandados de volta aos seus antigos cargos. Em seguida, o projeto *Sign* recebeu novos diretores. Para marcar a nova fase, foi rebatizado como *Grudge*. A nova equipe técnica militar

---

<sup>268</sup> RUPPELT, *op. cit.*, p. 51.

<sup>269</sup> Só depois de muitos anos o público soube que a hipótese extraterrestre havia sido seriamente cogitada, ainda que por um momento, pelos militares. Da porta pra fora a Força Aérea continuava fazendo malabarismos intelectuais para explicar absolutamente todas as ocorrências como confusões com fenômenos conhecidos.

<sup>270</sup> RUPPELT, *op. cit.*, p. 72-3.

<sup>271</sup> JACOBS, *op. cit.*, p. 48.

<sup>272</sup> Para David Jacobs, isso pode ter inibido pesquisas independentes conduzidas por cientistas norte-americanos. Ver: JACOBS, *op. cit.*, p. 49.

parecia obstinada a explicar absolutamente todas as observações, ainda que algumas de suas teorias fossem claramente forçadas. O objetivo era mostrar ao público que não havia nada de extraordinário no céu, que os discos voadores não passavam de fenômenos convencionais confundidos pelas testemunhas. A lógica era: se as pessoas deixarem de acreditar em discos voadores, os relatos também deixarão de existir. Seria tudo uma questão de crença.

Em maio de 1949, a Força Aérea norte-americana ajudou o jornal *The Saturday Evening Post* a publicar dois artigos desmoralizando os relatos de discos voadores. Através dessas matérias e de declarações públicas, os membros do *Grudge* esperavam que os relatos diminuíssem ou simplesmente cessassem. Um jornalista do *Post*, Sidney Shallett, teve livre acesso aos relatórios do *Grudge* e escreveu que a imensa maioria dos casos podia ser explicada por confusões com balões, planetas, aviões e fraudes. De acordo com Shallett, os militares tinham sido “forçados” a investigar os casos após receber um grande número de informes, mas não havia motivos para acreditar na existência dos discos voadores. No entanto, a estratégia da Força Aérea a princípio teve efeito inverso ao esperado: com a recolocação do assunto na mídia o número de casos aumentou.

Durante esses meses, a imprensa começou a romper o relativo silêncio que mantivera desde julho de 1947. Por um bom tempo os editores tinham deixado o assunto em estado de latência. Talvez por acreditarem que as conclusões das pesquisas militares trariam grandes novidades quando divulgadas.<sup>273</sup> Os artigos do *Post*, no entanto, foram uma ducha de água fria nessas esperanças. Diante disso, alguns jornalistas passaram a fazer investigações independentes. Na sua visão, algumas peças do quebra-cabeça simplesmente não se encaixavam. Quando um jornalista ia entrevistar uma testemunha, por exemplo, logo ficava sabendo que agentes militares já tinham estado ali e recolhido o depoimento.<sup>274</sup> Se a Força Aérea acreditava que os discos voadores eram uma bobagem, por que recolhia dados em todo território nacional? O que estaria por trás de tantas pesquisas? “Nada excita mais um repórter (...) do que pensar que encontrou uma notícia sensacional e que alguém está tentando despistá-lo” comentou Edward Ruppelt.<sup>275</sup>

---

<sup>273</sup> RUPPELT, *op. cit.*, p. 53

<sup>274</sup> PEEBLES, *op. cit.*, p. 19

<sup>275</sup> RUPPELT, *op. cit.*, p. 58

## 2.1 \_ O HOMEM DOS EXTRATERRESTRES

Foi nesse contexto que apareceu Donald Keyhoe (1897-1988). Ele havia se graduado na Academia Naval de Annapolis, mas depois de um acidente aéreo fora aposentado em 1923. Desde então, passara a trabalhar como escritor free-lance em revistas de aviação e *pulp magazines*. Nelas, publicou contos de aventura, ficção científica, conspiração e espionagem. As *pulp magazines*, porém, entraram em declínio após a Segunda Guerra Mundial e Keyhoe começou a se preocupar com sua saúde financeira.<sup>276</sup>

Alguns dias após a publicação dos artigos encomendados pela Força Aérea ao *The Saturday Evening Post*, Keyhoe recebeu um telegrama do editor da revista *True*, Ken Purdy. Era um convite para uma estranha pauta. Na mensagem, Purdy dizia-se desconfiado de que o Estado norte-americano escondia um segredo por trás das negativas sobre discos voadores. “Parece uma história espantosa”, escreveu.<sup>277</sup> Para Purdy, os bons contatos que Donald Keyhoe mantinha nos meios militares podiam ser decisivos na elucidação do problema.<sup>278</sup> Na primeira reunião entre editor e jornalista foram aventadas duas possibilidades: armas secretas norte-americanas e mísseis soviéticos. No encontro seguinte a possibilidade extraterrestre foi acrescentada. Naquele contexto, essa terceira teoria podia ser considerada um tanto exótica, mas não era totalmente desconhecida do grande público.<sup>279</sup>

Durante toda segunda metade de 1949, Donald Keyhoe cruzou os Estados Unidos em busca de informações para a matéria encomendada pela revista *True*. Tentou entrevistar diversas autoridades militares, inclusive seus amigos, mas deu com a cara na porta repetidas vezes. Isso só fez aumentar sua crença inicial de que havia um grande segredo sendo acobertado. Para Edward Ruppelt, no entanto,

---

<sup>276</sup> PEEBLES, *op. cit.*, p. 43-4

<sup>277</sup> PEEBLES, *op. cit.*, p. 43

<sup>278</sup> SWORDS, Michael. *Donald E. Keyhoe and the Pentagon*. IN EVANS, Hilary e STACY, Dennis (org.), **UFOs 1947-1997 From Arnold to the abductees: fifty years of flying saucers**, Londres, Inglaterra, 1997, p. 86.

<sup>279</sup> Enquanto a grande mídia se manteve em relativo silêncio sobre os discos voadores, Raymond Palmer, o homem do mistério Shaver, continuava veiculando histórias sobre misteriosas naves na sua recém-criada revista *Fate* (Ver PEEBLES, *op. cit.*, p. 28). Por muitos anos, ele alimentou os consumidores norte-americanos de revistas baratas de ficção científica com contos sobre visitas interplanetárias (ver RUPPELT, *op. cit.*, p. 100). Ver também KEEL, John A. **O homem que inventou os discos voadores**. Tradução de Kentaro Mori. Disponível em <http://www.ceticismoaberto.com/ufologia/shaver.htm>. Acesso em 2/2/2009.

A Força Aérea (...) não estava tentando encobrir os fatos; apenas não desejava Keyhoe ou quaisquer outros discófilos ao seu redor. Não desejava aborrecer-se, não acreditava em discos voadores e não concebia que alguém pudesse acreditar.<sup>280</sup>

Ao final, Keyhoe não conseguiu nenhuma declaração realmente impactante. Entrevistou apenas algumas testemunhas e fontes militares que, em sua maioria, não quiseram se identificar. Sem muitas informações confiáveis, Keyhoe precisou abusar da imaginação para escrever seu artigo. Ele preencheu muitas lacunas a respeito do comportamento da Força Aérea com suas próprias suposições.<sup>281</sup> Acreditava, por exemplo, que os militares queriam que seu texto fosse publicado para testar a receptividade do público à idéia de visitantes alienígenas. Era, como se sabe, algo bastante distante da realidade.<sup>282</sup>

A versão final do artigo de Keyhoe pode ser considerada o texto fundador da moderna ufologia. Nela, o autor defende que os discos voadores são extraterrestres e nos visitam há centenas de anos. “Eles”, porém, teriam intensificado suas visitas após as primeiras explosões de bombas atômicas. O governo dos Estados Unidos saberia disso tudo, mas não divulgaria abertamente a verdade para evitar pânico semelhante ao provocado pelo programa de Orson Welles em 1938. Uma mentira saudável. No entanto, uma mentira. Diante disso, caberia a Keyhoe, como amante da verdade, divulgar a todos a realidade a ser encarada.<sup>283</sup>

---

<sup>280</sup> RUPPELT, *op. cit.*, p. 100.

<sup>281</sup> JACOBS, *op. cit.*, p. 57

<sup>282</sup> PEEBLES, *op. cit.*, p. 48.

<sup>283</sup> Como se pode perceber, esse tipo de discurso, que cria, muitas vezes artificialmente, uma luta entre verdade e acobertamento, mocinho e bandido, acompanha até hoje as idéias ufológicas.



**Imagem 14 – Donald Keyhoe (1897-1988), escritor free-lance norte-americano.<sup>284</sup>**

Com o título *Os discos voadores são reais* o artigo de Donald Keyhoe chegou aos lares norte-americanos nos últimos dias de 1949. Nas palavras de Edward Ruppelt, “atingiu o público leitor como uma granada de 200 milímetros”.<sup>285</sup> Keyhoe sabia muito bem “como embalar uma idéia para o consumo do público de maneira atraente”.<sup>286</sup> Mesmo sem informações muito confiáveis, a matéria capturou a imaginação de muitos e passou a ser comentada por um grande número de programas de rádio e televisão. Pela primeira vez, a hipótese extraterrestre era amplamente discutida nos principais veículos de comunicação dos Estados Unidos.

Para o historiador Curtis Peebles, porém, Donald Keyhoe tinha métodos bastante questionáveis. Ele confiava em informações de oficiais que provavelmente nada sabiam além de relatos de jornais e fofocas de aeroporto.<sup>287</sup> O astrônomo norte-americano Steven J. Dick também criticou a ausência de procedimentos científicos nos seus trabalhos:

---

<sup>284</sup> Referência: KEYHOE, Donald. *Não zombem dos discos voadores! Aconteceu*. Rio Gráfica e Editora LTDA, Rio de Janeiro, ano VIII, n° 94, setembro 1961, p. 7.

<sup>285</sup> RUPPELT, *op. cit.*, p. 99

<sup>286</sup> “Although Keyhoe was not a journalist, as a former chief of information at the Department of Commerce, he knew what media exposure meant and know how to package an idea successfully for public consumption. Keyhoe became interested in the UFO question in 1949, and after receiving little cooperation from the military, he surmised that the flying saucer really were from outer space. This he made the thesis of a 1950 article, “The Flying Saucers Are Real”, which, when explained into several books, made Keyhoe the chief early exponent of the extraterrestrial hypothesis”. DICK, *op. cit.*, p. 144.

<sup>287</sup> PEEBLES, *op. cit.*, p. 46

(...) Keyhoe era particularmente seletivo nos argumentos para sua hipótese. Pesquisas recentes sobre a abundância de sistemas planetários eram justapostas com a idéia de Lowell sobre uma civilização em Marte, uma idéia rejeitada pela maioria dos cientistas há mais de 40 anos. Além disso, Keyhoe tendia a explicar todo mistério pela hipótese extraterrestre. Sinais de rádio de origem desconhecida podiam ser atribuídos a faróis de navegação de extraterrestres. Estas explicações revelam o maior defeito de Keyhoe: (...) ele mostra ter pouca idéia do que é constituída a boa evidência científica ou de como fazer inferências científicas corretas a partir das evidências. O público, infelizmente, também não tinha essas noções.<sup>288</sup>

Se faltou a Donald Keyhoe conhecimentos científicos, sobrou-lhe imaginação para associar discos voadores a naves de outros planetas. De fato, a idéia não totalmente original. Bebia no imaginário a respeito de viagens espaciais que estava ganhando forte impulso naqueles anos com o avanço da astronáutica. Durante a Segunda Guerra Mundial, a tecnologia dos foguetes foi bastante desenvolvida com os V-2, mísseis balísticos alemães que chegavam a atingir 80 quilômetros de altitude a uma velocidade supersônica. Eles foram os primeiros objetos terrestres a se aproximarem do limite do espaço exterior.<sup>289</sup> Embora os V-2 não tenham alterado significativamente os rumos da guerra, sua invenção revolucionou a exploração espacial. A partir dessa tecnologia, norte-americanos e soviéticos passaram a desenvolver foguetes para testes militares e científicos. Em 1947, pequenos animais já eram lançados para fora da atmosfera em experiências. Em fevereiro de 1949, o foguete norte-americano *V-2/WAC Corporal* bateu um recorde ao atingir a altitude de quase 400 quilômetros. “O vôo na estratosfera e o vôo foguete já estão vindo. São a maravilha dos nossos dias. Quando se observam os estupendos progressos realizados pela ciência no decurso deste século, todas as maravilhas são permitidas” escreveu um comentarista brasileiro no início dos anos 1950.<sup>290</sup>

---

<sup>288</sup> “Keyhoe was peculiarly selective in his arguments for his hypothesis. Recent research on the abundance of planetary systems was juxtaposed with Lowell’s idea of a Martian civilization, an idea rejected by most scientists for more than 40 years. Moreover, Keyhoe tended to explain anything mysterious by the extraterrestrial hypothesis. Radio signals of unknown origin might be attributable to navigation beacons by spacefaring aliens. Such explanation reveal Keyhoe’s major weakness: throughout his book he had little idea of what constituted good scientific evidence or how to make sound scientific inferences from the evidence. Neither, unfortunately, did the public.” DICK, *op. cit.*, p. 144.

<sup>289</sup> SMITH, *op. cit.*, p. 311.

<sup>290</sup> BARATA, Aluízio. *Os marcianos com o pé na Terra. Diário da Noite*. Rio de Janeiro, 17/5/1952, edição única, p. 1. (BN)

O progresso tecnológico da época abriu um grande precedente em termos de imaginário. Afinal, se os humanos podiam agora sonhar com as viagens espaciais, não era difícil pensar que seres de outros planetas já possuíam tal tecnologia. Mesmo no Brasil, um país sem tradição em pesquisas espaciais, havia grande expectativa em relação às viagens para fora do planeta. Um artigo publicado pela revista *O Cruzeiro* em 1948 anunciava:

(...) a viagem à Lua já não é mais um sonho como nos tempos de Júlio Verne. Dia virá em que os aeronautas cederão lugar aos astronautas, e ao invés de aterrissagens teremos “alunissagens” fabulosas em foguetes semelhantes aos de Flash Gordon.<sup>291</sup>

Em 1949, o *Anuário Brasileiro de Imprensa* fez uma pesquisa de opinião com leitores paulistanos. A idéia era apresentar uma lista de títulos de notícias e saber quais as pessoas preferiam ler. Quarenta e quatro por cento dos entrevistados afirmaram ter interesse em ler uma matéria cujo título fosse: “Prontos os planos para uma viagem à Lua”. De todas as opções elencadas, essa foi o que mais chamou a atenção do público masculino.<sup>292</sup>

Esses sonhos de viagens interplanetárias e foguetes semelhantes aos de Flash Gordon eram reforçados pela velocidade do avanço científico. Em 1945, um comentarista já havia observado que: “(...) a vida está se tornando cada vez mais semelhante a uma história de ficção científica, e a chegada na Terra de marcianos de seis pernas com raios da morte talvez já fosse matéria de primeira página”.<sup>293</sup> DeWayne B. Johnson, autor do primeiro trabalho acadêmico sobre discos voadores,<sup>294</sup> notou que dois fatores permitiam a crença na sua existência: a idéia de

---

<sup>291</sup> BANDEIRA de Mello, F.A.. *Iremos à Lua brevemente*. In **O Cruzeiro**. Rio de Janeiro, 24 de julho de 1948, no. 40, ano XX (BMA)

<sup>292</sup> PENTEADO, Auricélio. *Pequeno Ensaio sobre a aplicação das pesquisas de opinião a seleção de matéria noticiosa e redacional dos jornais*. **Anuário brasileiro de imprensa**. Revista Publicidade e Negócios. Rio de Janeiro, outubro de 1949, p. 154-160. (ABI)

<sup>293</sup> SMITH, *op. cit.*, p. 400.

<sup>294</sup> A dissertação de mestrado foi defendida no departamento de jornalismo da University of Califórnia (UCLA) em Los Angeles em 1950. Embora não seja propriamente um trabalho historiográfico, o autor reconstituiu com bastante cuidado as discussões daqueles primeiros anos. Curiosamente, a obra ficou esquecida por quase cinquenta anos até que, nos anos 1990, o pesquisador de mistérios Kenn Thomas o descobriu numa biblioteca da UCLA. A dissertação foi publicada em 1998 com o enganoso título *Flying saucer over Los Angeles*. Essa edição, porém, saiu sem autorização do autor e com muitos erros e alterações visuais importantes. Dewayne B. Johnson ainda estava vivo e, quando soube da obra, processou Kenn Thomas e a editora Adventures Unlimited Press. Ambos foram obrigados a pagar uma indenização pelos danos causados a Johnson, além de pararem de vender os livros e reverterem todas as cópias não vendidas ao autor.

que a ciência poderia produzir qualquer coisa e a Guerra Fria, uma situação na qual tudo parecia possível.<sup>295</sup> A esse respeito, um jornalista brasileiro comentou em 1952:

Para a nossa geração, a única coisa de fato surpreendente que poderia acontecer seria o estabelecimento de comunicações interplanetárias. E quando encaramos esta hipótese à luz das surpresas de que nossa época tem sido tão fértil, ela acaba por se desenhar, se meditarmos um pouco, como uma coisa perfeitamente natural.<sup>296</sup>

O planeta preferido de romances e filmes da época era, sem dúvida, Marte. Essa idéia, no entanto, tinha mais a ver com a ficção do que com a astronomia, já que o *mainstream* científico do período não acreditava na possibilidade de vida inteligente no planeta vermelho. Para os astrônomos, caso existisse vida ali, ela provavelmente estaria restrita a pequenos organismos, como musgos e líquens.<sup>297</sup> Além disso, os marcianos teriam que possuir uma tecnologia excepcional e cruzar uma incrível distância.<sup>298</sup> Enfim, para a ciência a hipótese marciana era, no mínimo, improvável.

No entanto, a mídia ignorou isso quase por completo. Marte foi de longe o planeta mais popular dos anos 1950. A paixão pelo planeta vermelho só arrefeceu em 1965, quando a sonda norte-americana *Mariner 4* fotografou-o a apenas 10 quilômetros de sua superfície. As imagens e os dados mostraram um cenário desolador: atmosfera de dióxido de carbono, temperaturas baixíssimas e ausência de camada protetora contra raios cósmicos que ameaçam a vida. Não havia nenhum sinal de canais ou civilizações avançadas sobrevivendo em ambiente tão hostil. Nem o mais pessimista dos astrônomos pensou em encontrar cenário tão adverso. Marte, que muitos acreditavam ser semelhante a Terra, é mais parecido com a Lua. Obviamente, ninguém sabia disso quando Donald Keyhoe publicou seu artigo em 1950.

<sup>295</sup> JOHNSON, Dewayne B. and Thomas, Kenn. **Flying Saucers Over Los Angeles**. Adventures Unlimited Press, Kempton, Illinois, 1998, p. 186.

<sup>296</sup> LEITE FILHO, Barreto. *Política mundial e interplanetária*. **Revista O Jornal**, Rio de Janeiro, 18/5/1952, p. 1 e 7. (BN)

<sup>297</sup> Referência: LOBO, Ary Maurell. *Várias hipóteses sobre os misteriosos discos voadores*, in **Ciência Popular**, Rio de Janeiro, julho 1950, nº. 22, p. 35-8 (AESP). É possível encontrar notícias de cientistas que teriam comprovado a existência de vegetação em Marte. Ver: *Um astrônomo russo descobriu vegetação em Marte*. **O Estado de São Paulo**. São Paulo, 9/4/50, p. 2. (AEL), NOVO satélite do planeta Urano. **Jornal do Commercio**, Rio de Janeiro, 10 mar. 1948. p. 2, GAZETILHA. **Folha da Manhã**, São Paulo, 14 mar. 1948. p. 6.

<sup>298</sup> A. G. S. . *Os discos voadores*. Coluna Nota científica. **A Manhã**. Rio de Janeiro, 22/3/1950, p. 2. (BN)

## 2.2 \_ A ERA DA CONFUSÃO

A repercussão da matéria de Keyhoe jogou os membros do projeto *Grudge* contra as cordas: os discos voadores voltaram à mídia com mais força do que nunca. Dias depois, o projeto militar foi oficialmente dissolvido. Acreditava-se que a simples existência de um grupo oficial dedicado aos discos voadores encorajava as pessoas a acreditar neles.<sup>299</sup> Em seguida, a Força Aérea disponibilizou um relatório completo a respeito das atividades do *Grudge*. Os jornalistas que leram o documento rapidamente notaram que a comissão costumava utilizar teorias forçadas ou meras especulações para explicar alguns casos. Em um deles, por exemplo, os investigadores concluíram que um piloto militar havia visto um balão, mesmo depois de um especialista em balões ter negado enfaticamente tal possibilidade.<sup>300</sup> Mais uma vez a imprensa estava diante de indícios de que os militares tentavam esconder a verdade. “Uma vez mais, ao invés de esfriar o problema (...), a Força Aérea havia provocado mais confusão” afirmou Ruppelt.<sup>301</sup>

Dois meses depois, outro artigo da revista *Fate* alcançou enorme repercussão. No texto, o comandante da Marinha R. B. McLaughlin contava que ele e seus homens, entre eles vários técnicos e cientistas, tinham observado diversos fenômenos aéreos desconhecidos no campo de provas de White Sands, estado do Novo México. McLaughlin defendeu que os discos voadores existiam e eram extraterrestres.

Dali por diante, a polêmica só aumentou. No final de março de 1950, o jornalista norte-americano Henry J. Taylor declarou que os discos voadores eram aparelhos secretos lançados pela Marinha levando a bordo instrumentos registradores de raios cósmicos.<sup>302</sup> As Forças Armadas desmentiram as afirmações, “declarando não ter a mínima idéia daquilo a que ele [Taylor] se referiu”.<sup>303</sup> Em seguida, a revista *U.S. News and World Report* afirmou que os estranhos objetos voadores eram um avião experimental da Marinha, chamado XF5U-1, que tinha forma parecida com um disco. A Marinha confirmou ter feito testes com protótipos do

---

<sup>299</sup> JACOBS, *op. cit.*, p. 54

<sup>300</sup> RUPPELT, *op. cit.*, p. 104

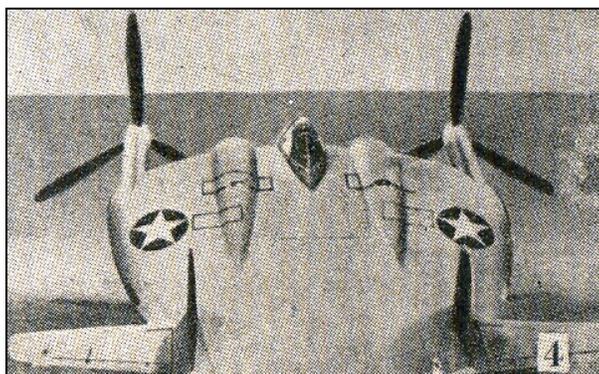
<sup>301</sup> RUPPELT, *op. cit.*, p. 101.

<sup>302</sup> *Mais teorias sobre os “Discos Voadores”*. **O Estado de São Paulo**. São Paulo, 12/4/50, p. 2. (AEL)

RUPPELT, *op. cit.*, p. 116.

<sup>303</sup> *Novas hipóteses sobre os “discos voadores”*. **O Estado de São Paulo**. São Paulo, 29/3/50, p. 18. (AEL)

avião, mas disse que eles não tinham sido utilizados recentemente.<sup>304</sup> O desenvolvimento desse modelo, chamado jocosamente de “panqueca voadora”, havia sido cancelado em 1947.



Imagens 15 e 16 - O protótipo da “Panqueca Voadora”, o Vought V-173 (acima).<sup>305</sup>  
 Imagem 17– A “Panqueca Voadora”, o XF5U-1 (abaixo).<sup>306</sup>

De acordo com Edward Ruppelt, nesse momento “a confusão invadia todas as camadas da opinião pública, e a expressão “disco voador” passou a ser usada por todos os repórteres comentaristas de rádio e de TV, comediantes e homens da rua”.<sup>307</sup> Diante disso, a Força Aérea norte-americana colocou-se na defensiva, julgando que as discussões e casos eram apenas “um punhado de insensatez”.<sup>308</sup> Uma nota da agência de notícias United Press (UP) publicada no Brasil em março de 1950 ilustra bem a situação. Ela informa:

<sup>304</sup> *Os discos seriam aviões reais. A Noite*. Rio de Janeiro, 4/4/1950, p. 8 e 14. (BN)

<sup>305</sup> Crédito da foto site *Ceticismo Aberto*. Disponível em :

[http://www.ceticismoaberto.com/ufologia/kottmeyer\\_1947.htm](http://www.ceticismoaberto.com/ufologia/kottmeyer_1947.htm) . Acesso 11/1/2009.

<sup>306</sup> Retirada de LOBO, Ary Maurell, *Várias hipóteses sobre os misteriosos discos voadores* IN **Ciência Popular**, julho 1950, p. 38 (AESP)

<sup>307</sup> RUPPELT, op. cit., p. 116

<sup>308</sup> RUPPELT, op. cit., p. 123

A Força Aérea repete, diariamente, sua inequívoca declaração de que os “discos voadores” de algum outro planeta não existem, senão em imaginação. Mas o público não faz caso disso e continuam chegando notícias de novas incursões.(...) <sup>309</sup>

Os jornais brasileiros da época publicaram muitas notas parecidas com essa. A omissão da Força Aérea era considerada inaceitável e, mais do que isso, suspeita. Ela causava desconfiança, como mostra o trecho abaixo:

WASHINGTON, 18 (U.P.) – A Força Aérea dos Estados Unidos diz que, a despeito das notícias em contrário, continua a acreditar que não existem os tais discos voadores. Um porta-voz da Força Aérea informou que os funcionários técnicos e do Serviço Secreto não deixaram impressionar pelas últimas notícias em torno dos discos voadores. O porta-voz negou categoricamente que a Força Aérea estivesse desmentindo a existência dos discos voadores a fim de encobrir suas próprias experiências. <sup>310</sup>

A despeito das negativas militares, o tema continuou ganhando espaço na mídia norte-americana até maio de 1950, quando atingiu seu clímax. <sup>311</sup> O entusiasmo dos jornais só cessou em junho quando a Coréia do Norte invadiu a Coréia do Sul dando início à Guerra da Coréia (1950-1953). A partir daí, os conflitos reais naturalmente passaram a dominar o noticiário.

## 2.3 \_ IMAGINÁRIO EM MUTAÇÃO

Em meio à polêmica que varreu os Estados Unidos nos primeiros meses de 1950, uma importante pesquisa de opinião foi realizada. Em maio daquele ano, o instituto Gallup perguntou aos norte-americanos “O que você acha que esses discos voadores são?”. Eis as respostas:

<sup>309</sup> *A trezentos metros do disco voador. A Manhã.* Rio de Janeiro, 16/3/1950, p. 8 (BN)

<sup>310</sup> “Discos voadores” sobrevoam Montevideú. *A Manhã.* Rio de Janeiro, 19/3/1950, p. 1 e 2 (BN).

<sup>311</sup> RUPPELT, *op. cit.*, p. 123.

**TABELA 4 – Pesquisa Gallup maio 1950.<sup>312</sup>**

Não sabe	32%
Experimentos do Exército ou da Marinha, novas armas, segredos militares	23%
Ilusão de ótica, devaneio, fraude, etc.	16%
Algum tipo de novo avião	6%
Não existe	6%
Não ouviu falar deles	6%
Cometas, meteoros, algo de outro planeta	5%
Coisas variadas	3%
Armas russas, algo da Rússia	3%
Aparelhos meteorológicos	1%

Esses números são importantes, pois podemos compará-los com a pesquisa de opinião anterior, realizada em agosto de 1947. Em primeiro lugar, nota-se que o número de norte-americanos que afirmava não saber o que eram os discos manteve-se praticamente inalterado – cerca de um terço.<sup>313</sup> No entanto, é possível perceber mudanças consideráveis, por exemplo, no número de pessoas que acreditava que os discos voadores eram armas norte-americanas ou soviéticas. Em 1947 eram apenas 16% (15% armas norte-americanas e 1% russas), subindo para 26% em 1950 (23% norte-americanas e 3% russas). Outro dado importante é a diminuição da quantidade de pessoas que acreditavam que o fenômeno era resultado de algum tipo de confusão, como ilusão de ótica ou fraude. A porcentagem caiu de 39% em 1947 (29% + 10%) para apenas 16% em 1950. Como se vê, depois de três anos de intensa discussão e muitos relatos, o número de pessoas céticas diminuiu. A passagem do tempo e a acumulação dos rumores aparentemente favoreceram a ampliação da crença na existência dos discos voadores. É isso, pelo menos, que se pode depreender do trecho de uma notícia publicada no jornal carioca *A Noite* em 1950:

Embora haja certa analogia entre os relatos sobre os “discos voadores” e as clássicas narrativas a respeito de monstros marinhos ou cobras grandes fluviais

<sup>312</sup> DURRANT, Robert. *Public opinion polls and UFOs* in EVANS, Hilary e STACY, Dennis (org.), **UFOs 1947-1997 From Arnold to the abductees: fifty years of flying saucers**, Londres, Inglaterra, 1997, p. 233.

<sup>313</sup> Vale ressaltar que não possuímos informações mais detalhadas a respeito dessas duas pesquisas de opinião do instituto Gallup, como número de entrevistados, metodologia etc. Por isso, é difícil assegurar com total certeza que elas são realmente representativas das opiniões da população norte-americanas nos dois momentos, agosto de 1947 e de maio de 1950. Ainda assim, esses são os únicos dados quantitativos disponíveis para o período analisado, o que por si já os torna relevantes para nossa análise.

divisados por marinheiros e roceiros, a constância do registro atual de informações parece indicar a possibilidade de uma explicação de uma realidade por detrás das observações porventura imperfeitas ou imprecisas.<sup>314</sup>

Essa nova pesquisa Gallup de opinião, no entanto, tinha problemas. Utilizou, por exemplo, uma categoria, no mínimo, infeliz: “cometas, meteoros, algo de outro planeta”. A que se refere essa expressão “algo de outro planeta”? A algo inteligente ou a qualquer objeto sideral? Diante de termos tão imprecisos, fica difícil definir. No entanto, não deixa de ser surpreendente que tão pouca gente tenha citado visitantes de outros planetas, já que nos meses anteriores houve grande exposição dessa teoria.<sup>315</sup> Por que a hipótese extraterrestre não pareceu tão interessante naquele instante? Estariam as pessoas naquele momento tão preocupadas com os conflitos da Guerra Fria que sequer cogitaram possibilidades, digamos, transcendentais, como a alienígena? De fato, é difícil, talvez impossível, responder a essas questões com segurança.

A vantagem dessa nova pesquisa de opinião é que ela, junto com a análise histórica, permite vislumbrar três grandes mudanças no imaginário norte-americano sobre discos voadores. Em primeiro lugar, a discussão parece ter sofrido um pequeno, mas significativo deslocamento. Se antes (1947) a principal dúvida era “existem discos voadores?”, agora (1950) parece ser “o que são os tais discos?”. O próprio instituto Gallup comentou em 1950: “tem havido persistentes boatos de que algo está por trás das curiosas visões aéreas que tantas pessoas alegam ter visto”.<sup>316</sup> O ceticismo havia retrocedido um pouco. Podem ter colaborado para isso a acumulação dos rumores, a continuidade dos relatos com testemunhas consideradas confiáveis e a ineficiência da Força Aérea norte-americana em demonstrar a inexistência do fenômeno.

Outro ponto muito importante e perceptível nas pesquisas de opinião foi o aumento da preocupação das pessoas em relação aos discos voadores como armas secretas das duas superpotências. Para compreender isso, devemos lembrar que a situação política internacional havia piorado consideravelmente desde a declaração da Doutrina Truman em 1947. Em

---

<sup>314</sup> *O segredo do fenômeno dos “discos voadores”*. **A Noite**. Rio de Janeiro, 20/3/1950, p. 1 e 3. (BN)

<sup>315</sup> DURRANT, Robert. *op. cit*, p. 233.

<sup>316</sup> Idem.

fevereiro de 1948, Stalin ajudou os comunistas tchecoslovacos a tomarem o poder naquele país. Em julho de 1948 estourou a primeira grande crise diplomática entre as superpotências, quando a União Soviética impôs bloqueio por terra a Berlim. O impasse durou onze meses. Em abril de 1949, os países do lado capitalistas criaram a OTAN (Organização dos Tratados do Atlântico Norte), uma aliança militar para fazer frente ao mundo vermelho. Mas a notícia mais preocupante veio em agosto de 1949, quando os soviéticos explodiram sua primeira bomba atômica. Foi um choque para os norte-americanos. A guerra nuclear estava se tornando uma possibilidade real. Em represália, Harry Truman anunciou em janeiro de 1950 o programa norte-americano para produzir a bomba de hidrogênio que possuía poder de destruição mil vezes maior do que a de Hiroshima. O mundo seguia em direção ao abismo. A “década do fim do mundo”, numa expressão de P. D. Smith, tinha começado.<sup>317</sup>

A terceira mudança no imaginário não está evidenciada em nenhuma pesquisa de opinião, mas também pode ter sido relevante. Trata-se do clima de conspiração e suspeita existente nos Estados Unidos naquele período. Não era apenas Keyhoe que suspeitava que a verdade estava sendo escondida. Por todo Estados Unidos florescia a desconfiança. Com o acirramento da Guerra Fria a partir de 1947, o anticomunismo norte-americano aflorou com muita força. Acreditava-se que os comunistas poderiam estar infiltrados em qualquer setor da sociedade, sabotando, roubando segredos e planejando greves para prejudicar a economia. Uma onda de paranóia e denúncias varreu o país e arruinou a carreira de políticos, funcionários públicos, cientistas, artistas e outros profissionais. A situação ficou ainda pior no final da década quando algumas pessoas como Alger Hiss, Judith Coplon, Harry Gold e o casal Rosenberg foram julgadas e condenadas por espionagem. A partir do ano de 1950 a influência do senador Joseph Macarthy e de sua luta anticomunista começaram a crescer vertiginosamente.<sup>318</sup> Até 1954, Macarthy liderou um processo conhecido “caça às bruxas”.

O pesquisador Curtis Peebles notou com perspicácia que “o mito do disco voador foi definido sob um fundo de conspiração, medo e espionagem”.<sup>319</sup> De fato, parece razoável supor que as principais idéias envolvendo a teoria extraterrestre tenham sido francamente influenciadas pelo clima de desconfiança em relação a tudo e a todos que pairava no ar dos

---

<sup>317</sup> SMITH, *op. cit.*, p. 369.

<sup>318</sup> VALIM, Alexandre Busko. **Imagens vigiadas: uma História Social do cinema no alvorecer da Guerra Fria, 1945-1954.** Tese de Doutorado em História, Rio de Janeiro, Universidade Federal Fluminense, 2006, p. 122.

<sup>319</sup> PEEBLES, *op. cit.*, p. 54

Estados Unidos. Cabe aos historiadores norte-americanos, no entanto, dizer se a luta ufológica pelo direito à informação contra um Estado pintado quase como totalitário representava uma reação às constantes ameaças feitas à liberdade individual nos Estados Unidos do começo dos anos 1950. Estariam as acusações de Keyhoe inseridas num contexto maior de resistência a um Estado que permitia cada vez mais escutas telefônicas ilegais, mentiras e perseguições? Ao contrário do macarthismo, nas teorias ufológicas é a população quem duvida da sinceridade dos homens de Estado.

## 2.4 \_ A SEGUNDA ONDA BRASILEIRA

Após julho de 1947, os discos voadores continuaram aparecendo em pequenas notas veiculadas esparsamente na imprensa brasileira. Em agosto de 1949, por exemplo, a revista *Ciência Popular* veiculou na seção de “Perguntas e respostas” a seguinte questão: “Os discos voadores são armas aéreas de nações terrestres, ou são disparados por habitantes doutros planetas contra a Terra?”. Para a publicação, ninguém naquele momento tinha a resposta. Sabia-se que provavelmente não eram armas secretas soviéticas e que muitos casos envolviam confusões com fenômenos corriqueiros e fraudes. Cogitou-se a possibilidade interplanetária, mas, segundo a revista, a enorme distância entre os planetas explicava porque “os cientistas não crêem que os “discos” possam ter vindo de outro mundo”.<sup>320</sup> Meses depois, Ary Maurell Lobo, diretor geral da revista, comentou que foi procurado por gente que dizia ter visto um disco voador no Rio de Janeiro, o qual, segundo as testemunhas, deixou “a impressão de um aparelho interplanetário em vôo de reconhecimento sobre a Terra”.<sup>321</sup> Maurell Lobo reafirmou que não se sabia o que eram ou mesmo se existiam tais objetos.

Em março de 1950, porém, os discos voadores retornaram com força à imprensa brasileira. Logo nos primeiros dias do mês, começaram a aparecer esparsamente pequenas notas de agências de notícias internacionais a respeito de casos ocorridos no México, país que vivia grande onda.<sup>322</sup> Também ganharam destaque ocorrências norte-americanas. Poucos dias depois,

---

<sup>320</sup> *Os discos voadores são armas aéreas de nações terrestres, ou são disparados pelos habitantes doutros planetas contra a Terra?*. **Ciência Popular**, Rio de Janeiro, agosto 1949, nº. 11, p. 12 (AESP)

<sup>321</sup> *Cartas ao Diretor Geral*. **Ciência Popular**, Rio de Janeiro, fevereiro 1950, nº. 17, p. 33 (AESP)

<sup>322</sup> Nos primeiros vinte dias de março de 1950, houve no México pelo menos 50 ocorrências diferentes. Uma nota publicada no Brasil sobre a situação naquele país comentava que “a celeuma começou quando um jornal local

relatos de observações de discos voadores em todas as partes do Brasil começaram a aparecer. Uma notícia da época comentava:

Entre nós, dado, principalmente, ao noticiário que as agências telegráficas do exterior semeiam pelos jornais e revistas, a crença dos “discos voadores” vai ganhando corpo na opinião pública, surgindo, então, os mais descontraídos comentários a respeito. Em diversos Estados da União, conforme os leitores têm visto nos noticiários dos jornais, o aparecimento dos “discos voadores” tem causado verdadeiro reboiço nas populações do interior (...).<sup>323</sup>

Para analisarmos esse processo, elegemos seis jornais, três matutinos e três vespertinos, sendo dois da cidade do Rio de Janeiro e quatro de São Paulo. Foram lidos os diários cariocas *A Manhã* e *A Noite* e os paulistanos *Folha da Noite*, *Folha da Manhã*, *A Noite* e *O Estado de São Paulo*.<sup>324</sup>

Os discos voadores foram um dos assuntos mais comentados do mês de março de 1950.<sup>325</sup> Como na onda de 1947, manteve-se a tendência de maior veiculação de notícias entre os vespertinos, com destaque para as versões carioca e paulista do jornal *A Noite*, que novamente foram os jornais que mais publicaram a respeito.<sup>326</sup> O caso de *A Manhã* foi o mais

publicou uma série de artigos a respeito desse suposto fenômeno, antes publicada pela revista “True”. Ver: *Fotografado o “pires voador”*. **A Manhã**. Rio de Janeiro, 12/3/1950, p. 6 (BN). Boa parte dos casos mexicanos, no entanto, estava provavelmente relacionada a testes com balões meteorológicos feitos lançados pela FAM (Força Aérea Mexicana) e por universidades locais. Ver RUIZ NOGUEZ, Luis. **La “oleada” de 1950 em México**. (texto inédito) e RUIZ. México. **Década del 50**. (texto inédito).

<sup>323</sup> *Reboiço na Avenida Rio Branco. Visão de um “disco voador”*. **A Manhã**. Rio de Janeiro, 30/3/1950, p. 1 e 13 (BN)

<sup>324</sup> Como se pode notar, alteramos alguns periódicos analisados nessa onda de casos (março de 1950). Na onda de 1947, foram nove diários pesquisados. Dessa vez, elegemos apenas seis. Essa diminuição deve-se principalmente à falta de tempo para conclusão de um trabalho tão amplo. Outra alteração importante foi a substituição dos jornais cariocas *O Globo*, *Diário de Notícias* e *Correio da Manhã* pelo diário *A Manhã*. Essa mudança tem a ver com o fato de *A Manhã* ser talvez o único periódico da época a possuir um suplemento mensal totalmente dedicado à ciência (*Ciência para Todos*). Isso teoricamente aumentaria nossas chances de encontrar momentos de atuação da comunidade científica em relação aos discos voadores. Sobre o suplemento científico publicado em *A Manhã*, ver: ESTEVES, Bernardo. **Domingo é dia de ciência**. Rio de Janeiro, Azougue Editorial, 2006. A propósito, em e-mails trocados com Bernardo Esteves entre março e abril de 2007, ele disse não se lembrar de qualquer referência a discos voadores no suplemento *Ciência para Todos*.

<sup>325</sup> No total, os seis periódicos pesquisados veicularam pelo menos 127 notícias durante todo o mês de março. Esse número que mostra que o interesse da imprensa nesse momento foi maior do que em julho de 1947. Naquela onda, foram encontradas 116 notícias nos nove periódicos pesquisados. No entanto, em março de 1950 os discos voadores tiveram menos destaques na primeira página.

<sup>326</sup> Número de notícias sobre discos voadores publicados durante todo mês de março de 1950: *A Noite*-SP 28, *A Manhã* 24, *O Estado de S. Paulo* 19, *Folha da Manhã* 10, *Folha da Noite* 10, *Folha da Manhã* 9.

curioso. Sexto diário carioca em circulação,<sup>327</sup> esse matutino teve abordagem bastante sensacionalista e foi pouco seletivo em relação ao que veiculava.<sup>328</sup>

**NÃO HAVERÁ MAIS PROCESSO DE URGENCIA NAS PAUTAS DA C. C. P.**  
**OFENSIVA NACIONALISTA NA CHINA**

**“DISCOS VOADORES” SOBREVOM MONTEVIDEO**

**A MANHÃ**  
 RIO DE JANEIRO, Domingo, 19 de março de 1950  
 ANO IX Nº 2.642

**LIBERAÇÃO E AUMENTO DE PREÇOS NA C. C. P.**  
 Manifesta-se contra o vice-presidente desse órgão — Denúncias dos representantes dos consumidores — O caso dos hotéis

**UMA “ESTRELA” DO BRASIL PARA O FIRMAMENTO INTERNACIONAL**

**URUGUAIAS CONTRA O CÂNCER**

**TINHAM UM SÓ CORAÇÃO**

**15 minutos sob os olhares da população curiosa — Convencidos da existência dos estranhos objetos — Sacerdotes muçulmanos assistem às evoluções — Nos Estados Unidos**



**Tropas de Chiang Kai Chek desembarcam no continente — Ocupados vários pontos da província de Chekiang — Tomadas duas cidades**

**“A Manhã”**  
 Edição de hoje: 52 páginas, 4 seções. Incluindo as suplementos: POLÍTICO, LITÉRIO E ARTÍSTICO, E PROFECIAVIVA. Preço da edição: 100 cruzeiros.

Imagem 18 – Detalhe da primeira página de *A Manhã* em 19 de março de 1950.<sup>329</sup>

As notícias começaram a surgir timidamente no início do mês. Por volta do dia 10, porém, uma estranha história fez com que o interesse da imprensa brasileira crescesse subitamente. Segundo agências de notícias internacionais, o norte-americano Ray L. Dimmick afirmava ter inspecionado os restos de um disco voador que havia se espatifado no México e sido recolhido por autoridades locais. De acordo com Dimmick, cientistas mexicanos

<sup>327</sup> ESTEVES, *op. cit.*, p. 36

<sup>328</sup> Isso não deixa de ser surpreendente tendo em vista que o jornal era provavelmente o único do país a possuir um suplemento mensal voltado exclusivamente para ciência, intitulado *Ciência para Todos*. Talvez isso se explique pelo fato de que *A Manhã*, tal qual os jornais de título *A Noite*, pertencia às Empresas Incorporadas ao Patrimônio da União, um conjunto de empreendimentos administrado por um superintendente indicado politicamente, mas funcionando em regime semelhante ao de uma empresa privada. Como vimos, esses jornais ligados ao Estado passaram a viver em crise após o final da ditadura de Vargas. Essa situação financeira complicada talvez explique a estratégia de apostar no sensacionalismo para ampliar a venda de exemplares. Não deu muito certo. Nos anos seguintes, *A Manhã* sofreu com a diminuição da tiragem e deixou de existir em 1953. Ver ESTEVES, *op. cit.*, p. 38. Durante o mês de março de 1950, o jornal publicou uma única e pequena nota científica a respeito dos discos voadores. A nota é assinada por A. G. S., provavelmente Ayrton Gonçalves da Silva. Ver ESTEVES, *op. cit.*, p. 175. Referência: A. G. S. . Os discos voadores. Coluna *Nota científica*. *A Manhã*. Rio de Janeiro, 22/3/1950, p. 2. (BN)

<sup>329</sup> “Discos voadores” sobrevoam Montevidéu. *A Manhã*. Rio de Janeiro, 19/3/1950, p. 1 e 2 (BN).

afirmavam que o objeto vinha de outro planeta e que junto a ele tinha sido encontrado um corpo com apenas 59 centímetros de altura, parecido com um “anão de enorme cabeça”.<sup>330</sup> Ele comentou ainda “que máquinas semelhantes haviam caído em certo ponto do continente norte-americano, mas que os governos interessados haviam encoberto suas investigações com um manto de segredo”.<sup>331</sup>

No dia seguinte, no entanto, Dimmick voltou atrás. Alegou ter visto apenas um pedaço de metal. Interrogado pela Força Aérea dos Estados Unidos, disse que as informações sobre o disco voador na verdade lhe tinham sido passadas por dois colegas, cuja identidade ele se recusou a revelar.<sup>332</sup> Diante do recuo, autoridades militares mexicanas e norte-americanas declararam que a história não tinha qualquer fundamento e negaram peremptoriamente qualquer envolvimento no caso.<sup>333</sup>

A fantasiosa narrativa de Dimmick despertou o interesse de editores, colunistas e leitores brasileiros. Um colunista de *A Noite*, provavelmente sem saber que a história tinha sido desmentida, mostrou-se absolutamente fascinado por ela:

Estamos (...) em face de um acontecimento histórico prodigioso que deixa a perder de vista o descobrimento da América em 1492. (...) A esta hora, na cidade do México, sábios antropólogos e veneráveis biólogos, acorados à beira do piloto do “pires voador”, buscam descobrir os vestígios do mundo fantástico que nos enviou essa estranha mensagem.(...) <sup>334</sup>

Muitos anos depois a imagem do alienígena de cabeça grande, invocada na narrativa de Ray Dimmick, tornou-se clássica nos filmes e romances. De acordo com muitos biólogos, no entanto, seres de outros planetas, caso existam, devem ser provavelmente muito diferentes fisicamente dos humanos. “Eles” surgiram em outro ambiente e, portanto, passaram por um

---

<sup>330</sup> *Disco voador pilotado por anão marciano*. Coluna *Se Non é vero...* **A Noite**. São Paulo, 11 março 1950, p. 6. (AESP)

<sup>331</sup> *Caiu um “pires voador” com um piloto de meio metro de altura*. **A Manhã**. Rio de Janeiro, 10/3/1950, p. 1 e 3 (BN)

<sup>332</sup> *O caso dos “discos voadores”*. **O Estado de São Paulo**. São Paulo, 12/3/1950, p. 60. (AEL)

<sup>333</sup> *Sem fundamento a notícia do “disco voador” pilotado por anão marciano*. **A Noite**. São Paulo, 13 março 1950, p. 5 e 10. (AESP) e RUIZ NOGUEZ, Luis. **Década del 50**. (texto inédito)

<sup>334</sup> NEVES, Berilo. *A invasão*. **A Noite**. São Paulo, 15 março 1950, p. 5 (AESP)

processo de seleção natural completamente distinto.<sup>335</sup> De acordo com o biólogo alemão Ernst Mayr a “inteligência, noutra planeta, pode residir num ser inconcebivelmente diferente de qualquer forma de vida terrestre”.<sup>336</sup>

A preferência por extraterrestres de forma humanóide vem da dificuldade em pensarmos coisas além de nós. Quando imaginamos a forma física de seres inteligentes no universo, quase sempre nos usamos como modelos e não conseguimos nos desvencilhar do antropomorfismo. Já a cabeça grande atribuída a “eles” é, no fundo, uma visão do próprio corpo humano no futuro. Um corpo no qual o cérebro suplantou em tamanho todos os outros órgãos, uma projeção de como seriam seres altamente desenvolvidos intelectualmente. É isso que podemos inferir a partir de um desprezioso desenho publicado na época:

---

<sup>335</sup> A maioria dos cientistas concorda que a forma humana dificilmente será a mesma de outros seres inteligentes do universo. A esse respeito, ver os textos de SIMPSON (1964), SAGAN (1985) e MAYR (s/d). No entanto, argumentos favoráveis à existência de extraterrestres humanóides podem ser lidos especialmente em RAUP (s/d). Comentários gerais interessantes sobre essa questão são encontrados também em ARANHA FILHO (1993, p.120-125).

<sup>336</sup> MAYR, Ernst. *A probabilidade de vida extraterrestre inteligente* IN REGIS JR., Edward. **Extraterrestres – ciência e inteligência alienígenas**. Tradução Renato Casquilho. Publicações Europa-América, Portugal, s.d, p. 39.



**Imagem 19 – Ilustração. Título: O homem no futuro**

**Legenda: Será assim o homem do futuro? Foi assim pelo menos que o concebeu o autor de uma reportagem publicada em “Domingo”, o vitorioso suplemento dominical de A NOITE de São Paulo, em 29-1-50; cabeça enorme, pelado, corpo esguio e membros raquíticos, como se todas as suas atividades se concentrassem no cérebro fazendo-o desenvolver tão desproporcionalmente.<sup>337</sup>**

Cabeçudos ou não, os alienígenas não foram a tônica das notícias de discos voadores no Brasil em março de 1950. Afora o relato de Ray Dimmick, a imprensa brasileira quase não deu atenção a “eles”.<sup>338</sup> Embora muitos casos tenham ocorrido, nenhum citava especificamente extraterrestres. Tampouco fatores psicológicos foram muito apontados como causa das observações. Os três anos de contínuos relatos de discos voadores colocaram um pouco em xeque teorias como sugestão e histeria coletiva. Afinal, como as pessoas podiam permanecer nesses estados psicológicos por tanto tempo?

<sup>337</sup> *O homem do futuro será gigante ou pigmeu?* **A Noite**. São Paulo, 4 de abril de 1950, p. 6.

<sup>338</sup> Apenas um jornal noticiou outra história relacionada a extraterrestres. Em abril, *A Noite* publicou a história do contato do argentino Wilfredo H. Arevalo que afirmou ter visto tripulantes “altos e esbeltos trajando roupas brancas brilhantes”. Referência: *Chegou a ver os tripulantes do disco voador!* . **A Noite**. Rio de Janeiro, 14/4/1950, p. 9 e 14. (BN)

Naquele momento, a possibilidade dos discos voadores serem armas secretas foi a que recebeu mais atenção da mídia. Não era para menos, as relações entre as superpotências estavam em frangalhos. Todos os dias as jogadas do xadrez diplomático ocupavam um espaço incomumente grande nas primeiras páginas dos jornais brasileiros, inclusive nos mais populares.

Opiniões de comentaristas e cientistas que afirmavam que o governo dos Estados Unidos estava por trás dos misteriosos objetos foram amplamente divulgadas pelas agências de notícias internacionais. As “revelações” do jornalista Henry Taylor, por exemplo, tiveram bastante repercussão no Brasil.<sup>339</sup> Taylor acreditava que os discos voadores eram aparelhos registradores de raios cósmicos lançados pela Marinha norte-americana. Bastante atenção também foi dada à teoria da revista *U.S. News and World Report*, que apostava em um avião experimental em forma de disco produzido pela Marinha.<sup>340</sup> Em 12 de abril de 1950 uma foto do modelo dessa aeronave, o XF5U-1, apareceu na primeira página de um dos matutinos mais lidos do país, a *Folha da Manhã*.<sup>341</sup>

Surgiram também indivíduos isolados que reivindicaram a autoria dos projetos de construção dos discos voadores e outros, como o autor da coluna sobre aviação da *Folha da Noite*, que negavam que os discos voadores fossem novas aeronaves terrestres.<sup>342</sup> De qualquer modo, as principais dúvidas e desconfianças estavam colocadas sobre as Forças Armadas norte-americanas. A insistência com que agências internacionais de notícias questionavam o envolvimento do Estado norte-americano indicava que os jornalistas não estavam acreditando nas declarações oficiais. De nada adiantavam as constantes negativas como esta:

WASHINGTON, 4 (UP) – O presidente Truman, o secretário de Defesa, sr. Louis Johnson, a Aeronáutica e a Marinha norte-americana são unânimes em afirmar que nada sabem sobre os discos voadores.<sup>343</sup>

<sup>339</sup> *Novas hipóteses sobre os “discos voadores”*. **O Estado de São Paulo**. São Paulo, 29/3/50, p. 18. (AEL)

<sup>340</sup> *Os discos seriam aviões reais*. **A Noite**. Rio de Janeiro, 4/4/1950, p. 8 e 14. (BN)

<sup>341</sup> [Foto com legenda]. **Folha da Manhã**. São Paulo, 12/4/1950, p. 1, 1º. caderno. (AESP)

<sup>342</sup> POLILLO, Raul de. *Que é que há com os discos voadores?* Coluna *Aviação*. **Folha da Noite**. São Paulo, 28 março 1950, p. 16. (AESP)

<sup>343</sup> *Seriam os “discos voadores” novas armas norte-americanas*. **O Estado de São Paulo**. São Paulo, 5/4/50, p. 22. (AEL)

A expectativa de que os discos voadores fossem armas secretas norte-americanas explica também a ampla cobertura dada ao tema pelo jornal *O Estado de S. Paulo*, um dos matutinos mais “sóbrios” do país. Seu interesse pode ser percebido tanto pelo material publicado, em sua maioria notícias de agências internacionais, quanto pela ausência de ocorrências brasileiras. Para os editores d’*O Estado de São Paulo* os discos voadores eram nesse momento uma questão relevante dentro da política internacional. Só isso explica porque um periódico voltado majoritariamente para política e economia publicou tanto material a respeito de um tema que notoriamente não lhe era caro.

## 2.5 \_ VÊNUS, O DEUS DOS DISCOS VOADORES

Os relatos brasileiros de observações de discos voadores começaram a surgir por volta do dia 20 de março, quando o assunto já era amplamente conhecido pelo público leitor. Foram ao todo trinta ocorrências, vindas de todas as partes do país. Como em 1947, a imprensa, de modo geral, destacou os casos em notas breves. Não havia muita preocupação em buscar fontes de confirmação independente, opiniões de astrônomos, meteorologistas, técnicos em aviação e outros especialistas nem tampouco em preparar o leitor para discernir fenômenos corriqueiros de algo possivelmente extraordinário. Em meio aos rumores, o simples relato da visão de um disco voador bastava para virar notícia.

A comunidade científica brasileira novamente foi pouco acionada. A maior parte dos especialistas consultados eram estrangeiros que expunham suas opiniões às agências de notícias internacionais. Poucos diários se interessaram em ouvir autoridades científicas locais. Talvez porque considerassem o assunto mais relacionado aos países desenvolvidos, no caso de serem armas secretas. Ou porque acreditavam que a diminuta comunidade científica do país não teria condições de solucionar satisfatoriamente o enigma.

Nesse caso, os editores não poderiam estar mais equivocados. Em uma das poucas entrevistas encontradas, o professor Mário de Souza, antigo assistente chefe do Observatório Nacional, do Rio de Janeiro, fez comentários absolutamente pertinentes.<sup>344</sup> Segundo ele, as observações eram causadas por diferentes fenômenos - aviões secretos, miragens, meteoritos, balões meteorológicos e outros. Mário de Souza, no entanto, creditava a maior parte dos relatos

---

<sup>344</sup> *O segredo do fenômeno dos “discos voadores”*. **A Noite**. Rio de Janeiro, 20/3/1950, p. 1 e 3. (BN)

ao planeta Vênus que, segundo seus cálculos, estava em uma de suas fases de maior brilho.<sup>345</sup> O astro podia inclusive ser visto durante o dia.<sup>346</sup>

Acontecimentos posteriores mostraram que Mário de Souza foi bastante feliz nas suas colocações. Nos dias seguintes, surgiram pequenas e esparsas notas que davam conta de confusões com o planeta Vênus em cidades como Rio de Janeiro,<sup>347</sup> Campinas<sup>348</sup> e Botucatu.<sup>349</sup> O mesmo erro, informava a imprensa internacional, havia ocorrido no México,<sup>350</sup> Bolívia<sup>351</sup> e Argentina.<sup>352</sup> Poucos cientistas estrangeiros cujas opiniões foram veiculadas no Brasil apontaram Vênus como principal responsável pelas ocorrências.<sup>353</sup>

Além de Mário de Souza, outros cientistas brasileiros opinaram. O então diretor do Observatório Nacional, Sodré da Gama, contrariou seu colega de instituição ao declarar que não havia qualquer relação entre discos voadores e fenômenos astronômicos.<sup>354</sup> Os discos voadores partiam da própria Terra, disse ele. Para o professor Alírio de Mattos, catedrático de Astronomia na Escola Nacional de Engenharia, eram meteoritos.<sup>355</sup> Já o professor de psicologia Emílio Mira y López, do Instituto de Seleção e Orientação Profissional (ISOP)<sup>356</sup>, afirmou haver “99,99% de indícios de que se trata de pura sugestão”.<sup>357</sup> Segundo ele, uma série de elementos, como aviões, planetas e meteoros podem provocar no observador desprevenido “a

<sup>345</sup> A esse respeito ver: GAUTHIER, Rodolpho. **Um diálogo sobre Vênus**. Disponível em <http://www.ceticismoaberto.com/ufologia/dvenus.htm>. Acesso em 1/7/2009.

<sup>346</sup> *Um astrônomo brasileiro explica o mistério dos “discos voadores”*. **A Noite**, São Paulo, 22 março 1950, p. 9 e 10. (AESP)

<sup>347</sup> *Planeta e não disco voador*. **Folha da Manhã**, São Paulo, 31/3/1950, p. 3, 1º. caderno. (AESP)

<sup>348</sup> *Discos voadores nos céus de Botucatu*. **Folha da Manhã**, São Paulo, 25 de março 1950, p. 3, 1º. caderno. (AESP)

<sup>349</sup> *Avistados “discos voadores” em Botucatu, Santos e Itapira*. **O Estado de São Paulo**. São Paulo, 25/3/50, p. 7. (AEL)

<sup>350</sup> *Caiu um “pires voador” com um piloto de meio metro de altura*. **A Manhã**. Rio de Janeiro, 10/3/1950, p. 1 e 3 (BN)

<sup>351</sup> *Filmado no México um disco voador*. **A Manhã**. Rio de Janeiro, 18/3/1950, p. 8 (BN)

<sup>352</sup> *Um disco voador sobre Lisboa... . A Noite*. Rio de Janeiro, 6/4/1950, p. 3, edição final. (BN)

<sup>353</sup> Raul de Polillo, autor da coluna sobre aviação do jornal *Folha da Noite*, também apontou a possibilidade de muita gente estar confundindo Vênus. Ver: POLILLO, Raul de. *Que é que há com os discos voadores? Coluna Aviação*. **Folha da Noite**. São Paulo, 28 março 1950, p. 16. (AESP)

<sup>354</sup> *O disco voador não apresenta relação alguma com fenômenos astronômicos*. **Folha da Manhã**, São Paulo, 21 de março 1950, p. 3, 1º. caderno. (AESP)

<sup>355</sup> *Idem*

<sup>356</sup> O ISOP era um órgão formado por psicólogos. Ver: ABADE, Flávia Lemos. *Orientação profissional no Brasil: uma revisão histórica da produção científica*. Revista brasileira de orientação profissional [online]. jun. 2005, vol.6, no.1 [citado 01 Julho 2009], p.15-24. Disponível em [http://pepsic.bvs-psi.org.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1679-33902005000100003&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvs-psi.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-33902005000100003&lng=pt&nrm=iso). Acesso em 1/7/2009.

<sup>357</sup> *“Ora, que pena! Eu ainda não vi um disco voador”*. **Folha da Manhã**, São Paulo, 30/3/1950, p. 3, 1º. caderno. (AESP)

convicção de que realmente está vendo os estranhos aparelhos”. Mira y López ainda alfinetou a imprensa dizendo que a imaginação dos jornalistas estava trabalhando mais do que a do povo.

Nos trinta casos brasileiros levantados, a maioria das pessoas utilizou a expressão “disco voador” para designar o que tinha visto. Em pouquíssimas ocasiões foram utilizados termos outrora comuns como “pires voadores” ou “panelas voadoras”.<sup>358</sup> Após três anos, uma padronização vocabular havia se consolidado. A expressão “disco voador” fora incorporada ao glossário cotidiano com o significado de qualquer fenômeno ou artefato aéreo não reconhecido, tendo ele forma de disco ou não.<sup>359</sup> No Rio de Janeiro, por exemplo, uma pequena multidão chamou de disco voador algo que, segundo um repórter, não passava de “um minúsculo ponto branco, à semelhança de uma estrela, quase invisível a olho nu”.<sup>360</sup> Outro jornalista comentou que os discos voadores “são em geral tratados como se fossem, todos eles, uma mesma coisa. (...) [Mas] talvez não sejam uma coisa só, porém muitas”.<sup>361</sup>

O que quer que fossem, os discos voadores aguçavam a curiosidade do povo e causavam reboliço nas ruas do país. Diversos meios de comunicação relataram aglomerações de gente em diferentes locais. O jornal *A Manhã* descreveu em detalhes um desses episódios:

Ontem, com surpresa geral, a fisionomia da cidade viu-se perturbada com o aparecimento, no céu, de algo que se “movimentava”, que “aparecia e desaparecia”, deixando em todos uma impressão de absoluta expectativa... “Será um “disco voador?...” Era esta a pergunta que andava de boca em boca, naturalmente que com maior volume entre os curiosos que se postavam pelas calçadas para observar o estranho fenômeno.

Na Avenida Rio Branco [Rio de Janeiro], quase o tráfego era interrompido com as aglomerações que se formavam ao longo de sua extensão. Pelas principais esquinas da avenida, o povo fazia mil e uma conjecturas, apontando para o céu como que mostrando algo de surpreendente e sensacional. Crianças, velhos e moços ali estavam para testemunhar a ocorrência num misto de

---

<sup>358</sup> Uma exceção foi o relato de um homem de Olinda, Pernambuco, que disse ter visto “um círculo escuro semelhante a uma roda de bicicleta”. Ver: *Viu o “disco voador”*. **A Noite**. Rio de Janeiro, 14/4/1950, p. 8. (BN)

<sup>359</sup> “Embora sob nome comum, diferem as características que lhe são atribuídas em cada lugar”, comentou um editor do *Estado de São Paulo*. Ver: *Noticiados novos aparecimentos de “discos voadores”*. **O Estado de São Paulo**. São Paulo, 22/3/50, p. 1. (AEL)

<sup>360</sup> *Reboliço na Avenida Rio Branco. Visão de um “disco voador”*. **A Manhã**. Rio de Janeiro, 30/3/1950, p. 1 e 13 (BN)

<sup>361</sup> *O mistério dos discos voadores*. **Folha da Manhã**, São Paulo, 24/8/1952, seção Atualidades, p. 9.

expectativa e nervosismo. Nem mesmo o sol inclemente fazia dispersar os numerosos grupos de pessoas, “doidinhas” para ver o que se passava naquele céu tão azul e tão bonito...<sup>362</sup>

Essas curiosas aglomerações aconteceram em diversos locais. Em São Paulo, moradores do Jardim Paulista e Lapa teriam ficado “em polvorosa”.<sup>363</sup> Em Fortaleza, “formou-se (...) grande aglomeração de pessoas que olhavam o céu avidamente a procura do Disco Voador que teria sido avistado por uma senhora”.<sup>364</sup> Em Curitiba, a visão de discos voadores era naquele momento generalizada.<sup>365</sup> Notas internacionais também relatavam esse tipo de situação. Em Havana, Cuba, “o tráfego ficou paralisado quando centenas de pessoas se lançaram às ruas” para ver um disco voador.<sup>366</sup> La Paz, na Bolívia, também enfrentou congestionamentos por causa das pessoas que paravam para observar o céu.<sup>367</sup> No Uruguai, “praticamente meia Montevideú”<sup>368</sup> saiu às ruas.

Aparentemente, algumas dessas fugazes aglomerações urbanas eram provocadas por simples boatos, como narra o trecho abaixo:

Um pequeno grupo de pessoas, pescoço esticado, olhando para o infinito, palestrava levantando as mais variadas hipóteses sobre o estranho aparecimento de um objeto brilhante, cujo formato não se podia precisar a olho nu. Entretanto, em alguns minutos, cresceu a hipótese de que aquele estranho objeto fosse nada mais nada menos do que um “disco voador” e, dentro em pouco, na Galeria Cruzeiro, na praça Mauá, nos mais diversos pontos da cidade, pessoas de ambos os sexos olhavam para o céu, “caçando” avidamente o fantástico [?].<sup>369</sup>

<sup>362</sup> *Reboliço na Avenida Rio Branco. Visão de um “disco voador”*. **A Manhã**. Rio de Janeiro, 30/3/1950, p. 1 e 13 (BN)

<sup>363</sup> *Continua o “mistério”... “Disco voador” em São Paulo*. **A Manhã**. Rio de Janeiro, 25/3/1950, p. 3

<sup>364</sup> *Disco voador no Ceará*. **A Manhã**. Rio de Janeiro, 23/3/1950, p. 2 (BN)

<sup>365</sup> *Continua o “mistério”... “Disco voador” em São Paulo*. **A Manhã**. Rio de Janeiro, 25/3/1950, p. 3 (BN)

<sup>366</sup> *A Rússia e os discos voadores*. **A Manhã**. Rio de Janeiro, 25/3/1950, p.8 (BN)

<sup>367</sup> *Filmado no México um disco voador*. **A Manhã**. Rio de Janeiro, 18/3/1950, p. 8 (BN)

<sup>368</sup> *“Discos voadores” sobrevoam Montevideú*. **A Manhã**. Rio de Janeiro, 19/3/1950, p. 1 e 2 (BN)

<sup>369</sup> *Você “viu” o disco voador?*. **A Noite**. Rio de Janeiro, 30/3/1950 – p. 1 e 12, edição final. (BN)

Bastava encontrar algo no céu que não fosse imediatamente identificado, não necessariamente em forma de disco, que os grupos se formavam. Os comentários eram alimentados pelo que se lia na imprensa. Todo mundo queria ver o que, segundo os jornais, o mundo inteiro estava vendo. O antropólogo Ignacio Cabria notou que nas ondas o “jornalismo e os boatos populares se alimentaram mutuamente produzindo-se uma verdadeira febre”.<sup>370</sup>

Em meio a essa mania pelo assunto, houve quem tentou se aproveitar. Em Niterói, dois homens começaram a chamar a atenção das pessoas para um ponto no céu. “A princípio, foi um pequeno grupo de pessoas, como tantos outros. Subitamente, no entanto, era uma verdadeira multidão, curiosa e estática. Parou tudo: ônibus, lotações, carros particulares. E todos olham para cima”.<sup>371</sup> A idéia dos malandros era distrair os transeuntes para roubar-lhes os pertences. Ambos, porém, “foram ver os “discos” através das grades do xadrez”.<sup>372</sup> Na delegacia teriam declarado que “(...) em Niterói, basta uma pessoa olhar para o céu alguns instantes, e uma porção de gente a acompanha, fica de nariz para o ar e, se possível, também fica sem carteira...”.<sup>373</sup> Segundo os jornais, os acusados de “agir nas algibeiras dos incautos” eram conhecidos como “Mão de Veludo” e “Boa Boca”.

O interesse da imprensa brasileira pelos discos voadores se manteve alto até 5 de abril de 1950. Depois disso, começou a diminuir. Nos últimos dias desse mês, já era raro encontrar qualquer nota sobre o assunto, que provavelmente havia saturado editores e leitores. Devido à repetição, os casos deixavam de ser interessantes. Aos poucos, os discos voadores voltaram para seu ostracismo, para sua condição de mera curiosidade dentro do noticiário.

## 2.6 \_ APOCALIPTISMO

No início do ano de 1950, o presidente dos Estados Unidos, Harry Truman, anunciou a construção de uma nova geração de armas nucleares, as bombas de hidrogênio. Era uma resposta ao primeiro teste atômico feito pelos soviéticos no ano anterior. Mil vezes mais potente

---

<sup>370</sup> Segundo Cabria, uma onda de casos bastante similar à brasileira ocorreu entre os dias 22 de março e primeiros dias de abril na Espanha. “A Espanha parece, também, estar tomada da febre dos “discos voadores”” comentou um telegrama da United Press (U.P.) publicado em *A Noite*, do Rio de Janeiro. Ver: *Febre dos discos, também na Espanha*. **A Noite**. Rio de Janeiro, 23/3/1950, p. 14 e 7, edição final. (BN). Referência: CABRIA, Ignacio. “Ya tenemos platillos volantes”. **Cuadernos de Ufología**, nº 21 (nº1, 3ª época), 1997, p. 18-35.

<sup>371</sup> *Enquanto os incautos olhassem o Disco Voador...* **A Noite**. Rio de Janeiro, 24/4/1950, p. 1 e 12. (BN)

<sup>372</sup> Idem

<sup>373</sup> Idem

que a bomba atômica, a bomba H podia literalmente varrer uma cidade do mapa. Além disso, seu uso indiscriminado poderia contaminar de radioatividade toda atmosfera, levando a vida humana à extinção.<sup>374</sup> Segundo alguns cientistas, a detonação de apenas cem grandes bombas desse tipo seria suficiente para um holocausto completo. Como ninguém duvidava que Moscou em breve também produziria tal armamento, havia muito o que se preocupar.

Mesmo sabendo dos perigos das bombas de hidrogênio, os militares norte-americanos levaram o projeto adiante e testaram a primeira em 1952, três anos antes dos soviéticos. De nada adiantaram as advertências contra sua produção feitas por cientistas como Robert Oppenheimer, Albert Einstein e Enrico Fermi.<sup>375</sup>

Para a opinião pública, os cientistas também eram culpados pela criação de superarmas apocalípticas. Foi justamente a partir dessa época que a fotografia de um Einstein velho, de cabelos desgrelhados e língua de fora passou a simbolizar a imagem do cientista excêntrico e alheio ao mundo. Algo, diga-se de passagem, bastante injusto com um homem que se envolveu com grandes questões políticas e sociais do seu tempo e foi, acima de tudo, um pacifista. Uma imagem que, além disso, desconsidera a “complexidade de ser cientista no século mais brutal da história humana”.<sup>376</sup>

A invenção das bombas de hidrogênio acabou com qualquer crença inocente de que países do Terceiro Mundo estariam livres dos efeitos da guerra nuclear. Rio de Janeiro e Bombaim, mesmo distantes do conflito, seriam fatalmente atingidas pelas nuvens radioativas. Em algum momento desses anos a opinião pública mundial se deu conta de que a humanidade podia, pela primeira vez, varrer a vida, não apenas de cidades japonesas, mas de todo planeta. Uma matéria da revista *Manchete* intitulada “O mundo morre de medo” comentou:

Há quem afirme que as visões de discos voadores são produto de um mundo dominado pela neurose da destruição. Pelo menos uma parte dessa afirmação é verdadeira: o mundo, hoje, é um mundo aterrado, de um pólo a outro, porque o homem já foi informado de que uma terceira guerra será a destruição de toda a humanidade.<sup>377</sup>

---

<sup>374</sup> SMITH, *op. cit.*, p. 40

<sup>375</sup> SMITH, *op. cit.*, p. 32-37.

<sup>376</sup> SMITH, *op. cit.*, p. 18.

<sup>377</sup> CARLOS, Newton. *O mundo morre de medo*. **Manchete**, Rio de Janeiro, 31 de agosto de 1957, p. 15-21. (ABI)

Influenciadas pelo momento político sombrio do início dos anos 1950 algumas pessoas relacionaram os discos voadores ao fim do mundo. E não estamos falando de líderes religiosos, mas de escritores do quilate de Rachel de Queiróz (1910-2003). Em uma crônica de maio de 1950, a escritora cearense mostrou-se aterrorizada diante da possibilidade de um apocalipse interplanetário. Lendo o texto, não é difícil inferir que suas preocupações continham no fundo motivos bastante terrestres. Eis a crônica:

Eu por mim acredito. Por que não acreditaria? Nada vejo que justifique a descrença. Acredito em tudo. (...). E acredito, principalmente, que sejam pilotados por homúnculos de meio metro de estatura, macrocéfalos, horrendos, vindos sabe Deus de que planeta, Marte, Vênus ou Saturno.

Ah, acredito. Por que não seria verdade? Todo mundo os tem visto (...) Ilusão coletiva uma conversa. Também a bomba voadora dizia-se que era ilusão coletiva. O povo sabe muito bem onde põe os olhos e os jornais contam muito mais verdades do que o supõe o ingênuo público, viciado em acreditar em desmentidos. Se tanta gente tem visto discos voadores, é porque há discos voadores. (...)

Eu creio nos discos e tenho medo deles. Sei muitíssimo bem que são o sinal positivo do fim do mundo. Se até está nos livros, se foi profetizado há muito tempo! E por que não seria o fim do mundo? Quais os nossos méritos assim tão grandes para nos defenderem da catástrofe? Os dez justos que faltaram a Sodoma, com razão ainda maior, nos faltariam a nós.

Quem tiver os seus pecados trate de ir-se arrependendo que a hora chegou e chegou feia. Quem não viu o que tinha de ver, procure olhar e fartar os olhos; quem não amou ame depressa, quem não se vingou se vingue. O tempo urge – faça-se o que é mister ser feito, que o relógio já bateu. O mundo vai acabar-se. Pelo menos o nosso mundo. (...)

O mundo que virá há de ser deles, que já nos vigiam e já prepararam o caminho. Então vocês não compreendem, irmãos, que esses discos misteriosos que pairam no alto, librando-se no ar como um gavião peneirando em cima da presa, pairam no alto e depois vão-se embora são os olheiros deles, são os quinta-colunas, os esculcas das multidões de homenzinhos de cabeça grande que estão destinados a ser os nossos senhores? Depois dos observadores, chegarão os exércitos com armas tão assombrosas que, perto delas, a bomba de

hidrogênio do presidente Truman é como uma ronqueira de São João. E que idade terão atingido eles, se já minguaram assim no tamanho e cresceram tanto a cabeça? (...)

Que pensarão de nós, vendo-nos tão atrasados, tão primitivos, tão irremediavelmente presos à carne e às suas misérias, divertindo-nos barbaramente com guerras selvagens, usando engenhos grosseiros de metal rude e brutas explosões de pólvora e nitroglicerina?

Ah, tenho medo, tenho medo. (...) De que modo nos irão destruir ou de que meios usarão para nos escravizar – como animais de força bruta ao seu serviço? (...)

Quem sabe são anjos; e virão destruir como os anjos destroem, sem ódio, sem prazer na carnificina, apenas cumprindo ordens mais altas, com a sua espada de fogo, coração feito de diamante, que nada empana, mas nada amolece. Contudo, também podem ter evoluído apenas na direção da besta, e como bestas da quinta-essência do aperfeiçoamento serão ferozes e implacáveis – serão os próprios descendentes do Leviatã.

Cuidado que eles estão chegando. Primeiro foi o aviso, mas em breve já não haverá avisos. Hão de baixar aos milhares e aos milhões, pequeninos e atrevidos, hão de conhecer todos os segredos, decerto se multiplicam em massa, ao sabor das vãs necessidades, produzem guerreiros e chefes ao seu gosto, terão aprendido o processo de reduzir a infância a apenas alguns meses, produzindo por sistema adiantadíssimo adultos temporões de corpo transparente e cabeça grande, no mesmo espaço de tempo que nós gastamos para fabricar um automóvel.

Ah, os que não acreditam! Ah, os que zombam! Ah, os sábios que espiam nos seus estúpidos telescópios e negam o que o olho nu enxerga! Medem as estrelas com suas réguas, e depois vêm-nos dizer que não há perigo, que nos assustamos com simples meteoro. Isso mesmo deviam declarar os pajés das tribos americanas aos guerreiros assustados que pela primeira vez avistaram as asas das caravelas subindo no horizonte. São pássaros, são raios de sol – são sonhos dos olhos! E assim os brancos chegaram, e acharam os guerreiros desprevenidos e inermes. O mesmo sucederá conosco. É mais cômodo duvidar, é muito mais fácil afirmar que tudo é engano e mentira.

E, enquanto isso, os discos voadores partem aos milhares das suas bases de céu além, e cortam zumbindo o éter vazio, e escolhem para o seu pouso o que há de mais bonito e mais sedutor no mundo – a Califórnia, o golfo do México, a Itália, as praias amenas do Atlântico Sul...<sup>378</sup>

Rachel de Queiróz realmente pensava desse modo ou está escrevendo literariamente? Difícil dizer com certeza. Talvez um pouco das duas coisas. De qualquer forma, outros textos da autora mostram que ela realmente se preocupava com a possibilidade de uma invasão alienígena.<sup>379</sup> Além dela, Berilo Neves, jornalista e escritor de ficção científica, interpretou a onda de discos voadores de 1950 de maneira apocalíptica, incorporando inclusive elementos religiosos. Nas suas palavras:

(...) os “discos voadores” estão provocando uma psicose universal e centralizam, por isso mesmo, a atenção dos Estados-Maiiores e dos psiquiatras. O século XX está vivendo os seus dias mais inquietos e perigosos. Sente-se, no ar, o pesado silêncio cósmico que antecede as grandes tempestades elétricas. O ambiente satura-se de receios, de trovas, de inquietações. Ontem, em certo lugar da Europa, uma senhora suicidou-se por medo a bomba atômica. Esta mata, assim, pela simples ação catalítica – sem dar nenhum estouro, sem fundir nenhum metal. (...) Os “discos” bem podem ser avisos a Eternidade para que todos nos arrependamos de nossos pecados e nos preparemos para ouvir os primeiros sons roufenhos da trombeta do Arcanjo no vale de Josafá... (...) Os “discos voadores” rondam as nossas cidades, como abutres à espera de pasto para as suas fomes voracíssimas. Ergamos os olhos para o alto, porque não nos salvará o fecharmo-los às realidades decretadas por Deus nos seus desígnios infalíveis. Fragmentos de astros, amostras de [?] secretas, ou simples devaneios mecânicos de inventores [?] – esses discos zumbem com um ruído alertador, em redor dos homens, cujos ouvidos, todavia, os pecados tornaram duros como o aço e insensível com as pedras.<sup>380</sup>

<sup>378</sup> QUEIROZ, Rachel de. Os discos voadores. *Folha da Noite*, São Paulo 8/5/1950. In: NESTROVSKI, Arthur (org.). **Figuras do Brasil: 80 autores em 80 anos de Folha**. São Paulo: Publifolha, 2001, p. 126-128.

<sup>379</sup> Ver: QUEIRÓZ, Rachel. *Mêdo*. Coluna Última Página. **O Cruzeiro**, Rio de Janeiro, 23 de novembro de 1957.

(AEL)

<sup>380</sup> NEVES, Berilo. *Perigos volantes. A Noite*. Rio de Janeiro, 1/4/1950, p. 3. (BN)

Crônicas angustiadas como essas mostram muito bem a ansiedade vivida na época. Após assistir a duas guerras mundiais, aquela geração tinha motivos de sobra para temer uma nova catástrofe provocada por cientistas com seus “estúpidos telescópios”. Essa postura crítica, porém, é anterior à produção da primeira bomba de hidrogênio, como veremos a seguir.

## 2.7 \_ A CIÊNCIA NA BERLINDA

Nos primeiros anos do século XX, havia grande esperança no poder da ciência de criar um futuro melhor. Essa confiança se baseava em toda uma sorte de maravilhas criadas ao longo do século anterior – navios a vapor, locomotivas, cinematógrafos, luz elétrica, telégrafos, telefones, anestésicos e uma infinidade de invenções que revolucionaram o cotidiano do planeta. Nesse momento, os cientistas eram vistos como salvadores da humanidade, portadores de uma capacidade ilimitada. Para o senso comum, o século XX traria ainda mais progresso tecnológico e bem-estar.<sup>381</sup> Nesse clima de otimismo, visões sombrias da ciência como a de *Frankenstein*, romance escrito por Mary Shelley em 1818, estavam cada vez mais fora de moda.

Nas primeiras décadas, novos avanços, como a popularização dos raios X e as transmissões de rádio, pareciam confirmar as expectativas. No entanto, a Primeira Guerra Mundial (1914-1918) marcou o começo do fim da boa imagem da ciência. Nos dois lados do conflito, cientistas e engenheiros se uniram aos militares para produzir meios mais eficientes de destruir a vida humana. Foi a primeira grande guerra a contar com a colaboração direta dos laboratórios. Gases venenosos, metralhadoras, tanques, submarinos e aviões demonstraram claramente quanto a ciência e a tecnologia podiam ser perigosas quando colocadas nas mãos erradas. Mais de quinze milhões de pessoas morreram. Jamais o mundo tinha visto tantos mortos numa única guerra.

Muitos cientistas justificaram sua participação no conflito dizendo que a guerra acelerava a criação de tecnologias que poderiam, em determinado momento, beneficiar toda sociedade. Esse argumento, no entanto, não convenceu muito. O escritor e professor inglês Peter D. Smith detectou nos romances escritos no entre-guerras um profundo sentimento de desconfiança em relação à ciência. De acordo com ele, “o cientista deveria ter sido o homem

---

<sup>381</sup> SMITH, *op. cit.*, p. 72-74.

que acabaria com as guerras e anunciaria uma nova era de prosperidade e saúde, mas depois da [Primeira] guerra o seu lado de santidade desapareceu”.<sup>382</sup>

Em 1939, as pretensões territoriais de Adolf Hitler provocaram outro conflito de alcance mundial. Logo no início da Segunda Guerra, alguns físicos enviaram cartas ao então presidente dos Estados Unidos, Franklin Roosevelt, pedindo a criação de uma comissão que estudasse a possibilidade de construir armas atômicas.<sup>383</sup> Entre os que assinaram as mensagens estava um judeu alemão perseguido pelos nazistas chamado Albert Einstein. O grande temor desses cientistas era que Alemanha nazista produzisse armas atômicas antes dos Aliados.

A partir de 1942, o governo norte-americano passou a levar o alerta mais a sério. Nessa data, foi criado o Projeto Manhattan, uma iniciativa secreta dotada de orçamento bilionário e com mais de 130 mil funcionários. Desde o início, porém, os militares negaram qualquer participação dos cientistas nas decisões sobre os usos políticos e militares da superbomba que estava sendo construída.<sup>384</sup> Cada vez mais os cientistas foram se tornando meros dentes “dentro da engrenagem da máquina militar”.<sup>385</sup>

A primeira bomba atômica, no entanto, só ficou pronta em julho de 1945, quando a guerra já havia terminado na Europa. Seguiu-se então o que todos sabem: os Estados Unidos utilizaram sua arma mais cara sobre o frágil Japão, numa tentativa de acelerar o processo de rendição e, ao mesmo tempo, demonstrar a União Soviética sua força bélica.

A morte de mais de cem mil japoneses, a maioria civis, através de uma única bomba estremeceu o mundo. Até mesmo um líder pouco afeito a sentimentalismos como Stálin comentou “A guerra é uma barbárie, mas usar a bomba atômica é uma superbarbárie”.<sup>386</sup> Para muitos, a humanidade “havia chegado a um ponto decisivo, apocalíptico”.<sup>387</sup> As bombas atômicas passaram a ser um símbolo dramático do imenso poder de destruição da ciência. Além disso, ela também foi acusada de ajudar a bater outro recorde, o de 55 milhões de mortes. Desse montante, cerca de 50% eram civis, contra apenas 10% na Primeira Guerra.<sup>388</sup>

Todos esses acontecimentos funestos provocaram sentimentos ambivalentes em relação aos cientistas, que ora vistos como gênios do bem, ora como loucos insensíveis a serviço de

---

<sup>382</sup> Idem, p. 143.

<sup>383</sup> Idem, p. 285-290.

<sup>384</sup> Idem, p. 301.

<sup>385</sup> Idem, p. 305

<sup>386</sup> GADDIS, John Lewis. **História da Guerra Fria**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006, p. 24.

<sup>387</sup> SMITH, *op. cit.*, p. 417.

<sup>388</sup> Idem, p. 384.

uma elite tecnocrata militar. Numa crônica publicada no ano de 1950, o jornalista brasileiro Bastos Tigre (1882-1957) expôs alguns sentimentos em voga em relação à ciência:

As mil e uma doenças que atormentam os homens e lhes abreviam a existência são objeto de profundas e dedicadas investigações da Ciência. Esta nos deu, neste meio século, antídotos contra moléstias consideradas, antes, incuráveis (...) Mas, contraditória humanidade! Ao mesmo tempo, em outros laboratórios e usinas, outros apóstolos da Ciência (...) procuram extrair das forças ocultas da natureza (...) o processo de obter a morte breve, fulminante, por atacado. (...) Por que? Para que?<sup>389</sup>

Não fossem as guerras, poderíamos esperar que a ciência fosse unanimemente glorificada no século XX, pois de fato revolucionou o mundo e tornou-se onipresente e indispensável. Prova disso é o aumento espetacular na expectativa de vida ocorrido nos últimos cem anos. No entanto, de acordo com Eric Hobsbawm, “o século XX não se sentia a vontade com a ciência que fora a sua mais extraordinária realização e da qual dependia”.<sup>390</sup> Durante a segunda metade do século XX, a associação entre ciência e catástrofe tornou-se comum. A imagem do cientista como parte do problema e não da solução do mundo, foi constante principalmente nos filmes e livros da década de 1950.<sup>391</sup> Inúmeros Victor Frankenstein povoavam o imaginário da época. O ator Peter Selles, em especial, imortalizou a figura do cientista maluco ao interpretar o Dr. Strangelove no filme *Dr. Fantástico ou Como aprendi a parar de me preocupar e passei a amar a bomba* (1964). De acordo com Smith, esse personagem “encarnou a ansiedade que toda uma geração nutriu em relação a cientistas que criavam tecnologias cada vez mais letais no campo da destruição em massa”.<sup>392</sup>

Bem antes do Dr. Fantástico, porém, comentários publicados no jornal *Folha da Manhã* em 1952 mostravam os dilemas da ciência:

Depois da explosão da primeira bomba atômica, há sete anos (6 de agosto de 1945), a Ciência entrou, pode-se dizer, em fase de crise moral. (...) por dois motivos: a colocação da Ciência em nível inferior ao da Política, uma vez que

<sup>389</sup> BASTOS, Tigre. *Contradições. A Noite*. São Paulo, 29 março 1950, p. 6. (AESP)

<sup>390</sup> HOBBSAWM, *op. cit.*, p. 511.

<sup>391</sup> *Idem*, p. 412-5.

<sup>392</sup> *Ibidem*, p. 456.

esta, boa ou má, tem de predominar na direção dos destinos de qualquer país; e a posição em que ficaram os sábios mais contenciosos, vendo-se obrigados a trabalhar na produção de armas cujo emprego, não raro, eles próprios estão longe de aprovar.<sup>393</sup>

A rejeição à ciência, contudo, não tinha a ver apenas com a “crise moral” causada pela construção de armas de destruição em massa e à submissão dos cientistas aos interesses militares. Havia também uma percepção mais profunda e mais antiga de que o avanço da ciência acabava com o romantismo do mundo, enterrando velhas verdades. Contrariando com frequência a religião e o senso comum, instituições construídas milenarmente, a ciência trazia novas verdades e impunha-se cada vez mais como forma ideal de ver o mundo e superá-lo. Esse avanço avassalador, obviamente, incomodava. Em *A Lua vai desaparecer*, crônica publicada em 1949, Austregésilo de Athayde comentou:

A Ciência está rudemente destruindo a fantasia dos homens. Em quanta coisa, simples e bela, antes acreditávamos e já agora não podemos acreditar mais, depois que os sábios disseram que as aparências do mundo não correspondem à sua íntima realidade e os sentidos foram feitos para nos transmitir mais enganos do que impressões exatas. (...) <sup>394</sup>

Genolino Amado, outro cronista da época, foi além e atribuiu ao avanço do conhecimento científico a padronização da vida e a perda de idiossincrasias que compõem a identidade. Seu texto, intitulado “Gôndolas e a Lua”, é permeado de imagens poéticas. Como soa atual, vale a pena reproduzi-lo praticamente na íntegra:

Não se assustem os leitores com o título desta crônica, porque ela não tem, absolutamente, sentido romântico. Pelo contrário, gira em torno de notícias que encontrei na imprensa e que me impressionaram pelo prosaísmo desolador. São dois exemplos que se juntam para demonstrar quanto o mundo se vai desromantizando em nossa época.

Realmente, da lua que se cantava no jornal, com abundância de informações técnicas e inteira falta de poesia, era o novo progresso conseguido pelos

<sup>393</sup> *O dilema entre a ciência e a política. Folha da Manhã*, São Paulo, 8/8/1952, p. 4. (AEL)

<sup>394</sup> ATHAYDE, Austregésilo de. *A Lua vai desaparecer*. **O Cruzeiro**, Rio de Janeiro, 25/novembro/1949, n° 6, ano XXI, p. 5.

cientistas americanos em seus estudos para construir o avião-foguete capaz de chegar ao pálido satélite, onde em breve talvez se beba refrigerante de garrafinha e se decifrem palavras-cruzadas. Na mesma página, um telegrama anunciava que as velhas embarcações de Veneza entraram em greve, como desesperado protesto contra a concorrência depreciadora e humilhante das lanchas a gasolina, que invadiram com ruidosos motores os canais sonolentos da cidade anadiomênica.

Ora, de cabeça distraída e espírito aluado, por influência da primeira notícia, fiquei a pensar na segunda. E no melancólico declínio das gôndolas venezianas vi um sinal dos tempos. A existência atual padroniza a terra com suas máquinas estandardizadas e estandardizadoras. Onde os acidentes geográficos e os caprichos da História criaram singularidades pitorescas, a simplificação hodierna luta para impor-se. Veneza ainda terá muita sorte se os seus canais não forem entupidos, para que sobre eles se lancem pistas de asfalto. (...)

Assim, por toda parte agoniza o exótico, desaparece o original. Anulam-se as diferenciações. O planeta, que foi uma colcha de retalhos multicores, tende a revestir-se de uma capa cinzenta. A própria humanidade unifica suas tendências, combate as adversidades nos sistemas de viver, apaga as marcas individuais no difuso e impreciso conjunto das multidões.

Os aparelhos da técnica, os fáceis meios de comunicação, os transportes vertiginosos, constituem um maravilhamento que paradoxalmente vai destruindo os motivos que tínhamos antes para nos maravilhar. Chegará o dia em que o sorvete do Mato Grosso será igualzinho ao da Cochinchina. Moças do Canadá e da Polinésia terão trajés idênticos, idênticas formas de namoro com rapazes que tanto podem ser da Patagônia como da Austrália, pois semelhantes serão nas idéias, nos trajés, nas palavras, em tudo. Será uma vida perfeita... em que talvez se morra de tédio.

E pergunto eu a mim mesmo se esse empenho atual de visitar a lua (sic) já não é o efeito do nosso enfaro num orbe inteiramente devassado, sem aventuras por terras ou mares desconhecidos. O que ainda vimos numa viagem a todo instante podemos ver pelo cinema. Poucas surpresas nos esperam em Java ou no Alaska. E eis por que ansiamos encontrar noutra mundo, num distante astro, o que este grão de poeira sideral não mais nos oferece à curiosidade.

Mas, quando a lua se tornar um centro de turismo, quando lá se instalaram (sic) as “boites” de penumbras com os mesmos cantores penumbrosos, quando os “ice-creams” forem vendidos em balcões lunares, quando lá nos hospedarmos em hotéis que terão gerentes e garçons como os do nosso planeta, que será de todos nós até haver passeio a Marte? E quando Marte se banalizar, precisaremos ir mais adiante, em busca de nem sei o que, mas certamente em fuga da nossa tristeza e da nossa eficiência terrenas...<sup>395</sup>

O desconforto em relação ciência, expresso tão poeticamente nessa crônica acima, foi resumido com outras palavras pelo historiador inglês Eric Hobsbawm. Para ele, essa situação era alimentada por quatro sentimentos:

(...) o de que a ciência era incompreensível, o de que suas conseqüências tanto práticas quanto morais eram imprevisíveis e provavelmente catastróficas; o de que ela acentuava o desamparo do indivíduo e solapava a autoridade (...) Tampouco devemos ignorar o sentimento de que, na medida em que a ciência interferia na ordem natural das coisas, era inevitavelmente perigosa.<sup>396</sup>

Devemos lembrar, no entanto, que esses sentimentos conviveram com o entusiasmo pela ciência, que nunca deixou de existir. Em muitos meios, ela nunca deixou de ser vista como força progressista e decisiva no destino das nações. Os altos investimentos militares, o aumento do número de estudantes de ciências exatas e o grande crescimento da divulgação científica após a Segunda Guerra Mundial mostram que, para uma parte significativa da sociedade, a ciência continuou em alta. Até mesmo Rachel de Queiróz, que tanto temia pelo mau uso da energia nuclear, reconheceu a ambivalência de sentimentos em relação à ciência:

(...) seja quais forem os nossos receios ante a discutível capacidade do homem para lidar com os espantosos recursos que lhe põe em mãos a ciência moderna,

---

<sup>395</sup> AMADO, Genolino. *Gôndolas e a Lua*. Coluna Luzes da Cidade. **O Cruzeiro**, Rio de Janeiro, 18 de agosto de 1951, p. 48

<sup>396</sup> HOBBSAWM, Eric, **Era dos Extremos: o breve século XX: 1914-1991**. Tradução: Marcos Santarrita São Paulo, Companhia das Letras, 1995, pág. 512

o fato concreto é que essa mesma ciência é a dona do nosso século: como disse alguém, vivemos ciência, respiramos e comemos ciência, morremos ciência.<sup>397</sup>

## 2.8 \_ A CIÊNCIA NO BRASIL

Após a Segunda Guerra Mundial, os cientistas brasileiros começaram a se mobilizar em prol da criação de instituições voltadas para a atividade científica e pela melhoria de suas condições de trabalho. Duas condições históricas favoreceram esse movimento: o retorno do país à democracia e o papel decisivo que a ciência demonstrou durante o conflito. Embora houvesse quem temesse o poder de destruição da ciência, poucos duvidavam de que a construção de um país desenvolvido e autônomo economicamente passava pelo investimento maciço na área de ciência e tecnologia.

Havia muito que construir. Precarizada e vista como instável, a profissão de cientista naquele momento pouco atraía a elite que podia freqüentar as universidades brasileiras.<sup>398</sup> Nos anos 1950, apenas duas universidades se destacavam pela pesquisa científica: a USP (Universidade de São Paulo), que tinha na Faculdade de Filosofia, Ciência e Letras (FFCL) sua espinha dorsal, e a Universidade do Brasil, no Rio de Janeiro, com destaque para a Faculdade Nacional de Filosofia (FNFfi). Também havia pesquisa em instituições isoladas como o Instituto Oswaldo Cruz, Instituto Butantã e o Observatório Nacional. De modo geral, as condições de trabalho dos professores universitários não eram as melhores, como mostra um comentário de 1949:

(...) Quanto aos cientistas nossa situação é o que se pode chamar de lamentável. (...) Os professores de nossas Faculdades de Filosofia encarados como meros funcionários públicos de uma determinada [?], mal tem tempo de produzir preocupados com os problemas elementares de subsistência e manutenção da família. Possuidores de vários “bicos” (inclusive ensinar a alunos de ginásio, o que para tais homens representa perda de tempo), não

---

<sup>397</sup> QUEIROZ, Rachel de. *Ciência & governo*. Coluna Última Página. **O Cruzeiro**, Rio de Janeiro, 4 de março de 1961, p. 130 (AEL)

<sup>398</sup> MENDES, Marta Ferreira Abdala. **Uma perspectiva história da divulgação científica: a atuação do cientista-divulgador José Reis (1948-1958)**. Tese de Doutorado em História das Ciências da Saúde. Casa de Oswaldo Cruz (Fiocruz), Rio de Janeiro, 2006, p. 60.

podem consagrar suas oito horas regulamentares aos laboratórios da Faculdade.<sup>399</sup>

Em março de 1948, porém, a opinião pública brasileira foi surpreendida positivamente pela detecção em laboratório do méson pi, uma partícula subatômica. Na equipe responsável pelo feito brilhava o nome de um brasileiro, César Lattes.<sup>400</sup> A descoberta foi um incrível alento no rarefeito cenário científico nacional. Se a física já era a ciência de maior destaque no imaginário e no interesse dos governos, ganhou ainda mais visibilidade após a importante realização.<sup>401</sup> Valendo-se do bom momento, os físicos brasileiros criaram em 1949 o Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas (CBPF), uma instituição autônoma dedicada à pesquisa.

Em julho de 1948, foi fundada a Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC). Através de suas reuniões anuais e da revista *Ciência e Cultura*, a SBPC procurou demonstrar o papel fundamental que a ciência poderia ocupar no desenvolvimento material e social da nação. Além disso, tornou-se importante órgão de pressão e cobrança de políticas públicas específicas para área.<sup>402</sup>

Outra criação de suma importância foi a do Conselho Nacional de Pesquisas (CNPq), a primeira agência federal de fomento à investigação científica. Embora teoricamente devesse abranger todas as áreas do conhecimento, o CNPq nos seus primeiros anos esteve mais ligado à física e ao interesse militar pelo desenvolvimento da energia nuclear. É emblemático nesse sentido que seu primeiro presidente tenha sido o almirante e professor de físico-química da Escola Naval Álvaro Alberto da Motta e Silva.<sup>403</sup>

---

<sup>399</sup> BANDEIRA DE MELLO, F. A. *O Brasil e a Ciência*. **O Cruzeiro**, Rio de Janeiro, 12/novembro/1949, n° 4, ano XXI, p. 54. (BMA)

<sup>400</sup> Sobre a repercussão da realização de Lattes ver: ANDRADE, Ana Maria Ribeiro de. *O Cruzeiro e a construção de um mito de ciência*. **Perspicillum**. Rio de Janeiro: MAST, v. 8, n. 1, nov. 1994, pág.107-137.

<sup>401</sup> ANDRADE, Ana Maria Ribeiro de. **Físicos, mésons e política: a dinâmica da ciência na sociedade**. Rio de Janeiro, Hucitec, Museu de Astronomia e Ciências Afins, 1999, p. 59.

<sup>402</sup> ESTEVES, Bernardo. **Domingo é dia de ciência**. Rio de Janeiro, Azougue Editorial, 2006, p. 28-9.

<sup>403</sup> Nessa época surgiram também os primeiros planos de um programa de energia nuclear brasileiro. A imensa maioria da energia utilizada aqui (82%) ainda vinha da lenha e, para piorar, entre 1948 e 1953 uma crise de racionamento de energia elétrica atingiu os estados mais industrializados, São Paulo e Rio de Janeiro, afetando diretamente o crescimento econômico. (ANDRADE, 1999, p. 77-8) Diante disso, a construção usinas nucleares produtoras de eletricidade alimentou expectativas oníricas. As grandes reservas brasileiras de minerais radioativos eram vistas como depósitos da emancipação energética do país. Obviamente, para os militares brasileiros o programa de energia nuclear também interessava na medida em que poderia prover conhecimentos e mão-de-obra úteis na eventual produção de armas nucleares. De acordo com a historiadora Ana Maria Ribeiro de Andrade, “é ingênuo supor que [os militares] não tivessem interesse na tecnologia dos armamentos nucleares. A bomba, em última instância, era uma realidade inexorável da Guerra Fria” (ANDRADE, 1999, *op. cit.*, p.80)

A luta pela institucionalização da ciência no Brasil obteve ainda outra conquista importante em 1951, quando foi criada a Campanha Nacional de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (atual CAPES), uma agência governamental mais voltada para o fomento da especialização científica e capacitação de pesquisadores.

Embora começasse a se articular e a se profissionalizar, a comunidade científica brasileira ainda assim era pequena, fragilmente organizada e restrita a pequenos centros no Rio de Janeiro e São Paulo. Para se ter uma idéia, em dezoito anos (1939-1956), as principais faculdades desses dois estados produziram apenas 228 diplomados em física, numa média inferior a treze alunos por ano.<sup>404</sup> Até 1958, quando foi fundado o primeiro curso de graduação em astronomia, os poucos astrônomos brasileiros eram recrutados entre estudantes de engenharia e técnicos com formação secundária.<sup>405</sup> De modo geral, as principais carreiras continuavam sendo o direito, a medicina e a engenharia.

Todas essas condições históricas explicam a participação relevante, mas pouco decisiva dos cientistas brasileiros na controvérsia em torno dos discos voadores. Havia poucos cientistas no país e muitos deles estavam envolvidos na luta pela melhoria de suas condições de trabalho, algo que por si parecia mais relevante. Além disso, o tom sensacionalista de alguns meios de comunicação naturalmente os afastava do assunto. Os discos voadores eram uma questão controversa “que não faria nada para alavancar suas carreiras e poderia causar grande prejuízo à sua reputação”.<sup>406</sup>

Eles tampouco pareciam se sentir confortáveis com o assunto, pois os discos voadores eram, afinal, objetos não identificados. Como poderiam opinar se ninguém havia comprovado a existência e analisado abertamente um exemplar? Se nem mesmo os técnicos norte-americanos, portadores de amplos recursos e conhecimentos, tinham chegado a uma resposta satisfatória, como poderiam os brasileiros e seus parques laboratórios decifrar definitivamente o enigma?

Diante disso, era melhor e mais confortável evitar opinar, pois qualquer declaração, devido à impossibilidade de verificação científica, tenderia ao mero achismo. O relato abaixo

---

<sup>404</sup> Idem, p. 60.

<sup>405</sup> MOURÃO, Ronaldo Rogério de Freitas. *A astronomia no Brasil* IN FERRI, Mário Guimarães e MOTOYAMA, Shozo (coords.). **História das ciências no Brasil**. São Paulo, EPU/EDUSP/CNPq, 1979-80, v. 2, p. 431.

<sup>406</sup> “While much of the media – with their usual mixed motives of truth and profit – continually pushed the extraterrestrial hypothesis on a receptive public, and while the Air Force was understandably preoccupied with national security aspects if the issue, scientists in many ways abdicated their role as critical analyzers of an unexplained phenomenon. In part this was due to the reluctance of scientists to engage in a controversial issue that would do nothing to advance their careers and might do their reputations great harm.” DICK *op. cit.*, p. 138-9

descreve a abordagem de jornalistas aos participantes do Simpósio Internacional de Física de 1952, ocorrido no Brasil,

(...) Sistemáticamente, recusaram-se os físicos ouvidos a externar qualquer pensamento sobre os tão falados discos. A resposta generalizada era um sorriso irônico. Gleb Wataghin, atual diretor do Instituto de Física da Universidade de Turim, na Itália, que esteve no Brasil de 1934 a 1949 e foi o principal impulsionador da física em nosso país nos últimos quinze anos respondeu: - “Há muita coisa voando no ar em consequência de fatores meteorológicos”. César Lattes, depois de muita insistência do repórter, disse: - “Nada tenho a dizer. Nada poderia dizer, mesmo que quisesse. Os cientistas somente acreditam naquilo que vêem.”<sup>407</sup>

Por sorte, alguns homens de ciência aqui se deram conta de que muitos casos envolvendo discos voadores estavam relacionados a objetos astronômicos, meteorológicos e fraudes. Nessas ocasiões, os cientistas obviamente podiam atuar com mais segurança.<sup>408</sup> Ninguém podia dizer, do ponto de vista científico, o que eram realmente os discos voadores, mas os cientistas ao menos tinham condição de alertar para os enganos. Inevitavelmente, porém, eles passaram a ser vistos como inimigos sistemáticos do assunto, o que nem sempre era verdadeiro.

A leitura de jornais e revistas permite-nos destacar a atuação especialmente do Observatório Nacional, do Rio de Janeiro, representado em diferentes ocasiões por cientistas como Mário Rodrigues de Souza (1889-1973), Lélío Itapuambyra Gama (1892-1981) e Domingos Fernandes da Costa (1882-1956). Também se manifestou em diferentes momentos, como veremos, a Associação de Amadores de Astronomia de São Paulo (AAASP). Por outro lado, não foram encontrados registros de participação do pessoal ligado ao IAG (Instituto Astronômico e Geográfico), de São Paulo, nem de um dos mais destacados divulgadores da

---

<sup>407</sup> *Falam os físicos*. Seção Atualidades e comentários. **Folha da Manhã**, São Paulo, 27/7/1952, p. 1 e 12. (AEL)

<sup>408</sup> Curiosamente, os vespertinos, que tendiam a ser mais sensacionalistas, também eram os diários que mais consultavam os cientistas brasileiros. Isso porque os editores dessas publicações queriam que os casos “rendessem” o máximo de interesse e notícias possível. Os matutinos, por outro lado, costumavam ignorar os casos brasileiros tanto quanto as opiniões da comunidade científica local. Com isso, deixavam o caminho livre para o rumor e histórias suspeitas.

ciência no país, o médico José Reis (1907-2002).<sup>409</sup> Tampouco, o suplemento *Ciência para Todos*, publicado mensalmente pelo jornal carioca *A Manhã*, tocou no assunto.<sup>410</sup>

Devemos destacar que o homem de ciência de maior atuação na questão dos discos voadores foi, sem dúvida, o diretor-geral da revista *Ciência Popular*, Ary Maurell Lobo (1900-1974). Lobo formou-se em engenharia pela Escola Politécnica do Rio de Janeiro e foi professor da Escola Técnica do Exército e da Escola Nacional de Engenharia.<sup>411</sup> Aposentado, criou e manteve por vontade própria e ajuda da família, uma revista mensal sobre ciência por dezoito anos (1948-1966). Nas páginas de *Ciência Popular*, Maurell Lobo enfrentou com força o sensacionalismo, as fraudes e buscou esclarecer os erros de interpretação envolvendo os discos voadores. Ele farejou corretamente os abusos e a falsa áurea de ciência criada em torno do tema. Ainda que tenha exagerando na verborragia e em algumas análises, nunca se absteve do debate, como fizeram outros.<sup>412</sup>

---

<sup>409</sup> Ver MENDES, *op. cit.*.

<sup>410</sup> Ver ESTEVES, *op. cit.*.

<sup>411</sup> CAPELLA, Catarina S. *A ciência em foco: a revista Ciência Popular e a divulgação científica no Brasil (1948-1956)*. In: **IV Congresso Brasileiro de História da Educação**, Goiânia, 2006. Disponível em: <http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe4/coordenadas/eixo03/Coordenada%20por%20Bernardo%20Jefferson%20de%20Oliveira/Catarina%20Capella%20Silva%20-%20Texto.pdf>. Acesso 10/06/2009.

<sup>412</sup> Infelizmente, *Ciência Popular* foi esquecida até recentemente pela historiografia. Talvez isso se deva ao fato da publicação não estar diretamente ligada a nenhuma uma instituição científica, grupo de cientistas ou editora. A respeito da atuação de *Ciência Popular* ver: CAPELLA, Catarina S.; OLIVEIRA, B. J. . **Toda pergunta tem resposta: o que os leitores da revista Ciência Popular desejavam saber sobre ciência (1948-1960)**. In: VII ESOCITE - Jornadas Latino-Americanas de Estudos Sociais das Ciências e das Tecnologias, 2008, Rio de Janeiro. Disponível em [www.necso.ufrj.br/esocite2008/trabalhos/35914.doc](http://www.necso.ufrj.br/esocite2008/trabalhos/35914.doc). Acesso em 8/7/2009.

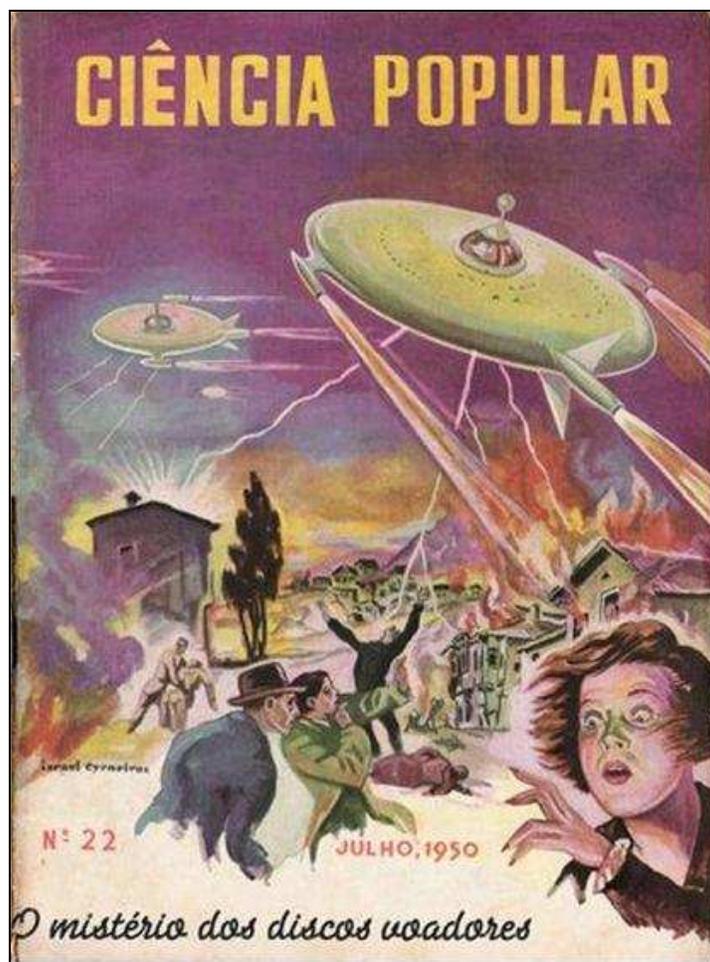


Imagem 20 – Capa da revista *Ciência Popular* de julho de 1950. Desenho (apocalíptico) de Israel Cysneiros.<sup>413</sup>

A respeito do desinteresse da maior parte da comunidade científica em relação à questão, o astrônomo norte-americano Steven J. Dick fez um comentário bastante provocativo. Para ele, essa postura “provou ser uma negligência fatal por parte dos cientistas, cuja pesquisa nesse momento [década de 1950] poderia ter mudado a história sensacionalista que se seguiu”.<sup>414</sup>

Embora de fato a participação dos cientistas pudesse ser bem maior e mais combativa, também é necessário levar em conta as dificuldades em fazer afirmações seguras do ponto de vista científico quando o assunto eram os discos voadores. Muitos jornais, por exemplo, não se

<sup>413</sup> LOBO, Ary Maurell. *Várias hipóteses sobre os misteriosos discos voadores*, in **Ciência Popular**, Rio de Janeiro, julho 1950, nº. 22, p. 35-8 (AESP)

<sup>414</sup> “(...) was to prove a fatal lapse on the part of the scientists, whose investigation at this point might have changed the subsequent sensationalist history”.<sup>414</sup> (DICK, *op. cit.*, p. 145)

conformavam quando Albert Einstein declarava não possuir qualquer interesse no assunto.<sup>415</sup> No entanto, um comentarista da *Folha da Manhã* notou corretamente que, se um cientista como Einstein com “largo interesse pelas coisas do mundo e da humanidade” tinha tal posição, era porque havia “ausência de elementos capazes de dar, a um cientista, elemento [sic] para o estabelecimento de qualquer raciocínio que possa distinguir-se da simples fantasia”.<sup>416</sup>

Levando em conta a falta de condições estruturais da época, podemos dizer que a atuação da ciência brasileira na questão dos discos voadores foi bastante adequada, embora não suficiente. Isso porque se por um lado os cientistas brasileiros não foram totalmente negligentes, eles tampouco tiveram agilidade, força e meios necessários para combater o sensacionalismo que começou a predominar a partir de 1952, principalmente através da revista *O Cruzeiro*. Como veremos, eles permaneceram praticamente impotentes diante das distorções promovidas pela revista de maior circulação da época.

---

<sup>415</sup> *Einstein não se interessa pelos discos voadores. Folha da Manhã*, São Paulo, 31/07/1952, p. 1. (AEL)

<sup>416</sup> *O mistério dos discos voadores. Folha da Manhã*, São Paulo, 24/8/1952, seção Atualidades, p. 9. (AEL)

# **Capítulo 3**

## **Serão extraterrestres?**

Uma verdade que fará arrepiar os cabelos dos que ainda estão alheios às realidades do progresso universal e que fará pensar demoradamente os homens mais céticos (...) uma segunda maçã em cima da cabeça, desta vez não do astrônomo Newton, mas na de todos os homens que contemplam e interrogam o espaço insondável.

Orlando Portela (1952).<sup>417</sup>

Era quatro horas da tarde do dia 7 de maio de 1952, uma quarta-feira. O repórter João Martins e o fotógrafo Ed Keffel, funcionários da revista *O Cruzeiro*, estavam sentados na areia da Ilha dos Amores, uma região afastada na Barra da Tijuca, Rio de Janeiro. De acordo com o relato deles, tinham ido até o local para fazer uma reportagem sobre casais que procuravam a praia deserta para namorar. Quando os dois esperavam pacientemente a chance de fotografar um par romântico descuidado, algo aconteceu. Um objeto voador cinzento-azulado de forma circular apareceu diante de suas retinas e fez evoluções no céu durante cerca de um minuto. Nesse curto espaço de tempo, Ed Keffel conseguiu bater cinco fotografias. Após a desaparecimento do objeto, eles esperaram algum tempo pelo seu retorno, mas nada aconteceu. Tentaram ainda, segundo disseram, encontrar outras testemunhas nas redondezas, mas “estranhamente” ninguém havia notado o disco voador.

Os repórteres então correram para a redação da revista. “Dirigi como um louco o meu automóvel através da cidade”, contou João Martins. A revelação do filme foi feita na presença de técnicos do laboratório e dos diretores da publicação. O reconhecimento do disco gravado na película fez com que o entusiasmo inundasse o ambiente. Imediatamente, o material foi preparado para ser publicado no *Diário da Noite*, um vespertino altamente sensacionalista que naquele momento era o segundo jornal mais lido do Rio de Janeiro.<sup>418</sup> A publicação, como *O Cruzeiro*, fazia parte dos *Diários Associados*, uma cadeia de jornais, emissoras de rádio e

---

<sup>417</sup> Extra! Discos Voadores (encarte) IN *O Cruzeiro*, 11 de dezembro de 1954, p. XI. A única informação disponível sobre Orlando Portela é que ele foi o tradutor do livro *Os discos voadores são reais* do norte-americano Donald Keyhoe.

<sup>418</sup> ESTEVES, *op. cit.*, p. 37.

estações de televisão que pertenciam ao mega-empresário da comunicação Assis Chateaubriand, mais conhecido como Chatô.

Na manhã do dia 8 de maio de 1952, os cariocas encontraram nas mãos dos jornalheiros uma edição extra do *Diário da Noite*. Estampada na primeira página havia uma foto nítida do disco voador com a chamada: “Fotografado na Barra da Tijuca o disco voador”.<sup>419</sup> No mesmo dia, toda cadeia de comunicação ligada aos *Diários Associados* passou a noticiar o acontecimento. Era uma estratégia de divulgação em massa.



Imagem 21 - Fac-símile da primeira página do *Diário da Noite* (8/5/1952), o primeiro meio de comunicação a publicar as fotos da Barra da Tijuca.<sup>420</sup>

<sup>419</sup> *Fotografado na Barra da Tijuca o disco voador. Diário da Noite*, Rio de Janeiro, 8 de maio de 1952, edição extra, p. 1

<sup>420</sup> *Fotografado na Barra da Tijuca o disco voador. Diário da Noite*, Rio de Janeiro, 8 de maio de 1952, edição extra, p. 1

Ainda no dia 8, dezenas de curiosos e autoridade civis e militares do Brasil e exterior foram até a sede da revista *O Cruzeiro*, no bairro da Gamboa.<sup>421</sup> Um deles, o coronel Jack Werley Hughes, adido militar da embaixada dos Estados Unidos, disse não ter a menor dúvida da autenticidade das fotos.<sup>422</sup> Além dele, o capitão e técnico em fotografia Léo e o comandante Brochado, ambos do Ministério da Marinha, disseram que era impossível duvidar da autenticidade do material.<sup>423</sup> Nos dias seguintes, outros membros do alto escalão estiveram na redação, como o representante da Aeronáutica, capitão Múcio, o Ministro da Guerra, general Ciro E. D. Cardoso, o Chefe do Gabinete Militar da Presidência, General Caiado de Castro, e o chefe do Gabinete Civil da Presidência da República, o famoso Dr. Lourival Fontes.<sup>424</sup>

As autoridades que passavam pela redação naqueles dias eram devidamente fotografadas. No dia seguinte, os jornais ligados aos *Diários Associados* publicavam suas imagens e enfatizavam as declarações a favor das fotografias. Lourival Fontes, por exemplo, teria dito: “As fotografias são impressionantes e revelam o que de mistério existe em torno dos tais “Discos Voadores””.<sup>425</sup> Sem perceber, as autoridades da nação estavam sendo usadas numa audaciosa estratégia de propaganda.<sup>426</sup> Sutilmente, os diários criavam a sensação de que elas chancelavam a autenticidade das imagens.

Não apenas autoridades políticas foram envolvidas no circo criado pelos *Diários Associados*. Segundo *O Jornal*, o experiente professor Domingos Costa, astrônomo-chefe do Observatório Nacional, no Rio de Janeiro, teria dito que não tinha mais dúvida a respeito da existência dos discos voadores. Segundo ele, pessoas da sua família tinham visto objetos idênticos aos das fotos. A respeito da origem, Domingos Costa afirmou: “Acredito (...) que sejam engenhos daqui mesmo da Terra, mas não ficaria surpreso se ficasse comprovada a procedência de outro planeta. Nessa questão, aliás, sou mero expectador”.<sup>427</sup> Poucas semanas

---

<sup>421</sup> O prédio onde existiam vários veículos dos *Diários Associados* foi construído por Oscar Niemeyer e atualmente pertence ao *Jornal do Comércio*, do Rio de Janeiro.

<sup>422</sup> MARTINS, João & KEFFEL, Ed. *O disco voador* In **O Cruzeiro**. Rio de Janeiro, 24/05/1952 (AEL), p. 20.

<sup>423</sup> Idem, p.18

<sup>424</sup> *O ministro da Guerra e os chefes do gabinete de Vargas: Existe o Disco*. **Diário da Noite**, Rio de Janeiro, 10/5/1952, p. 10 e 4 (BN)

<sup>425</sup> Idem

<sup>426</sup> Vale salientar que os técnicos que estiveram na sede da revista *O Cruzeiro* tiveram acesso apenas a reproduções dos negativos. Informava a publicação que os originais eram “de uso da redação e permanecerão na caixa forte, não procedendo, assim, as informações segundo as quais aqueles documentos seriam cedidos a qualquer autoridade interessada”. Referência: Ver: *Comunicação oficial ao governo brasileiro, altas autoridades e Conselho Nacional de Segurança*. **Diário da Noite**, Rio de Janeiro, 9/5/1952, 2ª. edição, p. 6.

<sup>427</sup> *Depoimento do astrônomo-chefe*. **O Jornal**, Rio de Janeiro, 10 de maio de 1952, p. 1. (BN)

depois, essas declarações foram largamente utilizadas nos jornais e revistas dos *Diários Associados*.



**Imagem 22 - Domingos Costa, astrônomo-chefe do Observatório Nacional, aponta para o céu em foto publicada na reportagem sobre o disco voador da Barra da Tijuca.<sup>428</sup>**

Nem todos no Observatório Nacional, porém, concordavam com Domingos Costa. Lélío Gama, diretor da instituição, foi instado pelo então ministro da educação, Simões Filho, a comentar o tema que estava levando tanta gente a pedir informações ao Ministério. Gama respondeu de maneira incisiva:

Os “discos voadores” (...) se existem, não constituem fenômenos astronômicos. Em virtude de princípios científicos assentes, é inadmissível a existência de projéteis de origem interplanetária ou sideral com as características dos supostos discos voadores.<sup>429</sup>

<sup>428</sup> MARTINS, João & KEFFEL, Ed. *O disco voador* In **O Cruzeiro**. Rio de Janeiro, 24/05/1952 (AEL), p. 14.

<sup>429</sup> Os “discos voadores”. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 14 de maio de 1952, p. 28 (AEL)

Nos primeiros dias, a revista recebeu também grande número de curiosos que diziam ter visto objetos voadores semelhantes ao fotografado. Quatro pessoas afirmavam que sua observação tinha acontecido exatamente no mesmo dia em que as fotos tinham sido tiradas. Fotos e endereços dessas testemunhas foram publicadas pelos *Diários Associados* como prova indireta da realidade das imagens.<sup>430</sup>

Finalmente, na quinta-feira seguinte, 15 de maio, a revista *O Cruzeiro* chegou às bancas de todo país. Trazia um encarte extra com oito páginas de ampliações grandes e nítidas das cinco fotografias do disco voador da Barra da Tijuca.<sup>431</sup> O pequeno texto dentro do encarte era assinado por João Martins. Começa assim:

Este número de *O Cruzeiro* já estava impresso quando os nossos repórteres João Martins e Ed Keffel realizaram o mais sensacional trabalho jornalístico dos últimos tempos na história mundial. Num esforço correspondente à tremenda importância desse feito, superando todas as dificuldades técnicas, conseguindo incluir nessa edição a surpreendente reportagem apresentadas nessas páginas, imprimindo-a num caderno extra que foi encartado no centro da revista (...) única maneira de levarmos sem delongas aos nossos leitores de todo o Brasil o empolgante relato e as espetaculares fotografias que focalizam o mais fascinante mistério do século XX. A Revista *O Cruzeiro*, através de seus repórteres João Martins e Ed Keffel, orgulha-se de apresentar este furo de repercussão mundial, uma das maiores façanhas da imprensa nacional e estrangeira.

N.R.<sup>432</sup>

Salta aos olhos nesse pequeno trecho a abundância de expressões superlativas (“o mais sensacional dos últimos tempos”, “tremenda importância”, “superando todas as dificuldades”, “surpreendente reportagem”, “o mais fascinante mistério do século XX”, “furo de repercussão mundial” e “uma das maiores façanhas”). Esse sensacionalismo não era incomum na revista. Dentro do encarte, Martins contou como as imagens tinham sido conseguidas e apresentou rapidamente as principais hipóteses a respeito dos discos voadores. Ele também fez questão de

<sup>430</sup> MARTINS, João & KEFFEL, Ed. *O disco voador* In **O Cruzeiro**. Rio de Janeiro, 24/05/1952 (AEL)

<sup>431</sup> MARTINS, João & KEFFEL, Ed. *Extra! Discos Voadores na barra da Tijuca*. In **O Cruzeiro**. Rio de Janeiro, 17 de maio de 1952 (ABI)

<sup>432</sup> *Ibidem*

ênfatizar que o grande atrativo era o mistério que cercava o assunto: “Muitos discos já foram avistados em diferentes países e em ocasiões diversas. Variam as suas formas aparentes, mas o mistério permanece. O mistério que, mais cedo ou mais tarde, teremos de desvendar”.<sup>433</sup>



Imagem 23 - Fac-símile da capa do encarte extra com as fotos na Barra da Tijuca em 17 de maio de 1952.

<sup>433</sup> MARTINS, João & KEFFEL, Ed. *Extra! Discos Voadores na barra da Tijuca*. In **O Cruzeiro**. Rio de Janeiro, 17 de maio de 1952 (ABI)

Segundo um dos diretores da época, Accioly Netto, a edição esgotou-se em apenas duas horas.<sup>434</sup> A estratégia de divulgação dos *Diários Associados* tinha sido um sucesso. Uma crônica não assinada publicada em *O Jornal*, pertencente ao mesmo grupo de comunicação, comemorava o êxito:

Feito o balanço dos resultados do aparecimento do glorioso disco, verifica-se que eles foram satisfatórios, sob vários pontos de vista. Basta ver o êxito da última edição de “O Cruzeiro”, em cujas páginas apareceu o fenômeno com todas as honras de estrelas.<sup>435</sup>

O sucesso não se restringiu ao país. Os direitos de imagem das fotografias foram vendidos a diversas revistas e jornais da Europa e América Latina, que destacaram amplamente o episódio.<sup>436</sup> As fotos da Barra da Tijuca deram aos jornalistas uma única certeza a respeito dos discos voadores: eles eram altamente lucrativos.

### 3.1 \_ QUEM SE IMPORTA COM A VERDADE?

Para compreendermos melhor as fotos do disco voador na Barra da Tijuca é necessário mergulhar um pouco na história do meio de comunicação no qual elas foram publicadas.

*O Cruzeiro* teve seu primeiro número publicado em 1928 e pouco depois foi comprada por Assis Chateaubriand, então um próspero empresário da comunicação.<sup>437</sup> Até o início dos anos 40, era pouco expressiva e não dava lucro, o que levou Chateaubriand a pensar em fechá-la. A situação começou a mudar com a contratação do jornalista David Nasser (1917-1980) e do fotógrafo francês Jean Manzon (1915-1990), que formariam a dupla mais conhecida do jornalismo naqueles anos. A vinda de Manzon em 1943 foi especialmente importante. Antes

<sup>434</sup> ACCIOLY NETO, *op. cit.*, p. 95

<sup>435</sup> Coluna Arame farpado. **O Jornal**, Rio de Janeiro, 17 de maio de 1952, p. 8 e 6. (BN)

<sup>436</sup> MARTINS, João. *A verdade sobre o “disco voador”*. In **O Cruzeiro**. Rio de Janeiro, 2/8/1952 (ABI)

<sup>437</sup> Nas décadas seguintes, Chateaubriand se tornaria dono de um dos maiores grupos de comunicação que já existiram no Brasil - o conglomerado de empresas chamado *Diários Associados*. De acordo com Luiz Maklouf Carvalho, “Os *Diários Associados* eram uma potência na década de 50. Em 1956, período de expansão, tinham 31 jornais, 5 revistas, 21 emissoras de rádio, 3 estações de TV [entre elas a TV Tupi], uma agência telegráfica, 2 agências de representação e duas empresas industriais. *O Cruzeiro*, para empregar a imagem mais usada pelos entrevistados, era uma espécie de TV Globo da época”. Referência: CARVALHO, Luis Maklouf. **Cobras Criadas: David Nasser e O Cruzeiro**. São Paulo, editora SENAC, 2001, p. 20.

dele, *O Cruzeiro* tinha um design confuso e sem unidade. Manzon trouxe mudanças visuais radicais e apostou nas reportagens fotográficas (ou fotorreportagens), um estilo no qual há prevalência das fotografias e ilustrações sobre o texto. O novo modelo gráfico era claramente inspirado na revista norte-americana *Life* e na francesa *Paris Match*, na qual Manzon havia trabalhado.<sup>438</sup> Junto com essa revolução visual vieram as grandes reportagens assinadas por David Nasser. Após a chegada da dupla, as reportagens passaram a ocupar cerca de 40% do espaço da publicação, tornando-se o setor mais oneroso e, ao mesmo tempo, mais lucrativo da revista.<sup>439</sup>

Com inovações visuais e grandes fotorreportagens, a tiragem de *O Cruzeiro* começou a crescer. Audaciosos repórteres e fotógrafos foram aos poucos incorporados à equipe que Nasser chamou certa vez de “o esquadrão de ouro”. Na década de 1950, a publicação viveu seu apogeu. No final do ano de 1954, estampava: “Tiragem pela qual nos responsabilizamos: 720 mil exemplares”.<sup>440</sup> Para se ter idéia do alcance desse recorde, ele “só viria a ser batido extraordinariamente por *Veja*, em 1985”.<sup>441</sup>

---

<sup>438</sup> Existem pelo menos dois estudos jornalísticos sobre as inovações trazidas por Jean Manzon, ambos da mesma autora. Ver: Costa, Helouise. **Aprenda a ver as coisas: fotojornalismo e modernidade na revista O Cruzeiro**, dissertação de mestrado. São Paulo: ECA-USP, 1992 e Costa, Helouise. **Um olho que pensa: estética moderna e fotojornalismo**, tese de doutorado. São Paulo: FAU-USP, 1998.

<sup>439</sup> As páginas de *O Cruzeiro* tinham quase o dobro do tamanho das páginas das revistas atuais, o que valorizava ainda mais as imagens. Cada página media 32,5 cm X 26 cm.

<sup>440</sup> Embora aparecesse em todas as edições, a tiragem não era medida por institutos de verificação de circulação, como acontece atualmente. Não se sabe se a redação inflava os números para angariar mais anunciantes. O fato é que em alguns anúncios a revista afirmava que tinha como comprovar a tiragem àqueles que estivessem interessados.

<sup>441</sup> BAHIA, Juarez, **Jornal, história e técnica**, São Paulo, Ática, 1990, pág. 190



Imagem 24 - A valorização das imagens também marcou as matérias sobre discos voadores.<sup>442</sup>

<sup>442</sup> MARTINS, João. *Nos bastidores da espionagem internacional – parte II (final) - A Batalha secreta dos Discos*. In *O Cruzeiro*. Rio de Janeiro, 25/06/1955, p. 82-B e 83-C. (BMA)

Em uma época em que a televisão estava apenas começando, *O Cruzeiro* era “o visual da nação” de acordo com o ex-repórter da revista Luiz Carlos Barreto. Conta ele: “nós éramos uma imagem que chegava ao Amazonas, em qualquer lugar, para o sujeito que esperava ver o carnaval do Rio de Janeiro ou a fotografia do gol da Copa do Mundo”.<sup>443</sup> E acrescenta:

Fazíamos uma revista que, no início da semana, traçava uma síntese do que tinha acontecido na semana anterior. E isto com uma precisão de análise e, principalmente, com uma visão fotográfica diferente daquela que os jornais publicavam sob forma de telegrama ou de reportagens pobres em informações. *O Cruzeiro* oferecia, assim, uma informação muito rica, dinâmica e imediata para os acontecimentos.<sup>444</sup>

*O Cruzeiro* queria ser lida por toda família. Existiam seções voltadas para mulheres, de crítica teatral, humor e cinema. Escritores famosos assinavam colunas nas suas páginas, como Rachel de Queiroz, Austregésilo de Athayde, Gilberto Freyre e Theóphilo de Andrade. Os anúncios eram muito variados, mas, de modo geral, buscavam alcançar um público com renda média e alta. Era principalmente essa parcela da população que lia a revista.<sup>445</sup> Politicamente, *O Cruzeiro* era bastante conservadora. Afora os anos de Estado Novo (1937-45), em que teve de adular Getúlio Vargas, quase sempre se identificou mais com a direita, representada pela UDN (União Democrática Nacional). David Nasser, especialmente, era anticomunista declarado.

De toda redação, era justamente ele, David Nasser, quem possuía o estilo jornalístico mais admirado e polêmico. Era dotado de uma prosa envolvente, dramática, cheia de adjetivos, que muitas vezes ressaltava o lado curioso e pitoresco. No entanto, nem sempre se preocupava com a verdade. Muitos detalhes ou mesmo matérias inteiras foram inventadas diante de sua máquina de escrever. Luiz Maklouf Carvalho, autor de sua biografia, colheu este depoimento de Freddy Chateaubriand, um dos ex-diretores da publicação:

<sup>443</sup> PEREGRINO, Nadja. **A fotografia de reportagem: sua importância na revista O Cruzeiro (1944-1960)**, Dissertação de mestrado, Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1990, p. 28.

<sup>444</sup> CADERNOS DE COMUNICAÇÃO. **O Cruzeiro – A maior e melhor revista da América Latina**, Série Memória, vol. 3, Secretaria Especial de Comunicação Social, Prefeitura Municipal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2002, p. 33.

<sup>445</sup> Para José Medeiros, fotógrafo da publicação entre 1946 e 1962, “[a revista] influía muito na sociedade, o que não quer dizer que mudasse alguma coisa. Era acima de tudo uma revista de direita, feita para a classe média consumir. Muitas vezes havia reportagens sobre a fome, a repressão, resultado de interesses particulares de alguns de nós. Eram publicadas porque, em realidade, aquilo era uma bagunça incrível, não tinha um controle organizado”. Depoimento dado a CARVALHO, *op. cit.*, p. 167.

Os fatos não eram importantes para o David [Nasser], e sim, a criatividade. Ele inventava coisas pra poder valorizar as reportagens. Foi o Manzon que ensinou isso pra ele. Eu era tolerante. Se você é jornalista e quer vender, você tem que ser escroto. É uma palavra meio forte, mas você não pode ter tanto prurido, senão não vende porra nenhuma. E nisso ele era o rei. (...) Eu sabia das sacanagens, das histórias que ele inventava, mas o principal é vender (...) O Manzon tinha escrúpulo zero. Nenhum escrúpulo. E o David, mais ou menos a mesma coisa (...). Veracidade? Quem está ligando pra ver se é verdade? Era um jornalismo de resultados. Viver de jornal era a coisa mais difícil do mundo.<sup>446</sup>

Segundo Antônio Accioly Netto, ex-diretor da revista, Nasser e Manzon tinham como filosofia a idéia de que: “a verdade fica mais verdadeira quando exposta a uma razoável dose de fantasia”.<sup>447</sup> O próprio David Nasser teria dito em certa ocasião que “a verossimilhança é mais importante do que a verdade”.<sup>448</sup> Obviamente, nem todos os membros da redação concordavam com isso.<sup>449</sup> No entanto, esse “estilo criativo” de Nasser de fato contaminou alguns colegas, como mostram as fotografias de discos voadores tiradas em maio de 1952.

A propósito, aquelas fotos juntaram os caminhos de dois profissionais com biografias bastante diferentes. João Martins e Ed Keffel. João Maria de Souza Martins (1916-1998) nasceu em Salvador, filho de uma família tradicional da região. Coursou Engenharia Civil na Escola Politécnica da Bahia. Amante das letras, publicou ainda em sua terra natal contos e alguns livros ficcionais, entre eles *Terra* de 1935. Após a morte do pai, resolveu se mudar para o Rio de Janeiro. Na nova cidade, Martins deixou o diploma de engenharia de lado e passou a seguir sua vocação. Ele trabalhou durante algum tempo na Agência Nacional, uma agência de notícias governamental responsável pela *Hora do Brasil*. Depois foi contratado por *O Cruzeiro* por influência do jornalista Genolino Amado. Como também era apaixonado por fotografia, João Martins desempenhou muitas vezes a função dupla de repórter e fotógrafo. Para a direção da

---

<sup>446</sup> CARVALHO, *op. cit.*, p. 127

<sup>447</sup> ACCIOLY NETO, Antonio. **O Império de Papel - Os bastidores de *O Cruzeiro***, Porto Alegre: Sulina, 1998, p. 109.

<sup>448</sup> CARVALHO, *op. cit.*, p. 121.

<sup>449</sup> *O Cruzeiro* também ganhou importantes prêmios de jornalismo por suas matérias investigativas. Ver: CARVALHO, *op. cit.*, p. 325 e 327.

revista era muito útil ter dois profissionais em um, especialmente quando a questão eram os custos das viagens internacionais.



**Imagem 25 – Os rostos de João Martins e Ed Keffel, principais responsáveis pelas fotos do disco voador na Barra da Tijuca em 1952.<sup>450</sup>**

Já Eduardo Schulz Keffel (1903-?), ou Ed Keffel, nasceu na cidade de Speyer, Alemanha, filho de pai apátrida.<sup>451</sup> Nos anos 1930, já trabalhava na imprensa do seu país como fotógrafo. Não era judeu, mas começou a temer quando os nazistas passaram a perseguir judeus que se escondiam sob filiação de pais apátridas. Ele preferiu fugir e em 1936 chegou à casa de parentes em Porto Alegre. Depois de algum tempo, passou a fotografar para a *Revista do Globo*. Em 1948, chegou ao Rio de Janeiro para trabalhar em *O Cruzeiro* por intermédio do amigo

<sup>450</sup> MARTINS, João & KEFFEL, Ed. *Extra! Discos Voadores na barra da Tijuca*. In **O Cruzeiro**. Rio de Janeiro, 17 de maio de 1952 (ABI)

<sup>451</sup> Segundo Flávio Damm, o pai de Keffel havia perdido a nacionalidade quando jovem. Ele esteve nos Estados Unidos por mais de três anos e, assim, ganhou nacionalidade norte-americana. Mas acabou desistindo de fazer a América e voltou para a Alemanha, onde soube que havia perdido a nacionalidade alemã. Como não voltou mais para as terras norte-americanas, o pai de Keffel também perdeu essa nacionalidade. Assim, ficou sem nenhuma das duas nacionalidades, nem alemã, nem norte-americana. Referência: DAMM, Flávio. Entrevista concedida por e-mail a Rodolpho Gauthier no período de 24 de outubro de 2007 a 7 de novembro de 2007. O jornalista Luís Maklouf Carvalho conta uma versão um pouco diferente. Segundo ele, o pai de Keffel não quis assumir oficialmente sua paternidade para não criar problemas políticos. Assim, com o termo “pai desconhecido” nos documentos, ele atraiu a suspeita dos nazistas. (CARVALHO, *op. cit.*, p. 232)

gaúcho José Amádio. De acordo com Accioly Netto, Keffel “revelou seu valor, como grande técnico que era, especializando-se em fotografias artísticas, muito usadas nas capas da revista, e dirigindo o laboratório fotográfico”.<sup>452</sup>

Recentemente, o jornalista Luiz Maklouf Carvalho pediu a sete membros da revista na época sua opinião sobre esses dois colegas e as polêmicas fotos da Barra da Tijuca. Dos sete, seis disseram que se tratava de uma fraude. Para Millôr Fernandes, por exemplo, o clima da redação favorecia:

Não tenho a menor dúvida de que foi uma fraude. O Keffel e o Martins começaram a se atirar em busca de coisas extravagantes. O clima de fantasia criado pelo David e pelo Manzon permitia, a revista incentivava. O Keffel era um bom técnico. (...). Iam explicar a coisa toda para o Leão [diretor da revista], mas quando chegaram lá a direção, com aquela leviandade toda, já tinha avisado a imprensa. O clima estava criado e não tinha como recuar.<sup>453</sup>

O repórter Jorge Audi confirma a versão de Millôr Fernandes: “Uma vez, João Martins me contou que o negócio tinha sido uma brincadeira e que depois eles não conseguiram segurar. (...) Quando eles chegaram à redação, já havia um aparato, e eles tiveram que bancar”.<sup>454</sup> Luiz Carlos Barreto discorda dessa versão. Segundo ele, a direção da revista tinha pleno conhecimento da fraude: “A idéia partiu do João Martins, que era um repórter da escola do David [Nasser], da ficção. Tinha mais alma de romancista que de repórter, e foi ele que bolou a coisa. Eu sei disso porque era amigo do pessoal do laboratório”.<sup>455</sup> Barreto explica a armação à luz do tipo de jornalismo que predominava na época:

(...) Era a fase romântica do jornalismo. *O Cruzeiro* teve várias reportagens tão inventadas quanto – a começar pelo disco voador. E não era só *O Cruzeiro* não. O Orson Welles inventou a invasão dos marcianos, nos Estados Unidos. O Lacerda inventou a Carta Brandi. O Calazans Neto, da *Tribuna da Imprensa*, inventou que um submarino alemão estava encalhado em uma praia da Bahia – e era só um cargueiro que tinha naufragado. Era um jornalismo inventivo (...)<sup>456</sup>

<sup>452</sup> ACCIOLY NETTO, *op. cit.*, p. 93

<sup>453</sup> CARVALHO, *op. cit.*, p. 267

<sup>454</sup> *Ibidem*, p. 267.

<sup>455</sup> *Ibidem*, p. 268

<sup>456</sup> *Ibidem*, p. 332

Que motivos teriam levado à fraude? Segundo o jornalista Eugênio Silva, “*O Cruzeiro* vinha aumentando a tiragem, e praticamente parou. Houve uma reunião da diretoria, e depois disso é que apareceu o disco voador”<sup>457</sup> Já para Luís Carlos Barreto: “O assunto estava na moda. (...) Na época, tinha charme, apelo”<sup>458</sup>.

Ainda de acordo com antigos membros da redação, Leão Gondim de Oliveira, diretor da revista na época, pediu uma análise dos negativos para Carlos de Melo Éboli, perito criminal do então Instituto de Criminalística da Guanabara. A investigação concluiu que as sombras dos elementos em cena eram divergentes. Na quarta foto, por exemplo, a sombra do ambiente aparece da direita para a esquerda e a do disco voador da esquerda para a direita. Seriam necessários dois sóis para que tal efeito existisse. Ao que tudo indica, o objeto era uma maquete fotografada em estúdio.

Se fosse um disco voador real ou um modelo jogado ao ar com a paisagem ao fundo, não haveria divergência nas sombras, pois todos os elementos teriam sido fotografados sob a mesma luz e suas sombras estariam voltadas para a mesma direção. O mais provável é que as imagens do disco voador e da paisagem tenham sido obtidas em momentos diferentes e depois justapostas através da dupla exposição do filme fotográfico.

---

<sup>457</sup> CARVALHO, op. cit., p. 266

<sup>458</sup> *Ibidem*, p. 268



**Imagem 26 – A quarta foto obtida por Ed Keffel em 1952. A sombra da paisagem aparece da direita para a esquerda e a do objeto da esquerda para a direita.<sup>459</sup>**

O parecer do Instituto de Criminalística da Guanabara, contudo, nunca veio a público. Conta Jorge Audi: “Eu era amigo pessoal do Carlos de Melo Éboli (...) Esse laudo foi entregue para o Leão, que ficou puto e enfiou na gaveta. O Éboli me mostrou o laudo. Era uma coisa grande, com várias páginas”.<sup>460</sup> Talvez por isso, Leão de Oliveira tenha dificultado o acesso às fotos nos momentos posteriores. Segundo Flávio Damm, o diretor da revista:

<sup>459</sup> MARTINS, João & KEFFEL, Ed. *Extra! Discos Voadores na barra da Tijuca*. In **O Cruzeiro**. Rio de Janeiro, 17 de maio de 1952 (ABI)

<sup>460</sup> CARVALHO, op. cit., p. 267.

Teimou em não permitir que cópias das fotos, mesmo depois de publicadas no *O Cruzeiro* fossem mandadas para os Diários Associados do Brasil inteiro, uma praxe sempre praticada em casos de assuntos momentosos.

Negou-se a aceitar uma oferta da Kodak, Rochester, Estados Unidos, para uma análise de autenticidade dos negativos, com relação ao que havia sobre sombras, etc.

Mandou trancar os negativos no cofre e os arquivou pessoalmente junto com sua conhecida asnice. Era um imbecil.<sup>461</sup>

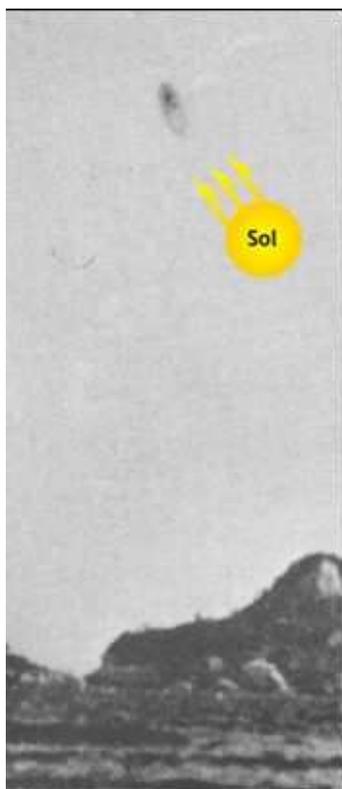
Apenas três dos antigos membros da redação defenderam as fotos da Barra da Tijuca: os diretores Antonio Accioly Netto e José Amádio, e o fotógrafo Flávio Damm. Os dois primeiros, porém, são parte interessada, pois provavelmente foram co-autores da fraude. Já Flávio Damm, que não participou dos acontecimentos, defende Ed Keffel por uma questão de amizade, já que aprendeu com ele algumas das primeiras técnicas de fotografia. “Eu pessoalmente acredito na seriedade do meu mestre”, afirmou.<sup>462</sup> Damm, no entanto, admitiu a capacidade técnica do fotógrafo alemão e declarou que “todos sabiam que só ele tinha condições de fazer bem feito um truque. Bastava querer fazê-lo”.<sup>463</sup>

---

<sup>461</sup> DAMM, Flávio. Entrevista concedida por e-mail a Rodolpho Gauthier no período de 24 de outubro de 2007 a 7 de novembro de 2007.

<sup>462</sup> Idem

<sup>463</sup> Ibidem



**Imagens 27 e 28 - À esquerda uma parte da quinta e última foto obtida por Ed Keffel. No detalhe, à direita, o objeto. É importante notar que, para que a sombra da cúpula do objeto fosse real, o Sol precisaria estar abaixo dele, ou seja, dentro do mar.<sup>464</sup>**

### **3.2 \_ INDÚSTRIA CULTURAL**

*O Cruzeiro* é um exemplo do que se convencionou chamar de indústria cultural. Esse conceito refere-se ao processo através do qual bens e mensagens culturais são produzidos segundo a lógica do lucro e moldados pela necessidade de obter o maior público possível. Sua história remonta à época da Primeira Revolução Industrial no século XVIII, quando as cidades começaram a crescer enormemente. No século seguinte, pensadores ocidentais começaram a conceituar a *massa*, o conjunto de indivíduos de uma sociedade urbana heterogênea na qual não se podia mais diferenciar facilmente nobres e plebeus, nem os antigos espaços de privilégio.

Nessa situação nova, a cultura também passou por mudanças. Técnicas de impressão mais sofisticadas e a invenção de novos meios de comunicação, como o rádio e o cinema, proporcionaram a ampliação da quantidade de informação disponível. A chamada “alta cultura”, antes acessível apenas a uma minoria privilegiada, foi apropriada e transformada. A cultura popular, do mesmo modo, foi modificada e irradiada a públicos anteriormente pouco

<sup>464</sup> Fonte: <http://www.ceticismoaberto.com/fotos/fotosovnis09.htm>. Acesso 7/3/2006.

receptivos. No lugar da antiga divisão entre cultura erudita e popular surgiu a cultura de massa, vendida a quem quisesse ou pudesse pagar. Era algo novo, nem popular, nem aristocrático. Um tipo de produção policlassista com intuítos nitidamente capitalistas, produzida por meios de comunicação que buscavam a maior audiência possível, independente da origem e condição do seu consumidor.

De certa forma, *O Cruzeiro* se aproxima mais desse conceito de indústria cultural do que os diários brasileiros da década de 1950. Boa parte dos jornais da época existia como instrumento de atuação de grupos políticos, não como empresa.<sup>465</sup> Para eles, propagandear idéias políticas era mais importante do que obter lucro. A maioria dos diários tampouco tinha tamanho, organização e estratégias compatíveis com o que se chama de indústria cultural. Alguns eram produzidos quase que artesanalmente.

Na verdade, nem mesmo *O Cruzeiro* era um veículo jornalístico típico da indústria cultural. Embora fosse uma grande empresa, que visava o lucro e tinha um produto que buscava agradar leitores de diferentes camadas sociais, a revista era utilizada freqüentemente por Assis Chateaubriand com finalidades políticas. Do ponto de vista formal, também não utilizava separação entre opinião e informação, uma estratégia para conseguir consumidores de diferentes tendências e, assim, ampliar as vendas.<sup>466</sup> Não se pautava, enfim, pela busca da objetividade e da imparcialidade.

Essas características, no entanto, não impediram que *O Cruzeiro* acionasse outras estratégias para conseguir a maior quantidade possível de leitores. Os textos sensacionalistas e a ampla utilização da imagem são exemplos nesse sentido. Além disso, a revista muitas vezes romanceava e inventava deliberadamente fatos novos. Acreditava implicitamente que, para vender notícias, precisava também vender sonhos. Não quaisquer sonhos, pois seriam tomados como ficção, mas sonhos verossímeis.

---

<sup>465</sup> RIBEIRO, *op. cit.*, p. 27.

<sup>466</sup> A revista não usava o *lead*, a pirâmide invertida e o *copy-desk*. O *lead* é o primeiro parágrafo da notícia organizado para responder “o que, onde, quando, por que, quem e como” aconteceram os eventos. A pirâmide invertida é o processo no qual as informações são apresentadas em ordem de importância. Os dados fundamentais (o *lead*) são colocados logo nas primeiras linhas. Os detalhes menos importantes vão para as últimas. Isso facilita a vida do leitor que tem pressa e a do editor, quando precisa cortar uma notícia que ficou grande demais para o espaço da página. Diante desse problema, ele normalmente retira as últimas linhas. O *copy desk* era o revisor encarregado de adequar os textos segundo as diretrizes do jornal, conferir informações e reprimir arroubos literários. Muitos jornalistas dos moldes antigos sentiam-se limitados por esse profissional. Nelson Rodrigues, por exemplo, era um dos criticavam os “idiotas da objetividade”. Ele comentava jocosamente que, se tivesse existido *copy desk* nos tempos bíblicos, os 10 mandamentos de Moisés teriam sido reduzidos à apenas cinco. (Apud RIBEIRO, *op. cit.*, p. 231)



**Imagem 29 – Propaganda voltada para os anunciantes. Legenda: “Não é sem razão que os grandes anunciantes fazem de O CRUZEIRO o principal veículo de suas mensagens de propaganda”.<sup>467</sup>**

A propósito, filósofos e teóricos de diversas áreas de conhecimento vêm refletindo há tempos sobre a atuação dessa “máquina de sonhos” que é a indústria cultural. Acompanhar essa discussão pode auxiliar bastante na compreensão dos nossos objetos de pesquisa. Para começar, é importante lembrar de Theodor Adorno e Max Horkheimer, dois filósofos alemães influenciados pelo marxismo e pertencentes ao Instituto de Pesquisa Social de Frankfurt. Em 1947 eles publicaram um ensaio intitulado *A indústria cultural – o Iluminismo como mistificação das massas*, no qual denunciaram a existência da indústria cultural como um sistema que serve de instrumento de manutenção e reforço da dominação econômica. Nas suas palavras:

Imprimir com letras de fogo a sua onipotência – a do seu próprio patrão – no âmago de todos os miseráveis em busca de emprego, é o significado de todos

<sup>467</sup> [Anúncio]. **Anuário Brasileiro de Imprensa**. Revista Publicidade e Negócios, Rio de Janeiro, 1953-1954, p. 31 (ABI)

os filmes, independentemente do enredo escolhido em cada caso pela direção de produção.<sup>468</sup>

Na teoria frankfurtiana, o consumidor de produtos culturais é visto como vítima da ideologia da classe dominante, que sempre está a expropriar a consciência crítica do espectador para reafirmar a dominação de classes que acontece no nível econômico. “Pato Donald mostra nos desenhos animados como os infelizes são espancados na realidade, para que os espectadores se habituem com o procedimento”, afirmam.<sup>469</sup>

Adorno e Horkheimer, ambos exilados nos Estados Unidos por conta da perseguição nazista, viam na indústria cultural uma tentativa totalitária de controle das massas. “Para todos alguma coisa é prevista, a fim de que nenhum possa escapar”.<sup>470</sup> Para os dois filósofos alemães, a indústria cultural também explicaria porque a concentração de um grande número de explorados no espaço urbano levou à criação de massas passivas e não de turbas revolucionárias. Segundo eles, “ela [a indústria cultural] ensina e infunde a condição em que a vida desumana pode ser tolerada”.<sup>471</sup> Além disso, ela organizaria antecipadamente as necessidades, “de modo que o consumidor a elas se prenda, sempre e apenas como eterno consumidor”<sup>472</sup>, desejando apenas aquilo que lhe é permitido desejar.

Algumas posições de Adorno e Horkheimer, porém, foram criticadas por vários intelectuais, entre eles o semiólogo italiano Umberto Eco. De acordo com Eco, o intelectual, ao negar a cultura de massa, coloca-se acima dela e sente-se um “super-homem”, lúcido e sozinho do lado de fora de sua banalidade. O problema, acusa ele, é que o silêncio e a recusa do crítico não levam à compreensão da eficiência do sistema nem à luta contra a dominação. Pelo contrário, incentivam a passividade. “O silêncio não é protesto, é cumplicidade, o mesmo ocorrendo com a recusa ao compromisso”.<sup>473</sup> Umberto Eco, a propósito, deixa de lado o conceito de indústria cultural e utiliza o termo *mass media* ou meios de comunicação de massa.<sup>474</sup>

---

<sup>468</sup> ADORNO, Theodor & HORKHEIMER, Max. *A indústria cultural* IN **Indústria cultural e sociedade**. Tradução de Júlia Elisabeth Levy. São Paulo, Paz e Terra, 2002, p. 13

<sup>469</sup> *Ibidem*, p. 33.

<sup>470</sup> *Ibidem*, p. 11

<sup>471</sup> *Ibidem*, p. 53.

<sup>472</sup> *Ibidem*, p. 37.

<sup>473</sup> *Ibidem*, p. 52.

<sup>474</sup> ECO, op. cit., p. 14

Esse conceito já tinha sido contestado por Adorno sob argumento de que não há verdadeiro processo de comunicação na indústria cultural porque somente um dos lados, o produtor, tem voz. O consumidor teria uma margem estreita de escolha, o que o colocaria numa posição subalterna no “diálogo”. É emblemático nesse sentido o comentário de Edgar Morin, que escreve que a indústria cultural parece um diálogo entre um tagarela (meios de comunicação) e um mudo (receptor).<sup>475</sup>

Novos estudos, no entanto, têm questionado essa posição ao investigar a recepção e mediação das mensagens da indústria cultural nas sociedades urbanas. Várias reflexões nesse sentido partem da obra do pensador marxista Antonio Gramsci.<sup>476</sup> Para Gramsci, embora haja uma ideologia dominante, ela nunca é total, visto que sempre existem idéias e valores contra-hegemônicos. Ele também considera a cultura um campo de luta e resistência, não mero reflexo das determinações econômicas. Por isso, suas idéias deram base ao questionamento da noção de domínio totalitário da indústria cultural.

Nesse sentido, pesquisadores do *Birmingham Center of Cultural Studies*, entre eles Raymond Williams e Stuart Hall, passaram a desenvolver trabalhos mais preocupados com a recepção das mensagens. Eles perceberam que os consumidores são bastante diferentes entre si e muito ativos. Notaram também que há sempre certa rebeldia ao decodificar as mensagens, o que gera reinterpretações e resistências. Através dos processos de apropriação, sincretismo e recriação das idéias surgem novas identidades, num verdadeiro processo de bricolagem não previsto pela indústria cultural.

Nas últimas décadas muitos outros estudos têm demonstrado esse papel ativo da audiência, do receptor. Mais do que julgar a indústria cultural como algo intrinsecamente bom ou ruim, demonstram as estratégias de atuação dos meios de comunicação de massa e o modo pelo qual as mensagens são decodificadas. Também levam em conta nesse processo a liberdade de escolha dos consumidores, mesmo que ela seja limitada.

Tentamos neste trabalho analisar, quando possível, a recepção e apropriação dos produtos culturais envolvendo discos voadores consumidos pelos brasileiros nos anos 1950. Essa tarefa, porém, é extremamente difícil devido à falta de fontes a respeito. Apenas *O Cruzeiro* permite vislumbrar algo mais preciso nesse sentido.

---

<sup>475</sup> Cf GOLDENSTEIN, Gisela. **Do jornalismo político à indústria cultural**. São Paulo, Summus, 1987, p. 27

<sup>476</sup> Cf GRAMSCI, Antonio. **Concepção dialética da História**. Trad. Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.

Sabemos, por exemplo, que a redação da revista possuía vários mecanismos para inferir a aceitação ou rejeição do que publicava. Como toda empresa, ela precisava ter conhecimento do que era bem aceito pelos consumidores. Segundo o fotógrafo Flávio Damm, o planejamento das edições de *O Cruzeiro* era feito com base no desempenho do exemplar anterior.<sup>477</sup> Se este havia se esgotado, continuava-se explorando temas semelhantes. Se havia muito encalhe, os assuntos eram renovados. Em 1949, o *Anuário Brasileiro de Imprensa* publicou uma reportagem que narrava as etapas da produção das edições de *O Cruzeiro*. Um pequeno trecho confirma as informações do fotógrafo:

(...) a preferência do público influi sobremaneira para o seu aperfeiçoamento, disposição e variedade. Algumas [matérias] surgem por sugestão dos leitores e as que caem no seu desagrado deixam de figurar na revista. Além das cartas à redação, o IBOPE é o termômetro preferido quanto ao gosto dos leitores.<sup>478</sup>

A propósito, as cartas dos leitores tinham grande influência no que era veiculado. Flávio Damm, por exemplo, enfatizou a importância delas na escolha das pautas.<sup>479</sup> A pesquisadora Nadja Peregrino também comentou que a revista recebia milhares de correspondências que ofereciam assuntos.<sup>480</sup> Até mesmo João Martins declarou, em mais de uma ocasião, que recebia centenas de missivas com recortes de jornal e casos de discos voadores:

Nesse trabalho de pesquisa, tem sido de inestimável valor a colaboração de uma grande equipe de correspondentes que aos poucos reunimos: hoje, para o repórter que escreve essas linhas, convergem regularmente informações de todos os pontos do Brasil e também do exterior.<sup>481</sup>

---

<sup>477</sup> DAMM, Flávio. Entrevista concedida por e-mail a Rodolpho Gauthier no período de 24 de outubro de 2007 a 7 de novembro de 2007.

<sup>478</sup> MATOS, J. M. Rocha. *Como se faz uma revista*. **Anuário Brasileiro de Imprensa**. Revista Publicidade e Negócios, Rio de Janeiro, out. 1949, p. 106. (ABI)

<sup>479</sup> DAMM, Flávio. Entrevista concedida por e-mail a Rodolpho Gauthier no período de 24 de outubro de 2007 a 7 de novembro de 2007.

<sup>480</sup> PEREGRINO, Nadja Maria Fonseca. **A fotografia de reportagem: sua importância na revista O Cruzeiro (1944-1960)**, Dissertação de mestrado, Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1990, p. 23.

<sup>481</sup> MARTINS, João. *Nos bastidores da espionagem internacional – parte I. Serão da Rússia os Discos Voadores?* . In **O Cruzeiro**. Rio de Janeiro, 18/06/1955, p. 58-C e 58-D

Ao longo da década de 1950, como veremos, *O Cruzeiro* publicou muito sobre discos voadores. Essa grande frequência, mesmo em épocas em que não estavam acontecendo ondas de observações, nos leva a crer que ao menos parte dos leitores era receptiva ao assunto. Caso contrário, os “termômetros” da redação acusariam a rejeição e as reportagens não seriam publicadas em tamanha profusão. O maior desafio é tentar entender as razões do sucesso desses produtos culturais.

### 3.3\_ QUANTO MAIS, MELHOR

Ao longo do ano de 1952, *O Cruzeiro* continuou publicando grandes reportagens fotográficas sobre discos voadores. Algumas semanas após as fotos da Barra da Tijuca, a revista começou a veicular os capítulos do livro *Os discos voadores existem*, do norte-americano Donald Keyhoe. Como vimos, Keyhoe vinha defendendo que a Força Aérea norte-americana sabia da origem extraterrestre dos discos voadores, mas mentia deliberadamente para evitar pânico semelhante ao causado por Orson Welles em 1938. O domínio das bombas nucleares, ele especulava, podia ter despertado a preocupação dos habitantes de um planeta vizinho, como Marte ou Vênus.

Longe do academicismo, Keyhoe escrevia sobre discos voadores como se estivesse contando uma das histórias detetivescas que tantas vezes publicara.<sup>482</sup> Ao longo dos capítulos, ele detalha passo a passo suas buscas por pistas e o desenvolvimento de suas reflexões. Embora o estilo cativasse alguns, a obra, nas palavras do historiador David Jacobs, era “baseada em conjecturas, opiniões pessoais de cientistas não explicitados, um pouco de informação factual e grande quantidade de pensamentos fragilmente articulados”.<sup>483</sup> Apesar disso, *O Cruzeiro* brindou as matérias com ilustrações grandes e de qualidade. Elas provavelmente ajudaram a popularizar o assunto de modo muito mais instantâneo do que os textos que as acompanhavam.

---

<sup>482</sup> SWORDS, Michael. Donald E. Keyhoe and the Pentagon. IN EVANS, Hilary e STACY, Dennis (org.), **UFOs 1947-1997 From Arnold to the abductees: fifty years of flying saucers**, Londres, Inglaterra, 1997, p. 87.

<sup>483</sup> JACOBS, *op. cit.*, p. 59

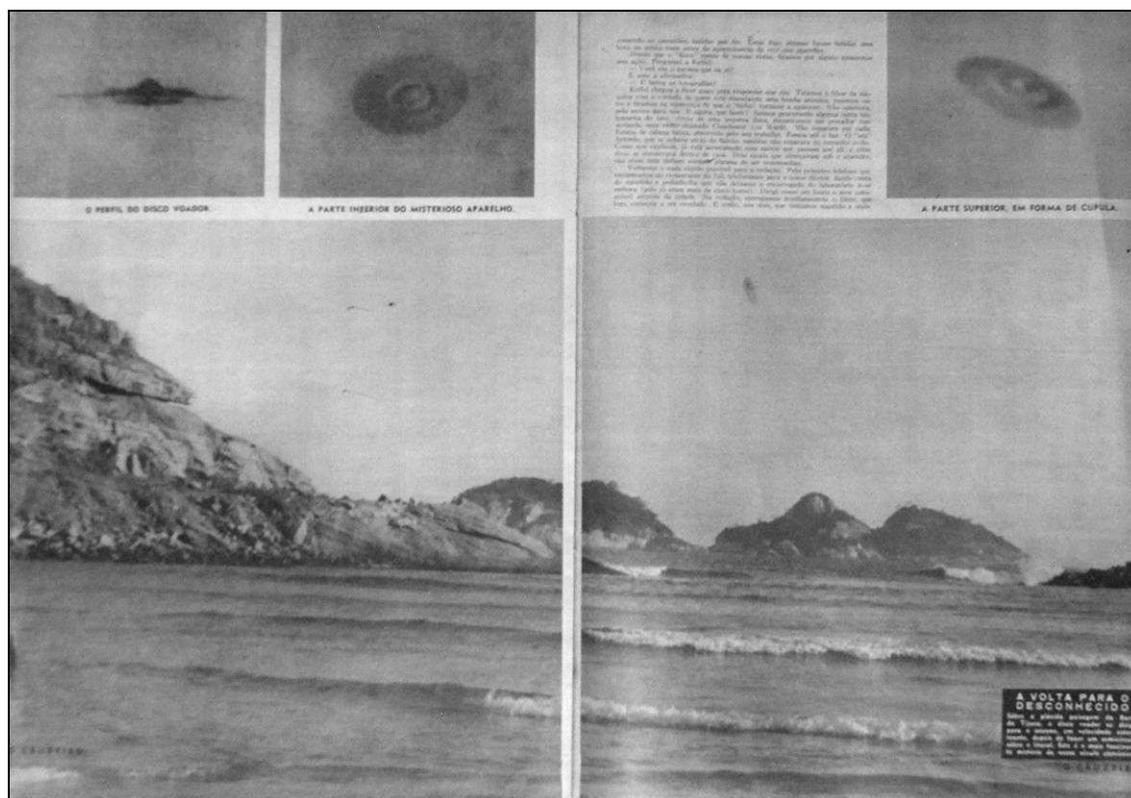


Imagem 30 – A prevalência da imagem nas matérias sobre discos voadores.<sup>484</sup>

Enquanto as idéias de Keyhoe chegavam ao Brasil, os Estados Unidos viviam uma onda de observações de discos voadores sem precedentes. Nos meses de junho e julho de 1952, o assunto tomou conta do país. O episódio-chave ocorreu quando três radares da Costa Oeste detectaram pontos desconhecidos voando a grandes velocidades. As luzes teriam sido testemunhadas também por algumas pessoas e, de acordo com radares, sobrevoaram locais proibidos como a Casa Branca e o Capitólio. Na noite do dia 26 para 27 de julho, dois caças F-94 chegaram a decolar para proteger a capital norte-americana, mas não encontraram nenhum alvo visual. De acordo com a explicação oficial, veiculada tempos depois, os radares foram enganados por inversões de temperatura na atmosfera.<sup>485</sup> Muita gente, porém, não acreditou nisso.

<sup>484</sup> MARTINS, João & KEFFEL, Ed. *Extra! Discos Voadores na barra da Tijuca*. In **O Cruzeiro**. Rio de Janeiro, 17 de maio de 1952 (ABI)

<sup>485</sup> PEEBLES, *op. cit.*, p. 46 e 77.

Esses acontecimentos repercutiram no mundo todo. No dia 30 de julho, a *Folha da Manhã* estampou como notícia principal: “Causam viva apreensão nos E.UA. os Discos Voadores”.<sup>486</sup> Aparentemente, porém, a imprensa brasileira não se interessou tanto pelo tema como em outras ocasiões. Em quatro diários verificados,<sup>487</sup> há muitas notas, mas poucas matérias e entrevistas. Apenas no final do mês de julho o assunto ocupou as primeiras páginas e saíram alguns textos mais elaborados, quase sempre de agências de notícias internacionais. Isso não deixa de ser estranho, já que essa onda em solo norte-americano superou em muito todas as outras.<sup>488</sup>

O que teria ocorrido? Por que os jornais brasileiros não se interessaram tanto pelos discos voadores nesse momento? Teriam os editores evitado o assunto para não prestigiarem a revista *O Cruzeiro*, que vinha dando ampla atenção ao tema? Essa hipótese não parece muito provável, já que o *Diário da Noite*, um vespertino sensacionalista que pertencia aos *Diários Associados*, tampouco deu grande destaque ao assunto. O mais provável é que editores e leitores já estivessem saturados dos discos voadores, pois eles vinham sendo notícia desde maio, quando apareceram as fotos da Barra da Tijuca.

Ao que tudo indica, a ampla publicidade dada ao assunto pela revista *O Cruzeiro* e pelos acontecimentos norte-americanos não gerou nenhuma onda de observações por aqui. A leitura de dez jornais brasileiros entre os dias 8 e 31 de maio de 1952 encontrou apenas quatro relatos de discos voadores no país.<sup>489</sup> Para se ter uma idéia, na onda brasileira de 1947 foram pelo menos vinte e oito ocorrências. Na de 1950, trinta.

Em agosto de 1952, a confusão nos Estados Unidos diminuiu um pouco. Nesse momento, o mais famoso jornalista da redação de *O Cruzeiro* aproveitou para escrever sobre o tema. David Nasser assinou, junto com o fotógrafo Luciano Carneiro, o texto *A capital do disco voador*.<sup>490</sup> O título faz referência à cidade de Farmington, Estados Unidos, onde supostamente 65 mil pessoas teriam visto esquadrilhas de discos voadores. De acordo com Luiz Maklouf

---

<sup>486</sup> **Primeira Página: Folha de S. Paulo.** – 5 ed. – São Paulo: Publifolha, 2000, p. 65

<sup>487</sup> São eles: os jornais paulistanos *Diário Popular*, *Folha da Noite* e *O Estado de S. Paulo*, e o jornal carioca *Diário da Noite*.

<sup>488</sup> Apenas no mês de julho de 1952 a Força Aérea norte-americana recebeu 536 informes de observações, mais do que o triplo do total de todo ano anterior, quando foram 169. Ver: PEEBLES, *op. cit.*, p. 78

<sup>489</sup> Todos eles foram veiculados em jornais dos *Diários Associados*, que nesse momento estavam interessados em promover as fotografias de *O Cruzeiro*. Ver Anexos.

<sup>490</sup> NASSER, David. *A Capital do Disco Voador* In **O Cruzeiro**. Rio de Janeiro, 30 de agosto de 1952 (BN)

Carvalho, trata-se de mais uma fraude “já que ele David [Nasser] e Luciano [Carneiro] nunca estiveram trabalhando juntos em nenhuma viagem internacional”.<sup>491</sup>

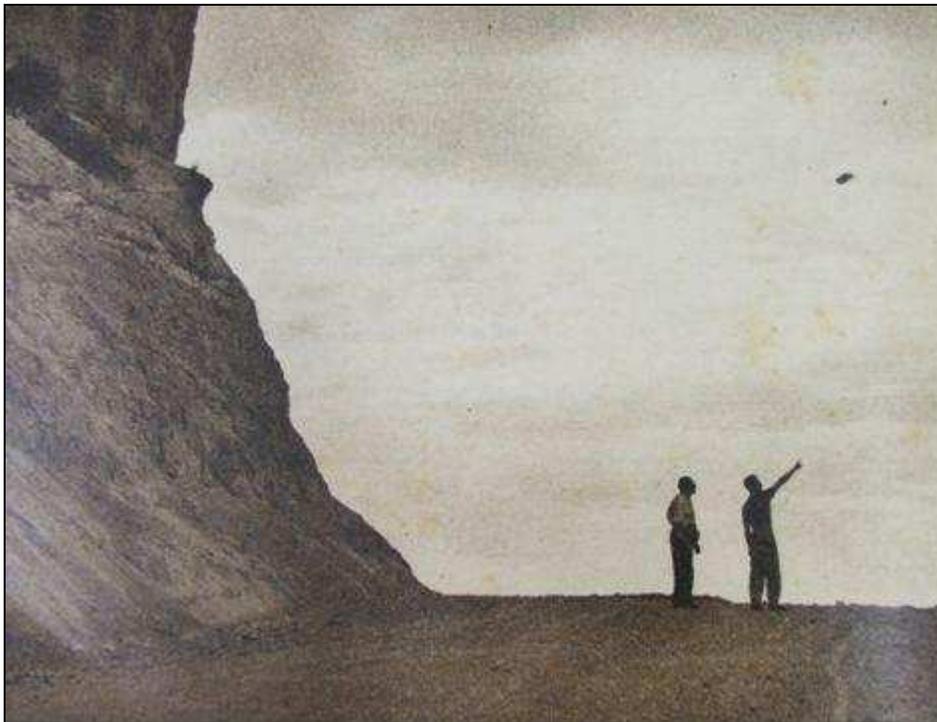


Imagem 31 – Detalhe da fotomontagem na qual David Nasser aparece em Farmington, Estados Unidos.<sup>492</sup>

Ainda em agosto de 1952, o fotógrafo Luciano Carneiro assinou uma grande reportagem fotográfica sobre a história de Silas Newton, personagem que havia motivado o *best-seller Behind the Flying Saucer*, escrito por Frank Scully. Desde 1950, Silas Newton vinha insistindo na história da queda de três discos voadores nos Estados Unidos. Dentro deles, trinta e quatro homenzinhos, provavelmente de Vênus, teriam sido encontrados mortos. Os seres e os destroços teriam sido recolhidos pela Força Aérea norte-americana, que era duramente acusada de esconder a verdade.<sup>493</sup> Dois meses após a publicação dessa matéria, Silas Newton e um comparsa foram presos nos Estados Unidos por vender maquinário falsificado para localizar

<sup>491</sup> CARVALHO, *op. cit.*, 269

<sup>492</sup> NASSER, David. *A Capital do Disco Voador* In **O Cruzeiro**. Rio de Janeiro, 30 de agosto de 1952 (BN)

<sup>493</sup> Embora fosse claramente uma fraude, a história de Silas Newton era bastante sedutora e teve grande destaque. Ela foi muito importante na formação do imaginário dos discos voadores nos Estados Unidos, como notaram vários autores. Ver JACOBS, *op. cit.*, p. 59 e PEEBLES, *op.cit.*, p. 55-58 e 80-83.

poços de petróleo.<sup>494</sup> As vítimas tinham sido lesadas em mais de quatrocentos mil dólares, um valor enorme para a época. A história dos venusianos, soube-se então, tinha sido inventada por dois vigaristas com várias passagens pela polícia.<sup>495</sup> Essa informação, porém, nunca chegou aos leitores de *O Cruzeiro*.

No total, os discos voadores apareceram em dezoito das 52 edições da revista *O Cruzeiro* do ano de 1952. Ou seja, em cerca de 35% dos exemplares do período. Trata-se de um número bastante expressivo, principalmente em se tratando do meio de comunicação impresso mais lido do país.

É possível saber como os leitores reagiram a essa insistência na temática? De acordo com a historiadora Ana Maria Ribeiro de Andrade, que analisou a divulgação científica em *O Cruzeiro*, os leitores “mais atentos e críticos” logo teriam percebido a “farsa” ao notarem a ausência de opiniões de cientistas a respeito do assunto. Ela destaca:

Teria sido o caso, por exemplo, de Lélío Gama, Domingos Costa ou outro nome do Observatório Nacional ter sido consultado, como ocorria no tratamento de outros campos, justamente para dar ares de seriedade e credibilidade.<sup>496</sup>

Não devemos nos esquecer, no entanto, que a revista acionava outras estratégias para dar credibilidade ao assunto. João Martins, por exemplo, freqüentemente se apresentava como engenheiro e procurava citar dados e opiniões que criavam um falso ar de cientificidade. Além disso, o uso das fotografias, especialmente no caso Barra da Tijuca, proporcionou uma força de objetividade maior do que qualquer texto. Milhares de pessoas podem ter uma alucinação visual coletiva, mas a câmara visual é fria e não tem visões, argumentou David Nasser.<sup>497</sup> Para muitos leitores, as fotografias eram um testemunho fidedigno e transparente da existência dos discos voadores. Elas davam credibilidade ao tema. Devemos ter em conta ainda que a publicação era o meio de comunicação impresso mais influente do país.<sup>498</sup> Ainda que jornais e revistas tenham

---

<sup>494</sup> PEEBLES, *op. cit.*, p. 84

<sup>495</sup> COTTON, John L. & SCALISE, Randall J.. **Discos voadores e Frank Scully**. Tradução Kentaro Mori. Disponível em [http://www.ceticismoaberto.com/ufologia/discosvoadores\\_scully.htm](http://www.ceticismoaberto.com/ufologia/discosvoadores_scully.htm). Acesso em 08/07/2009.

<sup>496</sup> ANDRADE, 1994, *op. cit.*, p. 126-127.

<sup>497</sup> NASSER, David. *A Capital do Disco Voador* In **O Cruzeiro**. Rio de Janeiro, 30 de agosto de 1952, p. 64 (BN)

<sup>498</sup> Segundo Fernando Morais, biógrafo de Chateaubriand, o dono dos *Diários Associados* “se gabava do fenômeno em que *O Cruzeiro* se transformara: a revista tinha quase dez vezes mais leitores do que a soma dos telespectadores de suas duas estações de televisão”. Referência: MORAIS, Fernando, *op. cit.*, pág. 536

se insurgido contra suas reportagens sensacionalistas, no final das contas, para o grande público valia a versão dada por *O Cruzeiro*, cuja penetração era imensamente maior do que a dos concorrentes. Todos esses aspectos devem ter dificultado bastante, ao menos num primeiro momento, o reconhecimento da falta de cientificidade das reportagens.

Essas matérias, aliás, devem ter ajudado a aumentar significativamente a tiragem da revista, que saiu de 350 mil exemplares em janeiro para cerca de 500 mil em dezembro de 1952.<sup>499</sup> Embora fosse um sucesso comercial absoluto, *O Cruzeiro* nunca se preocupou muito com a divulgação científica. Em 1952, por exemplo, veiculou apenas duas matérias desse tipo, uma sobre astronomia e outra sobre medicina.<sup>500</sup>

No mesmo ano de 1952, Adolpho Bloch criou no Rio de Janeiro a revista semanal *Manchete*. Embora não tenha inicialmente incomodado a líder de vendas, *Manchete* conquistou cada vez mais espaço com sua qualidade gráfica superior à concorrente. Em termos de divulgação científica, *Manchete* também era bem melhor, ao menos em sua primeira época.<sup>501</sup> No ano de sua fundação, por exemplo, foram publicadas nada menos que 16 matérias sobre ciência. Inversamente, os discos voadores ocupavam pouquíssimo espaço. Essa tendência se manteve por toda década. Entre 1952 e 1958, os discos voadores apareceram apenas 12 vezes nas páginas de *Manchete*, enquanto em *O Cruzeiro* foram 55.<sup>502</sup> Dados como esses corroboram a conclusão da historiadora Ana Maria Ribeiro de Andrade de que na questão da divulgação científica *Manchete* indubitavelmente venceu sua concorrente.<sup>503</sup>

### 3.4 \_ A ORIGEM DAS ONDAS DE RELATOS

Após um período agitado, os discos voadores não apareceram muito nos diários ao longo do ano de 1953 e nos primeiros nove meses de 1954.<sup>504</sup> Contudo, mesmo nesses momentos em que não estavam em alta, eles continuavam surgindo em pequenas notas veiculadas esparsamente. Aos poucos, o assunto disco voador passou a integrar os chamados

<sup>499</sup> ANDRADE, 1994, *op. cit.*, p. 116.

<sup>500</sup> ANDRADE, 1994, *op. cit.*, p. 121.

<sup>501</sup> Ver ANDRADE, 2001.

<sup>502</sup> Esses dados incluem pequenas notas, fotos, contos e matérias específicas sobre a temática.

<sup>503</sup> Ver ANDRADE, 2001.

<sup>504</sup> MARTINS, João. *Os Discos Estão Aqui* In **O Cruzeiro**. Rio de Janeiro, 15 de janeiro de 1955, p. 49. (BMA)

*fait divers*, categoria das notícias curiosas, sensacionais e pitorescas que não se encaixam em gêneros jornalísticos tradicionais como economia, política e cultura, por exemplo.

*Fait divers* (do francês “fatos diversos”) também são chamados de notícias de interesse humano. Têm como característica a auto-suficiência de significado: não é necessário saber nada além da própria notícia para compreendê-la em sua totalidade.<sup>505</sup> Compreende-se de imediato, por exemplo, uma nota sobre um disco voador no céu de uma cidade. Por outro lado, o noticiário sobre uma crise econômica freqüentemente só pode ser entendido a fundo através da posse de informações anteriores.

De duração fugaz, os *fait divers* freqüentemente estão relacionados a coincidências (exemplo: “Mulher ganha cinco vezes na loteria”), anomalias da natureza (“Bezerro de duas cabeças no interior”), crimes (“Pai arremessa filha do quinto andar”), causalidades (“Bandido foge da cadeia disfarçado de policial”) e mistérios. Embora *fait divers* não signifique a mesma coisa que sensacionalismo, os dois conceitos se confundem com freqüência, pois os meios de comunicação sensacionalistas sempre deram bastante espaço a esse tipo de notícia.<sup>506</sup> Deve-se ressaltar, no entanto, que os periódicos considerados mais “sóbrios” também publicam material do gênero, especialmente nos períodos em que as atividades políticas e esportivas diminuem, como no verão.

Para o semiólogo francês Roland Barthes, a principal característica dos discos voadores enquanto *fait divers* é seu caráter misterioso, a impossibilidade de atribuir-lhes uma causa concreta.<sup>507</sup> Nesse ponto residiria o interesse humano que ele carrega. Mesmo quando são relacionados aos marcianos, mantém-se o suspense: “eles” são amistosos ou hostis? Nas palavras de Barthes o papel do *fait divers* “é, ao que parece, preservar no seio da sociedade contemporânea a ambiguidade do racional e do irracional, do inteligível e do insondável”.<sup>508</sup>

No entanto, os discos voadores possuem uma característica que nem todos os assuntos típicos de *fait-divers* têm: as ondas de casos. Como um vulcão adormecido, o tema freqüentemente fica esquecido por anos e de repente volta com força ao noticiário. Essas ondas podem ter alcance regional, nacional ou mundial. Nem sempre uma onda de casos nos Estados Unidos, por exemplo, acontece concomitantemente no resto do mundo e vice-versa.

<sup>505</sup> BARTHES (1999), *op. cit.*, p. 59

<sup>506</sup> ANGRIMANI Sobrinho, Danilo. **Espreme que sai sangue: um estudo do sensacionalismo na imprensa**. São Paulo, Summus, 1995, p. 30-1.

<sup>507</sup> BARTHES, Roland. *Estrutura da notícia. Crítica e verdade*. São Paulo: Perspectiva, 3ª. edição, 1999, p. 61.

<sup>508</sup> *Ibidem*, p. 67

A questão importante mais importante a respeito das ondas é: o que faz com que o número de casos de discos voadores aumente subitamente de tempos em tempos? Há alguma lógica por trás dessas ondas de observações? Embora seja difícil chegar a uma resposta plenamente satisfatória, vale a pena analisar as principais teorias a respeito.

Adeptos da hipótese extraterrestre obviamente argumentam que o aumento repentino do número de casos está relacionado ao crescimento das visitas do espaço. Embora essa alegação seja antiga, não surgiu até o momento nenhuma evidência científica conclusiva que a corrobore. Mesmo assim, levando o argumento adiante, podemos perguntar: por que eles viriam com mais frequência em determinadas épocas? Foi Donald Keyhoe quem propôs uma das primeiras explicações: “eles” estariam preocupados com o uso de armas nucleares.<sup>509</sup> Por isso, chegaram em massa a Terra em 1947, apenas dois anos após as explosões atômicas sobre o Japão. Essa perspectiva, no entanto, não explica porque aconteceram ondas em países sem armas atômicas como o Brasil. Tampouco esclarece porque as supostas caravanas interestelares “chegaram” em épocas em que não aconteceu um único teste nuclear. Outra teoria, bastante comum nos anos 1950, postulava que as ondas ocorriam quando Marte estava no seu ponto de maior proximidade com o planeta Terra. Nesses momentos, os marcianos precisariam de menos combustível para uma viagem. Nas últimas décadas, entretanto, poucas ondas de casos coincidiram com as aproximações celestes entre nosso mundo e o planeta vermelho.

Fora do campo das especulações alienígenas, existem outras propostas. Há, por exemplo, diversas teorias psicológicas. Vale a pena conhecê-las, ainda que não esteja no escopo deste trabalho julgar sua validade. A hipótese mais tradicional atribui à histeria coletiva as avalanches de casos. Desde a primeira onda de 1947, alguns psicólogos defendem isso. No entanto, a idéia sempre permaneceu bastante vaga. Não encontramos até o momento um trabalho científico que detalhasse o mecanismo de funcionamento desse fenômeno psicológico de massa.

Ainda no campo da psicologia, o pesquisador norte-americano Curtis Peebles trouxe uma perspectiva diferente. Ele defendeu as idéias do psiquiatra austríaco Otto Billig, que

---

<sup>509</sup> Ver LOBO, Ary Maurell. *Várias hipóteses sobre os misteriosos discos voadores*, in **Ciência Popular**, Rio de Janeiro, julho 1950, nº. 22, p. 35-8 (AESP)

acreditava que as ondas tinham ligação com crises sociais e políticas.<sup>510</sup> Segundo Billig, durante tais crises as pessoas olham para o céu em busca de fuga e de uma salvação mágica, o que gera casos de discos voadores. As ondas, no entanto, não aconteceriam exatamente durante crises específicas, bem definidas. Se assim fosse, milhares de pessoas teriam visto discos voadores durante a grave crise dos mísseis de 1962, por exemplo. As ondas surgiriam em épocas de tensão silenciosa, latente, nas quais há mais medo do que pode acontecer do que pelo que está ocorrendo. Assim, em 1947 havia medo generalizado dos comunistas e dos rumos da Guerra Fria, por exemplo. Em 1952, ano de muitos casos nos Estados Unidos, havia o impasse na Guerra da Coreia, o macarthismo e a corrida pela bomba de hidrogênio.<sup>511</sup>

Na opinião do ensaísta norte-americano Martin Kottmeyer, porém, essa teoria se vale de um conceito demasiado amplo de crise. Isso faz Kottmeyer questionar: se na década de 1950 e 1960 os Estados Unidos viveram contínuas crises políticas e sociais, como afirma Billig, por que ocorreram picos de relatos separados por vários anos e não um número constante de observações?<sup>512</sup>

O próprio Kottmeyer formulou uma teoria a que chamou de hipótese paranóide.<sup>513</sup> Sabe-se, a partir do trabalho de psicólogos, que episódios envolvendo vergonha e humilhação são responsáveis pelo desencadeamento da paranóia em muitos indivíduos. Também pode ser considerada paranóica a idéia de que os alienígenas estão secretamente escrutinando nosso planeta. Segundo o raciocínio de Kottmeyer, episódios de vergonha ou humilhação coletiva podem ter sido os responsáveis pelas ondas ao gerar sentimentos paranóicos coletivos relacionados a visitantes extraterrestres. Ele dá vários exemplos, como o da onda de discos voadores de 1957 nos Estados Unidos ocorrida logo após o lançamento do primeiro satélite soviético. Esse “profundo golpe na auto-estima dos norte-americanos” teria levado à desconfiança a respeito de invasores vindos dos céus. Kottmeyer aplica essas idéias a várias ondas ocorridas em solo ianque. Reconhece, no entanto, que sua hipótese nem sempre se adéqua aos fatos e que podem existir outros fatores relevantes atuando nesses momentos.

---

<sup>510</sup> Infelizmente, não tivemos acesso direto ao trabalho de Billig. Tomamos conhecimento deste apenas através dos comentários feitos por Curtis Peebles (1994) e Martin S. Kottmeyer (2003). Referência: BILLIG, Otto. **Flying saucers: Magic in the Skies. A Psychohistory**. Cambridge, Mass.: Schenkman Publishing Co., 1982.

<sup>511</sup> PEEBLES, *op. cit.*, p. 343.

<sup>512</sup> KOTTMEYER, Martin S. **Oleadas OVNI: un análisis**. IN La Nave de los Locos, Monográfico nº. 2, Santiago, Chile, junio 2003, p. 9.

<sup>513</sup> *Ibidem*

Outra vertente bastante conhecida de explicação das ondas de observações de discos voadores costuma atribuí-las à cobertura dos meios de comunicação. Ao noticiar os casos a mídia estimularia ainda mais observações, num processo de contínua retroalimentação em que a cobertura midiática e os rumores se reforçariam mutuamente. Segundo essa hipótese, quando a mídia expõe amplamente o assunto à população, ela fica mais suscetível a tomar como discos voadores objetos e fenômenos convencionais, como aviões, meteoritos, planetas, estrelas e outros. Nesses momentos, as pessoas ficariam mais propensas a ver “o que tudo mundo está vendo”, num processo de contaminação pelo clima de expectativa provocado pelos boatos.

Muita gente acreditava e continua acreditando nessa teoria. Nos anos 1950, um conhecido físico francês, Pierre Auger, acusou os jornalistas: “Os discos voadores não passam de uma versão aerodinâmica da serpente marinha que vocês inventaram”.<sup>514</sup> A serpente marinha, no caso, era o monstro do lago Ness, tido por muitos como criação do sensacionalismo midiático.

Para testar a influência dos meios de comunicação, um grupo de estudiosos de discos voadores da província espanhola de Guipúzcoa fez um experimento em dezembro de 1978. Seu objetivo era criar artificialmente uma onda de relatos a partir da manipulação da mídia. A iniciativa recebeu o nome de *projeto Ivan*.<sup>515</sup> A princípio, os pesquisadores criaram uma campanha de divulgação que envolvia cartas aos jornais, publicação de artigos e principalmente a apresentação de diversas testemunhas aos jornais e rádios da região. Tudo isso era falso. As testemunhas, por exemplo, tinham sido recrutadas entre conhecidos. Nessa primeira fase, as coisas ocorreram conforme o previsto. Os jornalistas foram enganados com extrema facilidade, pois não checaram as informações apresentadas nem verificaram a confiabilidade das testemunhas.

Após duas semanas de intensa cobertura da imprensa regional sobre os falsos casos, começaram a aparecer espontaneamente diversas testemunhas que não tinham a ver com o experimento. Eram pessoas que tinham visto algo no céu, não conseguiram compreender e logo associaram sua observação ao que vinha sendo divulgado na mídia. Alguns relatos claramente envolviam confusões com aviões. Assim, o *projeto Ivan* conseguira produzir artificialmente uma onda de relatos de alcance regional.

---

<sup>514</sup> *Os sábios e os discos voadores*. **Folha da Manhã**, São Paulo, 24/8/1952, seção Atualidades, p. 9 (AEL)

<sup>515</sup> ARES DE BLAS, Félix. **Iván. Historia de um proyecto**. 2002. Disponível em <http://digital.el-ceptico.org/leer.php?autor=23&id=1272&tema=25>. Acesso em 14/4/2009.

Depois de alguns dias, porém, os pesquisadores espanhóis notaram que os casos publicados foram se tornando repetitivos e o interesse dos jornais diminuiu consideravelmente. Novas testemunhas espontâneas continuaram a aparecer, mas não receberam atenção dos diários. Elas tinham chegado tarde demais, ou seja, no momento em que o assunto já tinha perdido seu poder de novidade na imprensa. Curiosamente, pouco tempo depois de sumirem dos meios de comunicação os discos voadores também deixaram de “aparecer” para as pessoas. Em termos mais precisos, objetos e fenômenos não reconhecidos deixaram de ser associados aos discos voadores. Assim, a onda de observações morreu completamente. “Talvez esta seja a explicação para o final de muitas outras ondas”, comentou Félix Ares de Blas, que liderou o experimento.<sup>516</sup>

Defensores da hipótese extraterrestre, no entanto, não aceitam esse ponto de vista. Questionam a noção da testemunha irracional sendo guiada pelo que leu nos jornais ou viu na televisão. Para o pesquisador norte-americano Jerome Clark, por exemplo, elas só optam pela explicação misteriosa depois de descartarem racionalmente as possibilidades convencionais.<sup>517</sup> Os ufólogos argumentam também que os casos aumentam durante períodos de ampla cobertura dos meios de comunicação porque nessas ocasiões as testemunhas ficam mais à vontade para relatar as ocorrências. Nesses períodos, haveria mais receptividade ao assunto e as pessoas correriam menos risco de serem ridicularizadas. Quando ocorrem as ondas, os jornais frequentemente tomam uma simples observação como um relato importante.

Nesta pesquisa, pudemos comprovar que os meios de comunicação influenciam substancialmente a criação de ondas de casos. Em julho de 1947 e março de 1950, períodos de ampla cobertura da mídia brasileira, encontramos duas ondas com 28 e 30 relatos respectivamente. Por outro lado, nem sempre a longa exposição do assunto gerou aumento do número de observações. Entre maio e julho de 1952, por exemplo, houve ampla publicidade do tema devido às fotos da Barra da Tijuca e à onda norte-americana. No entanto, quase não surgiram casos na seqüência. Encontramos apenas sete ocorrências nesses três meses.<sup>518</sup> Assim, a equação “publicidade midiática é igual à onda de casos” nem sempre é verdadeira.

---

<sup>516</sup> Ibidem

<sup>517</sup> CLARK, Jerome, “Paranormal and Occult Theories about UFOs”. In **High Strangeness: UFOs from 1960 through 1979. The UFO Encyclopedia**, vol. 3. Omnigraphics, 1996b, apud CABRIA, 2003, *op. cit.*, p. 130-1

<sup>518</sup> Ver anexo – Tabela de casos

Outros estudos também mostraram que nem sempre a mídia exerce papel preponderante na criação do *boom* de avistamentos. A tese de doutorado de Hebert Strentz sobre a cobertura dos jornais norte-americanos, por exemplo, indica que por vezes foi crescimento espontâneo do número de relatos que fez com que os meios de comunicação “baixassem suas barreiras” e começassem a publicar sobre o tema. Para Strentz, o aumento do número de casos também podia forçar a imprensa publicar.<sup>519</sup>

Ainda nesse sentido, o ensaísta norte-americano Martin S. Kottmeyer comparou dados sobre o interesse da mídia com estatísticas de números de casos disponíveis naquele país.<sup>520</sup> Embora tenha encontrado algumas coincidências, ele se deparou também com muitas incongruências. Notou que houve momentos em que o número de relatos cresceu substancialmente sem que os meios de comunicação estivessem dando grande atenção ao assunto. Por outro lado, verificou que em certas épocas a grande exposição dada pelos jornais não gerou crescimento do número de casos informados às Forças Armadas. Desse modo, Kottmeyer conseguiu demonstrar que algumas vezes a mídia não é responsável pelas ondas de casos de discos voadores. A longa exposição do tema nos jornais pode eventualmente gerar uma onda, mas não obrigatoriamente produz aumento do número de testemunhos.<sup>521</sup>

Enfim, embora a mídia tenha tido papel fundamental em muitas ondas de casos de discos voadores e possua, de fato, poder para criá-las sozinha, como mostrou o *Projeto Ivan*, ela não pode ser responsabilizada exclusivamente pela gênese de todos esses episódios. Lançamentos de balões meteorológicos, criação de rotas de aviões em regiões desavisadas, o brilho do planeta Vênus em certas épocas e uma série de eventos combinados também podem gerar aumento súbito do número de relatos sem que haja grande influência da mídia. Ou seja, a culpa nem sempre é dos jornalistas.

---

<sup>519</sup> STRENTZ, Herbert J. **A survey of press coverage of UFOS**, 1947-1966, Arcturus Book Service, p.p. 60, 138 *apud* KOTTMEYER, Martin S. *Oleadas OVNI: un análisis*. IN **La Nave de los Locos**, Monográfico n°. 2, Santiago, Chile, junio 2003, p. 7.

<sup>520</sup> Nos Estados Unidos é possível saber com certa exatidão quando ocorreu o início e o final de uma onda de casos. Lá, o projeto *Blue Book*, iniciativa militar responsável por investigar discos voadores, recebeu diariamente relatos de todas as partes do país entre 1950 e 1968. Analisando o fluxo de informes notam-se variações nas quantidades de observações recebidas.

No Brasil, as Forças Armadas aparentemente não se preocuparam em compilar os relatos de discos voadores ocorridos no país ao longo dos anos. Desse modo, a única maneira de descobrir se uma onda de casos ocorreu aqui nos anos 1950 é através do acompanhamento do interesse da imprensa. Se alguma onda de relatos brasileiros foi ignorada pela mídia nessa época, ela provavelmente permanecerá esquecida, pois tampouco foi registrada pelos nossos militares. Ondas posteriores a 1957 foram registradas pelos ufólogos. Sobre isso, ver: **Boletim SBEDV**, Rio de Janeiro, n° especial 1975, p. 73.

<sup>521</sup> KOTTMEYER, Martin S. (2003), *op. cit.*, p. 7.

### 3.5 \_ O AVANÇO DOS EXTRATERRESTRES

Apesar dos poucos casos de discos voadores ocorridos durante o ano de 1953 e parte de 1954, seres de outros planetas estavam quase todos os dias nas casas das pessoas. Nessa época, a indústria cultural passou a explorar pesadamente as potencialidades dramáticas do contato com alienígenas. A respeito disso, o jornalista Eduardo Graco da revista *O Cruzeiro* comentou:

O “SCIENCE-FICTION” é o gênero de filme mais em voga nos Estados Unidos, atualmente. Durante um mês e pouco em que lá estive, assisti pelo menos oito películas de assuntos interplanetários – invasões, planetas exóticos, navios do espaço, etc. As revistas infantis, o rádio, a televisão, os teatros e até as “boites”, por incrível que pareça, estão explorando o filão magnífico que é a ficção científica.<sup>522</sup>

Produtos culturais como esses foram muito importantes. Primeiro, porque apresentaram representações visuais acerca dos discos voadores e seres extraterrestres. Filmes, gibis e a incipiente televisão da época promoveram imagens acerca do que até então muitos comentavam, mas poucos tinham idéia da forma. O cinema deve ter sido especialmente influente. Estima-se, por exemplo, que 80% da população das grandes cidades brasileiras nos anos 1940 e 1950 freqüentava “as salas de exibição centrais ou as de bairro pelo menos uma vez por semana”.<sup>523</sup> Isso em uma época em que cerca de 60% dos brasileiros eram analfabetos.<sup>524</sup> Muitos filmes sobre extraterrestres produzidos nos Estados Unidos estrearam nas telas brasileiras. O cinema nacional também fez uso deles em películas como *Carnaval em Marte* (1954) e *Os Cosmonautas* (1962).<sup>525</sup> Direta ou indiretamente, esses produtos culturais

<sup>522</sup> GRACO, Eduardo. *A Guerra dos Mundos* In **O Cruzeiro**. Rio de Janeiro, 26 de dezembro de 1953, p. 29. (AEL)

<sup>523</sup> MENEGUELLO, Cristina. **Poeira de estrelas: o cinema hollywoodiano na mídia brasileira das décadas de 40 e 50**. Campinas, Ed. da UNICAMP, 1996, p. 11.

<sup>524</sup> Ver BELTRAO, Kaizô. **Alfabetização por raça e sexo no Brasil: evolução no período 1940-2000**. Rio de Janeiro: Escola Nacional de Ciências Estatísticas, 2002. Disponível em [www.ence.ibge.gov.br/publicacoes/textos\\_para\\_discussao/textos/texto\\_1.pdf](http://www.ence.ibge.gov.br/publicacoes/textos_para_discussao/textos/texto_1.pdf). Acesso em 28/2/2006.

<sup>525</sup> Ver SUPPIA, Alfredo Luiz Paes de Oliveira. **Limite de Alerta! Ficção Científica em Atmosfera Rarefeita: Uma introdução ao estudo da FC no cinema brasileiro e em algumas cinematografias off-Hollywood**. Tese de

influenciavam na polêmica sobre os discos voadores. Eduardo Graco escreveu que, após assistir ao filme *Guerra dos Mundos* (1953),

O espectador sai da sala de projeção vagamente impressionado com a possibilidade dos marcianos invadirem de fato a Terra, pois ninguém conhece, de fato, os segredos do espaço e os discos-voadores (interplanetários ou não) andam cruzando os céus do mundo todo.<sup>526</sup>

As aventuras espaciais também estavam na moda nas histórias em quadrinhos consumidas pelo público jovem. No início de 1952, Adolfo Aizen, diretor da Editora Brasil-América Limitada (EBAL), especializada em quadrinhos, afirmou que vinha “recebendo pedidos no sentido de publicar histórias do gênero “interplanetário””.<sup>527</sup>

No jornalismo impresso “eles” também avançavam. As agências de notícias internacionais estavam dando cada vez mais espaço aos defensores da hipótese extraterrestre e isso chegava ao país. Diários brasileiros, por exemplo, compraram os direitos de publicação de escritores norte-americanos como Frank Scully<sup>528</sup> e Donald Keyhoe.<sup>529</sup> Lentamente, a idéia de discos voadores pilotados por extraterrestres começava a chegar ao grande público.

doutorado em Múltiplos Meios, Campinas, Universidade Estadual de Campinas, 2007. Em 1957, a TV Tupi produziu um seriado semanal de ficção científica chamado *Lever no Espaço*. O programa era exibido aos sábados e teve 23 episódios. Contava com nomes de peso como Lima Duarte e Beatriz Segall. Ver: Vizzoni, Chico. *Um cometa vai destruir a Terra*. **O Cruzeiro**, Rio de Janeiro, 7/9/1957. (CMU)

<sup>526</sup> GRACO, Eduardo. *A Guerra dos Mundos* In **O Cruzeiro**. Rio de Janeiro, 26 de dezembro de 1953, p. 46.

(AEL)

<sup>527</sup> *Charles Vick e seu Disco Voador*. **Álbum Gigante**. Editora Brasil-América Limitada (EBAL), Rio de Janeiro, janeiro de 1952, nº 33, p. 2.

<sup>528</sup> *Diário da Noite*, vespertino carioca e sensacionalista dos Diários Associados, publicou uma série de artigos de Frank Scully a partir de 16 de junho de 1952. (BN)

<sup>529</sup> *O Jornal*, matutino carioca dos Diários Associados, publicou uma série de artigos de Keyhoe Scully a partir de 11 de maio de 1952. (BN)

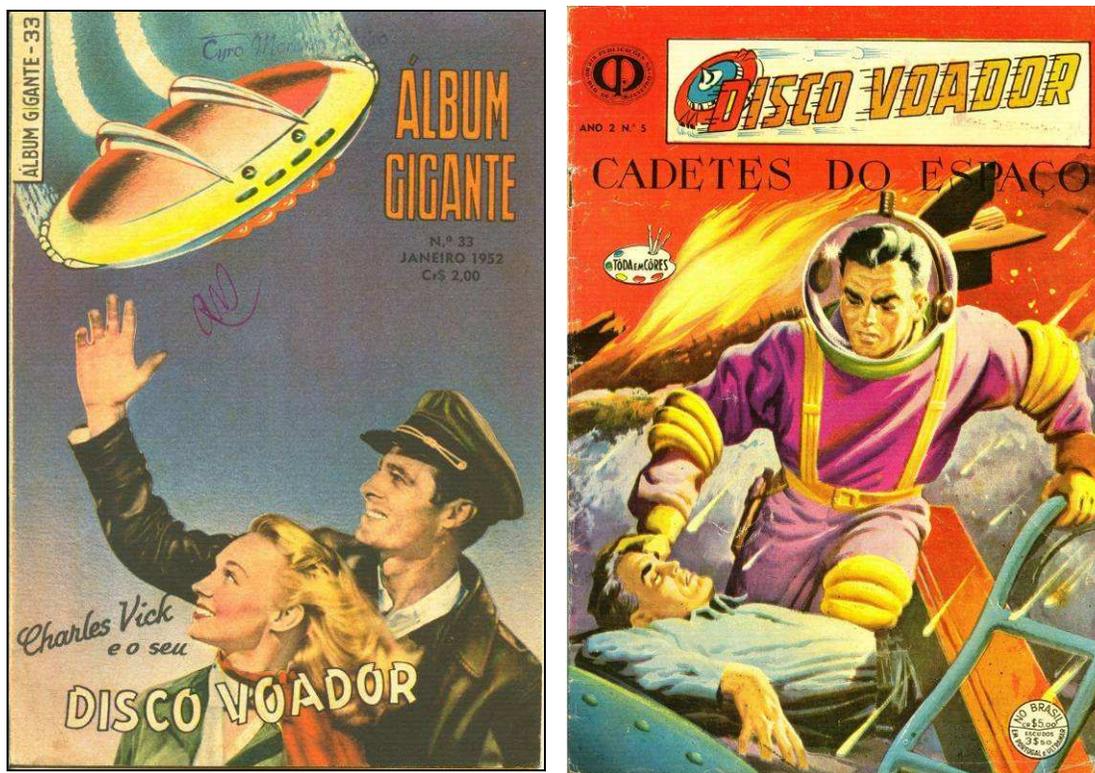


Imagem 32 (À esquerda) – revista em quadrinhos *Disco Voador* n° 5 (1955).<sup>530</sup>  
 Imagem 33 (À direita) – revista *Álbum Gigante* com o título *Charles Vick e seu Disco Voador* (janeiro 1952).<sup>531</sup>

Os produtos da indústria cultural foram também muito importantes porque ajudaram a associar os discos voadores aos extraterrestres. Isso refletiu-se diretamente no imaginário. Numa pequena enquete feita em 1952 pelo diário carioca *O Jornal*, os periodistas perguntaram a algumas pessoas o que elas pensavam sobre os discos voadores. Enquanto alguns apostavam nas hipóteses de armas de guerra, fenômenos atmosféricos e instrumentos de propaganda, a maioria, segundo o diário, já acreditava na origem interplanetária.<sup>532</sup>

A transformação do imaginário relacionado aos discos voadores pode ser notada até mesmo nas propagandas da época. Abaixo, temos dois anúncios publicitários de uma mesma empresa veiculados em julho de 1947 e maio de 1952. A principal diferença entre eles é o

<sup>530</sup> **DISCO VOADOR**, Orbis Publicações S.A., Rio de Janeiro, fevereiro-março-abril de 1955, ano 2, n° 5, 34 p.

<sup>531</sup> *Charles Vick e seu Disco Voador*. **Álbum Gigante**. Editora Brasil-América Limitada (EBAL), Rio de Janeiro, janeiro de 1952, n° 33, 36 p.

<sup>532</sup> *Fala o povo sobre o disco voador: arma de guerra, mensagens de outro planeta, invenção russa*. **O Jornal**, Rio de Janeiro, 11/5/1952, p. 8 (BN)

pequeno texto que os acompanha. Em 1947, não há nenhuma referência à origem dos discos voadores, enquanto em 1952 eles são associados a marcianos.



#### ANÚNCIO JULHO DE 1947 <sup>533</sup>

##### LEGENDA:

- Serão discos-voadores?
  - Não, meu caro, são pratos do Dragão!
  - Então trata-se de uma demonstração de que o artigo de lá é bom!
  - Sim, porque o Dragão, o rei dos barateiros, é a maior organização de louças, cristais, alumínio, ferragens e artigos finos para presentes. Tudo ali é de ótima qualidade e custa pouco.
- Rua Larga ns. 191-193 (em frente à Light). NÃO TEM FILIAIS.



#### ANÚNCIO MAIO DE 1952 <sup>534</sup>

##### LEGENDA:

- Praxedes! Veja! Discos Voadores! Será que vêm de Marte para melhorar a nossa situação quanto aos preços?
- Qual o que. Não são discos voadores. São panelas do "O DRAGÃO", você verá que tudo ali é de ótima qualidade e custa pouco. Sou "fan" do "O DRAGÃO", para ser justo. Esta é a verdade. Sim, porque o "O DRAGÃO", rei dos barateiros, é a maior organização em louças, cristais, alumínio, ferragens e artigos finos para presentes – Rua Larga ns. 191-193 (em frente à Light). NÃO TEM FILIAIS.

<sup>533</sup> [Anúncio com desenho]. A Noite. Rio de Janeiro, 21 de julho 1947, edição final, p. 2. (BN)

<sup>534</sup> [Anúncio com desenho]. A Noite. Rio de Janeiro, 26 de maio 1952, p. 2 (BN)

O que teria feito com que a hipótese de armas secretas fosse jogada para segundo plano? A Guerra Fria continuava preocupando a todos, principalmente depois que os Estados Unidos explodiram sua primeira bomba de hidrogênio, em novembro de 1952. Nem o armistício na Guerra da Coreia em julho de 1953 acalmou os ânimos. A preocupante escalada tecnológica continuava. Não havia motivo, portanto, para deixar de acreditar que novas aeronaves secretas, talvez em forma de disco, estivessem em processo de desenvolvimento nos dois lados.

Alguns episódios provavelmente convenceram muita gente de que os discos voadores não eram deste mundo. Entre 1947 e 1952, surgiram testemunhas consideradas confiáveis (aviadores, principalmente) que os descreviam com formas, velocidades e manobras que, se verdadeiras, só poderiam ser de uma tecnologia alheia à terrestre. Os jornais, no entanto, raramente informavam que esses observadores também estavam sujeitos a erros, já que a visão de qualquer pessoa pode ser facilmente enganada. Também apareceram casos nos quais houve detecção de discos voadores por radar. Pouco adiantou os cientistas e militares alertarem que as anomalias detectadas por esses aparelhos podiam ser causadas por tempestades, grupos de pássaros, inversões térmicas e outros eventos. A crença na eficiência dos instrumentos criados pela ciência e a desconfiança em relação às Forças Armadas fazia com que tais argumentos caíssem no vazio.

Mas o fator primordial na mutação do imaginário deve ter sido mesmo a atuação da indústria cultural, que com sua força massificou imagens e narrativas sobre outros mundos. Os filmes de Hollywood, por exemplo, facilmente alcançavam um público bem maior do que qualquer caso de disco voador discutido nos jornais. A indústria cultural percebeu rapidamente quão divertida e rica, do ponto de vista imaginativo, podia ser a idéia de visitantes extraterrestres. “Eles”, afinal, serviam como alegoria em muitos contextos. Na maioria dos filmes norte-americanos dos anos 1950, por exemplo, os extraterrestres aparecem como uma metáfora dos comunistas. Essa potencialidade foi notada pelo comentarista Barreto Leite Filho, que escreveu:

Se os discos forem norte-americanos, ou russos, nada continuará a haver de novo e dentro de um espaço de tempo relativamente curto estaremos tão familiarizados com eles, ou o estarão os sobreviventes, quanto com qualquer avião. Em última análise, os dados da política mundial não variarão mais do

que têm variado nestes vinte ou trinta anos mais recentes. Se forem interplanetários é que a coisa se tornará interessante.<sup>535</sup>

Durante o restante dos anos 1950 e nas décadas seguintes, os discos voadores não deixaram mais de ser sinônimo de seres extraterrestres. Aos poucos, consolidou-se um imaginário inteiramente novo no qual a idéia de visitantes de outros planetas ocupava posição central. Outros argumentos foram adicionados a ele, mas as noções básicas continuaram as mesmas dos primeiros anos. Até hoje, muita gente acredita que os discos voadores são capazes de manobras fantásticas e que a detecção por radar é uma prova das visitas alienígenas. Muita gente acredita que os governos não permitem que a verdade venha à tona. Muita gente ainda acredita, como diz a epígrafe deste capítulo, ter encontrado a segunda maçã.

---

<sup>535</sup> LEITE FILHO, BARRETO. *Política mundial e política interplanetária*. **Revista O Jornal** [encarte dentro do periódico], 18 de maio de 1952, p. 1 e 7 (BN).

# **Capítulo 4**

## **São extraterrestres!**

Os jornais noticiaram  
 A milhares de leitores  
 Que habitantes de outros mundos,  
 Medonhos aterradores,  
 Estão visitando a Terra  
 Nos tais “Discos Voadores”

Reportagens espantosas  
 Aparecem todo dia  
 Nas revistas dos ricos  
 Nos jornais da burguesia;  
 Diz mais ou menos assim  
 A tal imprensa “sadia”:

Nada se sabe a respeito  
 Dessas invenções errantes  
 Mas a verdade é que existem  
 Os grandes discos voantes  
 Por que muita gente boa  
 Falou com seus tripulantes

*Discos Voadores e os Habitantes de Outros Mundos*  
 Folheto de Cordel.<sup>536</sup>

Foi novamente *O Cruzeiro* quem rompeu a calma que desde 1952 reinava a respeito dos discos voadores. Após o suicídio de Getúlio Vargas, em agosto de 1954, a revista cravou seu recorde de tiragem, 720 mil exemplares. Talvez para manter esse índice, João Martins e Ed Keffel foram escalados para uma nova série de reportagens intitulada *Na esteira dos discos voadores*.

Martins tinha conseguido grande publicidade meses antes, quando cobriu o concurso de Miss Universo, nos Estados Unidos. Sua conterrânea, a baiana Marta Rocha, era a grande favorita ao título. No entanto, a candidata norte-americana foi a vencedora. Rumores davam conta de que a moça fora escolhida porque o evento precisava aumentar a audiência e o número de patrocinadores norte-americanos. Não foi essa, porém, a versão que chegou ao Brasil. Segundo Accioly Netto, ex-diretor de *O Cruzeiro*, os jornalistas brasileiros que cobriram o concurso se reuniram após a divulgação do resultado. Nesse encontro, João Martins teria inventado, em comum acordo com todos, que Marta Rocha perdera porque seu quadril tinha duas polegadas (5 cm) a mais do que a vencedora. “Na volta, todos os presentes na reunião

<sup>536</sup> WANDERLEY, Antônio Geofre. **Discos Voadores e os Habitantes de Outros Mundos**. Folheto de Cordel, s/d. (Fundação Casa de Rui Barbosa)

guardaram o maior segredo sobre a mentirinha”.<sup>537</sup> Marta Rocha só tomou conhecimento dessa versão através da imprensa e no imaginário nacional o Brasil ficou com a vitória moral das curvas arredondadas.<sup>538</sup>

Três meses após essa “mentirinha” João Martins assinou junto com Ed Keffel a primeira reportagem da nova série sobre discos voadores. Na estréia, publicaram uma entrevista com o comandante da aviação Nagib Ayub, que alegava ter observado uma bola luminosa vermelha por quase duas horas no trajeto entre Porto Alegre e Rio de Janeiro.

Na semana seguinte, a dupla trouxe informações de Buenos Aires, onde tinham se encontrado com os irmãos Jorge e Napy Duclout. Os dois argentinos afirmavam ter contatos com seres de Ganimedes, satélite de Júpiter. Descreviam assim os extraterrestres:

(...) Pacíficos, não existe guerra entre eles, nem sentimentos guerreiros (...)  
 Não tem diferentes nações, nem diferentes governos, nem problemas sociais  
 (...) Vivem em média 200 anos dos nossos (...) Determinaram em um mapa de  
 três dimensões as zonas onde há radioatividade. Localizam todos os locais  
 onde há laboratórios de urânio e onde houve explosões de bombas atômicas.<sup>539</sup>

Após a Argentina foi a vez dos Estados Unidos. Lá, João Martins cobriu uma reunião de testemunhas e interessados em discos voadores ocorrida no monte Palomar, Califórnia.<sup>540</sup> Nesse encontro, os “astros do espetáculo” foram três pessoas que alegavam manter contatos com seres de outros planetas (contatados): George Adamski, Daniel Fry e Truman Bethurum. Adamski (1891-1965), por exemplo, dizia manter contato com seres de Vênus, que possuíam aparência ariana e intenções nobres. De acordo com ele,

A sua viagem não tinha intuítos agressivos. Radiações muito fortes estavam saindo do nosso planeta, depois das bombas atômicas, e estavam afetando o espaço exterior. Êle me deu a entender que, com muitas explosões, haveria uma

<sup>537</sup> ACCIOLY NETTO, *op. cit.*, p. 92

<sup>538</sup> REVISTA ÉPOCA, edição de 10/9/1998. Disponível em <http://epoca.globo.com/edic/19980810/socied4.htm> . Acesso em 15/2/2006.

<sup>539</sup> Ibidem, p. 70

<sup>540</sup> Segundo informa Martins, o encontro ocorreu entre os dias 7 e 8 de agosto de 1954.

catástrofe na Terra (...) Por assim dizer, êles se acham e vivem muito mais perto do criador do que nós, na Terra.<sup>541</sup>

Nessa reportagem, João Martins comentou despretensiosamente que uma mulher enigmática acompanhada por dois homens causou furor ao visitar o congresso do monte Palomar. Ela era loira, alta e se chamava Dolores Barrios. Era surpreendentemente parecida com o venusiano andrógino descrito por Adamski e pintado sob encomenda em tamanho natural. “Ninguém sabia como tinham vindo nem quem eram. Começou a correr o boato de que eram “venusianos” disfarçados”.<sup>542</sup>

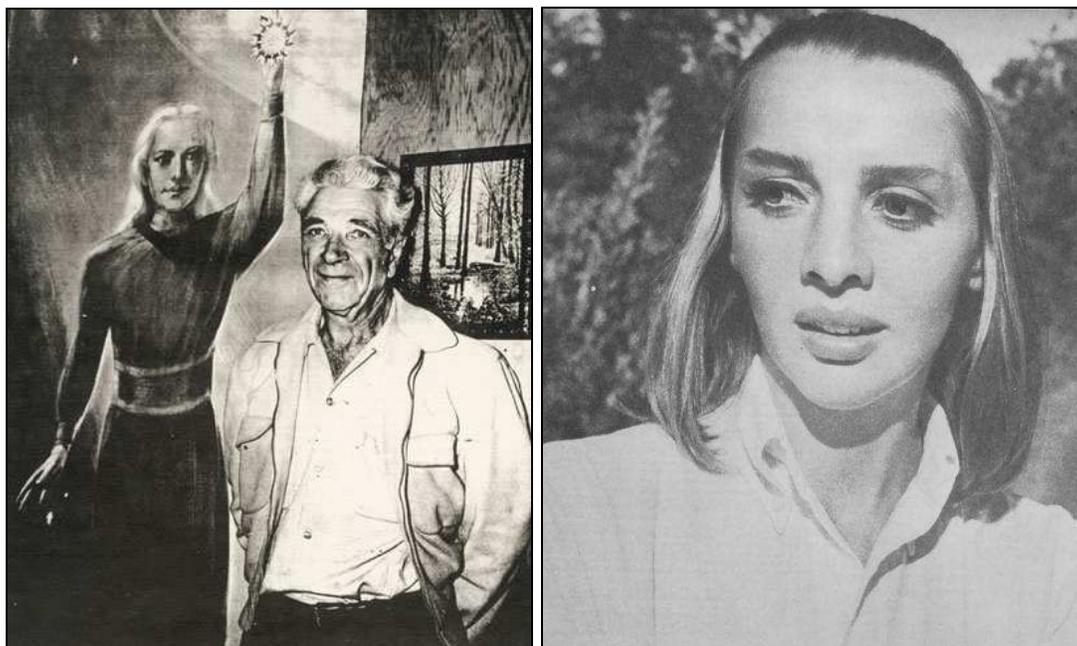


Imagem 36 (à esquerda) – George Adamski ao lado do retrato do venusiano andrógino que ele dizia ter encontrado.

Imagem 37 (à direita) – Dolores Barrios, a estranha “moça” que apareceu no congresso de Monte Palomar nos Estados Unidos.<sup>543</sup>

<sup>541</sup> MARTINS, João. *Na esteira dos “Discos Voadores” – parte 4. Espiões interplanetários*. In **O Cruzeiro**. Rio de Janeiro, 23 de outubro de 1954, p. 74-A (BMA)

<sup>542</sup> MARTINS, João. *Na esteira dos “Discos Voadores” – parte 3. Reunião de “Discos” em Palomar*. In **O Cruzeiro**. Rio de Janeiro, 16 de outubro de 1954 (BMA)

<sup>543</sup> MARTINS, João. *Na esteira dos “Discos Voadores” – parte 3. Reunião de “Discos” em Palomar*. In **O Cruzeiro**. Rio de Janeiro, 16 de outubro de 1954 (BMA)

De acordo com João Martins, Adamski não gostou da história. Achou que fosse uma comediante tentando imitar o retrato do venusiano para desmoralizá-lo.<sup>544</sup> O repórter de *O Cruzeiro* bateu várias fotos da mulher e, na primeira oportunidade, narrou o ocorrido “a título de curiosidade”. Acabou criando mais um mito.

No final de 1954, o ufólogo Fernando Cleto Nunes Pereira, ao entrar em um cinema, viu dois homens que lhe causaram estranha sensação. Meses depois, ao tomar conhecimento das fotos de Dolores Barrios, ele tomou um susto ao reconhecer um deles. “Só naquele momento em que vi a fotografia daquela mulher que pude compreender, em segundos, ter sido o belo e estranho homem o responsável direto pelos estranhos acontecimentos do cinema”.<sup>545</sup> A experiência o marcou. Ele passou a se perguntar se tinha estado próximo a um extraterrestre e a carregar consigo uma foto de Dolores Barrios, mostrando-a àqueles que alegavam ter contatado os tripulantes dos discos voadores.<sup>546</sup>

A partir daí, a história só cresceu. Até hoje é alvo de discussões no meio ufológico. O que pouca gente se lembra, porém, é que nos anos 1970 o próprio Fernando Cleto Nunes Pereira teve acesso às fotos originais, guardadas nos arquivos de *O Cruzeiro*. Ele ficou surpreso ao perceber que na imagem original, sem retoques, Dolores Barrios aparece com uma peruca. Os indícios provavelmente tinham sido apagados pelos técnicos da revista.<sup>547</sup> Estaria João Martins envolvido em outra armação? Ou o disfarce teria sido criado por alguém do próprio congresso com objetivo de angariar público? Seja lá qual for a resposta, um extraterrestre de verdade seria, no mínimo, infeliz ao aparecer entre João Martins e George Adamski, duas pessoas envolvidas em fraudes fotográficas.<sup>548</sup>

Deixando de lado esse episódio pitoresco, o que salta aos olhos nas narrativas de contatados como Adamski, Fry e Bethurum é sua preocupação com a situação vivida pelo mundo naquele momento. Nos seus relatos de encontros com extraterrestres, “eles” vêm para nos alertar sobre os riscos que corremos ao utilizarmos a energia atômica de maneira inadequada. São superiores tecnologicamente e moralmente. Relatos como esses eram

---

<sup>544</sup> PEREIRA, Fernando Cleto Nunes. **Sinais estranhos**. Editora Hunos, Rio de Janeiro, 1979, p. 50.

<sup>545</sup> PEREIRA, *op. cit.*, p. 48.

<sup>546</sup> PEREIRA, *op. cit.*, p. 51.

<sup>547</sup> PEREIRA, *op. cit.*, p. 53-54.

<sup>548</sup> Ao longo da década de 1950, Adamski apresentou várias fotos de discos voadores, mas algumas foram desmascaradas mais tarde como montagens. Uma delas envolveu uma chocadeira, um bico de chupeta e três bolinhas de ping-pong. Veja: <http://fotos.ceticismoaberto.com/ovnis/nave-de-escolta-venusiana/> . Acesso em 28/09/2009.

estratagemas interessantes que davam voz a indivíduos que dificilmente seriam ouvidos pelos meios de comunicação. Suas mensagens expressam uma angústia cotidiana compartilhada por muita gente. João Martins apostou na força delas para justificar a publicação das matérias:

De qualquer modo, verdadeiras ou não, tôdas as narrativas eram altamente construtivas. Giravam através de seres de outros mundos muito mais civilizados do que o nosso, sêres altamente evoluídos que transmitem mensagem de paz e davam mensagens de paz a essa nossa Humanidade que está se afogando em ódios, lutas sangrentas, incompreensões, ignorância e intolerância.<sup>549</sup>

Curiosamente, as alegações dessas pessoas se parecem com o eixo narrativo do filme *O dia em que a Terra parou*, dirigido por Robert Wise em 1951. A película narra a chegada de um disco voador a Washington, Estados Unidos. Um alienígena com forma humana, chamado Klaatu, trazia consigo um grande robô de nome Gort. Ao sair da nave, Klaatu afirma, em inglês impecável, que sua mensagem é de paz. No entanto, é acidentalmente baleado pelos humanos. Levado a um hospital militar, entra em contato com autoridades norte-americanas. Pede uma reunião com representantes de todos os países, mas as diferenças políticas entre as nações impedem tal encontro. Em seguida, Klaatu foge do hospital e passa a viver anonimamente em uma espécie de pensão de classe média. Ali, mantém contato com pessoas comuns, como uma criança e um cientista. Passa então a alimentar esperanças de que a humanidade possa mudar. A perseguição dos militares, no entanto, faz com que Klaatu seja morto a tiros. Depois disso, uma amiga humana vai até o robô Gort e declama a frase *Klaatu barada nikto*. Ao ouvir a frase, Gort ressucita Klaatu. Antes de partir, o extraterrestre discursa:

O universo está cada dia menor e ameaças de agressão de qualquer grupo, em qualquer lugar, não podem mais ser toleradas. (...) Nós temos uma organização para proteção mútua de todos os planetas e para completa eliminação da agressão. (...) Eu venho aqui para dar a vocês os fatos. Não é da nossa conta o modo como vocês administram seu planeta, mas se vocês ameaçarem estender sua violência, essa Terra será reduzida a um monte de cinzas. Sua escolha é simples. Junte-se a nós e vivam em paz. Ou continuem no seu caminho atual e

---

<sup>549</sup> MARTINS, João. *Na esteira dos “Discos Voadores” – parte 3. Reunião de “Discos” em Palomar*. In **O Cruzeiro**. Rio de Janeiro, 16 de outubro de 1954 (4), p. 49 (BMA)

encontrem a eliminação. Nós estaremos esperando pela sua resposta. A decisão está com vocês.

Assim termina o filme. Não é difícil perceber que esse alienígena paternalista que aterrissa para distribuir broncas é semelhante aos das narrativas de contatados como George Adamski, Daniel Fry e Truman Bethurum.

João Martins notou rapidamente que os sentimentos em voga na Guerra Fria estavam muito presentes nos relatos de encontros com seres de outros mundos. Em mais de uma ocasião, ele explorou a dramaticidade do contexto e da possibilidade da chegada dos extraterrestres. Em 1954, escreveu:

Se interplanetários, que sejam amigos e nos ensinem a viver melhor, a nos elevar do charco em que estamos atolados. E se não forem amigos, que pelo menos obriguem a todos os homens a se unirem ante um perigo comum, a se lembrarem que somos todos irmãos. Pois precisamos mesmo disso, sob o risco de nos destruímos estupidamente, num retôrno absurdo à selvageria primitiva.<sup>550</sup>

Esse tipo de apelo emocional, embora bastante sensacionalista, fazia muito sentido naquele contexto. Para muita gente, a “selvageria primitiva” parecia cada vez mais próxima. Em 1º de março de 1954, cientistas e militares norte-americanos fizeram um grande teste atômico no atol de Bikini, nas Ilhas Marshall, Oceano Pacífico. A experiência, porém, escapou ao controle e a explosão da bomba de hidrogênio alcançou 15 megatons (milhões de toneladas de dinamite), três vezes mais que o previsto. O teste ficou conhecido como Bravo e é até hoje o maior já feito pelos norte-americanos. Tinha cerca de setecentos e cinquenta vezes mais poder de destruição do que a bomba de Hiroshima.

Duas semanas depois o mundo ficou estarrecido ao saber que um pequeno navio pesqueiro japonês chamado *Fukuryu Maru* fora atingido. Sua tripulação de 23 homens estava a cerca de 150 quilômetros do epicentro da explosão. Os pescadores contaram que horas depois de presenciarem um forte clarão de luz testemunharam uma espécie de “tempestade de neve” semelhante a fuligem. Era o cálcio radioativo do coral de Bikini que tinha sido vaporizado. Na

---

<sup>550</sup> MARTINS, João. *Na esteira dos “Discos Voadores” – parte 8. O que são os “Discos Voadores”*. In **O Cruzeiro**. Rio de Janeiro, 20 de novembro de 1954, p. 60 (BMA)

volta ao Japão, toda tripulação sofria os efeitos da radiação - diarreia, vômitos e queimaduras na pele. Ao menos um marinheiro morreu. O acontecimento deixou muitos japoneses em pânico, pois havia temor de que os testes contaminassem a base da sua alimentação, o peixe.



Imagem 38 – Propaganda do lançamento do filme em São Paulo em junho de 1952.<sup>551</sup>

As conseqüências do teste Bravo repercutiram negativamente no resto do mundo. Detectores de radiação de locais muito distantes da explosão, como a Europa, acusaram contaminação da atmosfera. Cientistas calculavam que apenas cem bombas de hidrogênio como aquela seriam suficientes para envenenar de radioatividade todo ar do planeta.<sup>552</sup> Essa constatação, porém, não impediu que os soviéticos testassem sua primeira bomba de hidrogênio

<sup>551</sup> [Cartaz] **Folha da Noite**, São Paulo, 18/6/1952, p. 9. (AESP)

<sup>552</sup> GADDIS, *op. cit.*, p. 62.

em 22 de novembro de 1955. Ninguém, nem as nações que se declaravam não alinhadas, estaria a salvo do assassino invisível representado pela atmosfera contaminada. Ficava cada vez mais claro que uma possível guerra nuclear levaria absolutamente todos à aniquilação.

#### 4.1 \_ A ONDA DE 1954

No final de outubro de 1954, uma nota oficial da Base Aérea de Porto Alegre, sede da Força Aérea Brasileira em Gravataí, surpreendeu o país. O comunicado informava que no dia 24 daquele mês vários militares e civis testemunharam o sobrevôo da base por “corpos estranhos”. Os objetos seriam circulares, de cor prateada-fosca e com velocidade “muito acima do que qualquer outro de que a base tenha conhecimento”. A nota informava ainda que não era possível confundir aqueles “corpos” voadores com objetos astronômicos e que tampouco existiam balões meteorológicos na área.<sup>553</sup>

No dia 16 de novembro, o brigadeiro Gervásio Duncan, chefe do Estado Maior da Aeronáutica, divulgou no Rio de Janeiro cinco dos 16 relatórios feitos pelas testemunhas da base aérea gaúcha. Duncan se limitou a ler os depoimentos e se desculpou por não ter novidades sensacionais. Segundo ele, não havia dados suficientes para chegar a uma conclusão segura sobre o que foi observado.<sup>554</sup>

Ainda assim, o caso ganhou muita atenção. Envolvia testemunhas consideradas confiáveis e que descartavam fenômenos astronômicos e balões meteorológicos. Além disso, segundo o relatório do major-aviador João Magalhães Mota, “tudo (...) foi observado ao mesmo tempo e de locais diversos da base por grupos que não podiam influir psicologicamente sobre os demais”.<sup>555</sup>

O episódio teve repercussão imediata. A discussão sobre os discos voadores foi retomada e os cientistas foram novamente convidados a opinar. Segundo o *Diário da Noite*, porém, professores e “homens de ciência” tinham “certa reserva” em relação ao assunto. José

---

<sup>553</sup> MARTINS, João. *Discos em Porto Alegre*. In **O Cruzeiro**. Rio de Janeiro, 27 de novembro de 1954, p. 17 (BMA)

<sup>554</sup> *Impressionantes depoimentos dos oficiais da FAB sobre os discos voadores*. **Diário da Noite**. Rio de Janeiro, 17/11/1954, p. 1 e 7. (BN)

<sup>555</sup> MARTINS, João. *Discos em Porto Alegre*. In **O Cruzeiro**. Rio de Janeiro, 27 de novembro de 1954, p. 17 (BMA)

Leite Lopes (1918-2006), do Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas, comentou com ironia: “Estou cru no assunto. Tenho lido, aliás com bastante interesse, as reportagens que “O Cruzeiro” vem publicando. (...) É nessa revista que eu estou aprendendo alguma coisa...”.<sup>556</sup>



Imagem 39 - Fac-símile da 1ª página do jornal *Diário da Noite* (Rio de Janeiro) de 27 de outubro de 1954. (BN)

A partir de novembro, os jornais começaram a publicar relatos vindos de todas as regiões do Brasil. Apenas o *Diário da Noite*, do Rio de Janeiro, noticiou mais de 30 casos diferentes nos dois últimos meses daquele ano. Foi, provavelmente, a maior onda de observações da década de 1950 no Brasil. Em meio a ela, ocorreram também grandes enganos. Em Botucatu, estado de São Paulo, “uma pequena multidão” alertou para um disco voador em

<sup>556</sup> *Engenhos misteriosos que escapam à mente humana. Diário da Noite*. Rio de Janeiro, 28/10/1954, p. 1 e 4.(BN)

alta velocidade sobre o campo de aviação da cidade. O mistério, porém, se desfez quando um instrutor levantou vôo com um pequeno avião. Ele notou que se tratava de um espesso tufo de capim-barba-de-bode que estava seco. Muito leve, a touceira “fora levantada pelo vento e impulsionada pelas correntes aéreas”.<sup>557</sup>

Como já havia acontecido anteriormente, grupos de populares começaram a se juntar para observar o céu. A notícia a seguir narra um desses episódios ocorrido na cidade de Curitiba, estado do Paraná:

CURITIBA, 16 – (Meridional) – Centenas de populares começaram a olhar para o céu, nesta Capital. Eram aproximadamente 12 horas, e o sol estava forte. Alguém gritou: “Olha lá o disco voador”. Logo, outras vozes responderam: “É mesmo um disco voador”.

Como num passe de mágica, começaram a surgir nas mãos de homens, mulheres, velhos e crianças, binóculos. Todos procuravam “espiar” o fenômeno. Houve também quem dizia não estar vendo coisa alguma, e que tudo não passava de boato. As discussões em torno do “disco” tomaram conta das ruas, cafés, lojas, bares e confeitarias de Curitiba.

Duas mulheres gritavam para quem quisesse escutar: “Estamos vendo o disco. Lá está ele”. E apontavam, com o dedo indicador, a direção onde estaria o estranho corpo, provavelmente enviado do Planeta Marte. Os telefones das estações de rádio e dos jornais começaram a tilintar. Houve algum nervosismo. Pessoas falavam numa possível invasão marciana em Curitiba, e o locutor da emissora, completamente histérico, berrava coisas absurdas, numa tentativa de imitação da famosa irradiação feita pelo ator Orson Wells, em Nova York, alguns anos atrás.

Um menino muito esperto resolveu alugar o seu binóculo a dois cruzeiros o minuto. Dentro de alguns instantes já arrecadava uma boa fêria. Uma psicose coletiva parecia dominar a todos. Muito de imaginação e superstição entrou na história da “visão” do disco voador. Uma velha exclamou: “Credo. É o fim do mundo. Estou vendo uma coisa no céu que parece uma estrela vermelha”.

---

<sup>557</sup> *O Disco-voador era uma Touceira de Barba-de-Bode batida pelo vento. Diário da Noite.* Rio de Janeiro, 29/11/1954, p. 1 e 12. (BN)

O repórter, como é natural, também saiu à rua, misturou-se logo com o povo, e procurou “localizar” o “disco”, que dezenas de pessoas, como que sugestionadas, diziam estar vendo. Mas foi inútil a nossa tentativa. Por mais que espiássemos (e usamos também um binóculo), não vimos o tal “disco voador”.<sup>558</sup>

Interessada na grande onda de casos, a imprensa brasileira tornou-se menos crítica e acabou caindo numa brincadeira que correu o mundo. No dia 22 de novembro de 1954 pela manhã, os meios de comunicação brasileiros começaram a noticiar que um disco voador havia caído na cidade de Caratinga, interior de Minas Gerais. Segundo informações preliminares, a nave carregava pessoas “pequenas e disformes em nada se parecendo com a gente deste mundo”.<sup>559</sup> Em pouco tempo, a novidade começou a ser veiculada também em outros países.<sup>560</sup> Às pressas, jornalistas, autoridades e curiosos começaram a se movimentar em direção à pacata localidade. Contudo, não havia disco algum. A confusão fora causada por uma mensagem que um funcionário do serviço telegráfico local enviou ao seu colega de Belo Horizonte como uma despreziosa brincadeira. Quando saiu para o almoço, o telegrafista levou um susto ao perceber que seus vizinhos estavam em polvorosa por terem ouvido o noticiário no rádio.

---

<sup>558</sup> *O “disco voador” continua preocupando as populações das cidades e do interior. Diário da Noite*, Rio de Janeiro, 17/12/1954, p. 1 e 10 (BN)

<sup>559</sup> Essa não foi a primeira nem a última vez que alguém deu um alarme falso sobre a chegada dos extraterrestres. A “travessura” radiofônica feita por Orson Welles em 1938 foi imitada em diferentes países e épocas. Foi o que aconteceu, por exemplo, em Santiago (Chile, 1944), Quito (Equador, 1949), Lisboa (Portugal, 1958) e São Luís do Maranhão (Brasil, 1971). O caso do Equador foi, sem dúvida, o mais trágico, pois acabou em “confrontos com a polícia e no incêndio do edifício onde estava instalada a estação de rádio [que] resultaram em dezenas de feridos, na prisão de 18 suspeitos e na morte de 20 pessoas”. Ver: VALIM, Alexandre Busko. “*Os marcianos estão chegando!*”: as divertidas e imprudentes reinvenções de um ataque alienígena no cinema e no rádio. *Diálogos*. DHI/PPH/UEM, Maringá, v. 9, n. 3, p. 185-208, 2005, p. 190.

<sup>560</sup> *O disco de Caratinga voou pelo mundo. Manchete*, Rio de Janeiro, 4 de dezembro de 1954, no. 137, p. 5 (ABI)



**Imagem 40 – Fotografia publicada na revista *O Cruzeiro* sobre o episódio de Caratinga. Legenda: “ESTES RAPAZES viajaram mais de duzentos quilômetros de jipe, curiosos de ver os “destroços” do “disco””.<sup>561</sup>**

*O Cruzeiro* ficou raivosa por ter perdido tempo e dinheiro. Colocou uma foto do telegrafista em página inteira com a legenda: “o funcionário que pagará caro a sua leviandade (...) não soube prever as conseqüências do seu ato. Agora, naturalmente, está arrependido...”.<sup>562</sup> Por algumas horas, porém, Caratinga foi a cidade mais comentada do mundo.<sup>563</sup> Um cronista do *Diário da Noite* fez graça do assunto:

Dizem que o telegrafista de Caratinga vai ser punido. Ou está louco ou é um irresponsável! Que nada! O homem é um gênio (...) O homem de Caratinga deu ao Brasil popularidade internacional. No dia de ontem, metade do mundo

<sup>561</sup> SILVA, Eugênio. *O Disco de Caratinga – O maior “Bluff” do ano* In *O Cruzeiro*. Rio de Janeiro, 11 de dezembro de 1954 (CMU)

<sup>562</sup> Idem

<sup>563</sup> Até hoje, o episódio é lembrado por cronistas mineiros. O escritor e cartunista Ziraldo, que nasceu em Caratinga-MG, conta que certa vez a cidade participou de um programa na televisão mineira chamado “Cidade contra Cidade”. Na semifinal, Caratinga enfrentou Santos Dumont, local onde havia nascido o pai da aviação. Na hora de apresentar celebridades das duas cidades: “Caratinga veio de disco voador. Ah, é: vocês têm o avião? Pois nós temos o disco voador.”, conta Ziraldo. No final, a pequena Caratinga do disco voador ganhou da terra onde nasceu Santos Dumont. A história é contada por Ziraldo na crônica “Viva Santos Dumont”, disponível em <http://www.otempo.com.br/colunistas/lerMateria/?idMateria=25539>. Acesso 11/12/2005.

ficou sabendo que o nosso país existe e tem uma cidade importante chamada Caratinga. (...)

O telegrafista de Caratinga colocou em polvorosa metade do mundo. A FAB quase levantou vôo, com aparelhos cheios de técnicos, fotógrafos, etc. Iam fotografar o marciano. Aviões foram fretados para conduzir repórteres de todas as partes do mundo para Caratinga, cujo campinho de aviação, normalmente pasto, mas aeroporto aos domingos, foi logo preparado para seus grandes dias. (...) Aliás, dizem as más línguas, que os marcianos resolveram vir aqui buscar o sr. Jânio Quadros, que desceu e esqueceu de voltar. Mas, pousaram em campo errado. O homem está em Saint Germain de Prés.<sup>564</sup>

No dia 2 de dezembro, os militares brasileiros colocaram ainda mais lenha na fogueira dos discos voadores. Nessa data, o coronel João Adil de Oliveira (1907-1976), chefe do serviço de Informações do Estado-Maior da Aeronáutica, realizou uma aguardada conferência sobre discos voadores na Escola Técnica do Exército no Rio de Janeiro. Embora aberta à imprensa, a palestra dirigia-se principalmente aos oficiais das Forças Armadas. João Martins e Ed Keffel compareceram. Foram convidados como “testemunhas” do caso Barra da Tijuca. Com grande senso de oportunidade, *O Cruzeiro* publicou a transcrição de toda palestra e tratou-a como um grande evento.<sup>565</sup>

Logo no início da apresentação, o coronel advertiu: “(...) não tenho a intenção de envolver ciência técnica ou Júlio Verne na exposição. Desejo apenas fazer um relato sucinto do que se sabe no mundo a respeito (...)”.<sup>566</sup> De fato, João Adil de Oliveira não consultou cientistas, não fez análises técnicas de casos e tampouco citou obras literárias. Durante a conferência, ele restringiu-se a narrar brevemente alguns casos e teorias. Boa parte do que citou na exposição tinha sido retirado dos livros de Donald Keyhoe e Hugo Rocha, defensores da hipótese extraterrestre.

Na parte final da palestra, o coronel preferiu não expressar sua opinião. Não era muito difícil perceber, no entanto, que ele era bastante simpático à hipótese extraterrestre. Nas considerações finais, João Adil de Oliveira citou as conclusões a que chegaram Donald Keyhoe,

<sup>564</sup> Interino. *Viva Caratinga City*. Coluna A Tabuleta do Dia. **Diário da Noite**, Rio de Janeiro, 23/11/1954, p. 1

<sup>565</sup> *Extra! “Discos Voadores” – A conferência do Coronel Adil de Oliveira* In **O Cruzeiro**. Rio de Janeiro, 11 de dezembro de 1954.

<sup>566</sup> *Ibidem*, p. II.

H. B. Darrach e Robert Ginna (jornalistas da revista norte-americana *Life*) e Orlando Portela (tradutor da obra de Keyhoe). Todos defendiam ou estavam inclinados a acreditar que os discos voadores vinham de outros planetas. Por incrível que pareça, nenhum cientista teve sua opinião lembrada na conclusão.

A conferência do coronel João Adil de Oliveira teve ampla repercussão e mostrou aos olhares mais atentos quanto os militares brasileiros estavam despreparados, do ponto de vista científico, para lidar com a questão. As idéias e fontes de informação do chefe do serviço de Informações do Estado-Maior da Aeronáutica eram semelhantes às de João Martins, o que realmente não era bom sinal. João Martins precisava vender revistas. O coronel, não.

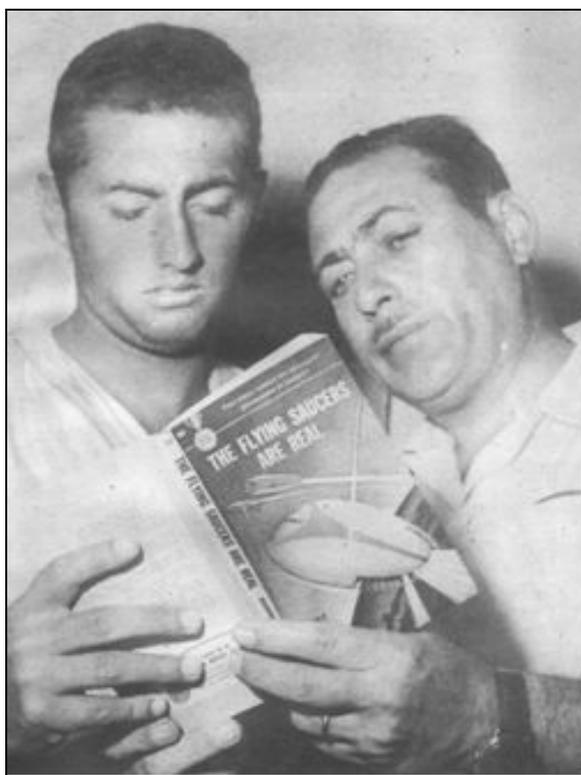


Imagem 41 – O coronel João Adil de Oliveira e seu filho posam para as lentes da *Revista da Semana* com o livro *The flying saucers are real*, escrito por Donald Keyhoe, um dos “pais” da hipótese extraterrestre.<sup>567</sup>

<sup>567</sup> SALLES, Milton (reportagem) e VIEIRA, Antônio (fotos). “*Habitantes de outros planetas já se encontrariam na Terra*”. **Revista da Semana**. Rio de Janeiro, nº 51, ano 54, 18 de dezembro de 1954, p. 52-55. (BN)

No mês seguinte à conferência, a revista *Ciência Popular* atacou-a. Afirmou que era um punhado de citações e criticou duramente a qualidade dos quadros das Forças Armadas brasileiras. Escreveu Ary Maurell Lobo, editor da publicação:

(...) O chefe do Serviço Secreto da Aeronáutica, nesse ensejo, não avançou uma informação sequer de seus arquivos, o que seria leviandade; limitou-se a resumir notícias e comentários dados a lume, há mais de ano (...). Nada ali é seu.

O erro dos que me tem procurado, está justamente em considerar de muito valor tal depoimento. Essa conferência serviu apenas para deixar bem claro o seguinte: 1) que a associação dos diplomados da Escola Superior de Guerra precisa organizar debates de maior valor cultural; por enquanto, pela amostra, os seus cursos de extensão constituem ridicularias; 2) Que o Brasil necessita pensar seriamente na organização de seus serviços secretos, a começar pelo melhor recrutamento dos chefes e altos funcionários (...).<sup>568</sup>

Ary Maurell Lobo também criticou João Adil de Oliveira por não ter percebido que as fotos da Barra da Tijuca eram uma grosseira armação.<sup>569</sup> Nas suas palavras:

O Cel. Adil – que não pode ser de forma alguma o homem inexperiente e ingênuo que sua desastrada conferência deixa transparecer, pois goza justa fama dentro e fora do meio militar – foi vítima dos serviços de ‘inteligência’ que existem no Brasil, em sua maioria os mais incapazes dêste mundo, e de não se dedicar, pela sua profissão, aos estudos científicos. Mas de qualquer maneira é imperdoável que o chefe do Serviço Secreto da Aeronáutica não conhecesse a trampolinice dos fotógrafos de *O Cruzeiro*, ainda mais que houve testemunhas, e testemunhas de grande valor moral, do inqualificável embuste!<sup>570</sup>

---

<sup>568</sup> LOBO, Ary Maurell. *Os discos voadores, uma chantagem, uma imbecilidade e uma psicose* in **Ciência Popular**. Rio de Janeiro, janeiro de 1955, n° 76, p. 2. (AESP)

<sup>569</sup> O diretor de *Ciência Popular*, tal qual os técnicos da Força Aérea Brasileira, acreditava que as fotos haviam sido falsificadas a partir de modelos jogados ao ar. Ver: *Ibidem*.

<sup>570</sup> LOBO, Ary Maurell. *Os discos voadores, uma chantagem, uma imbecilidade e uma psicose* in **Ciência Popular**. Rio de Janeiro, janeiro de 1955, n° 76, p. 2. (AESP)

Não se sabe se João Adil de Oliveira respondeu às críticas. Mas se levarmos em conta dois episódios ocorridos na mesma época, podemos concluir que Ary Maurell Lobo estava certo ao apontar o despreparo técnico dos militares brasileiros.

O primeiro episódio aconteceu no final daquele ano de 1954. Na época, Fernando Cleto Nunes Pereira, então um mero interessado no assunto, foi convidado pelo Estado-Maior da Aeronáutica, no Rio de Janeiro, a narrar uma observação de discos voadores que tivera. No local, ele participou de uma reunião na qual estavam presentes diversos pilotos, João Martins, Ed Keffel e o coronel João Adil de Oliveira. Lá, Cleto soube que o encontro fazia parte de um inquérito sobre discos voadores encomendado pelo então ministro da Aeronáutica, brigadeiro Eduardo Gomes.

Durante a conversa, o coronel João Adil de Oliveira apresentou a todos um relatório da Força Aérea Brasileira sobre as fotos da Barra da Tijuca. De acordo com Cleto, houve um súbito silêncio quando, ao abrir o volume, o militar deixou cair um disco de madeira sobre a mesa. Foi então que João Adil de Oliveira disse:

Você se lembra, Martins, que algumas pessoas declararam ter visto homens jogando um disco para o ar e fotografando? Realmente eles viram êste disco que aqui está, mas nós sabemos que não foi jogado por vocês, porque êle foi jogado por nós da FAB, que nos dias seguintes ao fato fomos para o local fazer minuciosos estudos em tôrno das suas fotografias. Inclusive andamos jogando êste disco para o ar, numa tentativa de reproduzir uma seqüência como a de vocês.<sup>571</sup>

Na ocasião, o coronel contou a todos os presentes que a Aeronáutica tentara reproduzir as fotos da Barra da Tijuca jogando para o alto um modelo de madeira. Sem êxito nos testes, os oficiais concluíram que as imagens eram verdadeiras. Não passou pela cabeça dos técnicos, no entanto, que as fotos podiam ter sido obtidas pelo recurso da dupla exposição do filme.<sup>572</sup>

---

<sup>571</sup> MARTINS, João. *Revelado o segredo da Barra da Tijuca*, In **O Cruzeiro**. Rio de Janeiro, 31/10/1959. (disponível em: <http://www.memoriaviva.digi.com.br/ocruzeiro/> Acesso em 4/01/2006)

<sup>572</sup> A respeito do erro da Aeronáutica, o pesquisador Claudeir Covo comentou: “(...) do ponto de vista técnico, o erro mais gritante dos oficiais da Aeronáutica brasileira foi tentar calcular a distância do suposto objeto voador não identificado em cada uma das fotos de Keffel. Isso é um tremendo absurdo.”. Ver: COVO, Claudeir & COVO, Paola Lucherini. *Resgatando a História da Ufologia Brasileira. Casos Barra da Tijuca e Ilha da Trindade: dois clássicos nacionais em situações opostas*. IN **Revista UFO**, Campo Grande, número 82, novembro 2002.

Em 1959, o público soube da chancela da Aeronáutica às fotos da Barra da Tijuca através de Fernando Cleto Nunes Pereira, que apresentou na televisão o dossiê e a maquete de madeira.<sup>573</sup> Quando isso aconteceu, João Martins declarou: “Para mim e para Keffel, a opinião de um homem como o Cel. Adil de Oliveira sempre valeu mais do que a de cem amigos gratuitos ou a de cem “descrentes” sem base”.<sup>574</sup>

O outro episódio desabonador para as Forças Armadas foi o convite para uma palestra feito a João Martins pelo comando da 6ª. Região Militar, sediada em Salvador. No final de 1957, dezenas de oficiais do Exército, Marinha e Aeronáutica ouviram por mais de uma hora o jornalista afirmar que havia “um plano sistemático, praticamente militar, (...) para uma possível descida [dos extraterrestres] de caráter definitivo e permanente”. Na época, João Martins acreditava que “eles” estavam preparando uma invasão ao planeta Terra. Segundo *O Cruzeiro*, a platéia em nenhum momento colocou em dúvida a existência dos discos voadores. Preferiu discutir se eles eram amistosos ou hostis.<sup>575</sup>



**Imagem 42 – João Martins discursando para os militares da 6ª região militar em Salvador, estado da Bahia.<sup>576</sup>**

<sup>573</sup> MARTINS, João. *Revelado o segredo da Barra da Tijuca*, In **O Cruzeiro**. Rio de Janeiro, 31/10/1959. (disponível em: <http://www.memoriaviva.digi.com.br/ocruzeiro/> Acesso em 4/01/2006)

<sup>574</sup> Idem

<sup>575</sup> No texto, sobram elogios ao jornalista. Como a reportagem não foi assinada, pode-se suspeitar que tenha sido escrita pelo próprio Martins. O estilo e o tipo de argumentação, pelo menos, são semelhantes. Ver: *Discos Voadores na 6ª Região Militar*. In **O Cruzeiro**. Rio de Janeiro, 22/2/1958 (BMA)

<sup>576</sup> *Discos Voadores na 6ª Região Militar*. In **O Cruzeiro**. Rio de Janeiro, 22/2/1958 (BMA)

A propósito, João Martins sempre teve boas relações com os militares brasileiros envolvidos na questão dos discos voadores. Nunca os acusou de esconder propositadamente a verdade, como fazia Donald Keyhoe nos Estados Unidos. Pelo contrário, costumava elogiar a postura das Forças Armadas brasileiras. Em certa ocasião, escreveu:

Apesar do sigilo natural das autoridades militares em torno de certos fatos, declaramos, a bem da verdade, que temos recebido a maior cooperação pessoal de oficiais das três armas (ligados a investigação do assunto): a nossa pesquisa tem sido orientada, muitas vezes, por informações que nos são dadas em caráter confidencial e cujo sigilo temos respeitado sempre que isso nos é pedido. Não poderemos unir a nossa voz daqueles que criticam ou acusam as autoridades, muitas vezes querendo que elas confirmem ou definam sobre coisas que ainda não estão completamente esclarecidas, pois compreendemos a razão dessa reserva.<sup>577</sup>

Se tomarmos apenas o que foi publicado nos jornais, perceberemos que a postura dos militares brasileiros nos anos 1950 foi, no mínimo, curiosa.<sup>578</sup> Sem muitos cientistas nos seus quadros, eles levavam a hipótese extraterrestre a sério e colaboravam bastante com a imprensa. Tendo isso em conta entende-se porque não houve nesse período no Brasil duras críticas ao sigilo dos militares na questão dos discos voadores. Uma teoria da conspiração nos moldes daquela forjada por Donald Keyhoe nos Estados Unidos simplesmente não fazia sentido por aqui naquela época.

Recentemente, arquivos militares sobre discos voadores têm sido abertos em vários países do mundo. Nada muito conclusivo, do ponto de vista científico, apareceu nesse material. Boa parte dele, aliás, corrobora o que vimos: os militares freqüentemente não tiveram preparo técnico e científico suficiente para analisar uma questão tão complicada como a os discos voadores. Nesse assunto, eles podiam estar tão perdidos quanto os civis.

---

<sup>577</sup> MARTINS, João. *A ronda dos Discos Voadores (1)*. In **O Cruzeiro**. Rio de Janeiro, 3 de maio de 1958, p. 56. (BMA)

<sup>578</sup> Boa parte dos arquivos militares brasileiros sobre discos voadores continua inacessível à consulta pública. Após tanto tempo, não parece haver nenhum motivo para esse tipo de restrição. A propósito, nada mais justo do que saber como foi gasto o dinheiro dos impostos pagos pelos nossos antepassados. Nesse caso, é preciso lembrar aos militares que “o sigilo é profundamente incompatível com a democracia e com a ciência”. A frase é do astrônomo norte-americano Carl Sagan. Ver: SAGAN, Carl. **O mundo assombrado pelos demônios: a ciência vista como uma vela no escuro**. Tradução: Rosaura Einchemberg, São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p. 99

## 4.2 \_ CHUMBO TROCADO

*O Cruzeiro* continuou explorando o tema mesmo após a diminuição do número de casos no final de 1954. Em fevereiro de 1955, publicou a série de reportagens *Os “Discos Voadores” e o mistério dos mundos subterrâneos*. Nela, João Martins compilou as palestras do “Comandante” Paulo Strauss, da Sociedade Teosófica Brasileira. Para Strauss, existiriam mundos subterrâneos habitados por seres reencarnados superiores. Esses mundos seriam ligados ao nosso por cavernas. Existiriam também emissários “deles” na superfície, alguns dos quais viriam aqui buscar livros que representassem alguma evolução espiritual e merecessem assim fazer parte das bibliotecas subterrâneas.

A apresentação foi feita por João Martins, que sentiu necessidade de justificar a publicação daquelas teorias: “O assunto, êste sim, pode ser sensacional, mas isso não é minha culpa (...) apenas procurei reproduzir de uma maneira simplificada e acessível”.<sup>579</sup> Essa não foi a primeira nem a última vez que o jornalista se justificou perante os leitores pela publicação de alegações extraordinárias que, como ele mesmo percebeu, não tinham nenhum tipo de comprovação.

---

<sup>579</sup> MARTINS, João. *Os “Discos Voadores” e o mistério dos mundos subterrâneos – parte III - Até 1956: os Discos intervirão*. In **O Cruzeiro**. Rio de Janeiro, 19/02/1955 (4), pág. 18-J (BMA)



Imagem 43 – Capa da edição de 25 de junho de 1955. Detalhe importante é a chamada da matéria sobre discos voadores

Mas nem sempre João Martins teve uma postura defensiva. Em uma das matérias, ele mostrou-se bastante irritado, atacou os críticos e convocou-os para a briga:

Felizmente, pouquíssimos foram os que, sempre anonimamente, revelaram ser meus inimigos e detratores, revelando também que são analfabetos, pois nem ao menos estavam a par do texto das reportagens que atacavam. Alguns, mesmo, chegaram a ameaças, não sei ao certo por quê. A êsses infelizes só posso responder recomendando um curso noturno de alfabetização, um tratamento psiquiátrico ou um chá de flor de laranja. Ou que me procurem pessoalmente...

580

<sup>580</sup> MARTINS, João. *Na esteira dos “Discos Voadores” – parte 8. O que são os “Discos Voadores”*. In **O Cruzeiro**. Rio de Janeiro, 20 de novembro de 1954 (4), p. 51 (BMA)

É impossível saber com certeza a quem João Martins se refere nas linhas acima. É provável que suas reportagens tenham sido atacadas por vários jornais ou revistas concorrentes. O que se sabe é que no mês seguinte a essa virulenta investida, a revista *Ciência Popular* publicou o artigo *Os discos voadores, ridícula psicose coletiva*. Para o diretor da publicação, o engenheiro militar Ary Maurell Lobo, o assunto era “A mais miserável chantagem de todos os tempos”. Segue o que parece ser uma réplica:

Parece existir o propósito deliberado de criar o terror no grande público, de levar a gente simples do povo ao máximo da tensão nervosa, não só para alcançar determinados favores com prejuízo da coletividade cedente mas também para vender revistas e jornais que apenas circulam à custa da exploração de assuntos escandalosos ou fantasiosos. Haja vista o que está acontecendo com os discos voadores, a mais miserável chantagem dos últimos tempos. *Ciência Popular* afirma que até agora tôdas as fotografias de discos voadores dadas a lume, sem exceção de uma só, tôdas, tôdas são absolutamente falsas, ou em outras palavras mais fortes: são torpemente falsificados pelos escroques que estão tomando conta da imprensa em todo o mundo. Não lhe tem faltado a êsses vigaristas o apôio de altas autoridades civis e militares, altas nas posições de mando e na ignorância enciclopédica.

No estado atual das ciências e das técnicas, nem um aparelho terrestre pode possuir as características reveladas, nem tão cedo elas serão conseguidas. Em outros planetas deve realmente existir outras espécies de vidas, mas os fatos já conhecidos permitem pôr de lado a hipótese de máquinas interplanetárias, como veremos em nossa próxima edição. Restam os fenômenos luminosos, riscando o espaço, e as psicoses, confundindo o cérebro dos tolos e dos fracos.<sup>581</sup>

Na edição seguinte, *Ciência Popular* foi ainda mais incisiva. Colocou em sua capa com letras grandes a frase: “Os discos voadores, uma chantagem, uma imbecilidade e uma psicose”.

---

<sup>581</sup> *Os discos voadores, ridícula psicose coletiva*. **Ciência Popular**, Rio de Janeiro, dezembro de 1954, nº 75. (AESP)



Imagem 44 – Capa da edição de *Ciência Popular* de janeiro de 1955. Abaixo do título, pode-se ler:

**“Os imbecis e os tolos estão crentes, sem que jamais estudassem algo a respeito, de que existe em Marte uma civilização mais alta que na Terra. Ora, para azar deles, os homens de ciência admitem exatamente o contrário. Assim, serão mais fáceis as travessuras Terreas em Marte do que as dos Marcianos na Terra!”**

Nessa edição, a revista atacou diretamente *O Cruzeiro* e chamou João Martins e Ed Keffel de espertalhões (ladinos). Sobrou até para os extraterrestres:

(...) [os discos voadores] Marcaram primeiro encontro, na Barra da Tijuca, com dois ladinos repórter [sic] de *O Cruzeiro*, magazine que precisa vender uma tiragem de 750.000 exemplares por semana. Depois, passaram a espionar as bases aéreas brasileiras, para avaliar com certeza o poderio bélico da Terra da Santa Cruz, que tem mais generais e almirantes e brigadeiros que soldados. Ora, só e só esta última façanha dos ‘discos voadores’ deveria ser suficiente para os

desmoralizar completamente. Tais engenhos teriam de provir de um lugar habilitado por sêres de fenomenal inteligência, e tão somente gente muito burra ignora que nada há para espionar por aqui, já que o Brasil não passa, quanto ao potencial bélico, de um zero bem redondo, ou talvez mais exatamente de um googol de zeros, resultância muito lógica da pobreza nacional, sobretudo em matéria de vergonha.<sup>582</sup>

Como se pode notar, Ary Maurell Lobo combateu o sensacionalismo com uma linguagem nada científica. Os ataques pessoais e o uso de qualitativos, porém, eram relativamente comuns na época. De modo geral, não havia no jornalismo de então o ideário da neutralidade. As fronteiras entre crônica e notícia eram muito tênues, muitas vezes inexistentes. Mesmo sendo uma revista de divulgação científica, a publicação, aparentemente, era influenciada pelo fazer jornalístico típico de sua época. Semanas depois da capa de *Ciência Popular*, João Martins lançou o que parece ser uma tréplica:

(...) sensacionalismo fazem aqueles que, por atitude, por preguiça, por incompetência, por ignorância, por estreiteza mental ou seja lá pelo que fôr, exploram o assunto dos “discos voadores” negando tudo sistematicamente, apelando para os recursos fáceis do ridículo e até mesmo da infâmia. Êstes agem como os donos de certas revistecas que publicam fotos imorais e narrativas com detalhes escabrosos sob o pretexto de mostrarem o mal que deve ser combatido. Negar é muito simples e muito cômodo.<sup>583</sup>

No trecho, João Martins refere-se possivelmente a *Ciência Popular*, que às vezes publicava fotos de mulheres seminuas em matérias sobre a saúde feminina ou doenças. Essa troca de acusações, porém, esmoreceu na medida em que o interesse pelo assunto refluíu na grande imprensa ao longo do ano de 1955.

Vale observar que não houve em *Ciência Popular* artigos de cientistas brasileiros apoiando Ary Maurell Lobo na questão dos discos voadores. Ele tampouco cita alguém. Talvez seu tom agressivo e polêmico o tenha afastado da comunidade científica. Embora tenha

---

<sup>582</sup> LOBO, Ary Maurell. *Os discos voadores, uma chantagem, uma imbecilidade e uma psicose*, in **Ciência Popular**, Rio de Janeiro, janeiro de 1955, n° 76, p. 2. (AESP)

<sup>583</sup> MARTINS, João. *Os “Discos Voadores” e o mistério dos mundos subterrâneos – parte I – Os discos vêm do interior da Terra*. In **O Cruzeiro**. Rio de Janeiro, 5 de fevereiro de 1955, p. 14 (BMA)

combatido as reportagens sensacionalistas de *O Cruzeiro*, o editor de *Ciência Popular* pouco podia fazer sozinho. Em certa ocasião, ele comentou:

(...) [Devo] caracterizar perfeitamente qual a diferença que existe entre uma revista que fraudas e mente – “O Cruzeiro” – e outra que somente divulga a verdade verdadeira - CIÊNCIA POPULAR. Uma diferença tão grande quanto 30 está para 1. Pois a tiragem daquela é 450.000, e a desta 15.000. Mas uma diferença que mede, com o máximo rigor, o que é o Brasil de hoje: para 30 brasileiros moleques, paranóicos e atrasados, apenas 1 honesto, equilibrado e culto.<sup>584</sup>

### 4.3 \_ NOVAS POLÊMICAS

Nos anos de 1955, 1956 e boa parte de 1957, a imprensa brasileira pouco publicou a respeito dos discos voadores. João Martins resumiu bem esse marasmo momentâneo e atribuiu-o à repetição de ocorrências semelhantes. Ele escreveu:

(...) o simples fato de ter sido avistado “algo estranho” no céu, pela repetição, já se tornou banal e raramente ganha espaço em algum jornal. A verdade é que, nesse mistério dos “discos voadores”, somente alguma coisa de novo pode despertar interesse geral. E essa “alguma coisa” só poderá ser a comunicação ou o contato direto com eles. Essa é a razão pela qual este repórter, apesar de estar permanentemente investigando o assunto, não tem publicado, nos últimos tempos, nada a respeito. Para que ficar repetindo casos mais ou menos semelhantes e que nada acrescentam ao que já foi publicado anteriormente?<sup>585</sup>

Nesse período, porém, houve ao menos um acontecimento digno de nota. Em agosto de 1956, a TV Tupi-Difusora, de São Paulo, produziu um programa chamado *Mesa Redonda* com o tema foi discos voadores. O debate contou com a participação de três representantes da

---

<sup>584</sup> LOBO, Ary Maurell. *Os discos voadores, uma chantagem, uma psicose e uma imbecilidade*. **Ciência Popular**, Rio de Janeiro, dezembro de 1957, nº 111, p. 24. (AESP)

<sup>585</sup> MARTINS, João. *À espreita dos “Discos Voadores” – missão DX*. In **O Cruzeiro**. Rio de Janeiro, 27 de outubro de 1956 (AEL)

Associação dos Amadores de Astronomia de São Paulo (AAASP), dois do recém-fundado Centro de Pesquisas de Discos Voadores (CPDV) e um da Associação Mundialista Interplanetária, uma organização mística.

O que sabemos sobre esse encontro foi narrado por Auriphebo Berrance Simões, um dos líderes do CPDV.<sup>586</sup> Segundo ele, houve um áspero embate entre astrônomos amadores e entusiastas de discos voadores. Os primeiros tentaram provar que tais objetos não existiam. Argumentaram que nenhum astrônomo os vira e que a literatura a respeito não era digna de crédito. O outro lado buscou citar fontes confiáveis, como cientistas famosos e a Força Aérea norte-americana. Assim, “mais se discutiu sobre a personalidade dos que escrevem sobre discos, do que sobre esses objetos”.<sup>587</sup> Segundo Simões, o resultado do debate deve ter sido um pouco confuso para os telespectadores.<sup>588</sup>

Alguns dias depois, os astrônomos amadores paulistanos veicularam um comunicado em vários jornais paulistanos.<sup>589</sup> A entidade esclareceu que a maioria das observações era causada por fenômenos atmosféricos, objetos astronômicos e aparelhos construídos pelo homem. Afirmou também que astrônomos e meteorologistas “nunca se referiram a discos voadores” e que a idéia de vida inteligente no sistema solar pertencia “ao domínio da fantasia”. Na conclusão, a *Associação* declarou convictamente que não existiam engenhos de origem terrestre ou extraterrestre “com as características que têm sido atribuídas aos “discos voadores””.<sup>590</sup>

João Martins logo soube do comunicado e comentou-o. Ele atacou a entidade paulistana e disse que não era mais lícito duvidar da existência dos discos voadores. Nas suas palavras:

Se bem que inúmeros casos de aparecimento de “discos” possam ser explicados por má observação ou objetos aéreos conhecidos, inúmeros outros desafiam qualquer explicação dessas. (...) Quanto à parte das características e das possibilidades de vida nos outros planetas, os amadores revelam apenas

---

<sup>586</sup> SIMÕES, Auriphebo Berrance. **Discos voadores: fantasia e realidade**. 2a ed., São Paulo, Edart, 1959.

<sup>587</sup> Idem, p. 126.

<sup>588</sup> Idem, p. 127.

<sup>589</sup> A diretoria da Associação dos Amadores de Astronomia de São Paulo (AAASP) era formada na ocasião pelo professor Aristóteles Orsini (presidente), dr. Álvaro de Freitas Armbrust (vice-presidente), dr. Décio Fernandes de Vasconcellos (1º. Secretário), Vézio Bazzani (2º. Secretário), Alberto Marsicano (tesoureiro), prof. Abraão de Moraes (diretor científico), Abraham Szulc (diretor técnico), Alberto Alberto Berlendis (diretor social) e Arquimedes Sócrates Felisoni (bibliotecário).

<sup>590</sup> “Discos Voadores”. *Comunicado da Associação dos Amadores de Astronomia de S. Paulo*. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, 18/8/1956, p. 6 (AEL)

leviandade quando afirmam com tanta segurança conhecimentos que não são definitivos e que são ensinados aos estudantes de cosmografia e de astronomia à falta de outros. Na verdade, pouquíssimo se sabe acerca dos outros planetas do nosso sistema (...) filosoficamente, os amadores em questão se revelam de um primarismo completo ao suporem que só na Terra pode existir vida superior e inteligente e que essa vida só possa existir nas mesmas condições e formas da nossa. Isso nem merece comentários. (...) <sup>591</sup>

Como se pode notar, o argumento de João Martins não é fundamentado em pesquisas científicas. Sua opinião se baseia na aposta de que outros planetas possam abrigar vida inteligente. De certa forma, ele se aproveitou da “brecha” deixada pela astronomia, que naquele momento ainda não conseguia oferecer respostas satisfatórias a respeito da possibilidade de vida em outros planetas do sistema solar.

Uma resposta mais fundamentada foi dada pelo ufólogo carioca Olavo Teixeira Fontes. <sup>592</sup> Ele rebateu o comunicado da AAASP ponto por ponto. Utilizou alguns argumentos razoáveis e muitos dados da obra do capitão norte-americano Edward Ruppelt. Citou também filmes e registros de alteração de radioatividade como provas da existência dos discos voadores. E emendou: “Afinal, que espécie de prova querem eles? Um disco voador pousado no solo, bem no centro de São Paulo?”. <sup>593</sup> Essa provocação remetia à rejeição da ciência a vídeos, fotos e testemunhos envolvendo discos voadores. Aceitos tradicionalmente no Direito, tais elementos nunca foram considerados provas definitivas das visitas alienígenas para os cientistas, que insistem em afirmar que “alegações extraordinárias exigem evidências extraordinárias”. <sup>594</sup> Para eles, apenas tecidos, corpos, extraterrestres vivos ou astronaves interplanetárias que fossem analisados e comprovados abertamente poderiam ser provas científicas inquestionáveis. A provocação de Fontes, a propósito, nunca foi respondida. Seu texto ficou tão longo que foi rejeitado pelos jornais. Apareceu apenas em boletins ufológicos, que raramente eram lidos pelos astrônomos amadores.

---

<sup>591</sup> MARTINS, João. *A propósito dos Discos Voadores*. In **O Cruzeiro**. Rio de Janeiro, 15 de setembro de 1956, p. 128 (AEL)

<sup>592</sup> SIMÕES, *op. cit.*, p. 130 a 143.

<sup>593</sup> *Ibidem*, p. 141.

<sup>594</sup> A frase, amplamente conhecida, é do astrônomo norte-americano Carl Sagan (1934-1996).

Após um longo interlúdio, os discos voadores retornaram à grande imprensa nos últimos meses de 1957. No dia 4 de outubro daquele ano, os soviéticos lançaram o Sputnik, o primeiro satélite artificial humano. Um mês depois subiu ao espaço o Sputnik II, com a cadela Laika dentro. Essas importantes realizações atraíram a atenção do mundo todo. Nos Estados Unidos, o número de relatos de discos voadores explodiu a partir de novembro. Provavelmente, era o efeito do aumento do número de observadores do céu depois do anúncio dos feitos soviéticos.

No Brasil, ocorreu a mesma coisa. Enquanto os jornais cobriam com grande interesse as extraordinárias realizações da astronáutica soviética, relatos de discos voadores vindos de várias partes do país começaram a aparecer em pequenas notas.<sup>595</sup> Alguns meios de comunicação, como a revista *Mundo Ilustrado*<sup>596</sup> e *O Cruzeiro*,<sup>597</sup> noticiaram o aumento súbito do número de relatos especialmente a partir de novembro de 1957.<sup>598</sup>

Aproveitando-se da renovação de interesse, *O Cruzeiro* voltou a apostar nos discos voadores. A revista deu início a uma nova série de reportagens, assinada novamente por João Martins e intitulada *A terrível missão dos discos voadores*. Nela, o jornalista declarou, pela primeira vez, estar convencido de que os discos voadores vinham de outro planeta. Ele comentou: “Todos os fatos, toda a lógica, todo o bom-senso, conduziram-me diretamente à conclusão que aparentemente era a mais fantástica”.<sup>599</sup>

A conclusão de João Martins devia ser compartilhada por muitos que acompanhavam a controvérsia em torno dos discos voadores. Após dezenas de filmes, livros, casos e muitas discussões a associação entre discos voadores e extraterrestres começava a se enraizar na sociedade brasileira e no Ocidente. Podia-se agora passar adiante e pensar sobre os interesses e modo de vida dos seres de outros mundos. Para João Martins, por exemplo, eles eram hostis e estavam preparando silenciosamente uma invasão.

---

<sup>595</sup> A cobertura da corrida espacial feita pela imprensa carioca foi analisada pelo historiador José Leandro Rocha Cardoso (Ver: CARDOSO, José Leandro Rocha. **A ciência em órbita: Guerra Fria, Corrida Espacial e divulgação da ciência na imprensa carioca (1957/1961)**. 2003. Dissertação de Mestrado em História, UFF, Niterói, 2003). Não conseguimos, no entanto, obter uma cópia dessa dissertação.

<sup>596</sup> SULLIVAN, Robert E.. *Os discos voadores apertam o cerco (parte 2)* **Mundo Ilustrado**, Rio de Janeiro, n° 51, 13 de dezembro de 1958, p. 24 a 27.

<sup>597</sup> Os casos ocorridos nos últimos meses de 1957 foram narrados na série *A ronda dos discos voadores*, assinada por João Martins e publicada pela revista em cinco edições (3 de maio a sete de junho de 1958). Ver anexo “Matérias encontradas em *O Cruzeiro*”.

<sup>598</sup> **Boletim SBEDV**, Rio de Janeiro, no. 8, 1º. de março de 1959, p. 2.

<sup>599</sup> MARTINS, João. *A terrível missão dos Discos Voadores*. In **O Cruzeiro**. Rio de Janeiro, 12/10/1957, p. 71 (BMA)

A essa altura, já parecia estranho às pessoas pensar que os discos voadores pudessem ser aviões secretos das superpotências. Se realmente fossem aeronaves terrestres, isso teria vindo à tona depois de tantos anos. Fazia sentido pensar assim. Do mesmo modo, fazia sentido perguntar: se os discos voadores são extraterrestres por que não aparecem de uma vez? De nada adiantaram todas as explicações de enganos e as fraudes. Mesmo sem qualquer prova, parte da sociedade continuou acreditando que eles podiam pousar a qualquer momento.

Por que a ineficiência da hipótese extraterrestre em demonstrar sua validade científica não afetou sua popularidade? Provavelmente porque nesse momento os discos voadores já não eram uma discussão pública como outra qualquer. Tinham entrado no terreno da crença.

#### 4.4 \_ DOIS CASOS FAMOSOS

Pouco depois da onda de casos de 1957, ocorreram no Brasil dois episódios que se tornaram bastante famosos na casuística mundial de discos voadores. O primeiro deles ocorreu em janeiro de 1958, quando o fotógrafo civil Almiro Baraúna (1916-2000) estava na Ilha da Trindade para acompanhar uma expedição científica militar liderada pela Marinha brasileira.<sup>600</sup> Segundo Baraúna, no dia 16 de janeiro ele teria fotografado por quatro vezes um objeto voador circular que sobrevoava a ilha. Embora tenha alegado que muitos oficiais testemunharam o fenômeno, não se sabe ao certo se isso ocorreu.<sup>601</sup>

De acordo com o fotógrafo, a Marinha analisou os negativos durante alguns dias e não encontrou indícios de fraude. Depois, as imagens teriam chegado às mãos do então presidente Juscelino Kubitschek, que as teria repassado a amigos jornalistas do diário carioca *Correio da Manhã*. No dia 20 de fevereiro, estações de rádio do Rio de Janeiro começaram a anunciar com

---

<sup>600</sup> Há um trabalho acadêmico sobre a vida profissional de Almiro Baraúna. Ver: VASQUEZ, Maurício Fernandes. **A Poética de uma Paixão: considerações acerca da produção de Almiro Baraúna sobre a cidade de Niterói**. Mestrado em Ciências da Arte, Universidade Federal Fluminense (UFF), Niterói, 2003.

<sup>601</sup> VISONI, Rodrigo Moura. 'Photoshop na Rolleiflex'. **Revista de História da Biblioteca Nacional**. Rio de Janeiro, ano 5, n° 49, outubro de 2009, p. 69.

estardalhaço que esse jornal publicaria no dia seguinte as fotos de um disco voador na Ilha da Trindade.<sup>602</sup>



Imagens 45 e 46 - A segunda foto tirada por Almiro Baraúna em 1958 na Ilha da Trindade e sua respectiva ampliação.<sup>603</sup>

<sup>602</sup> CASO TRINDADE. Produção Marco Antonio Petit. **Entrevista com Almiro Baraúna**. Brasil. 2005[?]. 1 DVD, Colorido, 41 min.

<sup>603</sup> MARTINS, João. *Disco Voador sobrevoa o "Almirante Saldanha"*. In **O Cruzeiro**. Rio de Janeiro, 8/03/1958 (BMA)

Baraúna soube então que o *Correio da Manhã* publicaria as fotos que ele tirara. Temeu perder o direito sobre elas e, por isso, ligou para João Martins e lhe explicou a situação. Ambos resolveram ir até a sede do *Correio da Manhã*. Lá, souberam que o jornal publicaria as fotografias mesmo sem permissão do autor e que arcaria com os riscos de um possível processo judicial.

Diante dessa situação, Baraúna e Martins foram até a casa de Leão Gondim, diretor de *O Cruzeiro* e primo de Chateaubriand. Gondim decidiu acabar com o furo jornalístico do *Correio da Manhã*. Pagou 60 mil cruzeiros a Baraúna pelas imagens, valor que, segundo o fotógrafo, era quase suficiente para comprar um apartamento.<sup>604</sup> Em seguida, todos foram ao laboratório fotográfico de *O Cruzeiro*, onde fizeram muitas ampliações das fotos. À noite, Baraúna e Martins reuniram quase todos os jornais da cidade do Rio de Janeiro e distribuíram gratuitamente cópias bastante ampliadas e nítidas do disco voador na ilha da Trindade. No dia seguinte, elas estavam em quase todas as primeiras páginas dos diários.

O caso era interessante porque indiretamente envolvia os militares. Os meios de comunicação cobriram com atenção os desdobramentos e passaram a consultar especialistas.<sup>605</sup> Lélío Gama, do Observatório Nacional, negou que pudessem ser naves extraterrestres.<sup>606</sup> Já João Lira Medeiros, presidente da *Sociedade Interplanetária do Rio de Janeiro*, e Alexandre Fucks (sic), da Associação Brasileira de Astronomia, apontaram vários fenômenos astronômicos e meteorológicos que poderiam levar à confusão.<sup>607</sup>

Alguns dias depois, a Marinha brasileira divulgou uma nota. Ao invés de diminuir o interesse pelo assunto, acabou colocando ainda mais lenha na fogueira. Eis o comunicado:

Com relação às notícias veiculadas pela Imprensa de que o Ministério da Marinha vem se opondo à divulgação de fatos acerca do aparecimento de

<sup>604</sup> CASO TRINDADE. Produção Marco Antonio Petit. **Entrevista com Almiro Baraúna**. Brasil. 2005[?]. 1 DVD, Colorido, 41 min.

<sup>605</sup> Em anexo há uma lista de fontes sobre a repercussão do caso Trindade. Infelizmente, não tivemos tempo de analisar esse material a tempo.

<sup>606</sup> *Não há base no caso dos discos voadores*. **Diário de Notícias**, Rio de Janeiro, edição de 23 e 24/2/1958, p. 1, 2ª. seção. (BN)

<sup>607</sup> *Meros Fenômenos Meteorológicos os Chamados “Discos-Voadores”*. **Diário de Notícias**, Rio de Janeiro, 25/2/1958, p. 1 e 2, 2ª. seção. (BN)

estranho objeto sobre a Ilha da Trindade, este gabinete declara que tais informações carecem de fundamento.

Este Ministério não vê motivos para que fosse impedida a divulgação de fotografias do referido objeto, obtidas pelo sr. Almiro Baraúna, que se achava na Ilha da Trindade a convite da Marinha, e na presença de grande de elementos da guarnição do NE “Almirante Saldanha”, de bordo do qual foram feitos os flagrantes.

Evidentemente este Ministério não poderá se pronunciar a respeito do objeto visto sobre a Ilha da Trindade, uma vez que as fotografias não constituem prova bastante para tal fim.<sup>608</sup>

Como se pode perceber, o texto não deixa claro se existiram ou não testemunhas militares no momento em que as fotos foram batidas. O cronista Rubem Braga comentou que era uma “uma nota oficial que, em resumo, não diz nada, ou quase nada”.<sup>609</sup> Nos dias seguintes, houve uma guerra de versões nos jornais, que se dividiram entre os que apoiavam e os que estavam contra o caso. Notando o aparecimento cada vez mais freqüentemente de fotografias de discos voadores, Rubem Braga ironicamente sugeriu:

(...) uma reunião de diretores de jornais de todo Brasil para adotar um critério em matéria de discos voadores. Cada Estado teria sua cota, que não poderia exceder a um cada 24 meses (...). Em cada praça seria feito o sorteio do jornal ou revista a ser favorecido pelo disco, ficando entendido que *O Cruzeiro* e o *Correio da Manhã* estariam proibidos de “discar” pelo menos até 1970.<sup>610</sup>

As fotos da ilha de Trindade estão provavelmente entre as mais discutidas ao longo da história dos discos voadores. Os defensores de sua autenticidade citam como elementos favoráveis a reputação do fotógrafo e alguns relatos na mesma ilha em dias anteriores ao ocorrido.<sup>611</sup> Os mais céticos, contudo, argumentam que apenas duas testemunhas do caso são conhecidas, justamente dois amigos pessoais de Almiro Baraúna.<sup>612</sup> Também lembram que

<sup>608</sup> *Marinha diz que é autêntico o disco da Trindade. Tribuna da Imprensa.* Rio de Janeiro, 24/2/1958, p. 4. (BN)

<sup>609</sup> BRAGA, Rubem. *Discos. Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 26/2/1958, 1ª. seção, p. 2.(BN)

<sup>610</sup> Idem

<sup>611</sup> BORGES, Alexandre de Carvalho, *Esfriando a polêmica sobre o caso. Revista UFO*, Campo Grande, número 82, novembro 2002, p. 10-21.

<sup>612</sup> VISONI, Rodrigo Moura. *'Photoshop na Rolleiflex'*. *Revista de História da Biblioteca Nacional*. Rio de Janeiro, ano 5, n° 49, outubro de 2009, p. 69.

Baraúna publicou anos antes uma reportagem na revista semanal *Mundo Ilustrado* em que mostrava como era fácil fraudar fotografias de discos voadores.<sup>613</sup> Para eles, parece uma estranha coincidência que um disco voador tenha aparecido justamente para um fotógrafo que sabia tão bem fazer truques desse tipo.



Imagem 47 - A quarta e última foto da Ilha de Trindade, quando o objeto supostamente desapareceu.<sup>614</sup>

Em fevereiro de 1958, o jornalista João Martins tomou conhecimento de outro caso que se tornaria mundialmente famoso. Durante os dias de carnaval daquele ano, ele recebeu no Rio de Janeiro a visita de um jovem lavrador do interior de Minas Gerais chamado Antônio Villas Boas (1934-1991). Há alguns meses, o jornalista e o agricultor trocavam cartas. Nelas, Villas Boas pedia uma passagem de ônibus para ir à capital do país contar sua história. João Martins

<sup>613</sup> LIMA, Vinícius (texto) & BARAÚNA, Almiro (fotos). *Um disco voador esteve em minha casa...* **Mundo Ilustrado**, Rio de Janeiro, nº 93, 10 de novembro de 1954, p. 38 e 39. (BN)

<sup>614</sup> MARTINS, João. *Disco Voador sobrevoa o "Almirante Saldanha"*. In **O Cruzeiro**. Rio de Janeiro, 8/03/1958 (BMA)

aceitou. No Rio de Janeiro, ele levou Villas Boas até o consultório do doutor Olavo Teixeira Fontes, médico e um dos primeiros ufólogos brasileiros. Lá, ele foi submetido a exames médicos e a um interrogatório.

Contou que na noite de 15 de outubro de 1957 foi surpreendido por um estranho objeto voador que pousou sobre o campo enquanto ele arava a terra com um trator. Do objeto saíram seres baixos vestindo macacões cinza que cobriam todo corpo. Esses pequenos seres o teriam agarrado e levado à força para o interior da nave. Ali, entre outras coisas, Villas Boas foi despido e apresentado a uma estranha moça loira de olhos azuis que estava completamente nua. Sem palavras, ela passou a se esfregar nele e mantiveram relações sexuais. No final, a alienígena apontou para a sua barriga e para o céu. Villas Boas foi então devolvido a sua propriedade em São Francisco de Sales, interior de Minas Gerais. “Era isso o que queriam comigo, um bom reprodutor para melhorar a raça deles”, contou o lavrador.<sup>615</sup>

João Martins ouviu e registrou toda história, mas recusou-se a publicá-la. Naqueles anos, não existiam relatos de seqüestros por alienígenas, muito menos desse tipo. João Martins provavelmente percebeu que o caso era demasiado estranho. Temia que os leitores não engolissem a narrativa, pois ela era altamente inverossímil para a época. De certa forma, ela rompia com o delicado equilíbrio entre ficção e realidade que sempre existiu tacitamente no mundo dos discos voadores. João Martins sabia que esse “balanceamento” era fundamental para a aceitação do tema pelos leitores. Certa vez, escreveu:

A grande dificuldade, numa pesquisa fria e racional sobre o mistério dos “discos”, é separar a realidade da fantasia, que andam de braços dados nesse assunto. Estabelecer a fronteira onde a primeira termina e a segunda principia, constitui, sem dúvida, o mais complexo trabalho. Não deve ficar demasiadamente preso à realidade convencional, nem tampouco perdê-la de vista. Não se deve conter demais a imaginação, nem tampouco deixar que ela voe sem freios.<sup>616</sup>

<sup>615</sup> LORENZEN, Coral and Jim. **Flying saucer occupants**. Signet Books, New York, 1967, p. 54.

<sup>616</sup> MARTINS, João. *A terrível missão dos Discos Voadores*. In **O Cruzeiro**. Rio de Janeiro, 12/10/1957, p. 73 (BMA)

Para o ufólogo Fernando Cleto Nunes Pereira, João Martins estava desgastado pelas críticas às fotos da Barra da Tijuca e não podia bancar a publicação de algo tão fantástico, uma narrativa na qual “a imaginação havia voado tão sem freios”. A menos que houvesse uma prova física, o que não era o caso.<sup>617</sup> Além disso, o jornalista hesitou ao perceber pequenas contradições entre as primeiras cartas e o que foi dito no encontro do Rio de Janeiro.<sup>618</sup>

João Martins não notou, porém, algo bem mais sutil. Villas Boas disse que os fatos ocorreram no dia 15 de outubro. Apenas três antes a revista *O Cruzeiro* havia publicado relatos e ilustrações de pessoas atacadas por pequenos seres extraterrestres em locais desertos.<sup>619</sup> A mesma reportagem destacou narrativas de encontros com alienígenas loiros.<sup>620</sup> Seriam coincidências as semelhanças entre o relato de Villas Boas e o que foi veiculado pela revista de maior circulação do país alguns dias antes? Não parece absurdo supor que o agricultor, caso tenha lido a revista, foi influenciado por tudo o que leu e viu naquela edição.

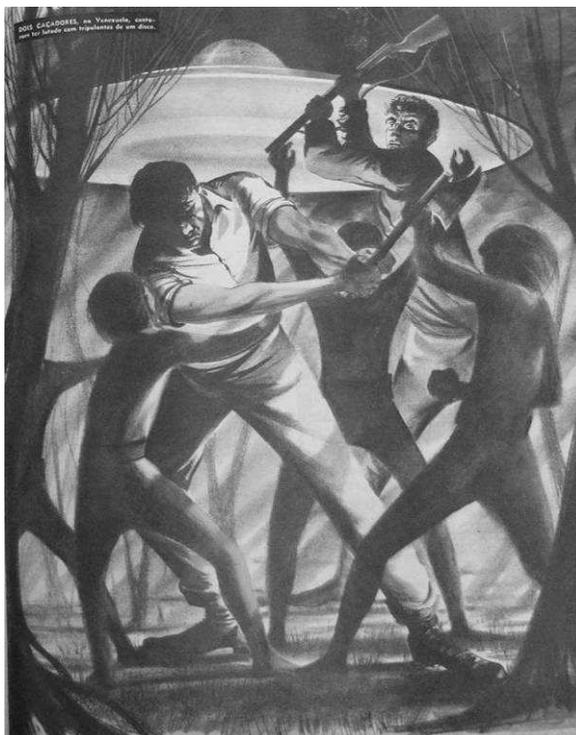
---

<sup>617</sup> PEREIRA, Fernando Cleto Nunes. Entrevista concedida no Rio de Janeiro a Rodolpho Gauthier em 18 de janeiro de 2007.

<sup>618</sup> LORENZEN, *op. cit.*, p.64-65.

<sup>619</sup> João Martins narrou, por exemplo, o caso de Gustavo Gonzales e José Ponde (Venezuela, 28/11/1954), que alegavam ter brigado com quatro pequenos extraterrestres na cidade de Caracas. Narrou ainda o caso de Lorenzo Flores e Jesus Gomes (Venezuela, 9/10/1954), dois caçadores que também diziam ter lutado contra quatro pequenos alienígenas.

<sup>620</sup> Na mesma edição, João Martins destacou os encontros com alienígenas loiros relatados por João de Freitas Guimarães (Brasil) e Salvador Villanueva Medina (México).



**Imagem 48 – Ilustração de um caso venezuelano no qual dois caçadores lutaram contra pequenos seres alienígenas. Publicada em *O Cruzeiro* apenas três dias antes do alegado contato de Antônio Villas Boas.<sup>621</sup>**

Quatro anos após o primeiro depoimento, ufólogos da *Sociedade Brasileira de Estudos dos Discos Voadores* (SBEDV) foram até São Francisco de Sales. Eles colheram um novo depoimento e desenhos feitos pelo próprio Antônio Villas Boas. Sem perceber, a “testemunha” fez importantes alterações em vários detalhes da história.<sup>622</sup> Os pesquisadores, porém, não as notaram e começaram a divulgar amplamente o caso. Desempenharam assim o papel que Martins se negou a realizar.<sup>623</sup> Na década de 1960, novas histórias de raptos por extraterrestres

<sup>621</sup> MARTINS, João. *A terrível missão dos Discos Voadores*. In **O Cruzeiro**. Rio de Janeiro, 12/10/1957, p. 73 e 75. (BMA)

<sup>622</sup> Para notar as contradições, basta comparar o relato dado aos membros da SBEDV em 1962 (ver: **Boletim SBEDV**, Rio de Janeiro, no. 26/27, Rio de Janeiro, abril a julho 1962, p. 7-9) com a narrativa original feita a João Martins e Olavo Teixeira Fontes em fevereiro 1958 (ver: **Boletim SBEDV**, Rio de Janeiro, no. 90-93, janeiro a agosto de 1973, p. 10-24)

<sup>623</sup> Em 1965, Heitor Durville publicou um resumo em *O Cruzeiro Internacional*, edição em espanhol que circulava na América Latina. Ver: **O Cruzeiro Internacional**, *Detrás de La Cortina de silêncio*, edições: 1/1/1965[?], 16/1/1965 (p. 16-18), 1/2/1965 (p. 76-79), 16/2/1965 (p. 70-73). Segundo os membros da SBEDV, Heitor Durville era o próprio João Martins sob pseudônimo. Ver: **Boletim SBEDV**, no. 85-89, março a dezembro 1972, p. 17.

ganharam espaço na grande imprensa e o tema começou a ser mais explorado. A partir de então, o caso Villas Boas passou a ser considerado o marco inicial desse tipo de narrativa.<sup>624</sup>

Casos como o de Villas Boas, porém, foram exceção nos anos 1950. Predominaram na época relatos de contatos amistosos com extraterrestres. Vários brasileiros alegaram ter mantido encontros desse tipo. A maioria das narrativas parecia-se com a história do norte-americano George Adamski: eles vinham em paz para alertar sobre os perigos da guerra atômica. O caso de maior destaque foi o de Dino Kraspedon, pseudônimo de Aladino Félix (1920-1985).<sup>625</sup> Kraspedon escreveu em 1957 o livro *Contato com os discos voadores*, no qual narra suas conversas com o “comandante do disco voador”, vindo de duas luas de Júpiter. O principal aspecto da obra é a relação entre a ciência e a crença em Deus. Ao longo de todo o livro, o comandante do disco voador faz críticas duras aos cientistas e ao mau uso da tecnologia criada por eles, além de invocar a necessidade de humildade diante da natureza. Chega até a ameaçar a humanidade:

É o momento azado para que os cientistas parem e meditem, que o ser humano deixe de julgar-se o rei da criação, que o homem da Terra desça do pedestal que a sua arrogância o colocou e compreenda que se é seu costume oprimir os fracos, pode se dar o caso que um mais forte resolva fazê-lo calar.<sup>626</sup>

Além de Dino Kraspedon, João de Freitas Guimarães,<sup>627</sup> Hélio Aguiar<sup>628</sup> e Antonio Rossi<sup>629</sup> relataram encontros com seres extraterrestres no final dos anos 1950.<sup>630</sup> Suas narrativas

---

<sup>624</sup> O ufólogo Fernando Cleto Nunes Pereira soube que Antônio Villas Boas foi entrevistado pelo apresentador Flávio Cavalcanti da extinta TV Tupi em uma época que ele não se recorda. Cleto relata: “dizem, eu não acompanhei, que o Flávio Cavalcanti começou muito bem, apresentando ele e, no fim, fizeram sujeira, bombardearam, disseram que era mentiroso, essas coisas... “quer aparecer”. (...) Foi três vezes no programa. Parece que na primeira se deu bem, na segunda, na terceira já apareceram os caras que querem aparecer em cima... dizendo que ele mentiu, essas coisas. Ele já era advogado nessa época. Ele já tinha crescido”. PEREIRA, Fernando Cleto Nunes. Entrevista concedida no Rio de Janeiro a Rodolpho Gauthier em 18 de janeiro de 2007. Segundo o Boletim SBEDV, Flávio Cavalcanti entrevistou várias pessoas que tiveram contatos com discos voadores no seu programa no canal 6 (Rio de Janeiro) durante mais de um mês no segundo semestre de 1978. **Boletim SBEDV**, Rio de Janeiro, n° 126-128, janeiro-julho 1979, p. 11.

<sup>625</sup> Cláudio Suenaga fez um grande resgate histórico da atuação de Dino Kraspedon. Ver: SUENAGA, Cláudio Tsuyoshi. **A dialética do real e do imaginário: uma proposta de interpretação do fenômeno OVNI**. Dissertação de Mestrado em História, Universidade Estadual Paulista, Assis, 1998.

<sup>626</sup> KRASPEDON, Dino. **Contato com os discos voadores**. 2a edição revista e ampliada, São Paulo, São Paulo Editora S/A, 1957, p. 195-6.

<sup>627</sup> *O disco faltou ao horário marcado*. **Manchete**. Rio de Janeiro, 7 de setembro de 1957, p. 16 (ABI)

utópicas mostram, de certa forma, como eles receberam e reformularam a grande quantidade de informações sobre discos voadores consumidas naqueles anos. Esse capítulo da história, no entanto, é demasiado complexo e merece um profundo e detalhado estudo a ser feito em outra ocasião.

#### 4.5 \_ A EXPULSÃO DO TEMPLO

O retorno do interesse pelos discos voadores em plena era do Sputnik provocou nova reação de Ary Maurell Lobo, editor-chefe da revista *Ciência Popular*. Numa seqüência de sete reportagens, ele publicou argumentos contra a existência dos famosos objetos e fez virulentos ataques àqueles que estavam ligados ao tema. Em outubro de 1957, anunciou com ironia: “E voltaram os “discos voadores” para lucro dos gaiatos, perturbação dos paranóicos e perplexidade dos boçais!”<sup>631</sup>

Ary Maurell Lobo gostava de lembrar que diversos fenômenos podiam causar enganos – meteoritos, balões, o planeta Vênus, aviões e relâmpagos globulares.<sup>632</sup> Nesse processo, o elemento-chave era a falibilidade do olho humano. Ele advertiu: “Não se esqueçam os indoutos que o olho humano é, na realidade, um instrumento maravilhoso, mas dentro de suas possibilidades tão somente; fora daí, conduz às maiores erronias”.<sup>633</sup>

Esse aviso poderia ser dado também a muitos meios de comunicação. Jornais e revistas, por exemplo, costumavam publicar estimativas fornecidas pelas testemunhas como se elas correspondessem à realidade. Não se davam conta de que ninguém consegue calcular com alguma precisão o tamanho e a velocidade de um objeto voador sem usar instrumentos de medição e pontos de referência conhecidos. Os jornalistas tampouco pensavam na possibilidade

<sup>628</sup> MARTINS, João. *Mensagem do Disco Voador*. In **O Cruzeiro**. Rio de Janeiro, 13/6/1959. (BMA)

<sup>629</sup> ROSSI, Antonio. **Num disco voador visitei outro planeta**; prefácio de Levino Cornélio Wischral. São Paulo, Nova Era, 1957, 264 p.

<sup>630</sup> Uma lista cronológica dos relatos de encontros entre brasileiros e seres extraterrestres foi compilada pela SBEDV (Sociedade Brasileira de Estudos sobre Discos Voadores). Ver: **Boletim SBEDV**, Rio de Janeiro, boletim especial 1975, p. 92.

<sup>631</sup> LOBO, Ary Maurell. *E voltaram os “discos voadores” para lucro dos charlatães, entretenimento dos gaiatos, perturbação dos paranóicos e perplexidade dos boçais*. **Ciência Popular**, Rio de Janeiro, outubro de 1957, nº 109, p. 3. (AESP)

<sup>632</sup> Idem, p. 5-6.

<sup>633</sup> CIÊNCIA POPULAR. **Desvendando os segredos do Cosmos. Livro 3 – Discos voadores**. Rio de Janeiro, s/d, p. 5.

do processo perceptivo ser corrompido pelas limitações da percepção.<sup>634</sup> Eles não percebiam, enfim, que o conceito de “testemunha confiável” não tem sentido, pois não se pode confiar plenamente na visão humana.



Imagem 49 – O engenheiro militar Ary Maurell Lobo, editor da revista *Ciência Popular*.

Ao contrário dos seus colegas, o diretor de *Ciência Popular* sabia que os sentidos podem ser facilmente enganados. Ele explicou isso aos seus leitores várias vezes. Mas nem sempre manteve o tom professoral. Quando o assunto era discos voadores, Ary Maurell Lobo freqüentemente se perdia em uma verborragia agressiva. Seus textos sobre o tema estão repletos argumentos contra a pessoa (*ad-hominem*) e de autoridade. Lobo afirmava que não gostava de tocar no assunto e, por isso, tinha palavras tão “amargas”. Em certa ocasião, escreveu:

<sup>634</sup> A respeito da falibilidade do olho humano, os membros do já citado *projeto Ivan* fizeram um experimento interessante. Em 1978, eles criaram uma estrutura composta por luzes e *flashes* e a colocaram nas montanhas próximas à pequena cidade espanhola de Irún. Em uma noite clara, acenderam as luzes da estrutura. Alguns minutos depois, centenas de curiosos da cidade começaram a observar o falso óvni. Após o episódio, os pesquisadores entrevistaram essas pessoas. Eles ficaram surpresos com o fato delas descreverem o mesmo óvni de maneira tão discrepante. Embora tivessem sido expostas ao mesmo estímulo visual, elas “enxergaram” coisas bastante diferentes. Ver: ARES DE BLAS, Félix. **Ivan. Historia de um projecto**. 2002. Disponível em <http://digital.el-esceptico.org/leer.php?autor=23&id=1272&tema=25> . Acesso em 14/4/2009.

Tudo daria para não entrar nessa sujeira dos discos voadores. Mas quem tem como objetivo difundir a verdade científica em prol de um Brasil de amanhã sem moleques não deve permanecer parado, quando lhe cumpre combater a felonía e a parvalhice. No entanto, não escondo a repugnância com que o faço, sobretudo considerando a nenhuma classe dos adversários.

Portanto para a frente, até liquidar os charlatães, coibir os gaiatos, acalmar os paranóicos, e esclarecer os boçais.<sup>635</sup>

Ary Maurell Lobo criticava veementemente aqueles que obtinham lucro a partir dos discos voadores, especialmente jornalistas e contatados que escreviam livros. Acreditava que essas pessoas estavam enganando a sociedade e enriquecendo às custas da ignorância do povo. Sua nobre missão seria desmascará-las. Ele comentou:

(...). Aqui, a bem dos idiotas, dos papalvos e dos otários, é mister que um periódico da elevada categoria de CIÊNCIA POPULAR, em inteiro desacordo com o programa que lhe agradaria seguir, saia mui de seguida a campo, com o chicote da verdade em punho, para fustigar os miseráveis tranquiberneiros que não recuam, visando uns à coleta fácil de dinheiro, outros à justificativa de atos ilícitos, em explorar um povo tão achafurdado na incultura, no misticismo e na doença.<sup>636</sup>

O editor de *Ciência Popular* condenava também os consumidores das notícias e produtos culturais relacionados aos extraterrestres. Chamava-os de boçais e paranóicos. Nem as testemunhas escaparam de sua pena ferina. Nas suas palavras,

Hoje – tenho plena certeza – são bem poucos os brasileiros que, diante de estranhos fenômenos luminosos no céu, por mais surpreendentes que sejam, logo saem a afirmar que se trata de “discos voadores”. Restam somente uns tantos cidadãos desnorreados, o que é natural em qualquer coletividade: alguns

---

<sup>635</sup> LOBO, Ary Maurell. *Os discos voadores, uma chantagem, uma psicose e uma imbecilidade*. **Ciência Popular**, Rio de Janeiro, novembro de 1957, nº 110, p. 10. (AESP)

<sup>636</sup> LOBO, Ary Maurell. *Os discos voadores, uma chantagem, uma psicose e uma imbecilidade*. **Ciência Popular**, Rio de Janeiro, novembro de 1957, nº 110, p. 8. (AESP)

doentes mentais, e certos ignorantões, que nem dão conta de que nada sabem de nenhuma ciência, sobretudo na atualidade (...)

Para esses paranóicos e esses asneirentos, não há outro recurso senão deixá-los na crença tola e estúpida: que continuem com seus “discos voadores”, mas prefiram o monólogo ao diálogo, e jamais se lembrem de me mandar cartas (...)<sup>637</sup>

Essas críticas, no entanto, raramente eram acompanhadas por análises técnicas de casos e fotos e tampouco por demonstrações científicas pontuais de erros e enganos. Ao invés disso, Ary Maurell Lobo preferia negar o assunto como um todo e desqualificar todos aqueles que, de alguma maneira, estivessem ligados ao tema. A lista de insultos não é pequena. João Martins e Ed Keffel, autores das fotos da Barra da Tijuca, foram chamados de pseudo-jornalistas e sacripantas.<sup>638</sup> O coronel João Adil de Oliveira era visto como “jejuno em coisas da ciência” e “um leigo impressionável”.<sup>639</sup> Já o contatado João de Freitas Guimarães estaria em “estágio alucinatório em franco progresso”.<sup>640</sup> Além disso, um conselho foi dado aos leitores do livro de Dino Kraspedon, que dizia ter encontrado seres de Ganimedes, satélite de Júpiter. Lobo declarou: “Dependurem [o livro] na parede, e considerem-se a um só tempo doutores em imbecilidade e grão-comendadores da ordem da burrice”.<sup>641</sup> O ataque mais contundente, porém, foi feito a *Sociedade Interplanetária Brasileira*, que havia publicado nos jornais um questionário dirigido àqueles que tinham visto discos voadores. Eis a crítica:

Não há dúvidas, essa Sociedade Interplanetária de São Paulo [sic] é integrada de grandes salafrários ou grande azêmolos, ou – o que é mais provável – ambas essas coisas a um só tempo. O tal questionário, pelas perguntas que contém, é um retrato de corpo inteiro dos que o organizaram. Aí aparecem as orelhas extraordinariamente compridas, as quatro patas, e o rabo dos asnos.

<sup>637</sup> LOBO, Ary Maurell. *Os “discos voadores”, uma chantagem, uma psicose e uma imbecilidade*. **Ciência Popular**, Rio de Janeiro, fevereiro de 1958, nº 113, p. 27. (AESP)

<sup>638</sup> Idem, p. 26-27.

<sup>639</sup> LOBO, Ary Maurell. *Os “discos voadores”, uma chantagem, uma psicose e uma imbecilidade*. **Ciência Popular**, Rio de Janeiro, abril de 1958, nº 115, p. 10. (AESP)

<sup>640</sup> LOBO, Ary Maurell. *E voltaram os “discos voadores” para lucro dos charlatães, entretenimento dos gaiatos, perturbação dos paranóicos e perplexidade dos boçais*. **Ciência Popular**, Rio de Janeiro, outubro de 1957, nº 109, p. 9 (AESP).

<sup>641</sup> LOBO, Ary Maurell. *Os discos voadores, uma chantagem, uma psicose e uma imbecilidade*. **Ciência Popular**, Rio de Janeiro, novembro de 1957, nº 110, p. 10. (AESP),

Aparece também a alma negra, cúpida e pérfida dos criminosos. Chicote e ferro em brasa – eis o que se deve fornecer quanto antes a esses patifes.<sup>642</sup>

Essa não foi a primeira vez que Lobo propôs soluções autoritárias. Suas palavras nesse caso tinham sentido literal ou eram apenas um recurso retórico de gosto duvidoso? Difícil saber. Em outro artigo, ele afirmou que, se tivesse uma varinha mágica nos moldes dos contos de fada, faria com que os defensores dos discos voadores sofressem uma surra e fossem rematriculados no curso primário. Antes disso, queimaria todas as escolas do Brasil com seus respectivos professores e as reconstruiria com novos “programas e novos mestres”. Emendou ainda:

(...) Quanto aos charlatas, sem exclusão de um só, experimentariam a rigidez de uma boa corda, numa força bem construída. Que este é, aliás, o castigo que se impõe aos reles exploradores das entidades sobrenaturais e das concepções fantasiosas, pelos enormes prejuízos que causam à difusão das luzes numa comunidade ainda chafurdada nas trevas da insciência e da misticidade. Como, no entanto, não possuo o maravilhoso instrumento das magas, vou mesmo utilizando este outro, uma pena molhada na tinta, que não dói no lombo dos imperitos, nem impede os acessos dos loucos, nem obsta aos golpes dos trapaceadores, mas a todos marca, e de maneira indelével, com o qualificativo adequado. Uma vez que não posso dar-lhes o justo corretivo, pelo menos pespego-lhes os ferretes que servem para assinalar a estupidez de uns, a parvidade de outros e a ignomínia de ainda outros.<sup>643</sup>

Sabemos que ao menos João Martins rebateu brevemente as ofensas. Não deixou claro que se referia a Ary Maurell Lobo, mas nem era preciso. Em uma de suas matérias, ele criticou um “cientista de almanaque” que buscava “desesperadamente estabelecer polêmica a fim de arranjar publicidade barata para si próprio”.<sup>644</sup> Afirmou que essa pessoa atacava de maneira

<sup>642</sup> LOBO, Ary Maurell. *Os “discos voadores” chantagem – idiotice - ignorância*. **Ciência Popular**, Rio de Janeiro, janeiro de 1958, nº 112, p. 34. (AESP)

<sup>643</sup> LOBO, Ary Maurell. *Os discos voadores, uma chantagem, uma psicose e uma imbecilidade*. **Ciência Popular**, Rio de Janeiro, dezembro de 1957, nº 111, p. 21-22. (AESP)

<sup>644</sup> MARTINS, João. *Revelado o segredo da Barra da Tijuca*, In **O Cruzeiro**. Rio de Janeiro, 31/10/1959. (disponível em: <http://www.memoriaviva.digi.com.br/ocruzeiro/> Acesso em 4/01/2006)

“grosseira” e “nada científica” todos os que “testemunharam ou levam a sério os “discos voadores”, sejam eles civis ou militares, leigos ou técnicos”.<sup>645</sup>

Não houve tréplica. Nos anos seguintes, porém, Ary Maurell Lobo continuou sem paciência com o tema. Ao receber a carta de um leitor, respondeu:

Nada há que me cause mais irritação que isso de discos voadores. (...) Como não sei mentir, vou logo dizendo ao Sr. Miklos que me poupe com as suas cartas. Em ciência não há lugar para democracia: os homens, nesse campo, ficam cada qual em seu nível de cultura, e os de cima nada querem com os de baixo.<sup>646</sup>

Como se vê, Lobo delineia nessas linhas a imagem do cientista como alguém especial, portador de um saber restrito, aristocrático. Comentários desse tipo, porém, só serviam para aprofundar diferenças entre os cidadãos comuns e os cientistas. Projetavam a imagem da ciência como algo elitista e ironicamente afastavam Lobo do seu principal objetivo: fazer da ciência algo popular. Em outra ocasião, o editor da revista advertiu:

Não esqueçam os bigorrilhas e atrevidaços, que nos domínios da ciência impera dura aristocracia, e aí não tem entrada os de miolo mole ou cabeça vazia. Eis porque não lhes dou a esses infelizes a menor confiança. Mal os deparo, logo lhes aplico o devido castigo, expulsando-os do templo...<sup>647</sup>

Embora tenha travado um justo combate contra o sensacionalismo no qual os discos voadores estavam envoltos, Ary Maurell Lobo apostou, na maior parte das vezes, em ataques pessoais e argumentos de autoridade. Se tivesse feito uso de análises e argumentos técnicos, possivelmente teria conseguido demonstrar a advogada superioridade do conhecimento

---

<sup>645</sup> Noutra matéria, João Martins provocou Lelio Gama. O astrônomo do Observatório Nacional dissera, na época do lançamento do Sputnik, que planos científicos para atingir a Lua não tinham nenhum cabimento. E concluiu: “Não sei até onde pode chegar a irresponsabilidade dos divulgadores de tais fantasias, que em nada nos ajudam”. Martins, por sua vez, apostava no grande desenvolvimento da astronáutica. Dez anos depois, um pequeno passo dado por Neil Armstrong mostrou que o jornalista de *O Cruzeiro*, ao menos dessa vez, estava certo. Ver: MARTINS, João. *A vida nos outros mundos*. **O Cruzeiro**, Rio de Janeiro, 28 de novembro de 1959, p. 76.

<sup>646</sup> *Cartas ao Diretor Geral*. **Ciência Popular**, Rio de Janeiro, fevereiro de 1959, nº 125, p. 21. (AESP)

<sup>647</sup> LOBO, Ary Maurell. *Os “discos voadores”, uma chantagem, uma psicose e uma imbecilidade*. **Ciência Popular**, Rio de Janeiro, fevereiro de 1958, nº 113, p. 27. (AESP)

científico, o que diminuiria o interesse pelas especulações. Abrir as portas do “templo” aos discos voadores teria sido muito mais enriquecedor. Para ele e para os leitores.

## 4.6 \_ ÚLTIMAS MATÉRIAS

Em 1958, *O Cruzeiro* se aproveitou brevemente da renovação de interesse pelos discos voadores após as fotos da ilha de Trindade. Dois meses após o caso, João Martins iniciou a série de reportagens *A ronda dos discos voadores*. A certa altura, o jornalista pediu seriedade no tratamento do tema e chamou de sensacionalista o tipo de matéria que ele mesmo já havia publicado:

(...) infelizmente, alguns dos casos que atraem com mais intensidade a curiosidade pública, que são explorados mais sensacionalmente pela imprensa, são os que estão mais sujeitos a dúvidas e são postos de lado pelos pesquisadores sérios do assunto (como certos casos de contatos diretos com tripulantes). O misticismo, o messianismo, quando não a exploração deliberada de conceitos filosóficos dignos de respeito e elogio, tem trazido muita confusão a essa matéria que só deveria comportar a pesquisa séria e fria.<sup>648</sup>

Não era apenas jogo retórico. Nos últimos anos da década de 1950, João Martins realmente parecia um pouco mais seletivo com as narrativas que publicava. A experiência acumulada e as duras críticas sofridas pelas fotos da Barra da Tijuca podem tê-lo feito mais cauteloso e cético.

*A ronda dos discos voadores* trouxe uma coleção de casos ocorridos no Brasil entre setembro e novembro de 1957. Boa parte desses relatos chegava até Martins através de cartas de leitores, como ele informou em algumas ocasiões. O jornalista, no entanto, apenas descreveu

---

<sup>648</sup> MARTINS, João. *A ronda dos Discos Voadores (1)*. In **O Cruzeiro**. Rio de Janeiro, 3 de maio de 1958, p. 56 (BMA)

a maior parte das ocorrências e evitou tecer comentários. Na última reportagem dessa série, parecia cansado do assunto. Ele escreveu:

Da parte deste repórter, que continuará suas investigações, só será novamente publicada alguma coisa acerca deste assunto quando algo ocorrer que traga algum esclarecimento realmente novo. Mesmo porque, de tão freqüentes, as simples observações de "discos", a maior ou menor distância, já não são novidade, já se transformaram em rotina. (...) Aguardemos, olhando interrogativamente para o espaço. Em algum ponto desse espaço estará a resposta.<sup>649</sup>

Um sintoma do declínio de interesse pelo tema foi a desaparecimento das chamadas para as reportagens da capa da revista. A série *A ronda dos discos voadores* não foi destacada na capa nenhuma vez. Todas as séries anteriores assinadas por João Martins tinham sido bastante estampadas naquele espaço nobre.

No entanto, se por aqui o assunto estava em baixa, no exterior as matérias de João Martins continuavam sendo largamente consumidas. Uma nota veiculada em 1959 orgulhosamente informava da publicação da série *A terrível missão dos discos voadores* em um dos principais jornais da Grécia.<sup>650</sup> Os direitos autorais também foram vendidos para diários de países da América Latina, Europa e África. Não era a primeira vez que os discos voadores davam lucro aos *Diários Associados*. Ao longo dos anos 1950, eles fizeram a fama de João Martins e ajudaram a engordar o cofre do seu patrão, o empresário Assis Chateaubriand.

## 4.7 \_ O NASCIMENTO DA UFOLOGIA BRASILEIRA

Nos últimos anos da década de 1950 começaram a florescer em vários pontos do Brasil grupos de aficionados por discos voadores e seres extraterrestres. De modo geral, eram pequenos e compostos, em sua maioria, por profissionais liberais que dedicavam seu tempo

<sup>649</sup> MARTINS, João. *A ronda dos Discos Voadores* (5). In **O Cruzeiro**. Rio de Janeiro, 7/6/1958 (AEL)

<sup>650</sup> *Os 'discos' nos quatro cantos do mundo* IN **O Cruzeiro**, Rio de Janeiro, 26/12/1959.

livre ao assunto.<sup>651</sup> Muitos deles colocavam dinheiro do próprio bolso para viajar pelo interior do país em busca de boas histórias. Ao invés de “consumirem” o que era publicado pela grande imprensa, como aconteceu no início, os aficionados passaram a garimpar ocorrências por conta própria.

Mesmo quando o tema estava em baixa na grande imprensa, esses grupos realizavam encontros, conferências e produziam boletins. Atividades como essas permitiram aos apaixonados pelo assunto trocar informações a respeito de novos casos e teorias. Dessa forma, eles participaram da contínua reinvenção das idéias relacionadas aos discos voadores. Ao longo dos anos, formou-se um círculo restrito e relativamente alheio ao noticiário tradicional e aos círculos acadêmicos e oficiais. Anos depois, o grupo de pessoas iniciadas no tema passou a ser chamado de comunidade ufológica<sup>652</sup> e seus participantes ficaram conhecidos por ufólogos ou ufologistas.<sup>653</sup>

É difícil saber quantos desses grupos foram criados no país nos anos 1950, pois muitos não deixaram registros. Uma grata exceção é a *Sociedade Brasileira de Estudos sobre Discos Voadores* (SBEDV), fundada em 1957 e dirigida por muito tempo pelo médico alemão Walter Karl Bühler.<sup>654</sup> A SBEDV editou seu boletim por nada menos que trinta e um anos (1957 a 1988).<sup>655</sup> A entidade, porém, não foi a primeira do gênero. Em janeiro de 1955, a revista *O Cruzeiro* informou a criação do *Centro de Investigação Civil dos Objetos Aéreos não Identificados* (CICOANI), dirigido por Húlvio Brant Aleixo (1926-2006) em Belo Horizonte.<sup>656</sup> Esse é, até o momento, o registro mais antigo de uma organização desse tipo no Brasil.

---

<sup>651</sup> O mesmo vinha acontecendo nos Estados Unidos, onde já existiam dezenas de pequenas organizações civis dedicadas à pesquisa amadora. Uma delas, a NICAP (*National Investigations Committee On Aerial Phenomena*), era presidida por Donald Keyhoe e chegou a ter projeção nacional. PEEBLES, *op. cit.*, p. 137-141.

<sup>652</sup> A expressão “comunidade ufológica” foi criada muito tempo depois. A propósito, nos primeiros anos havia pouco contato entre os pesquisadores de discos voadores. De acordo com Fernando Cleto Nunes Pereira (1924-) as dificuldades de comunicação e locomoção impediam contato maior entre eles. PEREIRA, Fernando Cleto Nunes. Entrevista concedida no Rio de Janeiro a Rodolpho Gauthier em 18 de janeiro de 2007.

<sup>653</sup> O termo só apareceu no Boletim SBEDV em 1967. Está lá: “UFOLOGISTA, palavra nova, quer dizer, pessoa que se dedica ao estudo dos DV ou UFOs”. Ver: **Boletim SBEDV** n° 55-59, março a dezembro de 1967, p. 29.

<sup>654</sup> Da primeira-diretoria constavam: José Augusto Costa Júnior (presidente), Dr. Paulo Manzo (vice-presidente), Dr. Walter Bühler (vice-presidente), Júlio Pessoa (secretário), Boaventura F. da Cruz Filho (secretário), Cristóvão Toste Coelho (tesoureiro), Flávio H. Delavusta (tesoureiro), Carlos A. Botafogo (conselho fiscal), Arlindo C. Loureiro Coutinho (conselho fiscal), prof. José de Fortunato Pinto (conselho fiscal), Jorge I. Vitorio Capellaro (suplente), Waldick Pereira (suplente). Ver **Boletim SBEDV** n° 5, 1/9/1958, p. 1.

<sup>655</sup> Além de Bühler, também teve destaque no grupo o dentista Mário Prudente de Aquino (1913-1979). Sobre ele, ver: **Boletim SBEDV** n° 129-131, julho-dezembro 1979, p. 7-8.

<sup>656</sup> MARTINS, João. *Os Discos Estão Aqui* In **O Cruzeiro**. Rio de Janeiro, 15 de janeiro de 1955, p. 49 (BMA)

No ano seguinte, *Manchete* noticiou a fundação do *Centro de Pesquisas de Discos Voadores* (CPDV) em São Paulo. O grupo, formado principalmente por profissionais liberais,<sup>657</sup> era liderado pelo poeta e procurador do Estado José Escobar Faria.<sup>658</sup> Segundo a reportagem, a entidade possuía estatutos, reuniões semanais e sócios que pagavam Cr\$ 50 mensais.<sup>659</sup> Seus membros já preferiam utilizar a palavra *ufo*,<sup>660</sup> pois a consideravam mais apropriada do que a expressão disco voador. Além disso, cunharam o termo ufologia.<sup>661</sup> O CPDV acreditava que os discos voadores eram extraterrestres. Afirmava que apenas naves de uma civilização externa poderiam desenvolver as velocidades registradas pelos radares. Criticavam, porém, as “fantasias esdrúxulas dos místicos”.<sup>662</sup>

José Escobar Faria foi sucedido no comando do CPDV por Auriphebo Berrance Simões, piloto da *Companhia Aérea Cruzeiro do Sul* que participou de programas de televisão como *O Céu é o Limite* (TV Tupi, São Paulo) e publicou um livro bastante popular na época.<sup>663</sup> Simões era mais contido do que a maioria dos seus colegas: acreditava na existência dos discos voadores, mas afirmava que ainda não era possível saber se eram aeronaves terrestres ou de outro planeta.<sup>664</sup>

No quadro do grupo paulista estavam também Thomás Pedro Bun e Flávio Augusto Pereira (1926- ). Bun era um engenheiro civil húngaro naturalizado brasileiro.<sup>665</sup> Ele moderou vários encontros sobre o tema, entre eles o Primeiro Colóquio Brasileiro Sigiloso sobre Objetos

---

<sup>657</sup> Segundo a revista *Manchete*, faziam parte do grupo: E. Krol (físico e especialista em eletrônica), João Afonso Luzzi Jr. (médico e piloto de planadores), Auriphebo Berrance Simões (comandante de aviões), Francisco Luís de Almeida Sales (escritor, jornalista e crítico de cinema), José Falcão Ferrer (doutor em filosofia), Ernesto Dragone (livreiro), Geraldo Homem de Melo (engenheiro eletricitista e astrônomo amador), Norberto Lohn (industrial), Percival Lohn (engenheiro civil), Mário Cintra Gordinho (engenheiro eletricitista), Michel Maluf (médico psicanalista).

<sup>658</sup> José Escobar Faria editou o *UFO Critical Bulletin*, que era produzido em inglês em colaboração com o pesquisador norte-americano Richard Hall (1930-2009) da NICAP. Ver RUPPELT, *op. cit.*, p. 6. Sobre o fim do *UFO Critical Bulletin* em dezembro de 1959, ver: **Boletim SBEDV** n° 14, Rio de Janeiro, março de 1960, p. 1. O *UFO Critical Bulletin* deve ter sido o primeiro a publicar algo sobre o caso Villas Boas em sua edição de janeiro/fevereiro de 1959. Ver: **Boletim SBEDV**, Rio de Janeiro, janeiro-agosto 1973, n° 90-93, p. 6.

<sup>659</sup> LINGUANOTTO, Daniel. *Os discos voadores existem e não são da Terra*. **Manchete**, Rio de Janeiro, 20 de outubro de 1956, p. 75-77. (ABI)

<sup>660</sup> Acrônimo da expressão inglesa *Unidentified Flying Object*, que significa objeto voador não identificado.

<sup>661</sup> Idem

<sup>662</sup> O CPDV editou um boletim bilíngüe, intitulado em português *O Disco Voador* e em inglês de *The flying saucer*. Ele teve pelo menos dez números, que foram publicados entre agosto de 1956 e fevereiro de 1958. Ver: <http://www.virtuallystrange.net/ufo/updates/1997/dec/m09-004.shtml> . Acesso 08/07/2009.

<sup>663</sup> SIMÕES, Auriphebo Berrance. **Discos voadores: fantasia e realidade**. 2a ed., São Paulo, Edart, 1959.

<sup>664</sup> *Ibidem*, p. 380-390.

<sup>665</sup> *Partirão de Carapicuíba os projéteis para a Lua*. **Folha da Noite**, São Paulo, 27 de abril de 1953. Disponível em: [http://almanaque.folha.uol.com.br/ciencia\\_27abr1953.htm](http://almanaque.folha.uol.com.br/ciencia_27abr1953.htm) . Acesso em 08/02/2009.

Aéreos não Identificados realizado em 1958.<sup>666</sup> A reunião deu origem à *Comissão Brasileira de Pesquisa Confidencial dos Objetos Aéreos não Identificados* (CBPCOANI).<sup>667</sup> Flávio Augusto Pereira, professor de História Natural<sup>668</sup> e irmão do conhecido editor José Olympio Pereira Filho (1902-1990), foi o primeiro presidente da nova entidade. Também atuou como incentivador da tradução e publicação de livros especializados,<sup>669</sup> como a obra de Edward J. Ruppelt, que ajudou a popularizar no país o termo *ufo*.<sup>670</sup>

Tanto Thomás Pedro Bun quanto Flávio Augusto Pereira faziam parte da *Sociedade Interplanetária Brasileira* (SIB). Fundada em São Paulo em 1953, a SIB congregava interessados nas futuras viagens de exploração espacial.<sup>671</sup> Bun foi presidente da entidade e Pereira, presidente do Conselho Científico Internacional.<sup>672</sup> Na cidade do Rio de Janeiro, existia outra sociedade interplanetária, a SIRJA (*Sociedade Interplanetária do Rio de Janeiro*).

---

<sup>666</sup> Esse encontro, feito em São Paulo durante os dias 1º a 3 de maio de 1958, contou com 35 participantes, entre militares e civis. Sua principal conclusão foi a de que os discos voadores existiam e eram extraterrestres. Ver: RUPPELT, *op. cit.*, p. 5-10; PEREIRA, Flávio Augusto. **Introdução à Astrobiologia**. José Olympio Editora, Rio de Janeiro, 1958, p. 7-9; *Brasil discute discos voadores*. **Folha de S. Paulo**. São Paulo, 3 de novembro de 1967. Disponível em: [http://almanaque.folha.uol.com.br/ciencia\\_03nov1967.htm](http://almanaque.folha.uol.com.br/ciencia_03nov1967.htm). Acesso em 08/02/2009.

<sup>667</sup> FÁRIA, José Escobar. **Discos voadores**. São Paulo, Melhoramentos, 1959, p. 7.

<sup>668</sup> PEREIRA, Flávio Augusto. **Introdução à Astrobiologia**. José Olympio Editora, Rio de Janeiro, 1958.

<sup>669</sup> Rachel de Queiroz fez muitos elogios a Flávio Augusto Pereira na sua crônica de 4 de março de 1961. Ver: QUEIROZ, Rachel de. *Ciência & governo*. Coluna Última Página. **O Cruzeiro**, Rio de Janeiro, 4 de março de 1961, p. 130 (AEL)

<sup>670</sup> RUPPELT, Edward J. **Discos voadores: relatório sobre os objetos aéreos não identificados**; trad. de J. Escobar Faria & Auriphebo Berrance Simões; pref. de Flávio Pereira. São Paulo, Difel, 1959.

<sup>671</sup> PEREIRA, Flávio Augusto. **Introdução à Astrobiologia**. José Olympio Editora, Rio de Janeiro, 1958. Ver também: *Debatida a existência dos discos voadores na Sociedade Interplanetária Brasileira*. **Diário da Noite**, Rio de Janeiro, 4/11/1954, p. 1 e 3. (BN)

<sup>672</sup> A SIB teve papel bastante importante na criação do programa espacial brasileiro. Foi seu então presidente, Luiz de Gonzaga Bevilacqua, quem sugeriu a Jânio Quadros a criação de uma instituição voltada para a pesquisa espacial. Pouco depois, foi fundando o GOCNAE (Grupo de Organização da Comissão Nacional de Atividades Espaciais), que daria origem ao INPE (Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais). Segundo Paulo Augusto Sobral Escada: “A Sociedade Interplanetária Brasileira (SIB) teria sido a idealizadora da nova organização científica, mas não teve um papel forte e atuante nas etapas seguintes que definiram a entidade”. O papel da SIB, até onde se sabe, não foi resgatado por nenhum trabalho historiográfico. Seu boletim (Boletim da Sociedade Interplanetária Brasileira) está disponível na Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro, e deve ser uma grande fonte de informações para futuros pesquisadores. Sobre sua atuação, ver também: *Com 5 teses participará o Brasil do 8º Congresso de Astronáutica*. **Folha da Manhã**, São Paulo, 4/10/1957, p. 9 (AEL); ESCADA, Paulo Augusto Sobral. **Origem, institucionalização e desenvolvimento das Atividades Espaciais Brasileiras (1940-1980)**. Dissertação de mestrado em Ciência Política, Unicamp, Campinas, 2005, p. 101; BARCELOS, Eduardo Dorneles. **Telegramas para Marte: a busca científica de vida e inteligência extraterrestres**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2001, p. 35; PEREIRA, Guilherme Reis. **Política Espacial Brasileira e a trajetória do INPE (1961-2007)**. Tese de doutorado em Política Científica e Tecnológica, Unicamp, Campinas, 2008, p. 18.

Embora teoricamente se dedicasse à exploração espacial, a organização não deixou a ufologia de lado.<sup>673</sup>

No Rio, viviam ainda alguns ufólogos independentes como o bancário Fernando Cleto Nunes Pereira (1924-), que resgatou a atuação dos militares no caso Barra da Tijuca, e o médico gastroenterologista Olavo Teixeira Fontes (1924-1968), que se destacou principalmente pelas investigações do caso Villas Boas.<sup>674</sup> Nos anos 1960, surgiram outros pesquisadores em várias partes do país, como Irene Masloum Granchi (1913-), José Victor Soares (1931-), Guilherme Wirz, Max Berezowsky e Felipe Norberto Machado Carrion (1912-1985).<sup>675</sup>

O aparecimento de vários grupos e pessoas interessadas mostra uma efervescência que também pode comprovada pela produção editorial do período. Entre 1947 e 1956, foram publicados em língua portuguesa apenas quatro livros não-ficcionais sobre discos voadores. No entanto, entre 1957 e 1959 apareceram nove títulos inéditos.<sup>676</sup> Apenas um, o almanaque produzido pela revista *Ciência Popular*, era cético.<sup>677</sup>

As relações entre os grupos ufológicos, porém, nem sempre eram harmoniosas. Em 1959, por exemplo, o grupo carioca SBEDV organizou uma palestra com o professor João de Freitas Guimarães, que alegava ter mantido contato com extraterrestres loiros de olhos claros. A conferência ocorreu na Biblioteca Municipal de São Paulo, local onde o grupo paulista CPDV costumava realizar suas reuniões.<sup>678</sup> Segundo a SBEDV, Thomás Pedro Bun, que era ligado ao CPDV e a SIB, começou a atacar as alegações do contatado durante sua exposição oral e provocou tumulto.<sup>679</sup> Nunca houve retratação. Depois disso, Walter K. Bühler, da SBEDV, passou a lançar dúvidas sobre a atuação do CBPCOANI, grupo ligado ao CPDV que mantinha

<sup>673</sup> A SIRJA foi fundada em 1956. Os primeiros membros da SBEDV, por exemplo, se conhecerem em uma palestra realizada pela SIRJA com o contatado Dino Kraspedon em outubro de 1957. Ver **Boletim SBEDV** n° 3, 1/3/1958, p. 2. Ver também: Meros Fenômenos Meteorológicos os Chamados “Discos-Voadores”. Diário de Notícias, Rio de Janeiro, 25/2/1958, p. 1 e 2, 2ª. seção. (BN)

<sup>674</sup> Até a sua morte, Olavo Teixeira Fontes foi representante no Brasil da *Aerial Phenomena Research Organization* (APRO), dirigida pelo casal norte-americano Jim e Coral Lorenzen. Ver: **OVNI-Personalidade in OVNI-Documento**. Rio de Janeiro, Hunos Editorial e Cinematográfica LTDA, n° 3, abril/junho 1979.

<sup>675</sup> A SBEDV detalha alguns dos seus principais colaboradores no **Boletim SBEDV**. Rio de Janeiro, setembro de 1976 a abril de 1977, n° 112/115, p. 11.

<sup>676</sup> Ver Anexo 1 – Fontes consultadas.

<sup>677</sup> **CIÊNCIA POPULAR. Desvendando os segredos do Cosmos**. Rio de Janeiro, s/d. O livro de Martin Gardner também dedica um capítulo aos discos voadores. Ver: GARDNER, Martin. **Manias e credulices em nome da ciência**. Tradução de Jorge Rêgo Freitas. Ibrasa, São Paulo, 1960, 314 p.

<sup>678</sup> **Boletim SBEDV**, n° 62-65, maio-dezembro 1968, p. 59.

<sup>679</sup> **Boletim SBEDV** n° 21, 1/5/1961, p. 34.

contatos freqüentes com militares brasileiros. Bühler suspeitava que essa organização estivesse do outro lado, ou seja, ajudando os militares na desmoralização do assunto.<sup>680</sup>



Imagens 50 a 56 - Alguns dos primeiros ufólogos brasileiros. Acima (da esquerda para a direita): José Escobar Faria <sup>681</sup>, Auripebo Berrance Simões <sup>682</sup> e Olavo Teixeira Fontes <sup>683</sup>. Abaixo: Húlvio Brant Aleixo <sup>684</sup>, Fernando Cleto Nunes Pereira <sup>685</sup>, Flávio Augusto Pereira <sup>686</sup> e Walter Karl Bühler <sup>687</sup>.

De fato, os contatos sempre foram motivo de discussão entre a ala considerada mais “científica” e o lado “místico”. Em 1957, Tomás Pedro Bun atacou publicamente os que alegavam manter contatos: “São charlatães que se querem fazer notados para pregar

<sup>680</sup> Idem

<sup>681</sup> LINGUANOTTO, Daniel. *Os discos voadores existem e não são da Terra*. **Manchete**, Rio de Janeiro, 20 de outubro de 1956, p. 75. (ABI)

<sup>682</sup> SIMÕES, Auripebo Berrance. **Discos voadores: fantasia e realidade**. 2a ed., São Paulo, Edart, 1959.

<sup>683</sup> MARTINS, João. *A explosão do Disco Voador*. In **O Cruzeiro**. Rio de Janeiro, 16/4/1960, p. 112. (BMA)

<sup>684</sup> Richard, Fernando. **O Cruzeiro**, Rio de Janeiro, 9 de dezembro de 1967, p. 52.

<sup>685</sup> MARTINS, João. *Revelado o segredo da Barra da Tijuca*, In **O Cruzeiro**. Rio de Janeiro, 31/10/1959, p. 21 (disponível em: <http://www.memoriaviva.digi.com.br/ocruzeiro/> Acesso em 4/01/2006)

<sup>686</sup> MARTINS, João. *Este rapaz viu os viajantes do espaço*. **Manchete**. Rio de Janeiro, [março 1969?], p. 104.

<sup>687</sup> *Os discos existem, nós vimos*. **O Cruzeiro**. Rio de Janeiro, 5 de junho de 1969, p. 9.

misticismos, ou fazer publicidade de livros (...) Devem ser combatidos sem descanso”.<sup>688</sup> A SBEDV, por outro lado, se interessava bastante por eles. Expressou isso logo no primeiro número do seu boletim, no qual publicou um decálogo que resumia bem seus princípios e objetivos. Ei-lo:

#### Decálogo da Sociedade Brasileira de Estudos sobre Discos Voadores

- 1 – Os discos voadores são extraterrenos
- 2 – Seus tripulantes têm-se comportado em atitude pacífica.
- 3 – Não visa a Sociedade explorar o sensacionalismo, mas única e exclusivamente, contribuir para o esclarecimento do fenômeno.
- 4 – É condição essencial, para os membros da Diretoria, não tirar do fenômeno disco voador qualquer vantagem de ordem material, imediata ou remota.
- 5 – Interessam à Sociedade os contatos com os discos voadores, pelo que se propõe ela a dar acolhida e assistência a todos aqueles que tiverem esses contatos.
- 6 – A Sociedade não critica nem repele os relatos aparentemente fantasiosos, pois parte do princípio de que aquilo que parece ser, hoje, fantasia, pode tornar-se realidade, amanhã.
- 7 – É objetivo da Sociedade ampliar cada vez mais seu campo de ação, colaborando, para esse fim, com as congêneres em todo o mundo.
- 8 – A Sociedade aceita cooperação de todos aqueles que a procurarem, sem nenhum preconceito de raça, culto ou ideologia política.
- 9 – A Sociedade se propõe prestar às autoridades brasileiras a ajuda ao seu alcance, quando solicitada, desde que não sejam infringidos os dispositivos deste Decálogo ou dos Estatutos.
- 10 – Em caso de aterrissagem de discos voadores, discreta ou ostensivamente, a Sociedade procurará dar, aos tripulantes dos discos, toda a assistência possível, partindo do princípio de serem sempre de caráter pacífico essas visitas.<sup>689</sup>

<sup>688</sup> *Não apresenta novidades aeronáuticas o enunciado disco voador da U.R.S.S.. Folha da Manhã*, São Paulo, 4 outubro de 1957, p. 9. (AEL)

<sup>689</sup> **Boletim SBEDV**, Rio de Janeiro, n° 1, 23/12/1957.

Obviamente, nem todos os ufólogos concordavam com as linhas acima. No entanto, ainda que tivessem várias divergências, a maioria dos pesquisadores de discos voadores considerava o jornalista João Martins o grande pioneiro da área. Os pesquisadores cariocas eram especialmente elogiosos, pois mantinham mais contato com ele. No boletim de março de 1962, a SBEDV comentou:

Nós gostaríamos de dedicar este boletim em homenagem ao Dr. João Martins (...). João Martins pode bem ser o homem que, no mundo, têm pessoalmente juntado o maior e mais interessante material a respeito de pesquisa de disco voador, mas em todo caso ele é (e permanecerá) o brasileiro pioneiro nessa matéria, mesmo que nós não concordemos algumas vezes, com alguns pontos de vista sobre o assunto disco voador.<sup>690</sup>

Outro ufólogo, Fernando Cleto Nunes Pereira, afirmou que: “na década de 50, João Martins foi o verdadeiro apóstolo brasileiro que manteve a opinião pública informada sobre a possibilidade de vida inteligente fora da Terra”.<sup>691</sup> Da amizade do jornalista de *O Cruzeiro* com alguns ufólogos nasceu em 1979 o livro *As chaves do mistério*, uma compilação de algumas matérias suas publicadas na revista. O prefaciador da obra descreveu o João Martins dessa época como alguém “frio e cético”, para quem os “discos voadores existem, mas não sabe o que são”.<sup>692</sup>

---

<sup>690</sup> **Boletim SBEDV**, no. 24/25, dezembro a março 1962, p. 3.

<sup>691</sup> PEREIRA, Fernando Cleto Nunes. **Sinais estranhos**. Editora Hunos, Rio de Janeiro, 1979, p. 52.

<sup>692</sup> Martins, João. **As chaves do mistério**. Rio de Janeiro, Hunos, 1979, p. 8.



**Imagem 57 – Reunião na redação de *O Cruzeiro*: Mário Prudente Aquino, presidente da SBEDV (à esquerda), João Martins (no centro) e Walter K. Bühler (à direita).<sup>693</sup>**

O prestígio de João Martins junto à comunidade ufológica brasileira durou cerca de trinta anos. Na década de 1980, porém, uma nova geração de pesquisadores começou a questionar duramente a autenticidade das fotos da Barra da Tijuca.<sup>694</sup> A discussão foi retomada principalmente pelo pesquisador Carlos Alberto Reis, do Centro de Estudos Extraterrestres (CEEX), sediado em São Paulo. Reis destacou as divergências nas sombras dos elementos das fotos e citou uma análise computadorizada que mostrava inconsistências. O exame técnico tinha sido feito por Willian Spaulding do grupo norte-americano *Ground Saucer Watch* (GSW).<sup>695</sup> Em defesa das imagens, a ufóloga Irene Granchi do CISNE (Centro de Investigação sobre a Natureza dos Extraterrestres) alegou que o trabalho do GSW não tinha credibilidade e que as testemunhas eram dignas de confiança.<sup>696</sup>

Fernando Cleto Nunes Pereira, que conviveu com João Martins, acredita na autenticidade das fotos da Barra da Tijuca até hoje.<sup>697</sup> Ele, no entanto, é um dos últimos. A maioria dos ufólogos mais jovens não teve amizade com João Martins e Ed Keffel e

<sup>693</sup> **Boletim SBEDV**, nº 26-27, abril a julho 1962, p. 2.

<sup>694</sup> SUENAGA, *op. cit.*, p. 33-34.

<sup>695</sup> REIS, Carlos Alberto. *As fotos não resistem ao enfoque científico* in **Seleções Planeta: Ufologia**, São Paulo, s/d, nº 9, p. 12-17.

<sup>696</sup> GRANCHI, Irene. *As testemunhas são confiáveis* in **Seleções Planeta: Ufologia**, São Paulo, s/d, nº 9, p. 18-23.

<sup>697</sup> PEREIRA, Fernando Cleto Nunes. Entrevista concedida no Rio de Janeiro a Rodolpho Gauthier em 18 de janeiro de 2007.

recentemente se convenceu da fraude. Escreveu, por exemplo, Claudeir Covo (1950-): “É uma triste constatação, mas o fato é que a Ufologia Brasileira começou com uma fraude gritante”.<sup>698</sup>

João Martins e Ed Keffel continuaram trabalhando na revista *O Cruzeiro* mesmo nos anos de crise. Ambos achavam ingloria a fama que ganharam com as fotos da Barra da Tijuca. Em 1973, o fotógrafo alemão afirmou que aquela reportagem tinha sido a pior de sua vida:

Foi a pior. Um verdadeiro massacre. Na confusão, acusaram-me de tudo. Foi uma fama ingrata. A *Quick*, revista alemã, publicou minha foto com João Martins, sob a seguinte manchete: “Brasileiros Jogam Panquecas Para o Ar”. Tudo por causa da briga pelos direitos de publicação. Quando uma revista estrangeira comprava as fotos, as concorrentes reproduziam as seqüências de outras publicações e malhavam a nossa reportagem (...) Nem aproveitei a onda, só fiz trabalhos relacionados a discos voadores cumprindo ordens. (...) Não guardo cópias, nem recortes, nada, nada. Tudo o que tenho hoje, em bens materiais, já possuía antes do disco. Não ganhei um tostão com essa história. (...) Fotografaria o disco novamente caso reaparecesse? Viro as costas, fecho os olhos e saio correndo. Quem vai acreditar que o disco tenha surgido duas vezes para a mesma pessoa?<sup>699</sup>

João Martins ficou em *O Cruzeiro* até 1968.<sup>700</sup> Chegou a diretor de redação, mas preferiu se transferir para *Manchete*, onde esteve até se aposentar em 1981. Como Ed Keffel, nunca admitiu a fraude, nem mesmo privadamente. Publicou outras matérias sobre discos voadores, mas, segundo várias fontes, já não suportava mais falar sobre o assunto nas últimas décadas de vida. Em 1971, ele escreveu uma carta à ufóloga Irene Granchi que, entre outras coisas, trazia alguns desabafos:

<sup>698</sup> COVO, Claudeir & COVO, Paola Lucherini. *Resgatando a História da Ufologia Brasileira. Casos Barra da Tijuca e Ilha da Trindade: dois clássicos nacionais em situações opostas*\_IN **Revista UFO**, Campo Grande, número 82, novembro 2002, p. 14.

<sup>699</sup> BARTOLO, Júlio. *Keffel, Baraúna e G. Adamski: eles fotografaram discos voadores*. IN **O Cruzeiro**, Rio de Janeiro, 18 de dezembro de 1973, p. 26. (ABI)

<sup>700</sup> Em 1964, Martins publicou pela editora *O Cruzeiro* a obra *Os indesejados*, de cunho literário. Além de romances, ele escreveu também muitos contos, publicados em coletâneas. As obras literárias de João Martins, segundo seu filho, não têm qualquer relação com a ficção científica ou ufológica.

Nem eu nem Ed Keffel procuramos tirar proveito financeiro do fato. Éramos contratados exclusivos daquela revista e a ela entregamos as fotos, sem nenhuma remuneração extra. Também nada recebemos — nem quisemos receber —, de quem quer que fosse, pelo relato, pelas fotos, ou pelas vezes que fomos praticamente obrigados a aparecer nas televisões. Relatei o fato em palestras gratuitas perante autoridades militares e auditórios de universidades. (...) O incidente — além de aborrecimentos — só teve a vantagem de chamar a minha atenção para o assunto e, posteriormente, tenho pesquisado com a máxima frieza muitos casos, no Brasil e no exterior (...) sou um profissional que não baseia sua carreira naquela reportagem e não tenho tempo a perder com debates estéreis. Relatei o que vi e o que tinha a dizer já foi dito.<sup>701</sup>

Vinte sete anos após assinar essa carta, João Martins morreu vítima de problemas cardíacos, aos 82 anos.<sup>702</sup> Jamais conseguiu descolar seu nome dos discos voadores. Se pudesse ter lido seu obituário, teria odiado. O jornal *O Globo* dedicou-lhe sete parágrafos, dos quais seis eram sobre sua participação nas fotografias da Barra da Tijuca.<sup>703</sup>

#### 4.8 \_ POR QUE OS EXTRATERRESTRES VENCERAM?

Como vimos, no final dos anos 1950, a teoria extraterrestre suplantou outros significados atribuídos aos discos voadores. Isso se fortaleceu ainda mais com a atuação dos grupos ufológicos que estavam surgindo. Mas quais seriam as razões desse êxito?

Para o ufólogo norte-americano Jerome Clark a hipótese extraterrestre passou a ser aceita pelas pessoas depois que elas a compararam com as demais e julgaram-na mais plausível para explicar as ocorrências.<sup>704</sup> Dessa forma, os alienígenas seriam uma escolha racional, não uma questão de crença. Esse raciocínio, no entanto, ignora o fato de que o mundo ocidental continuou a acreditar nos extraterrestres mesmo após saber, através de cientistas e militares, que

<sup>701</sup> GRANCHI, Irene. *As testemunhas são confiáveis* in **Seleções Planeta: Ufologia**, São Paulo, s/d, n° 9, p. 18-23.

<sup>702</sup> Obituário. **O Globo**. 1º. caderno, Rio de Janeiro, 27/6/1998. p. 18.

<sup>703</sup> Ibidem.

<sup>704</sup> CLARK, Jerome, “*Paranormal and Occult Theories about UFOs*”. In **High Strangeness: UFOs from 1960 through 1979. The UFO Encyclopedia**, vol. 3. Omnigraphics, 1996, apud CABRIA, 2003, *op. cit.*, p. 130-1

a maioria dos relatos de discos voadores tinha a ver com confusões e fraudes. Entre 1952 e 1969, por exemplo, o projeto Blue Book, iniciativa da Força Aérea norte-americana, recebeu 12.618 relatórios de observações de discos voadores. Desse total, a imensa maioria era formada por enganos com objetos materiais, fenômenos atmosféricos e astronômicos. Apenas 701 casos, ou 5,56% do total, permaneceram não identificados.<sup>705</sup> Como as pessoas podiam achar a hipótese extraterrestre a mais plausível se ela só era aplicável, e mesmo assim de maneira forçada, a 5,56% das ocorrências? Essa teoria, enfim, não era a mais eficiente.

Mas então o que a levou a superar as demais? Devemos lembrar, antes de tudo, que não havia nenhuma condição intrínseca que garantisse o sucesso dos alienígenas. Seu êxito não era inevitável. Se, por exemplo, os frequentadores de cinema tivessem achado absurda a associação entre discos voadores e seres de outros planetas, o tema talvez não tivesse sido tão explorado. Da mesma maneira, se os leitores de *O Cruzeiro* tivessem protestado amplamente contra as matérias de João Martins, a revista possivelmente teria parado de publicá-las. Ou seja, uma resposta crítica por parte da sociedade teria minado as especulações a respeito de visitantes de outros pontos do universo. Mas isso não aconteceu. Por que os consumidores não se rebelaram? Por que, ao contrário, foram receptivos e aceitaram consumir idéias a respeito de visitantes alienígenas?

Pode-se argumentar que eles na verdade não tiveram postura ativa, mas foram astuciosamente seduzidos pela indústria cultural, responsável por fomentar a expectativa de que algo grandioso estava por vir. Embora seja em parte verdadeiro, esse raciocínio tende a exagerar a força dos meios de comunicação de massa e a eliminar a possibilidade de escolha consciente dos leitores. É difícil acreditar que o interesse pelos extraterrestres tenha sido sustentado por tantos anos exclusivamente pela atuação da indústria cultural.

Outra possibilidade é atribuir o predomínio da hipótese extraterrestre ao baixo nível de conhecimentos científicos dos leitores brasileiros. De fato, a falta de formação e informação científica facilitava bastante a aceitação acrítica do sensacionalismo. Por outro lado devemos lembrar que a revista *O Cruzeiro*, principal publicação a respeito dos discos voadores, era consumida principalmente pela classe média e alta, que já tinha acesso ao terceiro grau. Mesmo sem ter ampla formação científica, esses grupos sociais provavelmente não eram totalmente analfabetos nessa área.

---

<sup>705</sup> PEEBLES, *op. cit.*, p. 230.

Mas talvez fosse necessário bem mais do que conhecimentos científicos básicos para perceber a fragilidade da teoria extraterrestre. O argumento, afinal, soava bastante verossímil: se a humanidade estava se aproximando das viagens espaciais, por que não pensar que outras civilizações já tivessem conseguido isso? Além disso, parte dos astrônomos da década de 1950, por exemplo, admitia a possibilidade de existir ao menos vegetação em Marte. Isso deve ter causado impacto no imaginário a respeito dos discos voadores.

Além da força da indústria cultural e do baixo nível de formação científica do público leitor, outros fatores podem ter sido decisivos no êxito da hipótese alienígena. Entre eles, Shakespeare. Sim, Shakespeare, mais especificamente a frase de *Hamlet*: “Há mais coisas entre o céu e a Terra (...) do que supõe a nossa vã filosofia”. Essa sentença, citada à exaustão nas crônicas sobre discos voadores dos anos 1950, ilustrava a crença na permanência dos mistérios da natureza mesmo diante do avanço avassalador da ciência. Simbolizava a convicção de que o poder da razão humana não é ilimitado. Mas de que forma isso estaria relacionado a seres de outros planetas? A hipótese extraterrestre, de certa forma, reforça a noção de que a ciência é incapaz de explicar tudo. O universo, afinal de contas, é imenso e não pode ser facilmente esquadrinhado pela razão. Os astrônomos podem provar que existe vida inteligente fora da Terra, mas não o contrário.

Assim, a hipótese extraterrestre se configurou como terreno no qual quase tudo era possível, já que pouca coisa podia ser negada e tampouco confirmada pela ciência. Diante de um cosmos gigantesco e desconhecido todos estavam igualmente impotentes.<sup>706</sup> Mesmo se os astrônomos contestassem a existência de vida em Marte, restava Vênus, e assim sucessivamente. O jornalista João Martins notou certa vez as implicações dessa noção de um universo grandioso. Ele escreveu:

A grandeza do Universo em que vivemos ultrapassa a nossa capacidade de imaginação. Nesse mergulho no infinito, através dos telescópios, o homem procura desvendar o grande segredo: que haverá além, mais além, sempre mais além?<sup>707</sup>

---

<sup>706</sup> HOBBSAWM, *op. cit.*, p. 512.

<sup>707</sup> MARTINS, João e KEFFEL, Ed. *Mergulho no infinito*. O **Cruzeiro**, Rio de Janeiro, 26 julho 1952, ano XXIV, no. 41, p.112.

De certo modo, o universo gigantesco evocado pelos telescópios passou a ser um refúgio contra a ciência, a morada da resistência, uma espécie de brecha ocupada pelo romantismo. Os discos voadores traziam de volta o transcendental, mas de uma maneira diferente das religiões tradicionais. Ao comentar o comunicado da *Associação dos Amadores de Astronomia de S. Paulo*, João Martins enfatizou justamente a “precariedade” do conhecimento científico. Nas suas palavras:

Dizem que os que estacionam a meio caminho dos conhecimentos são mais perigosos do que os ignorantes totais, pois se sentem com coragem para levantar tabus, fazer afirmações que os verdadeiros sábios não fazem. Estes têm a exata noção de quanto ainda é precária a nossa ciência diante dos mistérios da natureza, da eternidade e do infinito.<sup>708</sup>

A propósito, esse resgate do que não podia ser explicado pela ciência deve ter sido bastante reforçado pela crise de confiabilidade pela qual ela passava desde as primeiras explosões atômicas. Em um trabalho de viés psicológico, o ensaísta norte-americano Martin S. Kottmeyer notou que os temas da era atômica sempre foram muito freqüentes, quase uma obsessão, no mundo dos discos voadores. Dezenas de livros fazem menção, por exemplo, aos seus supostos rastros radioativos e aos sobreviventes a centrais atômicas. Isso leva Kottmeyer a crer que eles são uma espécie de reação provocada pela “ansiedade gerada pela tecnologia moderna”.<sup>709</sup>

Podemos identificar ainda mais um fator importante na “vitória” da hipótese extraterrestre: trata-se de uma representação com grande riqueza imaginativa. “Eles” sempre serviram para muita coisa: podem ser vistos tanto como a salvação do planeta quanto como cavaleiros do apocalipse. Podem facilmente trazer mensagens e prover explicações a respeito do mundo em que vivemos. É o que comenta o historiador Michael Crowe:

Idéias sobre vida extraterrestre são (...) extraordinariamente ricas em poder de explicação. Flashes na lua, linhas em Marte, sinais de rádio de origem

<sup>708</sup> MARTINS, João. *A propósito dos Discos Voadores*. In **O Cruzeiro**. Rio de Janeiro, 15 de setembro de 1956, p. 128 (AEL).

<sup>709</sup> KOTTMAYER, Martin S. **Transmutaciones y transfiguraciones**. Fundación Anomalía, Santander, Espanha, 2002, p. 128

desconhecida, e mesmo estranhas imagens de uma antiga estatuária podem ser e têm sido explicados através do extraterrestre considerado adequado.<sup>710</sup>

Como podem ser adaptados e acionados em muitas situações, os alienígenas freqüentemente se tornam o “outro” utilizado para pensar nossa própria vida. “Eles” permitem que a alteridade possa ser edificada das mais diversas formas e expresse esperanças e temores.

Esperança é o sentimento trazido pelos alienígenas na narrativa de Dino Kraspedon e em filmes como *O dia em que a Terra parou*, por exemplo. A propósito, para a maioria dos contatados os extraterrestres vinham de um mundo que tinha superado os problemas mais graves. Eram paternalistas, civilizacionais, dotados de um discurso moralmente superior, quase anjos tecnológicos. Chegavam com uma mensagem de paz e alerta sobre a situação mundial. Vinham para salvar o mundo do suicídio global.

Nos anos 1950, o pensador francês Roland Barthes notou que os discos voadores se transformaram gradativamente dentro do imaginário ocidental numa terceira opção ao embate EUA-URSS. Eram numa terceira via que condenava o conflito que poderia levar à extinção da raça humana. Nas suas palavras:

Simplesmente, o maravilhoso, no seu devir, mudou de sentido: passou-se do mito do combate ao julgamento. Com efeito, Marte até nova ordem, é imparcial: Marte vem à Terra para julgá-la; mas antes de condenar quer observar e ouvir. A grande contestação URSS-USA é assim considerada doravante como um estado culpável, porque não existe aqui medida comum entre o perigo e os direitos recíprocos: daí, o apelo místico a um olhar celeste suficientemente potente para intimidar as duas facções.<sup>711</sup>

Não podemos nos esquecer, porém, que existiam também visões sombrias a respeito dos extraterrestres. João Martins, por exemplo, acreditava numa terrível missão dos discos voadores. Afirmava que “eles” estavam preparando uma invasão e os governos das

---

<sup>710</sup> “Pluralism has also shown remarkable flexibility, having been adjusted to fit extremely diverse astronomical, religious, philosophical, and literary contexts. (...) Extraterrestrial life ideas are also extraordinary rich in explanatory power. Flashes on the moon, lines on Mars, radio signals of unknown origin, and even odd images in ancient statuary can be and have been explained by postulating appropriate extraterrestrial.” CROWE, *op. cit.*, p. 548.

<sup>711</sup> BARTHES, Roland. **Mitologias**. Tradução de Rita Buongiorno e Pedro De Souza, São Paulo, DIFEL, 1982, p. 32-33.

superpotências sabiam disso. A história do seqüestro do lavrador mineiro Antônio Villas Boas também causa incômodo. Ele é abduzido e serve como reprodutor dos visitantes. Além disso, cronistas como Rachel de Queiróz e Berilo Neves percebiam os discos voadores como presságio do fim do mundo. Em meio à animação pelo Sputnik, Rachel de Queiróz escreveu outra crônica de tons lúgubres:

A moça vai passeando na rua, empurrando o carrinho do filho. E eu tenho vontade de lhe dizer: “Mulher, sai da rua, esconde o menino, olha o disco”. (...) E ao padre, que celebra a missa: “Padre, pergunta a Deus que é que se faz com os discos”.

Sim, que é que se faz com os discos? Cavar um buraco no chão e ficar embaixo da terra, tremendo e esperando? Tentar parlamentar com eles?

A verdade é que, quem tem juízo, não pode pensar em mais nada, em termos de permanência e segurança. Seja embora esta nossa precária segurança.<sup>712</sup>

Muitas perspectivas niilistas a respeito da chegada dos alienígenas traziam implicitamente a descrença na humanidade e em seu progresso. “Eles” viriam para nos humilhar. Sua invasão demonstraria nosso fracasso em nos protegermos, nossa desunião diante do perigo e acabaria com nossa vaidosa pretensão de exclusividade no universo. Nesse sentido, João Martins comentou em uma de suas matérias:

(...) infelizmente só um perigo geral desencadeado poderá fazer o milagre de unir a Humanidade. Ninguém se iluda de que, se alguma grande potencia conseguisse, antes das outras, estabelecer contato pacífico com esses viajantes do espaço, sem dúvida procuraria se beneficiar e tirar vantagens dos conhecimentos obtidos. Seria até mesmo possível que se unisse a eles contra seus adversários, em nome da sobrevivência da Humanidade ou qualquer outra razão pomposa.<sup>713</sup>

Há muito tempo narrativas de invasões extraterrestres têm forte cunho de crítica social. O romance *A Guerra dos Mundos* de H. G. Wells, por exemplo, é um alerta a um império

---

<sup>712</sup> QUEIRÓZ, Rachel. *Mêdo*. Coluna Última Página. **O Cruzeiro**, Rio de Janeiro, 23 de novembro de 1957. (AEL)

<sup>713</sup> MARTINS, João. *A terrível missão dos Discos Voadores - sexta e última parte*. In **O Cruzeiro**. Rio de Janeiro, 16/11/1957, pág. 59.

arrogante, a Inglaterra vitoriana. Do mesmo modo, os discos voadores significaram muitas vezes um aviso a um planeta arrogante, um alerta feito por aqueles que não dirigiam diretamente a sociedade, mas sentiam suas vidas ameaçadas por decisões que lhe pareciam totalmente alheias.

Esse temor à chegada dos alienígenas também já foi interpretado como uma expressão da consciência culpada da história ocidental. Lembramo-nos dos resultados catastróficos do encontro entre Colombo e os índios da América e nos preocupamos: o mesmo ocorrerá conosco? De acordo com o sociólogo francês Jean-Bruno Renard a erupção da crença nos extraterrestres coincidiu com a descolonização da Ásia e da África. Ela poderia ser, especula ele, uma tentativa de expiação do pecado colonial.<sup>714</sup> Embora essa análise não se aplique à realidade brasileira, não se pode deixar de reconhecer que a representação do extraterrestre realmente confronta a humanidade com o fantasma do seu passado. Ao mesmo tempo, porém, ajudar a pensar seu futuro.<sup>715</sup>

Enfim, o êxito da hipótese extraterrestre pode ser explicado pela combinação de quatro importantes fatores históricos: a insistente atuação da indústria cultural, o pouco conhecimento científico da sociedade da época, o resgate daquilo que não podia ser explicado pela ciência e a riqueza imaginativa da representação do extraterrestre, que podia ser visto como sinônimo de esperança ou temor. É muito difícil saber se um desses quatro fatores foi mais importante do que os demais, pois não há como medir algo assim. De qualquer forma, os extraterrestres saíram-se “vitoriosos” e passaram a ser associados aos discos voadores. A tal ponto que nas últimas décadas essa expressão tornou-se sinônimo de naves de outro planeta. Esse é o significado do termo até hoje. Como vimos, nem sempre foi assim.

#### 4.9 \_ O FIM DE UMA ERA

Após os agitados anos de 1957 e 1958, os discos voadores entraram em baixa na imprensa escrita. Pode-se perceber isso através da diminuição do número de reportagens publicadas nas

---

<sup>714</sup> RENARD, Jean-Bruno. *L'homme sauvage et l'extraterrestre: deux figures de l'imaginaire évolutioniste*. Diogène, 1984, p. 82 apud ARANHA FILHO, 1990, *op. cit.*, p. 215.

<sup>715</sup> ARANHA FILHO, 1990, *op. cit.*, p. 215.

revistas *O Cruzeiro*, *Manchete* e *Ciência Popular*. Essa situação se manteve nos primeiros anos da década seguinte.<sup>716</sup> Apenas em julho e agosto de 1965 ocorreria outra onda de relatos.<sup>717</sup>

Coincidentemente, esse refluxo momentâneo de interesse ocorreu na mesma época em que a corrida espacial começou a ganhar destaque. De acordo com Ana Maria Ribeiro de Andrade, ao se concretizarem as viagens espaciais “arrefeceram-se os sonhos – e o número de reportagens – dos contatos extraterrestres”.<sup>718</sup> O semiólogo francês Roland Barthes chegou à mesma conclusão. Para ele, “o tema marciano foi consideravelmente abafado pelos vôos reais no cosmo: não é mais preciso ser marciano para vir à camada terrestre, já que Gagárin, Titov e Glenn saem dela: todo um sobrenatural desaparece”.<sup>719</sup>

Não devemos nos esquecer, porém, que os investimentos exorbitantes com a corrida espacial foram financiados por uma geração altamente interessada pelo que existe além da Terra, a mesma que há anos consumia produtos culturais sobre discos voadores e extraterrestres. Sem esse entusiasmo, dificilmente haveria condições políticas para se investir pesado nas viagens espaciais e em programas como o *Search for Extra-Terrestrial Intelligence* (SETI), que busca civilizações alienígenas através de sinais de rádio provenientes do universo. Ironicamente, sem os discos voadores teria sido mais difícil convencer o Ocidente a aplicar seus impostos em experimentos científicos tão caros e arriscados.

Além da corrida espacial, é possível que diminuição de interesse pelos discos voadores no final dos anos 1950 esteja relacionada a aspectos econômicos que afetaram diretamente a imprensa escrita brasileira no período. Aquela época foi especialmente delicada. Entre 1958 e 1963, o preço do papel importado, matéria-prima fundamental, subiu mais de três mil por cento.<sup>720</sup> Isso levou os jornais a aumentarem o preço de capa, o que afugentou muitos consumidores. Além disso, a grande inflação do período abalou significativamente o poder de compra da população. Para piorar, a renda vinda da publicidade estava cada vez mais sendo drenada pela televisão. Diante de todas essas dificuldades, muitas empresas faliram ou foram

---

<sup>716</sup> ANDRADE (1994), p. 125

<sup>717</sup> Ver: **Boletim SBEDV**, Rio de Janeiro, n° especial 1975, p. 73.

<sup>718</sup> Sua pesquisa demonstrou estatisticamente que no final da década de 1950 o número de matérias sobre discos voadores em *O Cruzeiro* diminuiu significativamente e a cobertura a respeito da exploração espacial aumentou. Ver ANDRADE (1994), p. 125-6

<sup>719</sup> BARTHES, Roland. *Estrutura da notícia*. **Crítica e verdade**. São Paulo: Perspectiva, 3ª. edição, 1999, p. 61.

<sup>720</sup> RIBEIRO, *op. cit.*, p. 216.

compradas por grupos maiores. De modo geral, sobreviveram as que tinham melhor saúde financeira e, principalmente, as que possuíam os melhores contratos de publicidade.

Os jornais chamados de populares viveram um aperto ainda maior. Tinham público de menor poder aquisitivo e, por isso, recebiam menos atenção das agências de propaganda. No final da década de 1950, alguns vespertinos que tinham se destacado pela cobertura a respeito dos discos voadores não resistiram. No final de 1957, a edição carioca do diário *A Noite* deixou de existir.<sup>721</sup> O jornal *Diário da Noite*, o primeiro a publicar as fotos do disco voador na Barra da Tijuca, também entrou em declínio e desapareceu em fevereiro de 1961.<sup>722</sup> Em 1959, os dois diários vespertinos do grupo paulistano *Folha* (*Folha da Tarde* e *Folha da Noite*) saíram de circulação e foram incorporados ao novo matutino *Folha de S. Paulo*, que substituiu a *Folha da Manhã*.

Naqueles anos, a imprensa escrita brasileira também passava por mudanças profundas em termos de linguagem. Influenciada pelo jornalismo norte-americano, buscava textos cada vez mais impessoais e objetivos.<sup>723</sup> Palavras qualificativas, narratividade e arroubos literários passaram a ser considerados pecados. Nelson Rodrigues, jornalista dos tempos românticos, comentou com ironia que nem mesmo a guerra nuclear faria com que essa nova imprensa concedesse um “reles ponto de exclamação” às notícias.<sup>724</sup> Esse novo padrão talvez tenha afastado o tema disco voador das pautas. Aparentemente, ele estava mais de acordo com o jornalismo de pitadas literárias que prevaleceu até os anos 1950.

As coisas também estavam mudando para *O Cruzeiro*. Em 1958, dezessete jornalistas deixaram a redação e foram para a concorrente *Manchete*, que crescia ameaçadoramente.<sup>725</sup> Era o início de uma longa agonia. O fotógrafo francês Jean Manzon associou a decadência de *O Cruzeiro* às matérias sobre discos voadores. De acordo com ele, “a produção de reportagens sensacionalistas baseadas em fatos irreais, como a dos discos voadores, em 12 a 15 páginas

<sup>721</sup> ABREU, Alzira Alves de (Coord.). **Dicionário histórico biográfico brasileiro pós- 1930**. 2. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2001, p. 4105.

<sup>722</sup> Ibidem, p. 1846.

<sup>723</sup> Ver RIBEIRO (2007), ABREU (1996) e SILVA (1991).

<sup>724</sup> RODRIGUES, Nelson. **A menina sem estrela: memórias**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993, p. 243-44 apud RIBEIRO, *op. cit.*, p. 273.

<sup>725</sup> Há quem aponte a qualidade técnica da revista de Adolfo Bloch como um dos principais fatores para o aumento de sua tiragem. *Manchete* era impressa em cores e, por isso, visualmente muito superior à revista de Chateaubriand. As páginas *O Cruzeiro* eram impressas com tinta e papel de cor sépia, amarronzada, o que prejudicava a apreciação das imagens.

tirou muito da credibilidade da revista”.<sup>726</sup> Outros ex-funcionários, no entanto, apontaram fatores bem mais concretos para o lento declínio da publicação.<sup>727</sup>

De qualquer forma, a situação só piorou com a trombose cerebral do dono dos *Diários Associados* em 1960. Três anos depois, a tiragem anunciada de *O Cruzeiro* já havia caído para 425 mil exemplares. O número deixou de aparecer em 1966, pois estava em queda livre. No ano em que Chateaubriand morreu (1968), os *Diários Associados* já tinham perdido grande parte do seu poder e *O Cruzeiro* estava então com a desesperadora marca de 120 mil exemplares semanais.<sup>728</sup> A publicação ainda funcionou até julho de 1975, quando as enormes dívidas finalmente impediram sua continuidade.

Até mesmo a expressão disco voador “entrou em crise” no final dos anos 1950. Era tida como jocosa e imprecisa, pois designava um conjunto heterogêneo de fenômenos, que nem sempre tinham forma discóide. Em 1954, João Martins já havia notado essa fragilidade semântica:

Na verdade essa denominação infeliz [disco voador] foi e é a causa do assunto ter se prestado tanto a brincadeiras e trocadilhos, o que, aliado ao mistério que cerca esses objetos e ao fantástico das suas aparições, tem dificultado a compreensão da seriedade do fenômeno. (...) Em todo caso, agora é muito tarde para que se batize popularmente com outro nome menos ridículo.<sup>729</sup>

---

<sup>726</sup> PEREGRINO, Nadja Maria Fonseca. **A fotografia de reportagem: sua importância na revista O Cruzeiro (1944-1960)**. Dissertação de mestrado, Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1990, p. 36

<sup>727</sup> Entrevistas com antigos funcionários da revista trazem visões bastante diferentes a respeito da decadência da publicação. Ver, por exemplo, a entrevista de Alfredo de Belmont Pessoa, disponível em <http://www.abi.org.br/paginaindividual.asp?id=503> (Acesso em 2/2/2006) e a discussão suscitada por um programa de TV que contou a história da publicação, disponível em <http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/obstv/obstv20052000.htm> (Acesso em 2/2/2006). Entre os fatores apontados como responsáveis pela decadência estão a concorrência da televisão, o fim das grandes reportagens, o aumento das matérias pagas e da cobertura da alta sociedade, as divergências internas, os altos salários e privilégios dos diretores e o fiasco publicitário da versão em espanhol, intitulada *O Cruzeiro Internacional*, que existiu entre 1957 e 1965.

<sup>728</sup> As empresas foram divididas entre familiares e 22 empregados de longa data. Os *Diários Associados* ainda existem e, atualmente, editam importantes jornais como o *Estado de Minas*, *Correio Braziliense*, *Diário de Pernambuco* e o *Jornal do Comércio* (RJ), além de possuírem várias emissoras de rádio e televisão. Segundo o fotógrafo Flávio Damm, todo o arquivo de *O Cruzeiro* pertence atualmente ao jornal *Estado de Minas* ([www.em.com.br](http://www.em.com.br)).

<sup>729</sup> MARTINS, João. *Na esteira dos “Discos Voadores” – parte 3. Reunião de “Discos” em Palomar*. In **O Cruzeiro**. Rio de Janeiro, 16 de outubro de 1954, 47. (BMA)

Ao contrário do que pensava Martins, porém, não era tarde para se encontrar um “nome menos ridículo”. No final daquela década, a palavra *ufo* (acrônimo da expressão inglesa *Unidentified Flying Object*, que significa objeto voador não identificado) começou a ser cada vez mais utilizada. Criado por técnicos militares norte-americanos, o termo *ufo* foi adotado pelo influente jornal *The New York Times* em 1957.<sup>730</sup> Dois anos depois, ele apareceu pela primeira vez em uma matéria da revista *O Cruzeiro*.<sup>731</sup> Ainda em 1959, o termo ganhou destaque na edição brasileira do livro do capitão norte-americano Edward Ruppelt.<sup>732</sup> A palavra óvni (objeto voador não identificado), porém, demorou mais tempo para ser incorporada ao vocabulário. Não a encontramos em livros, revistas e jornais da década de 1950.<sup>733</sup>

Em um contexto mais amplo, a situação mundial também parecia estar se alterando naqueles anos. A partir de 1958, a Guerra Fria viveu um período de trégua, especialmente depois que Nikita Krushev tornou-se o grande líder da União Soviética e suspendeu temporariamente os testes atômicos.<sup>734</sup> Em 1959, Krushev tomou outra decisão inédita ao se encontrar com o presidente Dwight Eisenhower em solo norte-americano. Cada vez mais os soviéticos usavam a expressão “coexistência pacífica”.

Existiram obviamente, graves recaídas nesse processo de distensão, como a invasão da Baía dos Porcos (1961), a explosão da bomba de hidrogênio soviética Tsar (a maior da história) e o dramático episódio da crise dos mísseis (1962). Depois dessa última crise, porém, não houve nenhum outro incidente diplomático tão grave. De certo modo, as superpotências finalmente notaram que uma guerra geraria destruição mútua e começaram a “dar alguns passos hesitantes em direção à sanidade”.<sup>735</sup> Em 1963, foi instalada a linha telefônica que ligava a Casa Branca ao Kremlin.<sup>736</sup> Nos anos seguintes, foram costurados os acordos para proibição de testes e não proliferação nuclear. O apocalipse, afinal, não veio. Nem da Terra, nem do céu.

---

<sup>730</sup> CABRIA, 2003, p. 180.

<sup>731</sup> MARTINS, João. *Mensagem do Disco Voador*. In **O Cruzeiro**. Rio de Janeiro, 13/6/1959, p. 60. (BMA)

<sup>732</sup> RUPPELT, Edward J. **Discos voadores: relatório sobre os objetos aéreos não identificados**; trad. de J. Escobar Faria & Auriphebo Berrance Simões; pref. de Flávio Pereira. São Paulo, Difel, 1959.

<sup>733</sup> Nas décadas seguintes, as palavras *ufo* e *óvni* passaram a predominar no vocabulário da grande imprensa e dos grupos ufológicos. Já a expressão “disco voador”, embora não tenha caído em desuso, passou a ser menos utilizada e adquiriu significado de naves extraterrestres.

<sup>734</sup> GADDIS, *op. cit.*, p. 67.

<sup>735</sup> HOBSBAWM, *op. cit.*, p. 239

<sup>736</sup> *Ibidem*, p. 240

# **Considerações Finais**

O seu aparecimento nesta Capital tem causado uma verdadeira onda de curiosidade sem precedentes. Cremos que nem a bomba atômica, nem o radar causaram tamanho reboliço na imaginação do nosso povo.<sup>737</sup>

*A Noite*, São Paulo  
12 de julho de 1947

Em 22 de março de 1950, jornais brasileiros noticiaram que em Minas Gerais uma “dupla de malandros de outro mundo” vendeu a um lavrador uma ação de uma companhia chamada “Disco Voador S/A”, destinada à futura exploração de rotas interplanetárias.<sup>738</sup> Após perceber o golpe, o agricultor apresentou queixa à polícia de Belo Horizonte.<sup>739</sup> A imprensa, porém, não informou se ele conseguiu reaver seu dinheiro.

Ao longo deste trabalho, tentamos não pensar os leitores brasileiros como se fossem aquele agricultor enganado e os meios de comunicação, a dupla de espertalhões. Em termos mais precisos: não se pode entender os discos voadores como mera criação da indústria cultural imposta à sociedade ou vendida enganosamente. Como vimos, os significados atribuídos aos discos voadores entre 1947 e 1958 foram continuamente reelaborados a partir da interação entre a imprensa, a ciência e outros atores de uma sociedade fortemente marcada pelos temores relacionados a Guerra Fria. Ou seja, os discos voadores foram uma representação inventada coletivamente.

Vimos que, a princípio, as discussões sobre a existência de vida extraterrestre e as visões de objetos e fenômenos aéreos não identificados não estiveram relacionadas. As pessoas interpretavam o que viam segundo outras informações disponíveis no seu contexto histórico. Acompanhamos também o surgimento da expressão “flying saucer” a partir do erro de um jornalista norte-americano ocorrido em 25 de junho de 1947. Esse impactante termo passou a agregar uma série de observações de fenômenos e objetos aéreos que não eram imediatamente identificados.

<sup>737</sup> *Discos Voadores sobre São Paulo. A Noite*, São Paulo, 12 de julho 1947, p. 2. (AESP)

<sup>738</sup> *Discos Voadores S/A... Coluna Se Non é vero... A Noite*. São Paulo, 22 março 1950, p. 6. (AESP)

<sup>739</sup> *Malandros exploram o caso dos discos voadores. Folha da Manhã*, São Paulo, 22 de março 1950, p. 3, 1º. caderno. (AESP)

Em julho de 1947, houve uma grande onda de relatos de discos voadores, inicialmente entre os norte-americanos e em seguida no Brasil. Nesse momento, a imprensa escrita foi uma importante arena de debates e, ao mesmo tempo, parte interessada do processo. Na primeira grande discussão pública a respeito do assunto, a principal (e eterna) dúvida era sobre a existência dos discos voadores. Dois grupos se destacaram nesse debate. O primeiro acreditava que os casos eram fruto de algum fenômeno psicológico individual ou coletivo causado pelo temor a Guerra Fria ou ainda resultado de confusões com objetos e fenômenos conhecidos. Para estes, os discos voadores não existiam. Já o segundo grupo defendia que os discos voadores eram aeronaves reais, provavelmente armas secretas das superpotências. Nos dois casos, porém, as idéias estavam relacionadas à delicada situação da política externa no final dos anos 1940.

Ao longo dos anos seguintes, a expressão disco voador se consolidou no vocabulário nacional. As aspas foram lentamente abandonadas pela imprensa e o termo foi incorporado ao glossário cotidiano inicialmente com o significado de qualquer fenômeno ou artefato aéreo não reconhecido, tendo ele forma de disco ou não.

Uma segunda onda de casos ocorreu no Brasil em março de 1950. Nessa época, a teoria de que os discos voadores eram aviões secretos norte-americanos estava bastante em voga. Essa idéia estava ligada a um sentimento ambivalente em relação à ciência, que ora era vista como possuidora de capacidade ilimitada, ora era criticada por produzir armas atômicas apocalípticas.

Ao mesmo tempo, artigos e livros de escritores norte-americanos como Donald Keyhoe e Frank Scully começaram a divulgar amplamente a hipótese extraterrestre. A indústria cultural rapidamente se deu conta da potencialidade do tema e passou a criar uma gama de produtos que associavam os discos voadores aos alienígenas. Essa associação foi fortalecida pelos grandes avanços ocorridos na astronáutica no período. Esse progresso tecnológico abriu um precedente em termos de imaginário. Afinal, se os humanos podiam agora sonhar com as viagens espaciais, não era difícil pensar que seres de outros planetas já possuíam tal tecnologia. Não era surpresa que as pessoas relacionassem os discos voadores aos extraterrestres. Afinal, nenhum outro período histórico esteve tão ligado culturalmente ao que existe além da Terra quanto o século XX. Em nenhum outro momento da nossa história, essa idéia pareceu tão verossímil.

Vimos também que o ano de 1952 foi um divisor de águas no Brasil. Embora o país não tenha passado por nenhuma onda de relatos, a revista *O Cruzeiro*, que possuía um histórico de fraudes, promoveu amplamente fotos de um disco voador tiradas na Barra da Tijuca, Rio de

Janeiro. Depois disso, a publicação continuou a divulgar amplamente a hipótese extraterrestre através das séries de reportagens produzidas pelo jornalista João Martins, que esteve envolvido nos principais episódios daquela década. Ao que tudo indica, essas matérias foram bastante lucrativas para a publicação, que adotou, na maior parte das vezes, uma abordagem francamente sensacionalista.

Embora nem todos os meios de comunicação agissem dessa forma, muitos ajudaram a difundir, intencionalmente ou não, casos infundados que alimentaram polêmicas e boatos. Pode-se afirmar que, de modo geral, a imprensa brasileira foi incapaz de oferecer aos leitores informações suficientes para que eles pudessem reconhecer corretamente fenômenos celestes e objetos voadores corriqueiros. Sem *background* científico, muitos ficaram à mercê das especulações promovidas pelos veículos de comunicação mais sensacionalistas.

Essa postura da imprensa deveu-se, em parte, à fraca articulação com a comunidade científica nacional, que, de modo geral, evitou participar da controvérsia em torno dos discos voadores. Além disso, havia poucos cientistas no país nos anos 1950 e muitos deles estavam envolvidos na luta pela melhoria de suas condições de trabalho, algo que por si parecia mais relevante. O tom sensacionalista de alguns meios de comunicação também os afastava naturalmente do assunto.

Ainda assim, alguns cientistas, especialmente aqueles ligados ao Observatório Nacional, se destacaram ao fazerem declarações públicas que ajudaram a esclarecer casos e a combater especulações. Embora a atuação da comunidade científica brasileira, diante de suas possibilidades, tenha sido adequada, ela não alcançou força necessária para se contrapor ao sensacionalismo e ao falso ar de cientificidade criado em torno dos discos voadores.

O principal destaque nesse sentido foi Ary Maurell Lobo, editor de *Ciência Popular*. Em várias ocasiões, ele enfatizou e explicou como aconteciam os enganos com fenômenos e objetos conhecidos. Também denunciou exageros e fraudes. No entanto, freqüentemente preferiu apostar em ataques pessoais e argumentos de autoridade. Além disso, sua revista possuía uma tiragem muito menor do que a principal divulgadora dos discos voadores, *O Cruzeiro*. Embora nunca tenha se absterido do debate, Ary Maurell Lobo pouco pôde fazer sozinho.

Novas ondas de relatos de discos voadores ocorreram no Brasil em novembro e dezembro de 1954 e outubro a dezembro de 1957. Vimos que embora a mídia tenha tido papel

fundamental em algumas ondas, ela não pode ser responsabilizada exclusivamente pela gênese de todos esses episódios.

Vimos também que apesar da influência dos meios de comunicação norte-americanos, as idéias estrangeiras nem sempre eram aceitas passivamente ou simplesmente imitadas por aqui. Foi o que aconteceu, por exemplo, com as teorias da conspiração, que praticamente não existiram no país nessa época. Isso se explica pela atuação das Forças Armadas brasileiras. Sem muitos cientistas nos seus quadros, os militares levavam a hipótese extraterrestre a sério e colaboravam bastante com a imprensa. Não permitiam, assim, que críticas como aquelas feitas por Donald Keyhoe nos Estados Unidos fizessem sentido por aqui.

Apesar do grande número de casos envolvendo enganos e fraudes, a teoria extraterrestre foi ganhando cada vez mais força. Surgiram os relatos dos contatados e episódios que tiveram ampla repercussão, como o das fotos da ilha da Trindade. Floresceram também em vários pontos do Brasil grupos de aficionados por discos voadores e seres extraterrestres. Ao invés de “consumirem” o que era publicado pela grande imprensa, como aconteceu no início, esses entusiastas passaram a garimpar ocorrências por conta própria. Assim, participaram da contínua reinvenção das idéias relacionadas aos discos voadores.

No final da década de 1950, ocorreu um refluxo de interesse pela temática na imprensa que estava, ela mesma, passando por grandes transformações. Jornais vespertinos que tinham se destacado pela cobertura do assunto entraram em declínio assim como a revista *O Cruzeiro*. A corrida espacial também ajudou a esfriar momentaneamente o interesse pelos discos voadores. Na época, o próprio vocabulário começou a se alterar. Aos poucos, a palavra *ufo* começou a ser cada vez mais utilizada e o termo disco voador passou a ser associado a naves de outros planetas.

Após milhares de casos, centenas de produtos culturais e muitas discussões a hipótese extraterrestre se consolidou no final dos anos 1950. Seu êxito pode ser explicado pela combinação de quatro importantes fatores históricos: a insistente atuação da indústria cultural, o pouco conhecimento científico da sociedade da época, o resgate daquilo que não podia ser explicado pela ciência e a riqueza imaginativa da representação do extraterrestre, que podia ser visto como sinônimo de esperança ou temor.

Nos anos 1960, ganhou voz uma nova geração que rejeitava enfaticamente a corrida armamentista e buscava respostas para além racionalidade e da ciência. Nessa época, a

contracultura adotou os discos voadores como um de seus símbolos. Eles continuaram sendo aquilo que não podia ser explicado pela ciência, o refúgio do romantismo. Eram uma maneira de reafirmar a luta contra a “tirânica elite tecnocrata”. Essa história, porém, ainda está para ser contada.

Desde então, muita coisa mudou e ainda continua se alterando no mundo dos discos voadores. No entanto, o imaginário ainda tem como noção básica a idéia de que “eles” nos visitam com suas naves circulares e que podem aterrissar a qualquer momento. Essa idéia guarda a marca dos primórdios angustiantes da Guerra Fria.

Uma despreziosa fotografia publicada pela revista *O Cruzeiro* em 1955 ilustra bem a relação entre os discos voadores e a guerra. Na imagem, um menino posa para a câmera numa rua deserta de Nova York. A revista o chama de “pequeno marciano” e comenta que ele portava “uma arma bem típica da era atômica”.<sup>740</sup> O texto afirma ainda que: “Tudo que a imaginação infantil colore de exótico e fantástico, parece realidade nesta fotografia”. Olhando bem, trata-se de uma criança esperando melancolicamente pela guerra, que poderia vir deste ou de qualquer outro mundo.



---

<sup>740</sup> *O pequeno marciano. O Cruzeiro*, Rio de Janeiro, 24 de agosto de 1955 (AEL)

## Bibliografia

### a) Sobre vida extraterrestre e discos voadores

- ALDRICH, Jan L. *1947: Beginning of the UFO era* in EVANS, Hilary e STACY, Dennis (org.), **UFOs 1947-1997 From Arnold to the abductees: fifty years of flying saucers**, Londres, Inglaterra, 1997.
- ANDRIONI, Fábio Sapragnas. **Deuses, astronautas e o profeta do futuro: a concepção de história em “Eram os Deuses Astronautas?” de Erich Von Däniken (1968-1969)**. Monografia de conclusão de Curso, Universidade Tuiuti do Paraná, Curitiba, 2005.
- ARANHA FILHO, Jayme Moraes. **Inteligência extraterrestre e evolução**. Dissertação de Mestrado, Museu Nacional/UFRJ, Rio de Janeiro, 1990.
- ARES DE BLAS, Félix. **Ivan. Historia de un proyecto**. 2002. Disponível em <http://digital.el-esceptico.org/leer.php?autor=23&id=1272&tema=25> . Acesso em 14/4/2009.
- BANCHS, Roberto. **Guía biográfica de la ufología argentina**. Cefai Ediciones, Buenos Aires, Argentina, 2000.
- BARCELOS, Eduardo Dorneles. *Na terra de oz - Os debates sobre a pesquisa de vida e inteligência extraterrestre (1959-1993)*. IN **Revista da Sociedade Brasileira de História da Ciência**, n. 10, p. 29-42, 1993.
- \_\_\_\_\_. **História da pesquisa de vida e inteligência extraterrestre (1959-1990)**. Dissertação de Mestrado, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1991.
- \_\_\_\_\_. **Telegramas para Marte: os estudos de vida e inteligência extraterrestres (1920-1959)**. Tese de Doutorado, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1997.
- \_\_\_\_\_. **Telegramas para Marte: a busca científica de vida e inteligência extraterrestres**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2001.
- BARTHOLOMEW, Robert E. and George S. Howard. **UFOs & alien contact: two centuries of mystery**. Prometheus Books, New York, 1998.
- BERENDZEN, Richard. *Sightings, Conjectures, and Disputes*. **Science**. New Series, Vol. 189, No. 4203. (Aug. 22, 1975), pp. 627-628;
- BLOECHER, Ted. **Report on the UFO Wave of 1947**, 1967, p. 16-17 (section II). Disponível em [www.mimufon.org/historical\\_folders/nicap\\_pages/reportufowave1947\\_menu.htm](http://www.mimufon.org/historical_folders/nicap_pages/reportufowave1947_menu.htm) . Acesso em 21/8/2007.
- BOAVENTURA JR., Edison. **OVNIs avistados por militares brasileiros antes de 1947**. Disponível em <http://www.burn.org.br/modules.php?name=News&file=article&sid=317>. Acesso em 20/12/2008.
- \_\_\_\_\_. **Ovnis avistados na região sudeste do Brasil antes de 1947**, 2008 (texto inédito)
- BORGES, Alexandre de Carvalho, *Esfriando a polêmica sobre o caso* IN **Revista UFO**, Campo Grande, número 82, novembro 2002, p. 20-21.
- BOVE, Cataldo. **Reportagem Cósmica**. ASTRO Associação de Amadores de Astronomia de Campinas, 1ª. edição, 1984.
- CAMBIAS, James L. **O Incrível Dirigível de 1896**. Tradução de Kentaro Mori. Disponível em <http://www.ceticismoaberto.com/ufologia/dirigivel.htm> . Acesso em 30/12/2008.
- CABRIA, Ignacio. **Entre ufólogos, creyentes y contactados. Una historia social de los ovnis em España**. Cuadernos de Ufología, Santander, 1993
- \_\_\_\_\_. **OVNIs y ciencias humanas**. Fundación Anomalia, Santander, 2003.
- \_\_\_\_\_. *“Ya tenemos platillos volantes”*. **Cuadernos de Ufología**, nº 21 (nº1, 3ª época), 1997, p. 18-35.

- CLARK, Jerome. *Meeting the Extraterrestrials: How ETH Was Invented*. In EVANS, Hilary e STACY, Dennis (org.), **UFOs 1947-1997 From Arnold to the abductees: fifty years of flying saucers**, Londres, Inglaterra, 1997, p. 68-77.
- COTTON, John L. & SCALISE, Randall J.. **Discos voadores e Frank Scully**. Tradução Kentaro Mori. Disponível em [http://www.ceticismoaberto.com/ufologia/discosvoadores\\_scully.htm](http://www.ceticismoaberto.com/ufologia/discosvoadores_scully.htm) . Acesso em 08/07/2009.
- COVO, Claudeir & COVO, Paola Lucherini. *Resgatando a História da Ufologia Brasileira. Casos Barra da Tijuca e Ilha da Trindade: dois clássicos nacionais em situações opostas*\_IN **Revista UFO**, Campo Grande, número 82, novembro 2002, p. 10-21.
- CROWE, Michael J. **The Extraterrestrial Life Debate - 1750-1900**. Nova York, Cambridge University Press, 1986.
- DICK, Steven J. **Plurality of Worlds - The Origins of Extraterrestrial Life Debate from Democritus to Kant**. Cambridge, Cambridge University Press, 1982.
- DURRANT, Robert. *Public opinion polls and UFOs* in EVANS, Hilary e STACY, Dennis (org.), **UFOs 1947-1997 From Arnold to the abductees: fifty years of flying saucers**, Londres, Inglaterra, 1997.
- EASTON, James. **Kenneth Arnold, 'Discos Voadores' e Vôo Ondulante**. Tradução Kentaro Mori. [http://www.ceticismoaberto.com/ufologia/easton\\_arnold.htm](http://www.ceticismoaberto.com/ufologia/easton_arnold.htm) . Acesso em 21/08/2007.
- FORT, Charles. **O livro dos danados: verdadeiro caos de fatos insólitos**. tradução de Edson Bini e Márcio Pugliesi. São Paulo, Hemus, s.d.;
- FERREIRA NETO, José Fonseca. **A Ciência dos Mitos e o Mito da Ciência**. Dissertação de mestrado. Universidade de Brasília, 1984.
- GAUTHIER, Rodolpho. **Um diálogo sobre Vênus**. Disponível em <http://www.ceticismoaberto.com/ufologia/dvenus.htm> . Acesso em 1/7/2009.
- GARDNER, Martin. **Manias e credulices em nome da ciência**. Tradução de Jorge Rêgo Freitas. Ibrasa, São Paulo, 1960, 314 p.
- GIACONETTI, Milton José. **As luzes no céu e a Guerra Fria. Do limiar do conflito ao imaginário sobre os discos voadores (1945-1953)**. Dissertação de Mestrado em História, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS), Porto Alegre, 2009.
- GRANCHI, Irene. *As testemunhas são confiáveis* in **Seleções Planeta: Ufologia**, São Paulo, s/d, n° 9, p. 18-23.
- GRINSPOON, David. **Planetas solitários: a filosofia natural da vida alienígena**. Tradução Vera de Paula Assis. São Paulo, Globo, 2005.
- HARNEY, John. **O magnésio de Ubatuba**. Tradução de Kentaro Mori. Disponível em [www.ceticismoaberto.com/referencias/ubatuba.htm](http://www.ceticismoaberto.com/referencias/ubatuba.htm). Acesso em 14/08/2005.
- JACOBS, David Michael. **The UFO Controversy in America**, Indiana Press University, Bloomington & London, 1975.
- \_\_\_\_\_. **The Journal of American History**. Vol. 82, No. 2. (Sep., 1995), pp. 781-782.
- JOHNSON, Dewayne B. and Thomas, Kenn. **Flying Saucers Over Los Angeles**. Adventures Unlimited, Kempton, Illinois, 1998.
- KEEL, John A. **O homem que inventou os discos voadores**. Tradução de Kentaro Mori. Disponível em <http://www.ceticismoaberto.com/ufologia/shaver.htm> . Acesso em 2/2/2009.
- KLASS, Philip. *¿Fueron meteoros los OVNIS de Arnold?* In **La Nave de Los Locos**, Monográfico 1, Santiago, Chile, agosto 2001.
- KOTTMAYER, Martin S. **Rendondamente errados**. Traduzido por Kentaro Mori, disponível em [http://www.ceticismoaberto.com/ufologia/kott\\_error.htm](http://www.ceticismoaberto.com/ufologia/kott_error.htm) . Acesso em 21/8/2007
- \_\_\_\_\_. *Oleadas OVNI: un análisis*. IN **La Nave de los Locos**, Monográfico n°. 2, Santiago, Chile, junio 2003.
- \_\_\_\_\_. **Discos que aumentam**. Disponível em [http://www.ceticismoaberto.com/ufologia/kott\\_saucer.htm](http://www.ceticismoaberto.com/ufologia/kott_saucer.htm) . Acesso em 2/9/2007.

- \_\_\_\_\_. **Por que 1947?**. Traduzido por Kentaro Mori, disponível em [http://www.ceticismoaberto.com/ufologia/kottmeyer\\_1947.htm](http://www.ceticismoaberto.com/ufologia/kottmeyer_1947.htm) . Acesso em 29/2/2009.
- \_\_\_\_\_. **Transmutaciones y transfiguraciones**. Fundación Anomalía, Santander, Espanha, 2002.
- LAGRANGE, Pierre. *"It is Impossible, but There it is"*. IN John Spencer y Hillary Evans (orgs.). **Phenomenon. From Flying Saucers to UFOs-Forty Years of Facts and Research**. Futura, Londres, 1988.
- \_\_\_\_\_. *Volver a cero. Para uma sociologia no reduccionista de los ovnis*. In: **La nave de los locos** nº 6, Santiago, Chile, enero 2001.
- \_\_\_\_\_. *El affaire Kenneth Arnold* IN **La Nave de los Locos**, no. 26/27, Santiago, Chile, marzo 2004.
- \_\_\_\_\_. **Comment tordre le cou à quelques idées reçues à propos des soucoupes volantes**. Julho de 2000, disponível em <http://greguti.free.fr/ovni/lagrange-bifrost.htm> . Acesso em 4/1/2009.
- LORENZEN, Coral and Jim. **Flying saucer occupants**. Signet Books, New York, 1967.
- MACCABEE, Bruce. **Prosaic Explanations: The Failure Of UFO Skepticism**. <http://brumac.8k.com/prosaic4.html> Acesso em 21/8/2007.
- MAYR, Ernst. *A probabilidade de vida extraterrestre inteligente* IN REGIS JR., Edward. **Extraterrestres – ciência e inteligência alienígenas**. Tradução Renato Casquilho. Publicações Europa-América, Portugal, s.d, p. 35 a 41.
- MORI, Kentaro. **Trindade: Dúvida, Boatos e Fraude**. disponível em [www.ceticismoaberto.com/ufologia/trindadefraude.htm](http://www.ceticismoaberto.com/ufologia/trindadefraude.htm). Acesso em 09/2/2006.
- MARTINS, João. **As chaves do mistério**. Rio de Janeiro, Hunos, 1979.
- OBBERG, James. **Estudos de Caso em Más interpretações de "OVNIs" por pilotos**. Traduzido por Kentaro Mori. Disponível em: [http://www.ceticismoaberto.com/ufologia/oberg\\_pilots.htm](http://www.ceticismoaberto.com/ufologia/oberg_pilots.htm) . Acesso: 2/2/2008.
- PEEBLES, Curtis. **Watch the skies! A chronicle of the flying saucer myth**. Washington e Londres, Smithsonian Institution Press, 1994.
- PEREIRA, Fernando Cleto Nunes. **Sinais estranhos**. Editora Hunos, Rio de Janeiro, 1979.
- PEREIRA, Flávio Augusto. **Introdução à Astrobiologia**. José Olympio Editora, Rio de Janeiro, 1958.
- RAUP, David M. *Eti sem inteligência*. In: REGIS JR., Edward. **Extraterrestres – ciência e inteligência alienígenas**. Tradução Renato Casquilho. Publicações Europa-América, Portugal, s.d, p. 43 a 54.
- REIS, Carlos Alberto. *As fotos não resistem ao enfoque científico* in **Seleções Planeta: Ufologia**, São Paulo, s/d, nº 9, p. 12-17.
- RUIZ NOGUEZ, Luis. *El OVNI de la isla Trinidad*. Disponível em [www.ceticismoaberto.com/ufologia/noguez\\_trindade17.htm](http://www.ceticismoaberto.com/ufologia/noguez_trindade17.htm) . Acesso em 09/2/2006.
- \_\_\_\_\_. **La "oleada" de 1950 em México**. (texto inédito)
- \_\_\_\_\_. **Década del 50**. (texto inédito)
- RUPPELT, Edward J. **Discos voadores - relatório sobre objetos aéreos não identificados**. Tradução: José Escobar Faria e Auriphebo Berrance Simões, São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1959.
- SAROLDI, Luiz Carlos. *A Guerra dos Mundos e o outro conflito mundial* in MEDITSCH, Eduardo (org.). **Rádio e pânico: a Guerra dos Mundos 60 anos depois**. Florianópolis, Insular, 1998.
- SIMPSON, George Gaylord. *The nonprevalence of humanoids*. **Science**, vol. 143, n. 3608, PP. 769-775, 1964.
- STEIGER, Brad. **Projecto Livro Azul**, Rio de Janeiro, Internacional Portugália Editora, 1976.
- STRENTZ, Herbert. **A survey of press coverage of unidentified flying objects, 1947-1966**. Capítulos I, V, VI e conclusões. [Versão revisada pelo autor, não publicada].
- SUENAGA, Cláudio Tsuyoshi. **A dialética do real e do imaginário: uma proposta de interpretação do fenômeno OVNI**. Dissertação de Mestrado em História, Universidade Estadual Paulista, Assis, 1998.

- \_\_\_\_\_. **Contatados – emissários das estrelas, arautos de uma nova era ou a quinta coluna da invasão extraterrestre?** Campo Grande, Centro Brasileiro de Pesquisas de Discos Voadores, 2007.
- SWORDS, Michael. Donald E. Keyhoe and the Pentagon. IN EVANS, Hilary e STACY, Dennis (org.), **UFOs 1947-1997 From Arnold to the abductees: fifty years of flying saucers**, Londres, Inglaterra, 1997.
- TATE, James P.. **The Journal of American History**. Vol. 64, No. 3. (Dec., 1977), pp. 844-845.
- TOBEY, Ronald. *Epiphany and Conspiracy: The UFO Controversy*. **Reviews in American History**. Vol. 4, No. 1. (Mar., 1976), pp. 128-131;
- VERONESE, Michelle Marinho. **Deuses de outros mundos: o culto a extraterrestres e discos voadores no Brasil**. Dissertação de Mestrado em Ciências da Religião, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), São Paulo, 2006.
- VISONI, Rodrigo Moura. *'Photoshop na Rolleiflex'*. **Revista de História da Biblioteca Nacional**. Rio de Janeiro, ano 5, nº 49, outubro de 2009, p. 69.
- VOLTAIRE. *Micrômegas, história filosófica* IN **Contos**. Tradução de Mário Quintana, São Paulo, Editora Abril S.A., 1972.
- WELLS, H. G. **A guerra dos mundos**. Tradução de Carlos de Souza Ferreira. 4ª. edição, F. Briguiet & Cia Editores, Rio de Janeiro, 1953.
- WRIGHT, Monte D.. **Technology and Culture**. Vol. 17, No. 3. (Jul., 1976), pp. 596-598;
- ZUÑIGA, DIEGO. **LOS OVNIS. La prensa escrita en la difusión de creencias populares**. Memoria para optar al título de periodista, Universidad de Chile, Santiago, 2003.

## b) Sobre imprensa e indústria cultural

- ABREU, Alzira Alves de (Coord.). **Dicionário histórico biográfico brasileiro pós- 1930**. 2. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2001.
- \_\_\_\_\_. **A Imprensa em transição: o jornalismo brasileiro nos anos 50**. Rio de Janeiro, Editora Fundação Getulio Vargas, 1996.
- ACCIOLY NETO, Antonio. **O Império de Papel - Os bastidores de O Cruzeiro**, Porto Alegre: Sulina, 1998.
- ADORNO, Theodor & HORKHEIMER, Max. *A indústria cultural* IN **Indústria cultural e sociedade**. Tradução de Júlia Elisabeth Levy. 3ª. ed.. São Paulo: Paz e Terra, 2002.
- ANGRIMANI Sobrinho, Danilo. **Espreme que sai sangue: um estudo do sensacionalismo na imprensa**. São Paulo, Summus, 1995.
- A REVISTA NO BRASIL**. São Paulo: Editora Abril, 2000.
- BAHIA, Juarez. **Jornal, história e técnica. História da imprensa brasileira**. São Paulo, Ática, 1990.
- BARBOSA, Marialva. **História cultural da imprensa - Brasil 1900-2000**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.
- BRITTOS, Valério Cruz. *Por que não aconteceu aqui: o rádio em 1938 no Brasil* in MEDITSCH, Eduardo (org.). **Rádio e pânico: a Guerra dos Mundos 60 anos depois**. Florianópolis, Insular, 1998, p. 109-118.
- CADERNOS DE COMUNICAÇÃO. **O Cruzeiro – A maior e melhor revista da América Latina**, Série Memória, vol. 3, Secretaria Especial de Comunicação Social, Prefeitura Municipal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2002.
- CARVALHO, Luiz Maklouf. **Cobras Criadas: David Nasser e O Cruzeiro**. São Paulo, editora SENAC, 2001.
- COSTA, Helouise. **Aprenda a ver as coisas: fotojornalismo e modernidade na revista O Cruzeiro**, dissertação de mestrado. São Paulo: ECA-USP, 1992
- \_\_\_\_\_. **Um olho que pensa: estética moderna e fotojornalismo**, tese de doutorado. São Paulo: FAU-USP, 1998.

- ECO, Umberto. **Apocalípticos e Integrados**. Tradução de Pérola de Carvalho. São Paulo: Perspectiva, 1979.
- GOLDENSTEIN, Gisela. **Do jornalismo político à indústria cultural**. São Paulo, Summus, 1987.
- HABERMAS, Jürgen. *Do jornalismo literário aos meios de comunicação de massa*. In: MARCONDES Filho, Ciro (org). **Imprensa e capitalismo**. São Paulo, Kairós, 1984.
- MEDITSCH, Eduardo (org.). **Rádio e pânico: a Guerra dos Mundos 60 anos depois**. Florianópolis, Insular, 1998.
- MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. Tradução de Ronald Polito e Sérgio Alcides. 4ª. ed.. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2006.
- MENEGUELLO, Cristina. **Poeira de estrelas: o cinema hollywoodiano na mídia brasileira das décadas de 40 e 50**. Campinas, Ed. da UNICAMP, 1996.
- MORAIS, Fernando. **Chatô: o rei do Brasil**. São Paulo, Cia das Letras, 1994.
- PEREGRINO, Nadja Maria Fonseca. **A fotografia de reportagem: sua importância na revista O Cruzeiro (1944-1960)**, Dissertação de mestrado, Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1990.
- PRIMEIRA PÁGINA: Folha de S. Paulo, 5ª. ed. – São Paulo: Publifolha, 2000.
- NESTROVSKI, Arthur (org.). **Figuras do Brasil: 80 autores em 80 anos de Folha**. São Paulo: Publifolha, 2001.
- Relação dos principais jornais existentes no Brasil*. **Anuário Brasileiro de Imprensa**. Revista Publicidade e Negócios, Rio de Janeiro, out. 1949.
- RIBEIRO, Ana Paula Goulart. **Imprensa e história no Rio de Janeiro dos anos 1950**. Rio de Janeiro: E-papers, 2007.
- SILVA, Carlos Eduardo Lins da. **O adiantado da hora : a influencia americana sobre o jornalismo brasileiro**. São Paulo: Summus, 1991.
- SODRÉ, Nelson Werneck. **História da imprensa no Brasil**. 4ª. edição atualizada. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.
- SUPPIA, Alfredo Luiz Paes de Oliveira. **Limite de Alerta! Ficção Científica em Atmosfera Rarefeita: Uma introdução ao estudo da FC no cinema brasileiro e em algumas cinematografias off-Hollywood**. Tese de doutorado em Multimeios, Campinas, Universidade Estadual de Campinas, 2007.
- VALIM, Alexandre Busko. **Imagens vigiadas: uma História Social do cinema no alvorecer da Guerra Fria, 1945-1954**. Tese de Doutorado em História, Rio de Janeiro, Universidade Federal Fluminense, 2006.
- \_\_\_\_\_. *“Os marcianos estão chegando!”: as divertidas e imprudentes reinvenções de um ataque alienígena no cinema e no rádio*. **Diálogos**. DHI/PPH/UEM, Maringá, v. 9, n. 3, p. 185-208, 2005.

### c) Sobre ciência

- ANDRADE, Ana Maria Ribeiro de. *O Cruzeiro e a construção de um mito de ciência*. **Perspicillum**. Rio de Janeiro: MAST, v. 8, n. 1, nov. 1994, pág.107-137.
- \_\_\_\_\_. **Físicos, mésons e política: a dinâmica da ciência na sociedade**. Rio de Janeiro, Hucitec, Museu de Astronomia e Ciências Afins, 1999.
- \_\_\_\_\_. & CARDOSO, José Leandro Rocha. *Aconteceu, virou manchete*. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v.21, n. 41, 2001.
- ANGUITA, Francisco. **Historia de Marte: Mito, exploración, futuro**. Planeta, Barcelona, España, 1998.
- CAPELLA, Catarina S.; OLIVEIRA, B. J. . **Toda pergunta tem resposta: o que os leitores da revista Ciência Popular desejavam saber sobre ciência (1948-1960)**. In: VII ESOCITE - Jornadas

Latino-Americanas de Estudos Sociais das Ciências e das Tecnologias, 2008, Rio de Janeiro. Disponível em [www.necso.ufrj.br/esocite2008/trabalhos/35914.doc](http://www.necso.ufrj.br/esocite2008/trabalhos/35914.doc) . Acesso em 8/7/2009.

\_\_\_\_\_. *A ciência em foco: a revista Ciência Popular e a divulgação científica no Brasil (1948-1956)*. In: **IV Congresso Brasileiro de História da Educação**, Goiânia, 2006. Disponível em: <http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe4/coordenadas/eixo03/Coordenada%20por%20Bernardo%20Jefferson%20de%20Oliveira/Catarina%20Capella%20Silva%20-%20Texto.pdf> . Acesso 10/06/2009.

CARDOSO, José Leandro Rocha. **A ciência em órbita: Guerra Fria, corrida espacial e divulgação da ciência na imprensa carioca (1957-1961)**. Dissertação de Mestrado em História Social, Universidade Federal Fluminense (UFF), Niterói, 2003. [versão preliminar, não a final]

ESCADA, Paulo Augusto Sobral. **Origem, institucionalização e desenvolvimento das Atividades Espaciais Brasileiras (1940-1980)**. Dissertação de mestrado em Ciência Política, Unicamp, Campinas, 2005.

ESTEVES, Bernardo. **Domingo é dia de ciência**. Rio de Janeiro, Azougue Editorial, 2006.

MENDES, Marta Ferreira Abdala. **Uma perspectiva história da divulgação científica: a atuação do cientista-divulgador José Reis (1948-1958)**. Tese de Doutorado em História das Ciências da Saúde. Casa de Oswaldo Cruz (Fiocruz), Rio de Janeiro, 2006.

MOURÃO, Ronaldo Rogério de Freitas. *A astronomia no Brasil* IN FERRI, Mário Guimarães e MOTOYAMA, Shozo (coords.). **História das ciências no Brasil**. São Paulo, EPU/EDUSP/CNPq, 1979-80, v. 2.

PEREIRA, Guilherme Reis. **Política Espacial Brasileira e a trajetória do INPE (1961-2007)**. Tese de doutorado em Política Científica e Tecnológica, Unicamp, Campinas, 2008.

ROSSI, Paolo. **A ciência e a filosofia dos modernos: aspectos da revolução científica**. Tradução de tradução de Alvaro Torencini, São Paulo, Unesp, 1992.

SAGAN, Carl. **Os Dragões do Éden. Especulações sobre a evolução da inteligência humana**. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1985.

\_\_\_\_\_. **O mundo assombrado pelos demônios: a ciência vista como uma vela no escuro**. Tradução: Rosaura Einchemberg, São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

SMITH, P. D.. **Os homens do fim do mundo: o verdadeiro Dr. Fantástico e o sonho da arma total**. Tradução José Viegas Filho. São Paulo, Companhia das Letras, 2008.

#### d) Assuntos diversos

ABREU, Alzira Alves de (Coord.). **Dicionário histórico biográfico brasileiro pós- 1930**. 2. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2001.

ANDRADE, Carlos Drummond de. **O poder ultra-jovem**, Rio de Janeiro, Livraria José Olympio, 1972.

BARTHES, Roland. **Mitologias**. Tradução de Rita Buongiorno e Pedro De Souza, São Paulo, DIFEL, 1982

\_\_\_\_\_. *Estrutura da notícia*. **Crítica e verdade**. São Paulo: Perspectiva, 3ª. edição, 1999, p. 57 a 67.

BURKE, Peter. **Variiedades de história cultural**. Tradução de Alda Porto. 2ª. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

CAUSO, Roberto de Sousa. **Ficção Científica, Fantasia e Horror no Brasil (1875-1950)**. Belo Horizonte, editora UFMG, 2003.

CORDANI, Umberto G. *O Instituto de Geociências*. **Estudos Avançados**, 1994, vol.8, n. 22, ISSN 0103-4014..

DAMAZIO, Sylvia F. **Da elite ao povo: advento e expansão do espiritismo no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1994.

GADDIS, John Lewis. **História da Guerra Fria**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

- GRAMSCI, Antonio. **Concepção dialética da História**. Trad. Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.
- LUCHETTI, Marco Aurélio. **A Ficção Científica nos Quadrinhos**. São Paulo: GRD, 1991
- MOREIRA, Regina da Luz. *A vida longe do front* IN **Revista Nossa História**, Editora Vera Cruz, Rio de Janeiro, ano 2, no. 15, p. 36-38.
- NEGRÃO, Lísias Nogueira. *Revisitando o Messianismo no Brasil e profetizando seu Futuro* IN **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, vol.16 no. 46, São Paulo, Junho 2001, p. 119-129.
- TOTA, Antonio Pedro. **O Imperialismo sedutor: a americanização do Brasil na época da Segunda Guerra**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- ZALUAR, Augusto Emílio. **O Doutor Benignus**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1994.

## ANEXO I – FONTES CONSULTADAS

### I) ENTREVISTAS

- DAMM, Flávio. Entrevista concedida por e-mail a Rodolpho Gauthier no período de 24 de outubro de 2007 a 7 de novembro de 2007.
- MARTINS FILHO, João Maria de Souza (filho de João Martins). Entrevista concedida por telefone a Rodolpho Gauthier em 23 de outubro de 2007.
- PEREIRA, Fernando Cleto Nunes. Entrevista concedida no Rio de Janeiro a Rodolpho Gauthier em 18 de janeiro de 2007.
- PEREIRA, Flávio Augusto. Entrevista concedida por telefone a Rodolpho Gauthier em 25 de setembro de 2007.

### II) CD-ROM

- MACHADO, Carlos Alberto. **Boletim SBEDV (Sociedade Brasileira de Estudos sobre Discos Voadores) – 1957- 1988**. CIPEX (Centro de Investigação e Pesquisa Exobiológica), CD-ROM, Curitiba, 2004.

### III) CORRESPONDÊNCIA PESSOAL

- MARTINS, João. Carta enviada a Alejandro Agostinelli. Rio de Janeiro, 30/1/1995

### IV) LIVROS PUBLICADOS NO PERÍODO (Ordem cronológica)

- ROCHA, Hugo. **O enigma dos “discos voadores” ou a maior interrogação do nosso tempo**. Porto, Portugal, Edições AOV, 1951
- FREIRE, Bóris. **Discos voadores**. Editor Borsoi, 1952, 1ª edição (Poesia satírica), 187 p.
- HAYDU, André. **Disco... ..voador?** São Paulo, 1955.
- RAMATIS. **A vida no planeta Marte e os discos voadores**. Psicografada por Hercílio Maes. Rio de Janeiro, Editora da Boa Vontade, 1955.
- FARIA, Soares de. **Viagem Interplanetária**. Belo Horizonte, Editora Itatiaia Limitada, 1956, 174 p. (Romance)
- HUGUENIN, O. C. **Dos mundos subterrâneos para os céus: discos voadores**. Rio de Janeiro, Irmãos Di Giorgio, 1956.
- MOREUX, Abbé. **Serão habitados os outros mundos?**; trad. de J. P. Figueiredo Drumond. 11a ed., Salvador, Livraria Progresso, 1956.
- ADAMSKI, George & Leslie, Desmond. **Discos voadores: seu enigma e sua explicação**; trad. de Fernando de Castro Ferro e Alzira Vallandro. Porto Alegre, Globo, 1957.
- KRASPEDON, Dino. **Contato com os discos voadores**. 1a edição, São Paulo, São Paulo Editora S/A, 1957, 188 p.
- KRASPEDON, Dino. **Contato com os discos voadores**. 2a edição revista e ampliada, São Paulo, São Paulo Editora S/A, 1957, 222 p.
- ROSSI, Antonio. **Num disco voador visitei outro planeta**; prefácio de Levino Cornélio Wischral. São Paulo, Nova Era, 1957, 264 p.
- BOROSAB, Kerlaw. **O segredo do disco voador – A verdade que só pode ser dita como ficção**, Mogi das Cruzes, 1958 (Romance)
- ENOVACS, Senbur T. **O homem que viu o disco-voador**. São Paulo, Distribuidora Paulista de Jornais, Livros e Impressos LTDA, 1958. (Romance)
- ROCHA, HUGO. **Outros mundos, outras humanidades**. Porto, Portugal, Editora Educação Nacional, 1958

- FARIA, José Escobar. **Discos voadores**. São Paulo, Melhoramentos, 1959.
- KEYHOE, Donald. **A verdade sobre os discos voadores**; tradução de Carmela Patti Salgado. Rio de Janeiro, 1959?
- CIÊNCIA POPULAR. **Desvendando os segredos do Cosmos**. Rio de Janeiro, s/d.
- ROCHA, Hugo. **O enigma dos discos voadores ou a maior interrogação do nosso tempo**. São Paulo, Gráfica Biblos, 1959.
- RUPPELT, Edward J. **Discos voadores: relatório sobre os objetos aéreos não identificados**; trad. de J. Escobar Faria & Auripebo Berrance Simões; pref. de Flávio Pereira. São Paulo, Difel, 1959.
- SIMÕES, Auripebo Berrance. **Discos voadores: fantasia e realidade**. 2a ed., São Paulo, Edart, 1959.
- SANMARTIN, Alberto. **O embaixador das estrelas**. São Paulo, Editora Nova Era, 1959.

## V) Histórias em quadrinhos

- *Charles Vick e seu Disco Voador*. **Álbum Gigante**. Editora Brasil-América Limitada (EBAL), Rio de Janeiro, janeiro de 1952, n° 33, 36 p.
- **DISCO VOADOR**, Orbis Publicações S.A., Rio de Janeiro, junho-julho-agosto de 1954, ano 1, n° 3, 34 p.
- **DISCO VOADOR**, Orbis Publicações S.A., Rio de Janeiro, fevereiro-março-abril de 1955, ano 2, n° 5, 34 p.

## VI) FILMOGRAFIA

- CASO TRINDADE. Produção Marco Antonio Petit. Entrevista com Almiro Baraúna. Brasil. 2005[?]. 1 DVD, Colorido, 41 min. (Documentário)
- O DIA EM QUE A TERRA PAROU. Direção: Robert Wise (The Day the Earth Stood Still. EUA, 1951).

## VII) IMPRENSA

### a) Lista de siglas e abreviaturas dos Arquivos Consultados

- (ABI) Biblioteca da Associação Brasileira de Imprensa, Rio de Janeiro-RJ
- (AEL) Arquivo Edgar Leuenroth, UNICAMP, Campinas-SP
- (AESP) Arquivo do Estado de São Paulo – São Paulo-SP.
- (BANESPA) Biblioteca do Banespa – São Paulo-SP.
- (BMA) Biblioteca Mário de Andrade, São Paulo-SP.
- (BN) Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro-RJ.
- (CEMM) Centro Municipal de Memória, Sertãozinho-SP.
- (CMU) Centro de Memória da Unicamp, Campinas-SP.
- (ECA) Biblioteca da Escola de Comunicações e Artes, USP, São Paulo-SP.
- (IEB) Instituto de Estudos Brasileiros, USP, São Paulo-SP.

### b) Revistas, períodos e locais pesquisados:

- **Manchete**, Rio de Janeiro (semanal) – de abril de 1952 (n° 1) a dezembro 1958 (n° 347) – (AEL, CMU, BAN, ABI)
- **O Cruzeiro**, Rio de Janeiro (semanal) – julho 1947 (ano 19 - n° 33) a dezembro de 1958 (ano 31- n° 11) - (AEL, CMU, BMA, BN, ABI, BAN, ECA)
- **Mundo Ilustrado**, Rio de Janeiro (semanal) – fevereiro 1953 (n° 1) a março 1955 (n° 104) – (BN)

- **Ciência Popular**, Rio de Janeiro (mensal) – outubro 1948 (n° 1) a setembro 1959 (n° 130-131) – (AESP, BN)
- **Eu sei Tudo**, Rio de Janeiro (mensal) – janeiro 1948 (n° 8 – ano XXXI) a dezembro 1952 (n° 7 – ano XXXVI) - (BMA, CMU, AESP)
- **Anuário Brasileiro de Imprensa**, Rio de Janeiro (anual) – edições 1949, 1952, 1953-54, 1956-57 (ABI)

### c) Matérias encontradas em *O Cruzeiro* (1947-1959).

#### 1950

- MILLER, Jack. *Para Quem Achar um Disco Voador*. In **O Cruzeiro**. Rio de Janeiro, p. 62, 19 de agosto de 1950 (BMA)

#### 1951

- PEARSON, DREW. *Carrossel do Mundo – Balões e Discos Voadores*. In **O Cruzeiro**. Rio de Janeiro, 6 de outubro de 1951 (ABI)

#### 1952

- PEARSON, DREW. *Carrossel do Mundo - O segredo dos Discos Voadores*. In **O Cruzeiro**. Rio de Janeiro, n°. 28, 26 de abril de 1952 (BMA)
- MARTINS, João & KEFFEL, Ed. *Extra! Discos Voadores na barra da Tijuca*. In **O Cruzeiro**. Rio de Janeiro, 17 de maio de 1952 (ABI e CEMM)
- MARTINS, João & KEFFEL, Ed. *O disco voador* In **O Cruzeiro**. Rio de Janeiro, 24/05/1952 (AEL)
- MARTINS, João & KEFFEL, Ed. *O mistério do século XX*. In **O Cruzeiro**. Rio de Janeiro, 31 de maio de 1952, p.24 (BMA)
- KEYHOE, Donald. *Os Discos Voadores Existem - cap. I e II*. In **O Cruzeiro**. Rio de Janeiro, 7/06/1952 (AEL)
- KEYHOE, Donald. *Os Discos Voadores Existem - cap. III e IV*. In **O Cruzeiro**. Rio de Janeiro, 14/06/1952 (BMA)
- KEYHOE, Donald. *Os Discos Voadores Existem - cap. V-VII*. In **O Cruzeiro**. Rio de Janeiro, 21/06/1952 (BMA)
- KEYHOE, Donald. *Os Discos Voadores Existem - cap. VIII e IX*. In **O Cruzeiro**. Rio de Janeiro, 28/06/1952 (BMA)
- KEYHOE, Donald. *Os Discos Voadores Existem - cap. X e XI*. In **O Cruzeiro**. Rio de Janeiro, 5/07/1952 (BMA)
- KEYHOE, Donald. *Os Discos Voadores Existem - cap. XII-XIV*. In **O Cruzeiro**. Rio de Janeiro, 12/07/1952 (BMA)
- KEYHOE, Donald. *Os Discos Voadores Existem - cap. XVI a XIX*. In **O Cruzeiro**. Rio de Janeiro, 19/07/1952 (BMA)
- KEYHOE, Donald. *Os Discos Voadores Existem - cap. XX-XXII*. In **O Cruzeiro**. Rio de Janeiro, 26/07/1952 (AEL)
- KEYHOE, Donald. *Os Discos Voadores Existem - cap. XXIV a XXVII*. In **O Cruzeiro**. Rio de Janeiro, 2/08/1952 (BMA)
- MARTINS, João. *A verdade sobre o “disco voador”*. In **O Cruzeiro**. Rio de Janeiro, 2/8/1952 (ABI)
- KEYHOE, Donald. *Os Discos Voadores Existem*. In **O Cruzeiro**. Rio de Janeiro, 9/08/1952 (CMU)
- KEYHOE, Donald. *Os Discos Voadores Existem*. In **O Cruzeiro**. Rio de Janeiro, 16/08/1952 (ECA)

- KEYHOE, Donald. *Os Discos Voadores Existem*. In **O Cruzeiro**. Rio de Janeiro, 23/08/1952 (BMA)
- KEYHOE, Donald. *Os Discos Voadores Existem – cap. XXVIII – XLI(final)*. In **O Cruzeiro**. Rio de Janeiro, Data: 30/08/1952 (BMA)
- NASSER, David. *A Capital do Disco Voador* In **O Cruzeiro**. Rio de Janeiro, 30 de agosto de 1952 (BMA)
- CARNEIRO, Luciano. *Três discos Aterraram nos Estados Unidos* In **O Cruzeiro**. Rio de Janeiro, 6/9/1952 (BMA)
- PEARSON, Drew. *Coluna Carrossel do Mundo - A Força Aérea e os Estados Unidos* In **O Cruzeiro**. Rio de Janeiro, 6 de setembro de 1952 (BMA)

#### 1954

- MARTINS, João & KEFFEL, Ed. *Na esteira dos “Discos Voadores” – parte 1*. In **O Cruzeiro**. Rio de Janeiro, 9 de outubro de 1954 (BMA)
- MARTINS, João & KEFFEL, Ed. *Na esteira dos “Discos Voadores” – parte 2. “Plato Volador” sobre Buenos Aires*. In **O Cruzeiro**. Rio de Janeiro, 9/10/1954 (BMA)
- MARTINS, João. *Na esteira dos “Discos Voadores” – parte 3. Reunião de “Discos” em Palomar*. In **O Cruzeiro**. Rio de Janeiro, 16 de outubro de 1954 (BMA)
- MARTINS, João. *Na esteira dos “Discos Voadores” – parte 4. Espiões interplanetários*. In **O Cruzeiro**. Rio de Janeiro, 23 de outubro de 1954 (BMA)
- MARTINS, João. *Na esteira dos “Discos Voadores” – parte 5. “EU VOEI A BORDO DE UM DISCO!”*. In **O Cruzeiro**. Rio de Janeiro, 30 de outubro de 1954 (BMA)
- MARTINS, João. *Na esteira dos “Discos Voadores” – parte 6. O Disco de “Clarion”*. In **O Cruzeiro**. Rio de Janeiro, 6 de novembro de 1954 (BMA)
- MARTINS, João. *Na esteira dos “Discos Voadores” – parte 7. Seres do espaço descem a Terra*. In **O Cruzeiro**. Rio de Janeiro, 13 de novembro de 1954 (BMA)
- MARTINS, João. *Na esteira dos “Discos Voadores” – parte 8. O que são os “Discos Voadores”*. In **O Cruzeiro**. Rio de Janeiro, 20 de novembro de 1954 (BMA)
- MARTINS, João. *Discos em Porto Alegre*. In **O Cruzeiro**. Rio de Janeiro, 27 de novembro de 1954 (BMA)
- MARTINS, João. Ilustrações de Mauro. *No Rio Grande do Sul Discos Aterrissaram*. In **O Cruzeiro**. Rio de Janeiro, 4/12/1954, p. 8-14 e 18; (BMA)
- *Extra! “Discos Voadores” – A conferência do Coronel Adil de Oliveira* In **O Cruzeiro**. Rio de Janeiro, 11 de dezembro de 1954 (BMA)
- SILVA, Eugênio. *O Disco de Caratinga – O maior “Bluff” do ano* In **O Cruzeiro**. Rio de Janeiro, 11 de dezembro de 1954 (CMU)

#### 1955

- MARTINS, João. *Os Discos Estão Aqui* In **O Cruzeiro**. Rio de Janeiro, 15 de janeiro de 1955 (BMA)
- MARTINS, João. *Os “Discos Voadores” e o mistério dos mundos subterrâneos – parte I – Os discos vêm do interior da Terra*. In **O Cruzeiro**. Rio de Janeiro, 5 de fevereiro de 1955 (BMA)
- MARTINS, João. *Os “Discos Voadores” e o mistério dos mundos subterrâneos – parte II Da Atlântida ao século XX*. In **O Cruzeiro**. Rio de Janeiro, 12/02/1955 (BMA)
- MARTINS, João. *Os “Discos Voadores” e o mistério dos mundos subterrâneos – parte III - Até 1956: os Discos intervirão*. In **O Cruzeiro**. Rio de Janeiro, 19/02/1955 (BMA)
- MARTINS, João. *Nos bastidores da espionagem internacional – parte I. Serão da Rússia os Discos Voadores?* . In **O Cruzeiro**. Rio de Janeiro, 18/06/1955 (BMA)

- MARTINS, João. *Nos bastidores da espionagem internacional – parte II (final) - A Batalha secreta dos Discos*. In **O Cruzeiro**. Rio de Janeiro, 25/06/1955 (BMA)

#### 1956

- MARTINS, João. *A propósito dos Discos Voadores*. In **O Cruzeiro**. Rio de Janeiro, 15 de setembro de 1956, p. 128 (AEL)
- MARTINS, João. *À espreita dos “Discos Voadores” – missão DX*. In **O Cruzeiro**. Rio de Janeiro, 27 de outubro de 1956 (AEL)

#### 1957

- MARTINS, João. *A terrível missão dos Discos Voadores*. In **O Cruzeiro**. Rio de Janeiro, 12/10/1957 (BMA)
- MARTINS, João. *A terrível missão dos Discos Voadores - segunda parte*. In **O Cruzeiro**. Rio de Janeiro, 19/10/1957 (BMA)
- MARTINS, João. *A terrível missão dos Discos Voadores - terceira parte*. In **O Cruzeiro**. Rio de Janeiro, 26/10/1957 (BMA)
- MARTINS, João. *A terrível missão dos Discos Voadores - quarta parte*. In **O Cruzeiro**. Rio de Janeiro, 2/11/1957 (BMA)
- MARTINS, João. *A terrível missão dos Discos Voadores - quinta parte*. In **O Cruzeiro**. Rio de Janeiro, 9/11/1957 (AEL)
- MARTINS, João. *A terrível missão dos Discos Voadores - sexta e última parte*. In **O Cruzeiro**. Rio de Janeiro, 16/11/1957 (BMA)

#### 1958

- *Discos Voadores na 6ª Região Militar*. In **O Cruzeiro**. Rio de Janeiro, 22/2/1958 (BMA)
- MARTINS, João. *Disco Voador sobrevoa o “Almirante Saldanha”*. In **O Cruzeiro**. Rio de Janeiro, 8/03/1958 (BMA)
- MARTINS, João. *A ronda dos Discos Voadores (1)*. In **O Cruzeiro**. Rio de Janeiro, 3 de maio de 1958 (BMA)
- MARTINS, João. *A ronda dos Discos Voadores (2)*. In **O Cruzeiro**. Rio de Janeiro, 10/5/1958 (ECA)
- MARTINS, João. *A ronda dos Discos Voadores (3)*. In **O Cruzeiro**. Rio de Janeiro, 17 de maio de 1958 (BMA)
- MARTINS, João. *A ronda dos Discos Voadores (4)*. In **O Cruzeiro**. Rio de Janeiro, 24 de maio de 1958 (BMA)
- MARTINS, João. *A ronda dos Discos Voadores (5)*. In **O Cruzeiro**. Rio de Janeiro, 7/6/1958 (AEL)
- AUDI, Jorge. *Novo Disco-Voador*. In **O Cruzeiro**. Rio de Janeiro, 16/08/1958 (BMA)

#### 1959

- MARTINS, João. *Mensagem do Disco Voador*. In **O Cruzeiro**. Rio de Janeiro, 13/6/1959. (BMA)
- MARTINS, João. *Revelado o segredo da Barra da Tijuca*, In **O Cruzeiro**. Rio de Janeiro, 31/10/1959. (disponível em: <http://www.memoriaviva.digi.com.br/ocruzeiro/> Acesso em 4/01/2006)
- *Os ‘discos’ nos quatro cantos do mundo* IN **O Cruzeiro**, Rio de Janeiro, 26/12/1959.

#### 1960

- QUEIROZ, Rachel. Coluna Última Página *Objeto Voador Não Identificado*. In **O Cruzeiro**. Rio de Janeiro, 4/06/1960 (BANESPA)
- MARTINS, João. *A explosão do Disco Voador*. In **O Cruzeiro**. Rio de Janeiro, 16/4/1960 (BMA)

#### 1961

- MARTINS, João. *Roteiro dos “Discos” no Ceará* In **O Cruzeiro**. Rio de Janeiro, 26/1/1961 (BMA)

#### 1965

- DURVILLE, Heitor (pseudônimo). *Detrás de La Cortina de silêncio*. In **O Cruzeiro Internacional**, edições: 1/1/1965[?], 16/1/1965 (p. 16-18), 1/2/1965 (p. 76-79), 16/2/1965 (p. 70-73). (BN)
- MARTINS, João. *Discos Voadores: mistério que volta à Terra*. **O Cruzeiro**. Rio de Janeiro, 7 de agosto de 1965.

#### 1973

- BARTOLO, Júlio. *Keffel, Baraúna e G. Adamski: eles fotografaram discos voadores*. IN **O Cruzeiro**, Rio de Janeiro, 19 de dezembro de 1973, p. 26. (ABI)

### d) Matérias encontradas em *Ciência Popular* (1948-1959)

#### 1949

- *Os discos voadores são armas aéreas de nações terrestres, ou são disparados pelos habitantes doutros planetas contra a Terra?*. **Ciência Popular**, Rio de Janeiro, agosto 1949, nº. 11, p. 12 (AESP)

#### 1950

- *Cartas ao Diretor Geral*. **Ciência Popular**, Rio de Janeiro, fevereiro 1950, nº. 17, p. 33 (AESP)
- LOBO, Ary Maurell. *Mais um inventor dos “discos voadores”*. **Ciência Popular**. Rio de Janeiro, maio 1950, nº. 20, p. 14 (AESP)
- LOBO, Ary Maurell. *Várias hipóteses sobre os misteriosos discos voadores*. **Ciência Popular**. Rio de Janeiro, julho 1950, nº. 22, p. 35-8 (AESP)

#### 1951

- *O sr. não acredita em discos voadores?* **Ciência Popular**. Rio de Janeiro, fevereiro 1951, nº. 29, p. 49-50 (AESP)

#### 1952

- LOBO, Ary Maurell. *Os ‘discos voadores’*. **Ciência Popular**, Rio de Janeiro, junho de 1952, nº 45, p. 52. (AESP)
- *Desvendando o mistério dos ‘discos voadores’!*. **Ciência Popular**, Rio de Janeiro, novembro de 1952, nº 50, p. 45. (AESP)

#### 1953

- [Charge] **Ciência Popular**. Rio de Janeiro, junho 1953, nº. 57, p. 18 (AESP)

#### 1954

- LOBO, Ary Maurell. *Os enigmas do céu*. **Ciência Popular**. Rio de Janeiro, abril de 1954, nº 67, p. 22. (AESP)
- *Os discos voadores, ridícula psicose coletiva*. **Ciência Popular**, Rio de Janeiro, dezembro de 1954, nº 75. (AESP)

#### 1955

- LOBO, Ary Maurell. *Os discos voadores, uma chantagem, uma imbecilidade e uma psicose*. **Ciência Popular**, Rio de Janeiro, janeiro de 1955, nº 76, p. 2. (AESP)

- PARROT, Jacques. *Os habitantes dos outros planetas segundo romancista de ficção, os místicos, os manganos e os charlatas*. **Ciência Popular**, Rio de Janeiro, fevereiro de 1955, nº 77, p. 27 a 29. (AESP)

#### 1957

- LOBO, Ary Maurell. *E voltaram os “discos voadores” para lucro dos charlatães, entretenimento dos gaiatos, perturbação dos paranóicos e perplexidade dos boçais*. **Ciência Popular**, Rio de Janeiro, outubro de 1957, nº 109, p. 3 a 10. (AESP)
- LOBO, Ary Maurell. *Os discos voadores, uma chantagem, uma psicose e uma imbecilidade*. **Ciência Popular**, Rio de Janeiro, novembro de 1957, nº 110, p. 7 a 10. (AESP)
- LOBO, Ary Maurell. *Os discos voadores, uma chantagem, uma psicose e uma imbecilidade*. **Ciência Popular**, Rio de Janeiro, dezembro de 1957, nº 111, p. 21 a 24. (AESP)

#### 1958

- LOBO, Ary Maurell. *Os “discos voadores” chantagem – idiotice - ignorância*. **Ciência Popular**, Rio de Janeiro, janeiro de 1958, nº 112, p. 33 e 34. (AESP)
- LOBO, Ary Maurell. *Os “discos voadores”, uma chantagem, uma psicose e uma imbecilidade*. **Ciência Popular**, Rio de Janeiro, fevereiro de 1958, nº 113, p. 26 a 28. (AESP)
- LOBO, Ary Maurell. *Os “discos voadores”, uma chantagem, uma psicose e uma imbecilidade*. **Ciência Popular**, Rio de Janeiro, março de 1958, nº 114, p. 15 a 16. (AESP)
- LOBO, Ary Maurell. *Os “discos voadores”, uma chantagem, uma psicose e uma imbecilidade*. **Ciência Popular**, Rio de Janeiro, abril de 1958, nº 115, p. 9 a 13. (AESP)

#### 1959

- *Cartas ao Diretor Geral*. **Ciência Popular**, Rio de Janeiro, fevereiro de 1959, nº 125, p. 20 a 21. (AESP)
- *Os literatos, êsses “cientistas”!*. **Ciência Popular**, Rio de Janeiro, março-abril de 1959, nº 126, p. 8 e 9. (AESP)

### e) Matérias encontradas em Manchete (1952-1958)

#### 1952

- MILLER, P. SCHUYLER. *O homem de marte*. (conto – parte 1). **Manchete**. Rio de Janeiro, 13/9/1952 (AEL)
- MILLER, P. SCHUYLER. *O homem de marte*. (conto – parte 2). **Manchete**. Rio de Janeiro, 20/9/1952, nº 22, p. 19 e 20. (AEL)
- *Os discos voadores resistem*. **Manchete**. Rio de Janeiro, 20/9/1952, nº 22, p. 32 e 33. (AEL)
- *A verdade sobre os discos voadores*. Coluna: “O Mundo em Manchete”. **Manchete**, Rio de Janeiro, 7 de junho 1952, p. 28. (AEL)

#### 1954

- BUCHER, LOUIS. *Marte, base dos discos-voadores?* **Manchete**, Rio de Janeiro, 3 de julho de 1954, p. 15 a 18. (ABI)
- *Discos-voadores em Paris*. **Manchete**, Rio de Janeiro, 20 de novembro de 1954, p. ?. (ABI)
- *Revoada de discos-voadores*. **Manchete**, Rio de Janeiro, 27 de novembro de 1954, p. ?. (ABI)
- *O disco de Caratinga voou pelo mundo todo*. **Manchete**, Rio de Janeiro, 4 de dezembro de 1954, p. ? (ABI)

- Tenório, Carlos Alberto. *Não atirem contra os marcianos*. **Manchete**, Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 18 de dezembro de 1954, p. 29-33 (ABI)

#### 1955

- *Disco-voador em Nova Iorque?* Coluna: O mundo em Manchete. **Manchete**. Rio de Janeiro, 11 junho 1955, n°164, p. 64 (AEL)

#### 1956

- LINGUANOTTO, Daniel. *Os discos voadores existem e não são da Terra*. **Manchete**, Rio de Janeiro, 20 de outubro de 1956, p. 75-77. (ABI)

#### 1957

- *O disco faltou ao horário marcado*. **Manchete**. Rio de Janeiro, 7 de setembro de 1957, p. 16 (ABI)

### f) Matérias encontradas em *Eu sei Tudo* (1947-1952)

#### 1947

- *Foguetes e Discos Voadores*. In **Eu sei tudo**, setembro de 1947, p. 17 (CMU e BMA)

#### 1950

- *Os discos voadores vêm de Outro Planeta! – Afirma técnico norte americano*. In **Eu sei tudo**, agosto de 1950, p. 50-53 (BMA)

#### 1951

- *Os pratos voadores constituem uma arma secreta dos Estados Unidos*. In **Eu sei tudo**, abril de 1951. (CMU e BMA)
- *Marcianos mandaram discos voadores visitara Terra? Os canais do planeta Marte e sua fabulosa engenharia*. In **Eu sei tudo**, julho de 1951, p. 59. (BMA)
- Pinto, Mattos. *Os marcianos dispõem de mais facilidades para as viagens interplanetárias*. In **Eu sei tudo**, agosto de 1951 (BMA)
- Pinto, Mattos. *Os marcianos dispõem de mais facilidades para as viagens interplanetárias*. In **Eu sei tudo**, setembro de 1951, p. 67 (BMA)

#### 1952

- Pinto, Mattos. *A vida surgiu da Anarquia Universal? – A solidariedade cósmica predomina em todo universo*. In **Eu sei tudo**, maio 1952, p. 36 (BMA)
- *Marte é realmente habitado!*. In **Eu sei tudo**, outubro de 1952, p. 36. (BMA)

### g) Outras revistas (Ordem cronológica)

- LIMA, Vinícius (texto) & BARAÚNA, Almiro (fotos). *Um disco voador esteve em minha casa...* **Mundo Ilustrado**, Rio de Janeiro, n° 93, 10 de novembro de 1954, p. 38 e 39. (BN)

- SALLES, Milton (reportagem) e VIEIRA, Antônio (fotos). “*Habitantes de outros planetas já se encontrariam na Terra*”. **Revista da Semana**. Rio de Janeiro, nº 51, ano 54, 18 de dezembro de 1954, p. 52-55. (BN)
- RENÓ, Gustavo e SALESBURY, Gaspar. “*Eu viajei num disco-voador*”. **Revista do Globo**. Porto Alegre, nº 699, 21/9/1957 a 4/10/1957, p. 69.
- SULLIVAN, Robert E.. *Os discos voadores apertam o cerco (parte 1)* **Mundo Ilustrado**, Rio de Janeiro, nº 50, 6 de dezembro de 1958.
- SULLIVAN, Robert E.. *Os discos voadores apertam o cerco (parte 2)* **Mundo Ilustrado**, Rio de Janeiro, nº 51, 13 de dezembro de 1958, p. 24 a 27.
- SULLIVAN, Robert E.. *Os discos voadores apertam o cerco (parte 3)* **Mundo Ilustrado**, Rio de Janeiro, nº 52, 20 de dezembro de 1958, p. 24 a 27.
- SULLIVAN, Robert E.. *Os discos voadores apertam o cerco (parte 4)* **Mundo Ilustrado**, Rio de Janeiro, nº 53, 27 de dezembro de 1958, p. 24 a 27.
- KEYHOE, Donald. *Não zombem dos discos voadores!* **Aconteceu**. Rio Gráfica e Editora LTDA, Rio de Janeiro, ano VIII, nº 94, setembro 1961, p. 6 e 7.

## h) Lista de notícias de jornais da onda de 1947

### 27 junho 1947

*OBJETOS MISTERIOSOS SOBREVOLAM OS EE. UU.* **O Globo**. Rio de Janeiro, 27 junho 1947, 1ª. seção, p. 4. (BN)

### 5 de julho 1947

*Os “discos voadores” fotografados.* **A Noite**. Rio de Janeiro, 5 de julho 1947, edição final, p. 1. (BN)  
*Misteriosos “pratos voadores” cortam os céus dos Estados Unidos.* **Folha da Noite**, São Paulo, 5 de julho 1947, p. 1. (AESP)

### 6 de julho 1947

*PIRES VOADORES.* **Diário de Notícias**. Rio de Janeiro, 6 julho 1947, 1ª seção, p. 4. (BN)  
*Discos misteriosos nos céus dos E.U.A.* **Folha da Manhã**, São Paulo, 6/7/1947, p. 11, 1º. caderno. (AEL)

### 7 de julho 1947

*O mistério dos “pires voadores”.* **Diário da Tarde**, Belo Horizonte, 7 junho 1947, p. 1 e 8. (BN)  
*O mistério dos “discos voadores”.* **A Noite**. Rio de Janeiro, 7 de julho 1947, 1ª. edição, p.1 e ?. (BN)  
*Pesquisas nos céus dos Estados Unidos.* **A Noite**. Rio de Janeiro, 7 de julho 1947, edição final, p. ?. (BN)  
*O mistério dos “discos voadores”.* **A Noite**. Rio de Janeiro, 7 de julho 1947, edição final, p. 11. (BN)  
*OS “DISCOS-VOADORES” MISTERIOSOS EMPOLGAM OS NORTE-AMERICANOS.* **Folha da Noite**, São Paulo, 7 de julho 1947, p. 1 e 2. (AESP)

### 8 de julho 1947

*Nenhuma explicação sobre os “discos voadores”.* **A Noite**. Rio de Janeiro, 8 de julho 1947, edição das 11 horas, p. 1. (BN)  
*Prêmio para quem apanhar um disco!* **A Noite**. Rio de Janeiro, 8 de julho 1947, edição final, p. 3. (BN)  
*O Mistério dos “discos voadores”.* **O Globo**. Rio de Janeiro, 8 julho 1947, p. 7. (BN)  
*EINSTEIN nada tem a dizer sobre os “discos voadores”.* **O Globo**. Rio de Janeiro, 8 julho 1947, p. 9. (BN)  
*Encontrado um fragmento dos misteriosos “discos voadores”.* **Diário de São Paulo**, São Paulo, 8 de julho, p. 1. (AESP)  
*“DISCOS VOADORES” atraem a atenção do mundo.* **A Noite**. São Paulo, 8 de julho 1947, p.1. (AESP)  
*O Exército dos E.U.A. investiga os misteriosos “discos-voadores”.* **Folha da Noite**, São Paulo, 8 de julho 1947, p. 1 e 2. (AESP)  
*Misteriosos projetis avistados nos céus dos Estados Unidos.* **O Estado de S. Paulo**, 8 de julho de 1947, p. 1. (AESP)

**9 de julho 1947**

*Verdadeira chuva de “discos voadores”*. **A Noite**. Rio de Janeiro, 9 de julho 1947, edição das 11 horas, p. 1 e 3. (BN)

*O E.M. do Exército e os “discos voadores”*. **A Noite**. Rio de Janeiro, 9 de julho 1947, edição final, p. 1 e 9. (BN)

*OS DISCOS VOADORES*. **Correio da Manhã**. Rio de Janeiro, 9 de julho 1947, p. 1. (BN)

*Einstein e os discos voadores*. **Diário de Notícias**. Rio de Janeiro, 9 julho 1947, 1ª seção, p. 1. (BN)

*PIRES VOADORES*. **Diário de Notícias**. Rio de Janeiro, 9 julho 1947, 1ª seção, p. 1. (BN)

*Campanha para a guerra os “discos voadores”*. **O Globo**. Rio de Janeiro, 9 julho 1947, p. 2. (BN)

*Teriam sido vistos no Brasil “discos voadores”*. **O Globo**. Rio de Janeiro, 9 julho 1947, p. 1 e 7. (BN)

*Discos voadores provocam pânico nos Estados Unidos*. **A Noite**. São Paulo, 9 de julho 1947, p.8. (AESP)

*Reduzidos às suas verdadeiras proporções os “misteriosos discos-voadores”*. **Folha da Noite**, São Paulo, 9 de julho 1947, p. 1. (AESP)

*Sobre Pearl Harbor os “discos voadores”*. **Folha da Manhã**, São Paulo, 9/7/1947, p. 1, 1º. caderno. (AEL)

*O propalado aparecimento de “discos voadores” no Brasil*. **Folha da Manhã**, São Paulo, 9/7/1947, p. 2, 1º. caderno. (AEL)

**10 de junho 1947**

*Discos voadores avistados no Rio. O depoimento de uma testemunha*. **Diário da Tarde**, Belo Horizonte, 10 junho 1947, p. 1. (BN)

*Disco voador em Hollywood*. **Diário da Tarde**, Belo Horizonte, 10 junho 1947, p. 6. (BN)

*“Discos voadores” também sobre o Rio*. **A Noite**. Rio de Janeiro, 10 de julho 1947, edição das 11 horas, p. 1 e 3. (BN)

*- É TUDO FALSO!* **A Noite**. Rio de Janeiro, 10 de julho 1947, edição das 11 horas, p. 1. (BN)

*Os “discos voadores”*. **A Noite**. Rio de Janeiro, 10 de julho 1947, edição final, p. 1. (BN)

*“Discos voadores” também sobre o Rio*. **A Noite**. Rio de Janeiro, 10 de julho 1947, edição final, p. 6. (BN)

*A PRIMEIRA FOTOGRAFIA DOS “DISCOS VOADORES”*. **O Globo**. Rio de Janeiro, 10 julho 1947, p. 1. (BN)

*O QUE VOCÊ ACHA DOS “DISCOS VOADORES”*. **O Globo**. Rio de Janeiro, 10 julho 1947, p. 1 e 7. (BN)

*ATHAÍDE, Austregésilo de. Alucinação*. **Diário da Noite**. Última edição. Rio de Janeiro, 10/7/1947, p. 2.

*Aparecimento de “discos voadores” na cidade de Presidente Prudente*. **Diário de São Paulo**, São Paulo, 10 de julho, p. 2. (AESP)

*Também no Havai foram vistos os “discos voadores”*. **A Noite**. São Paulo, 10 de julho 1947, p.1. (AESP)

*Pronto: A professora já viu o disco no Rio*. **A Noite**. São Paulo, 10 de julho 1947, p.1. (AESP)

*Descoberto o segredo dos “discos voadores”!* **A Noite**. São Paulo, 10 de julho 1947, p.2. (AESP)

*Acha que é histerismo...* **A Noite**. São Paulo, 10 de julho 1947, p.2. (AESP)

*Discos voadores também foram vistos no Rio*. **Folha da Noite**, São Paulo, 10 de julho 1947, p. 1. (AESP)

*Rigoroso inquérito instaurado sobre os “discos voadores”*. **Folha da Noite**, São Paulo, 10 de julho 1947, p. 2. (AESP)

*Assinalados no Chile os “discos voadores”*. **Folha da Noite**, São Paulo, 10 de julho 1947, p. 8. (AESP)

*Investigações sobre os “discos voadores”*. **O Estado de S. Paulo**, 10 de julho de 1947, p. 1. (AESP)

**11 de julho 1947**

*Os discos voadores...* **A Noite**. Rio de Janeiro, 11 de julho 1947, edição final, p. 3. (BN)

*Dizem ter visto, novamente, “discos voadores”, em São Paulo*. **A Noite**. Rio de Janeiro, 11 de julho 1947, edição final, p. 9. (BN)

*“Pires Voador” em forma de “T” no Japão*. **A Noite**. Rio de Janeiro, 11 de julho 1947, edição final, p. 9. (BN)

*TRUMAN E OS “DISCOS VOADORES”*. **Correio da Manhã**. Rio de Janeiro, 11 de julho 1947, p. 1. (BN)

*“DISCOS VOADORES”*. **O Globo**. Rio de Janeiro, 11 julho 1947, p. 1. (BN)

*Vistos também no Rio os discos voadores*. **Diário de São Paulo**, São Paulo, 11 de julho, p. 3. (AESP)

*“Discos voadores” sobre a capital*. **A Noite**. São Paulo, 11 de julho 1947, p.1. (AESP)

*Inquieta o mundo o mistério dos discos voadores*. **A Noite**. São Paulo, 11 de julho 1947, p.7 e 11. (AESP)

*EM PODER DO GOVERNO NORTE-AMERICANO UM “DISCO-VOADOR”*. **O Estado de S. Paulo**, 11 de julho de 1947, p. 1. (AESP)

*Anuncia-se que foi roubado o segredo da bomba atômica*. **Folha da Manhã**, São Paulo, 11/7/1947, p. 1 e 7, 1º. caderno. (AEL)

*O propalado aparecimento de “discos voadores”*. **Folha da Manhã**, São Paulo, 11/7/1947, p. 2, 1º. caderno. (AEL)

**12 de julho 1947**

*Avistados no Chile os “discos voadores”...* **A Noite**. Rio de Janeiro, 12 de julho 1947, edição final, p. 1 e 9. (BN)  
*Disco, pires, ou caçarola?* **A Noite**. Rio de Janeiro, 12 de julho 1947, edição final, p. 1. (BN)  
*OS “DISCOS VOADORES”* [Foto]. **A Noite**. Rio de Janeiro, 12 de julho 1947, edição final, p. 10. (BN)  
*Discos voadores também no Chile.* **Correio da Manhã**. Rio de Janeiro, 12 de julho 1947, p. 1. (BN)  
*Blandy e os “discos voadores”.* **Diário de Notícias**. Rio de Janeiro, 12 julho 1947, 1ª seção, p. 1. (BN)  
*Também em Recife os discos voadores?* **O Globo**. Rio de Janeiro, 12 julho 1947, p. 3. (BN)  
 [foto com legenda] **O Globo**. Rio de Janeiro, 12 julho 1947, p. 1. (BN)  
 ALMEIDA, Guilherme de. *Ora os sábios!* Coluna Ontem - Hoje - Amanhã. **Diário de São Paulo**, São Paulo, 12 de julho, p. 3. (AESP)  
*“Discos voadores” na Itália.* **Diário de São Paulo**, São Paulo, 12 de julho, p. 4. (AESP)  
*Discos Voadores sobre São Paulo.* **A Noite**, São Paulo, 12 de julho 1947, p.1. (AESP)  
*Assinada no Chile e no Japão a presença dos famigerados “discos voadores”.* Coluna Panorama no mundo. **A Noite**. São Paulo, 12 de julho 1947, p.1 e 4 (AESP)  
*“Disco-voador” fabricado por um gaiato.* **Folha da Noite**, São Paulo, 12 de julho 1947, p. 2. (AESP)  
*Esclarecido o caso dos “pratos voadores”* [Anúncio]. **O Estado de S. Paulo**, 12 de julho de 1947, p. 4. (AESP)

**13 de julho 1947**

*Discos voadores em Niterói.* **Correio da Manhã**. Rio de Janeiro, 13 de julho 1947, 1ª. seção, p. 24. (BN)  
*Não caiu “disco voador” em Niterói.* **Diário de Notícias**. Rio de Janeiro, 13 julho 1947, 2ª seção, p. 1. (BN)  
*Teriam sido vistos em diversas regiões os famosos “discos voadores”.* **Diário de São Paulo**, São Paulo, 13 de julho, p. 3. (AESP)  
 CROPANI, Barão de O. De Fiore de. *“Discos Voadores” e Antropófagos.* **Diário de São Paulo**, São Paulo, 13 de julho, p. 4. (AESP)  
*Lançados foguetes para além da força de atração da Terra!* **A Noite**, São Paulo, 13 de julho 1947, p.1. (AESP)  
*Teriam surgido “discos voadores” em Roma.* **Folha da Manhã**, São Paulo, 13/7/1947, p. 1, 1º. caderno. (AEL)  
*Sobre Bolonha.* **Folha da Manhã**, São Paulo, 13/7/1947, p. 1, 1º. caderno. (AEL)  
*Estranho objeto caiu em Niterói.* **Folha da Manhã**, São Paulo, 13/7/1947, p. 2, 1º. caderno. (AEL)

**14 de julho 1947**

*“Discos Voadores” avistados em Recife e Florianópolis,* **Diário da Tarde**, Belo Horizonte, 14 junho 1947, p. 6. (BN)  
*Vagabundos do espaço atraídos pela Terra.* **A Noite**. Rio de Janeiro, 14 de julho 1947, 1ª. edição, p. 1 e 2. (BN)  
*Em Ipanema, eu vi um “disco voador”!* **A Noite**. Rio de Janeiro, 14 de julho 1947, 1ª. edição, p. 1 e 3. (BN)  
*“Estão vendo os “discos voadores” no Recife”.* **A Noite**. Rio de Janeiro, 14 de julho 1947, edição final, p. 3. (BN)  
*PODE NÃO SER “VOADOR”, MAS É UM DISCO...*[Foto]. **A Noite**. Rio de Janeiro, 14 de julho 1947, edição final, p. 7. (BN)  
*Enchem-se de “discos voadores” os céus do Brasil...* **O Globo**. Rio de Janeiro, 14 julho 1947, p. 2. (BN)  
*“Discos voadores” avistados em vários pontos do país.* **Folha da Noite**, São Paulo, 14 de julho 1947, p. 1. (AESP)  
*Também em Itapira foi visto um “disco voador”.* **Folha da Noite**, São Paulo, 14 de julho 1947, p. ?. (AESP)

**15 de julho 1947**

[Foto com legenda]. **Diário da Tarde**, Belo Horizonte, 15 junho 1947, p. 1. (BN)  
*Avistados em várias cidades.* **Diário da Tarde**, Belo Horizonte, 15 junho 1947, p. 1. (BN)  
*Peça teatral sobre os discos voadores.* **A Noite**. Rio de Janeiro, 15 de julho 1947, edição final, p. 9. (BN)  
*QUEM QUER VER OS “DISCOS VOADORES”?* **O Globo**. Rio de Janeiro, 15 julho 1947, p. 2. (BN)  
*Surgem “discos voadores” na Argentina.* **Folha da Manhã**, São Paulo, 15/7/1947, p. 1, 1º. caderno. (AEL)  
 [Charge]. **Folha da Manhã**, São Paulo, 15/7/1947, p. 4, 1º. caderno. (AEL)

**16 julho 1947**

*“Discos voadores” avistados em Lagoa Santa.* **Diário da Tarde**, Belo Horizonte, 16 junho 1947, p. 1. (BN)  
*Continuam a aparecer os “Discos Voadores”.* **A Noite**. Rio de Janeiro, 16 de julho 1947, edição das 11 horas, p. 1 e 3. (BN)  
*Mais um “disco voador”...* **A Noite**. Rio de Janeiro, 16 de julho 1947, edição das 11 horas, p. 3. (BN)  
 [Discos voadores vistos em Biarritz]. **Correio da Manhã**. Rio de Janeiro, 16 de julho 1947, p. 1. (BN)

*Os “discos” despediam ligeira fumaça...* **O Globo**. Rio de Janeiro, 16 julho 1947, p. ?. (BN)  
*“Bandeja” ou “Disco” Voador.* **O Globo**. Rio de Janeiro, 16 julho 1947, p. ?. (BN)  
*“Discos voadores” em todo o interior.* **A Noite**, São Paulo, 16 de julho 1947, p.1. (AESP)  
*PODE NÃO SER “VOADOR” MAS É UM DISCO...* [Foto] **A Noite**, São Paulo, 16 de julho 1947, p.1. (AESP)  
*Um aspirante da Base Aérea de Santos viu um “disco voador”.* **A Noite**, São Paulo, 16 de julho 1947, p.4. (AESP)  
*Um olhar por aí.* Coluna Escreve o BARÃO DE ITARARÉ. **Folha da Manhã**, São Paulo, 16/7/1947, p. 4, 1º. caderno. (AEL)  
*“Discos voadores” teriam surgido em Biarritz.* **Folha da Manhã**, São Paulo, 16/7/1947, p. 7, 1º. caderno. (AEL)

#### 17 de julho 1947

*Achou-se um disco em Goiás.* Coluna do BODE. **Diário de São Paulo**, São Paulo, 17 de julho 1947, p. 5. (AESP)  
*Tremenda colisão entre a Terra e um planetóide.* **A Noite**, São Paulo, 17 de julho 1947, p.8. (AESP)

#### 18 julho 1947

FELIX, GATO. *Discos voadores.* Coluna *Bar do Ponto*. **Diário da Tarde**, Belo Horizonte, 18 junho 1947, p. 3. (BN)  
*Fez uma bandeja voadora.* **A Noite**. Rio de Janeiro, 18 de julho 1947, edição final, p. 16. (BN)

#### 19 julho 1947

*“Discos Voadores” também foram vistos em Pedregulho.* **Diário de São Paulo**, São Paulo, 19 de julho, p. 3. (AESP)

#### 20 julho 1947

*A advertência dos discos voadores.* Caderno Letras, Artes, Idéias Gerais, Assuntos Femininos, Últimos Modelos. **Diário de Notícias**. Rio de Janeiro, 20 julho 1947, p. 3. (BN)  
 ALMEIDA, Guilherme de. *Elevação.* Coluna *Ontem - Hoje - Amanhã*. **Diário de São Paulo**, São Paulo, 20 de julho, p. 8. (AESP)

#### 21 julho 1947

*Viu um disco voador.* **A Noite**. Rio de Janeiro, 21 de julho 1947, 1ª. edição, p. 2. (BN)  
 [Anúncio com desenho]. **A Noite**. Rio de Janeiro, 21 de julho 1947, edição final, p. 2. (BN)  
*EXPLICAÇÃO DO DISCO VOADOR.* **O Globo**. Rio de Janeiro, 21 julho 1947, p. 6. (BN)  
*Os “Discos Voadores” e o humorismo mexicano* [charge]. **A Noite**, São Paulo, 21 de julho 1947, p.1. (AESP)

#### 22 julho 1947

*Afirma ter visto um “disco-voador”.* **Diário da Tarde**, Belo Horizonte, 22 junho 1947, p. 6. (BN)  
*“Discos voadores” no interior de São Paulo.* **A Noite**. Rio de Janeiro, 22 de julho 1947, edição final, p. 10. (BN)  
*Influência das manchas solares sobre a Terra.* **A Noite**, São Paulo, 22 de julho 1947, p.1. (AESP)

#### 23 de julho 1947

*O “disco voador” passou tocando Tico-Tico no Fubá.* **A Noite**, São Paulo, 23 de julho 1947, p.1. (AESP)

#### 24 julho 1947

*Discos voadores em Goiaz.* **Diário da Tarde**, Belo Horizonte, 24 junho 1947, p. 1. (BN)  
*“Discos Voadores” a vinte metros do solo.* **O Globo**. Rio de Janeiro, 24 julho 1947, p. 8. (BN)  
*Estaria no Chile o “pai” dos discos voadores.* **O Globo**. Rio de Janeiro, 24 julho 1947, p. 8. (BN)  
*DISCOS VOADORES.* **O Estado de S. Paulo**, 24 de julho de 1947, p. 16. (AESP)

#### 25 julho 1947

*Foram vistos em Goiás inúmeros “discos voadores”.* **Diário de São Paulo**, São Paulo, 25 de julho, p. 8. (AESP)

#### 26 julho 1947

FONSECA, Gondim da. Coluna Recado Carioca. **Folha da Manhã**, São Paulo, 26/7/1947, p. ?. (AEL)

#### 27 julho 1947

*SUPOSTO INVENTOR DOS DISCOS VOADORES,* **O Estado de S. Paulo**, 27 de julho de 1947, p. 2. (AESP)

**28 julho 1947**

Mais “Discos Voadores” agora foram vistos em Campinas. **A Noite**, São Paulo, 28 de julho 1947, p.3. (AESP)

**29 julho 1947**

ITARARÉ, O Barão de. *OS DISCOS VOADORES*. **Folha da Noite**, São Paulo, 29 de julho 1947, p. 2. (AESP)

**31 julho 1947**

“Disco voador” visto em Mumbuca. **Diário de São Paulo**, São Paulo, 31 de julho, p. 3. (AESP)

**4 agosto 1947**

Os “discos voadores” despertam novamente o interesse dos americanos. Coluna Panorama do Mundo. **A Noite**, São Paulo, 4 de agosto 1947, p.3. (AESP)

Os “discos voadores” ainda agitam a opinião pública americana. **Folha da Noite**, São Paulo, 4 agosto 1947, p. 15. (AESP)

**5 agosto 1947**

“Não era um disco era uma bola de fogo”. **A Noite**. Rio de Janeiro, 5 de agosto 1947, edição final, p. 1 e 7. (BN)

“Discos voadores” sob os céus de São Paulo. **Folha da Noite**, São Paulo, 5 agosto 1947, p. 5. (AESP)

LAMARTINE. Extranho aparelho teria sido visto a noroeste de Pitanga! **Diário da Tarde**, Curitiba, 5 agosto de 1947, p. 5 (Biblioteca Pública do Paraná – Curitiba-PR)

**15 agosto 1947**

Marcianos descem no Paraná! **A Noite**, São Paulo, 15 de agosto 1947, p. 2 e 8. (AESP)

**i) Lista de notícias de jornais da onda de 1950****1 março 1950**

Estranho corpo descoberto pelos astrônomos do Observatório de Harvard. **O Estado de São Paulo**. São Paulo, 1/3/1950, p. 18. (AEL)

**2 março 1950**

Estranho tipo de meteoro luminoso. **O Estado de São Paulo**. São Paulo, 2/3/1950, p. 1. (AEL)

**5 março 1950**

Um corpo celeste desloca-se em direção da terra [sic]. **O Estado de São Paulo**. São Paulo, 5/3/1950, p. 2. (AEL)

“Discos voadores” nos céus mexicanos. **O Estado de São Paulo**. São Paulo, 5/3/1950, p. 60. (AEL)

**6 março 1950**

Discos voadores visitam o México. **A Noite**. São Paulo, 6 março 1950, p. 3. (AESP)

**10 março 1950**

Caiu um “pires voador” com um piloto de meio metro de altura. **A Manhã**. Rio de Janeiro, 10/3/1950, p. 1 e 3 (BN)

**11 março 1950**

Disco voador pilotado por anão marciano. Coluna *Se Non é vero...* **A Noite**. São Paulo, 11 março 1950, p. 6. (AESP)

O caso dos “discos voadores”. **O Estado de São Paulo**. São Paulo, 11/3/1950, p. 1. (AEL)

Viram um disco-voador. **A Manhã**. Rio de Janeiro, 11/3/1950, p. 10 (2o. caderno). (BN)

**12 março 1950**

[Anúncio futurista]. **O Estado de São Paulo**. São Paulo, 12/3/1950, p. 46. (AEL)

O caso dos “discos voadores”. **O Estado de São Paulo**. São Paulo, 12/3/1950, p. 60. (AEL)

Fotografado o “pires voador”. **A Manhã**. Rio de Janeiro, 12/3/1950, p. 6 (BN)

**13 março 1950**

*Sem fundamento a notícia do “disco voador” pilotado por anão marciano.* **A Noite.** São Paulo, 13 março 1950, p. 5 e 10. (AESP)

MELO, Antonio Vieira de. *O enigma dos discos voadores.* **A Noite.** São Paulo, 13 março 1950, p. 5. (AESP)  
*Fotografou o “pires voador”.* **A Noite.** Rio de Janeiro, 13/3/1950, p. 1 (edição final) (BN)

**14 março 1950**

*Um astrônomo fala sobre os “discos voadores”.* **A Noite.** São Paulo, 14 março 1950, p. 3. (AESP)

*Mistérios do espaço.* Coluna *Revista do Mundo.* **A Noite.** São Paulo, 14 março 1950, p. 6 (AESP)

*Teria sido positivada a existência dos discos voadores.* **O Estado de São Paulo.** São Paulo, 14/3/1950, p. 2. (AEL)

*O “Pires Voador” fez “Looping”.* **A Manhã.** Rio de Janeiro, 14/3/1950, p. 3 (BN)

*O “Disco Voador”.* **A Noite.** Rio de Janeiro, 14/3/1950, p. 2 (BN)

**15 março 1950**

[Charge] **Folha da Manhã,** São Paulo, 15 de março 1950, p. 4, 1º. caderno. (AESP)

*Em atividade o telescópio de Monte Palomar.* **Folha da Manhã,** São Paulo, 15 de março 1950, p. 4, 1º. caderno. (AESP)

[Charge] **A Noite.** São Paulo, 15 março 1950, p. 4. (AESP)

NEVES, Berilo. *A invasão.* **A Noite.** São Paulo, 15 março 1950, p. 5 (AESP)

*“Disco voador” sobre o aeroporto central do México.* **A Noite.** São Paulo, 15 março 1950, p. 5. (AESP)

*Disco voador no Recife.* **A Manhã.** Rio de Janeiro, 15/3/1950, p. 1 (BN)

*Em seis meses entregaria os primeiros “discos voadores” ao Brasil.* **A Noite.** Rio de Janeiro, 15/3/1950, p. 1 e 11 (edição final) (BN)

*Os discos estão vindo cada vez mais perto.* **A Noite.** Rio de Janeiro, 15/3/1950, p. 2, (edição final) (BN)

**16 março 1950**

*“A existência dos discos voadores é incontestável”.* **Folha da Manhã,** São Paulo, 16 de março 1950, p. 3, 1º. caderno.(AESP) Disponível também em [http://almanaque.folha.uol.com.br/ciencia\\_16mar1950.htm](http://almanaque.folha.uol.com.br/ciencia_16mar1950.htm). Acesso em 7/4/2007.

*Mais discos voadores.* **O Estado de São Paulo.** São Paulo, 16/3/1950, p. 2. (AEL)

*A trezentos metros do disco voador.* **A Manhã.** Rio de Janeiro, 16/3/1950, p. 8 (BN)

*Era um inocente balão... .* **A Noite.** Rio de Janeiro. 16/3/1950, p. 7 (edição final) (BN)

**17 março 1950**

*Era um inocente balão.* Coluna *Se Non é vero...* **A Noite.** São Paulo, 17 março 1950, p. 6. (AESP)

*Brasileiro, o inventor do “disco voador”.* **A Noite.** Rio de Janeiro, 17/3/1950, p. 1 e 11 (edição final) (BN)

*Discos, não; planeta... .* **A Noite.** Rio de Janeiro, 17/3/1950, p. 14 (edição final) (BN)

**18 março 1950**

*Faz sensacionais revelações sobre os “discos voadores”.* **A Noite.** São Paulo, 18 março 1950, p. 5 e 6. (AESP)

*O mistério dos “discos voadores”.* **A Noite.** São Paulo, 18 março 1950, p. 1 e 5. (AESP)

*Disco, não; planeta....* Coluna *Se Non é vero...* **A Noite.** São Paulo, 18 março 1950, p. 6. (AESP)

*Pilotos mexicanos perseguem um “disco voador”.* **O Estado de São Paulo.** São Paulo, 18/3/50, p. 2. (AEL)

*Filmado no México um disco voador.* **A Manhã.** Rio de Janeiro, 18/3/1950, p. 8 (BN)

*“Viram” os discos e vão para a rua... .* **A Noite.** Rio de Janeiro, 18/3/1950, p. 1 e 2, edição final (BN)

**19 março 1950**

*Aparece um disco voador em Santa Catarina.* **Folha da Manhã,** São Paulo, 19 de março 1950, p. 1, 1º. caderno. (AESP)

*Disco voador visto no Amazonas.* **Folha da Manhã,** São Paulo, 19 de março 1950, p. 3, 1º. caderno. (AESP)

*Depoimentos sobre novas aparições.* **O Estado de São Paulo.** São Paulo, 19/3/50, p. 2. (AEL)

*“Discos voadores” sobrevoam Montevideú.* **A Manhã.** Rio de Janeiro, 19/3/1950, p. 1 e 2 (BN).

*Discos voadores no Rio.* **A Manhã.** Rio de Janeiro, 19/3/1950, p.6 (BN)

[Charge] **A Manhã**. Rio de Janeiro, 19/3/1950, p. 7 (2o. caderno) (BN)

### 20 março 1950

[Charge] **Folha da Noite**. São Paulo, 20 março 1950, p. 18. (AESP)

*Disco voador em Paranaguá*. **A Noite**. São Paulo, 20 março 1950, p. 3. (AESP)

*O segredo do fenômeno dos “discos voadores”*. **A Noite**. Rio de Janeiro, 20/3/1950, p. 1 e 3. (BN)

*Os discos voadores*. **A Noite**. Rio de Janeiro, 20/3/1950, p. 5 (edição final). (BN)

### 21 março 1950

*O disco voador não apresenta relação alguma com fenômenos astronômicos*. **Folha da Manhã**, São Paulo, 21 de março 1950, p. 3, 1º. caderno. (AESP)

*“Disco voador” em Maceió*. **A Noite**. São Paulo, 21 março 1950, p. 2. (AESP)

*“Discos voadores”*. Coluna *Revista do Mundo*. **A Noite**. São Paulo, 21 março 1950, p. 6. (AESP)

*“Globo voador”*. **O Estado de São Paulo**. São Paulo, 21/3/50, p. 2. (AEL)

*Desvendado o “mistério” dos “discos voadores”*. **A Manhã**. Rio de Janeiro, 21/3/1950, p. 1. (BN)

*“Disco voador” visto em Maceió*. **A Manhã**. Rio de Janeiro, 21/3/1950, p. 2 (BN)

*Disco voador, com foguetes e fumaça, no sul*. **A Noite**. Rio de Janeiro, 21/3/1950, p. 1, edição final. (BN)

*Mais de cem “discos voadores”*. **A Noite**. Rio de Janeiro, 21/3/1950, p. 2, edição final. (BN)

TIGRE, BASTOS. *Os discos*. **A Noite**. Rio de Janeiro, 21/3/1950, p. 3, edição final. (BN)

*Discos voadores S.A...* . **A Noite**. Rio de Janeiro, 21/3/1950, p. 3, edição final. (BN)

### 22 março 1950

[imagem de um foguete] **Folha da Noite**. São Paulo, 22 março 1950, p. 6. (AESP)

*Avistados em Portugal os “discos-voadores”*. **Folha da Noite**. São Paulo, 22 março 1950, p. 12. (AESP)

*“Disco voador” com janelas eis o que viram dois pilotos no E.U.A*. **Folha da Manhã**, São Paulo, 22 de março 1950, p. 1, 1º. caderno. (AESP)

*Malandros exploram o caso dos discos voadores*. **Folha da Manhã**, São Paulo, 22 de março 1950, p. 3, 1º. caderno. (AESP)

*Um astrônomo brasileiro explica o mistério dos “discos voadores”*. **A Noite**, São Paulo, 22 março 1950, p. 9 e 10. (AESP)

*Discos Voadores S/A... Coluna Se Non é vero...* **A Noite**. São Paulo, 22 março 1950, p. 6. (AESP)

*Mais de cem “discos voadores!”*. Coluna *Se Non é vero...* **A Noite**. São Paulo, 22 março 1950, p. 6 (AESP)

*Noticiados novos aparecimentos de “discos voadores”*. **O Estado de São Paulo**. São Paulo, 22/3/50, p. 1. (AEL)

*Disco voador com janelas*. **A Manhã**. Rio de Janeiro, 22/3/1950, p. 1 e 7 (BN)

A. G. S. . *Os discos voadores*. Coluna Nota científica. **A Manhã**. Rio de Janeiro, 22/3/1950, p. 2. (BN)

*E os discos continuam...* . **A Noite**. Rio de Janeiro, 22/3/1950, p. 1, edição final. (BN)

*“Discos-voadores” em Porto União*. **A Noite**. São Paulo, (22, 23 ou 24?) de março 1950, p. 6 (AESP)

### 23 março 1950

*“Discos voadores” também na Espanha*. **Folha da Noite**. São Paulo, 23 março 1950, p. 1. (AESP)

Tigre, Bastos. *Os discos*. **A Noite**. São Paulo, 23 março 1950, p. 6. (AESP)

*Raio ou disco? Coluna Se Non é vero...* **A Noite**. São Paulo, 23 março 1950, p. 6. (AESP)

A *“Balzaqueana” deu “bola” e...* Coluna *Se Non é vero...* **A Noite**. São Paulo, 23 março 1950, p. 6. (AESP)

*“Discos voadores” em Portugal*. **O Estado de São Paulo**. São Paulo, 23/3/50, p. 1. (AEL)

*Ainda em foco os “discos voadores”*. **A Manhã**. Rio de Janeiro. 23/3/1950, p. 1 e 7. (BN)

*Confissões de um “espião” do planeta Marte*. **A Manhã**. Rio de Janeiro, 23/3/1950, p. 1 e 10. (BN)

*Disco voador no Ceará*. **A Manhã**. Rio de Janeiro, 23/3/1950, p. 2 (BN)

*Discos Voadores em profusão...* . **A Noite**. Rio de Janeiro, 23/3/1950, p.1 e 2, edição final. (BN)

*Febre dos discos, também na Espanha*. **A Noite**. Rio de Janeiro, 23/3/1950, p. 14 e 7, edição final. (BN)

### 24 março 1950

*Discos voadores em Botucatu*. **Folha da Noite**. São Paulo, 24 março 1950, p. 1. (AESP)

*Estranho objeto avistado por tripulantes da “Panair”* **Folha da Noite**. São Paulo, 24 março 1950, p. 6. (AESP)

*Invasão da Suécia por “discos voadores”*. **Folha da Noite**. São Paulo, 24 março 1950, p. 8. (AESP)

*“Discos voadores” na Itália*. **A Noite**. São Paulo, 24 março 1950, p. 9. (AESP)

*“Discos voadores” em várias partes do mundo*. **O Estado de São Paulo**. São Paulo, 24/3/50, p. 2. (AEL)

*Discos voadores.* Coluna Notícias do Rio. **O Estado de São Paulo**. São Paulo, 24/3/50, p. 18. (AEL)  
 “Disco voador” avistado por pilotos no Rio. **A Manhã**. Rio de Janeiro, 24/3/1950, p. 1 e 13 (BN)  
 Mais “discos voadores”... . **A Manhã**. Rio de Janeiro, 24/3/1950, p. 2 (BN)  
 Sem ruídos e dando pinotes... . **A Noite**. Rio de Janeiro, 24/3/1950, p. 1 e 3, edição final. (BN)

### 25 março 1950

*Avistaram um disco voador quando sobrevoavam Caxias.* **Folha da Manhã**, São Paulo, 25 de março 1950, p. 3, 1º. caderno. (AESP)  
*Discos voadores nos céus de Botucatu.* **Folha da Manhã**, São Paulo, 25 de março 1950, p. 3, 1º. caderno. (AESP)  
*Notícias sobre “discos voadores”.* **O Estado de São Paulo**. São Paulo, 25/3/50, p. 2. (AEL)  
*Avistados “discos voadores” em Botucatu, Santos e Itapira.* **O Estado de São Paulo**. São Paulo, 25/3/50, p. 7. (AEL)  
*Continua o “mistério”... “Disco voador” em São Paulo.* **A Manhã**. Rio de Janeiro, 25/3/1950, p. 3 (BN)  
*A Rússia e os discos voadores.* **A Manhã**. Rio de Janeiro, 25/3/1950, p.8 (BN)  
*E os discos continuam.* **A Noite**. Rio de Janeiro, 25/3/1950, p. 1 e 2. (BN)

### 26 março 1950

[Charge]. **Folha da Manhã**, São Paulo, 26/3/1950, p. 12, 1º. caderno. (AESP)  
*Arma de guerra os “discos voadores”.* **Folha da Manhã**, São Paulo, 26/3/1950, p. 16, 1º. caderno. (AESP)  
*Teria sido inventado na Itália o “disco voador”.* **O Estado de São Paulo**. São Paulo, 26/3/50, p. 64. (AEL)

### 27 março 1950

[Charge]. **Folha da Noite**. São Paulo, 27 março 1950, p. 18. (AESP)  
*Conjecturas sobre os “discos voadores”.* **Folha da Noite**. São Paulo, 27 março 1950, p. 13 e 18. (AESP)  
*Como será o mundo no próximo ano 2000.* **A Noite**, São Paulo, 27/3/1950, p. 6. (AESP)  
*Discos voadores no Rio Grande e em Minas.* **A Noite**. Rio de Janeiro, 27/3/1950, p.1. (BN)  
*Era todo prateado o disco voador.* **A Noite**. Rio de Janeiro, 27/3/1950, p.2, edição final. (BN)

### 28 março 1950

*Os “discos voadores” serão segredo militar dos Estados Unidos?* **Folha da Noite**, São Paulo, 28 de março 1950, p. 1. (AESP)  
 POLILLO, Raul de. *Que é que há com os discos voadores?* Coluna Aviação. **Folha da Noite**. São Paulo, 28 março 1950, p. 16. (AESP)  
*O gen. Fiúza de Castro desmente Cristiensen.* **Folha da Manhã**, São Paulo, 28/3/1950, p. 3, 1º. caderno. (AESP)  
*O “disco” tem a forma de um zepelin...* . **A Noite**. Rio de Janeiro, 28/3/1950, p. 6, edição final. (BN)

### 29 março 1950

*Será um “disco”?* Coluna Se Non é vero... **A Noite**. São Paulo, 29 março 1950, p. 6. (AESP)  
 Bastos, Tigre. *Contradições.* **A Noite**. São Paulo, 29 março 1950, p. 6. (AESP)  
*Novas hipóteses sobre os “discos voadores”.* **O Estado de São Paulo**. São Paulo, 29/3/50, p. 18. (AEL)  
*De forma aerodinâmica e brilhante como o sol...* **A Manhã**. Rio de Janeiro, 29/3/1950, p. 10 (2o. caderno)  
*Parecia uma imensa tartaruga.* **A Noite**. Rio de Janeiro. 29/3/1950, p. 12 e 7. (BN)  
*Agora a “xícara voadora”!* Coluna Se Non é vero... **A Noite**. São Paulo, 29 março 1950, p. 6. (AESP)

### 30 março 1950

*Um planeta e não um disco voador o que se viu no Rio.* **Folha da Noite**. São Paulo, 30 março 1950, p. 10. (AESP)  
 “Ora, que pena! Eu ainda não vi um disco voador”. **Folha da Manhã**, São Paulo, 30/3/1950, p. 3, 1º. caderno. (AESP)  
*Fala-se agora de “tartarugas voadoras”.* **O Estado de São Paulo**. São Paulo, 30/3/1950, p. 2. (AEL)  
*Reboliço na Avenida Rio Branco. Visão de um “disco voador”.* **A Manhã**. Rio de Janeiro, 30/3/1950, p. 1 e 13 (BN)  
*Você “viu” o disco voador?.* **A Noite**. Rio de Janeiro, 30/3/1950 – p. 1 e 12, edição final. (BN)  
*E os discos continuam...* . **A Noite**. Rio de Janeiro, 30/3/1950, p. 13, edição final. (BN)

### 31 março 1950

*Planeta e não disco voador.* **Folha da Manhã**, São Paulo, 31/3/1950, p. 3, 1º. caderno. (AESP)

Neves, Berilo. *Fim do mundo*. **A Noite**. São Paulo, 31 março 1950, p. 6. (AESP)  
 Você “viu” o pires voador? Coluna *Se Non é vero...* **A Noite**. São Paulo, 31 março 1950, p. 6. (AESP)  
 Será o “disco”...? Coluna *Se Non é vero...* **A Noite**. São Paulo, 31 março 1950, p. 6. (AESP)  
 “Discos voadores” no Chile, na Argentina e no Canadá. **O Estado de São Paulo**. São Paulo, 31/3/1950, p. 2. (AEL)  
 Disco voador em São Luís. **A Manhã**. Rio de Janeiro, 31/3/1950, p.2 (BN)

#### 1 abril 1950

“Não há discos voadores, mas bólidos” **O Estado de São Paulo**. São Paulo, 1/4/50, p. 18. (AEL)  
 A sensação do momento. **A Manhã**. Rio de Janeiro, 1/4/1950, p. 8 (BN)  
 NEVES, Berilo. *Perigos volantes*. **A Noite**. Rio de Janeiro, 1/4/1950, p. 3. (BN)  
 Bólidos, e não discos voadores. **A Noite**. Rio de Janeiro, 1/4/1950, p. 5. (BN)

#### 2 abril 1950

[Charge]. **Folha da Manhã**, São Paulo, 2/4/1950, p. 6, 1º. caderno. (AESP)  
 As últimas sobre “discos voadores” **O Estado de São Paulo**. São Paulo, 2/4/50, p. 60. (AEL)

#### 4 abril 1950

*O homem do futuro será gigante ou pigmeu*. **A Noite**. São Paulo, 4 abril 1950, p. 7. (AESP)  
 Disco, não; balão... Coluna *Se Non é vero...* **A Noite**. São Paulo, 4 abril 1950, p. 6. (AESP)  
 Depoimentos e teorias sobre os “discos voadores”. **O Estado de São Paulo**. São Paulo, 4/4/50, p. 24. (AEL)  
 Seriam norte-americanos os “discos voadores”. **A Manhã**. Rio de Janeiro, 4/4/1950, p. 4 (BN)  
 Os discos seriam aviões reais. **A Noite**. Rio de Janeiro, 4/4/1950, p. 8 e 14. (BN)

#### 5 abril 1950

Seriam os “discos voadores” novas armas norte-americanas. **O Estado de São Paulo**. São Paulo, 5/4/50, p. 22. (AEL)  
 São armas secretas dos EE. UU. . **A Noite**. Rio de Janeiro, 5/4/1950, p. 12 e 8. (BN)

#### 6 abril 1950

Fotografias de “discos voadores” na Espanha. **O Estado de São Paulo**. São Paulo, 6/4/50, p. 20. (AEL)  
 V. Cy. D. *Leocádia alucinada*. **O Estado de São Paulo**. São Paulo, 6/4/50, p. 20. (AEL)  
 Em pleno dia e a grande velocidade. **A Manhã**. Rio de Janeiro, 6/4/1960, p. 5 (BN)  
 Um disco voador sobre Lisboa... . **A Noite**. Rio de Janeiro, 6/4/1950, p. 3, edição final. (BN)

#### 8 abril 1950

*Discos voadores por toda a parte*. **A Noite**. Rio de Janeiro, 8/4/1950, p. 1, edição final. (BN)

#### 9 abril 1950

*Discos Voadores em São Paulo* [Anúncio]. **Folha da Manhã**. São Paulo, 9/4/1950, p. 8, 1º. caderno. (AESP)  
 Um astrônomo russo descobriu vegetação em Marte. **O Estado de São Paulo**. São Paulo, 9/4/50, p. 2. (AEL)  
 Testemunhos sobre os “discos voadores”. **O Estado de São Paulo**. São Paulo, 9/4/50, p. 48. (AEL)  
 O disco parou, espionou a procissão e se foi... . **A Noite**. Rio de Janeiro, 9/4/1950, p. 1. (BN)

#### 10 abril 1950

[Foto com legenda] **A Noite**. Rio de Janeiro, 10/4/1950, p. 5. (BN)

#### 11 abril 1950

*Chegou, viu... e fugiu!* Coluna *Se Non é vero...* **A Noite**. São Paulo, 11 abril 1950, p. 6. (AESP)  
 Teriam sido, de novo, assinaladas, nuvens anormais em Marte. **O Estado de São Paulo**. São Paulo, 11/4/50, p. 1. (AEL)  
 Um menino texano diz ter visto e pegado um “disco voador”. **O Estado de São Paulo**. São Paulo, 11/4/50, p. 20. (AEL)

#### 12 abril 1950

[Foto com legenda]. **Folha da Manhã**. São Paulo, 12/4/1950, p. 1, 1º. caderno. (AESP)

*Genealogia dos discos voadores... Coluna Se Non é vero... A Noite.* São Paulo, 12 abril 1950, p. 6. (AESP)  
*Botou a mão no disco! Coluna Se Non é vero... A Noite.* São Paulo, 12 abril 1950, p. 6. (AESP)  
*Mais teorias sobre os "Discos Voadores". O Estado de São Paulo.* São Paulo, 12/4/50, p. 2. (AEL)

#### 14 abril 1950

*"Discos voadores" avistados em Nova York. O Estado de São Paulo.* São Paulo, 14/4/50, p. 2. (AEL)  
*Viu o "disco voador". A Noite.* Rio de Janeiro, 14/4/1950, p. 8. (BN)  
*Chegou a ver os tripulantes do disco voador! . A Noite.* Rio de Janeiro, 14/4/1950, p. 9 e 14. (BN)

#### 15 abril 1950

*"Discos voadores" na Itália e na Argentina. O Estado de São Paulo.* São Paulo, 15/4/50, p. 1. (AEL)

#### 16 abril 1950

*"Discos voadores" sobre o Vaticano. O Estado de São Paulo.* São Paulo, 16/4/50, p. 56. (AEL)

#### 19 abril 1950

*A cidade futura. Coluna Notícias do Rio. O Estado de São Paulo.* São Paulo, 19/4/50, p. 20. (AEL)  
*Goering teria ordenado a construção dos primeiros "discos voadores". O Estado de São Paulo.* São Paulo, 19/4/50, p. 20. (AEL)  
 [Charge]. *A Noite.* Rio de Janeiro, 19/4/1950, p. 1. (BN)

#### 20 abril 1950

*Discos voadores sobre Andradina, A Noite.* Rio de Janeiro, 20/4/1950, p. 1. (BN)  
*Disco voador sobre Centro Atômico de Los Alamos. A Noite.* Rio de Janeiro, 20/4/1950, p. 3. (BN)

#### 21 abril 1950

*Disco voador em Minas. A Noite.* Rio de Janeiro, 21/4/1950, p. 2, edição final. (BN)

#### 22 abril 1950

MELLO, Antonio Vieira de. *Os marcianos. A Noite.* Rio de Janeiro, 22/4/1950, p. 2, edição final. (BN)

#### 24 abril 1950

*Enquanto os incautos olhassem o Disco Voador... A Noite.* Rio de Janeiro, 24/4/1950, p. 1 e 12. (BN)

#### 25 abril 1950

[Anúncio do filme *A vida é uma gargalhada*]. *O Estado de São Paulo.* São Paulo, 25/4/50, p. 21. (AEL)

## j) Lista de notícias de jornais sobre Caso Trindade (1958)

#### 21/2/1958

*ESTADO MAIOR IGNORA PRESENÇA DE DISCOS. Tribuna da Imprensa,* Rio de Janeiro, 21/2/1958, p. 1. (BN)

*NADA TEM A MARINHA COM O "DISCO VOADOR". Diário de Notícias,* Rio de Janeiro, 21/2/1958, 1ª. seção, p. 13. (BN)

*Marinha de Guerra fotografou disco voador sobre Trindade. Correio da Manhã,* Rio de Janeiro, 21/2/1958, p.1 (1º. caderno). (BN)

*Juscelino perplexo diante das fotos do disco voador. Diário da Noite,* Rio de Janeiro, 21/2/1958, p. 1 e 5, 1ª. seção. (BN)

*"O Cruzeiro" adquire exclusividade para a publicação das fotos. Diário da Noite,* Rio de Janeiro, 21/2/1958, p. 5, 1ª. seção. (BN)

*Céticos, os astrônomos Madeira e Gama expendem suas opiniões. Diário da Noite,* Rio de Janeiro, 21/2/1958, p. 9, 1ª. seção. (BN)

*Sigilo absoluto na Marinha em torno do disco voador. O Globo.* Rio de Janeiro, 21/2/1958, p. 1 e 6. (BN)

*Disco Voador visto e fotografado de bordo do “Almirante Saldanha”.* **O Jornal**, Rio de Janeiro, 21/2/1958, p. 1. (BN)

*“O Cruzeiro” adquire exclusividade para a publicação das fotos.* **O Jornal**, Rio de Janeiro, 21/2/1958, p. 1. (BN)

*Não houve surpresa para o Serviço Secreto da Marinha.* **O Jornal**, Rio de Janeiro, 21/2/1958, p. 6. (BN)

*Perdi duas chapas, pois estava bastante nervoso.* **O Jornal**, Rio de Janeiro, 21/2/1958, p. 6. (BN)

*Por três vezes, o “Disco-voador” passou sobre a Ilha da Trindade!* **Última Hora**. Rio de Janeiro, 21/2/1958, p. 1 e 6. (BN)

*“14 segundos foi o tempo que tive para fotografar o “disco-voador”!”.* **Última Hora**. Rio de Janeiro, 21/2/1958 - p. 6 (BN)

*Balões de sondagem os supostos discos voadores.* **O Dia**, São Paulo, 21 fevereiro 1958, p. 1. (AESP)

*“Disco-voador” sobre a ilha da Trindade.* **Folha da Tarde**, São Paulo, 21 fevereiro 1958, p. 3. (AESP)

*Marinha nada dirá sobre disco voador.* **Diário Popular**, São Paulo, 21 de fevereiro 1958, p. 1. (AESP)

*Fotografado um “estranho objeto” que sobrevoou a ilha da Trindade.* **Folha da Manhã**, São Paulo, 21/2/1958, p. 2, 1º. caderno. (AEL)

## 22/2/1958

*FOTOS DO DISCO ENTREGUES A LOTT.* **Tribuna da Imprensa**, Rio de Janeiro, 22/2/1958, p. 1. (BN)

*Fotografias duvidosas dos discos-voadores.* **Diário de Notícias**, Rio de Janeiro, 22/2/1958, p. 1. (BN)

*Suspeitas de fraude nas fotografias do Disco Voador na Ilha da Trindade.* **Diário de Notícias**, Rio de Janeiro, 22/2/1958, p. 1 e 7. (BN)

*Nenhum pronunciamento oficial da Marinha sobre o disco voador visto na Ilha da Trindade.* **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 22/2/1958, p.1. (BN)

*DISCOS VOADORES EM DUAS PALAVRAS.* **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 22/2/1958, p. 1. (BN)

*Discos Voadores na 6ª Região Militar.* In **O Cruzeiro**. Rio de Janeiro, 22/2/1958 (BN)

*Algo parecido com portas na base do disco voador.* **Diário da Noite**, Rio de Janeiro, 22/2/1958, p. 5, 1ª. seção. (BN)

*Nenhum pronunciamento oficial sobre o caso do disco voador.* **O Globo**. Rio de Janeiro, 22/2/1958 p. 1. (BN)

*“Disco-voador”: dúvida e mistério empolgam a opinião pública.* **Última Hora**. Rio de Janeiro, 22/2/1958, p 1 e 6. (BN)

*Inquérito na FAB sobre discos voadores.* **O Jornal**, Rio de Janeiro, 22/2/1958, p. 1 e 6. (BN)

*Ampliação revelou portas na base do disco-voador.* **O Jornal**, Rio de Janeiro, 22/2/1958, p. 1 e 6. (BN)

*Marinha e Aeronáutica nada dirão sobre o disco-voador.* **O Dia**, São Paulo, 22 fevereiro 1958, p. 3. [foto de Trindade com legenda] **Folha da Tarde**, São Paulo, 22 fevereiro 1958, p. 1. (AESP)

*Não confirmam altas autoridades militares seja “disco-voador” o “estranho objeto” fotografado.* **Folha da Tarde**, São Paulo, 22 fevereiro 1958, p. 7, 1º. Caderno. (AESP)

*“O objeto fotografado na Ilha da Trindade tem clássicas características dos discos-voadores”.* **Folha da Tarde**, São Paulo, 22 fevereiro 1958, p. 7, 1º. caderno. (AESP)

*Confirma o comandante Pedro Moreira: tripulação do “Almirante Saldanha” viu mesmo o disco voador.* **Diário Popular**, São Paulo, 22 de fevereiro 1958, p. 1. (AESP)

[Foto com legenda]. **Folha da Manhã**, São Paulo, 22/2/1958, p. 1, 1º. caderno. (AEL)

*Não confirmam altas autoridades militares seja “disco-voador” o “estranho objeto” fotografado.* **Folha da Manhã**, São Paulo, 22/2/1958, p. 12, Caderno assuntos gerais. (AEL)

*“O objeto fotografado na ilha da Trindade tem clássicas características dos “discos-voadores”.* **Folha da Manhã**, São Paulo, 22/2/1958, p. 12, Caderno assuntos gerais. (AEL)

## 23/2/1958

*Não tem valor como prova as fotografias do disco.* **Diário de Notícias**, Rio de Janeiro, edição de 23 e 24/2/1958, p. 1 e 6, 2ª. seção. (BN)

*Não há base científica no caso dos discos voadores.* **Diário de Notícias**, Rio de Janeiro, edição de 23 e 24/2/1958, p. 1, 2ª. seção. (BN)

*Declara oficialmente a Marinha: Disco foi fotografado na “presença de grande número de elementos da guarnição do NE “Almirante Saldanha”.* **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 23/2/1958, p. 1 e 11, 1º. caderno. (BN)

*Giroscópio seria o princípio dos discos voadores.* **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 23/2/1958, p. 1 e 11, 1º. caderno. (BN)

*Autênticas as fotos: confirma a Marinha.* **O Jornal**, Rio de Janeiro, 23/2/1958, p. 1. (BN)

*Juristas opinam: Baraúna pode intentar ação cível.* **O Jornal**, Rio de Janeiro, 23/2/1958, p. 5. (BN)  
*Nem balão-sonda, nem fraude nas fotos do “disco voador”.* **O Jornal**, Rio de Janeiro, 23/2/1958, p. 1 e 9. (BN)  
*Recorrerá à justiça por causa do “disco-voador”.* **O Dia**, São Paulo, 23 fevereiro 1958, p. 1. (AESP)  
*Nota oficial do Ministério da Marinha sobre o “estranho objeto” fotografado.* **Folha da Manhã**, São Paulo, 23/2/1958, p. 1. (AEL)  
 LEITE, Pedro. *O que falta para o disco existir.* Coluna O sal de sete dias. **Folha da Manhã**, São Paulo, 23/2/58, p. 6. (AEL)

#### 24/2/1958

*Marinha diz que é autêntico o disco da Trindade.* **Tribuna da Imprensa**, Rio de Janeiro, 24/2/1958, p. 4. (BN)  
*DISCO DA TRINDADE ERA BALÃO.* **Tribuna da Imprensa**, Rio de Janeiro, 24/2/1958, p. 1, (2º. Caderno ou outra edição?) (BN)  
*Disco-voador com mensagem de paz desceu em Ceres.* **Tribuna da Imprensa**, Rio de Janeiro, 24/2/1958, p.? (BN)  
 ATHAYDE, Austregésilo de. *Discos voadores: não existem.* **Diário da Noite**, Rio de Janeiro, 24/2/1958, p.4, 1ª. seção. (BN)  
 Coluna TODO DIA. **Diário da Noite**, Rio de Janeiro, 24/2/1958, p. 4, 1ª. seção. (BN)  
*Trajectoria do “disco-voador” sobre a Ilha da Trindade.* **Última Hora**, Rio de Janeiro, 24/2/1958, p. 1. (BN)  
*Baraúna depôs longamente no Serviço Secreto da Marinha.* **O Globo**, Rio de Janeiro, 24/2/1958, p. 3 (BN)  
*Nenhuma palavra oficial sobre o caso do disco voador.* **O Dia**, São Paulo, 24 fevereiro 1958, p. 1. (AESP)  
*Nota oficial do Ministério da Marinha sobre o “estranho objeto” fotografado.* **Folha da Tarde**, São Paulo, 24 fevereiro 1958, p. 1. (AESP)  
 LEITE PEDRO. *O que falta para o disco existir.* Coluna O sal de sete dias. **Folha da Tarde**, São Paulo, 24 fevereiro 1958, p. 3. (AESP)  
*Era interplanetária [Charge]* **Folha da Tarde**, São Paulo, 24 fevereiro 1958, p. 4. (AESP)  
*Fotógrafo é especialista em discos: já fez dois.* **Diário Popular**, São Paulo, 24 de fevereiro 1958, p. 1. (AESP)

#### 25/2/1958

*Marinha quer saber se “Disco-Baraúna” é “furo” ou chantagem.* **Tribuna da Imprensa**, Rio de Janeiro, 25/2/1958, p. 1. (BN)  
*Meros Fenômenos Meteorológicos os Chamados “Discos-Voadores”.* **Diário de Notícias**, Rio de Janeiro, 25/2/1958, p. 1 e 2, 2ª. seção. (BN)  
*Relatório da Marinha será enviado às outras armas.* **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 25/2/1958, 1ª. página do 2º. caderno e p. 9 do 1º caderno. (BN)  
 Obedeceria a uma “estratégia de jogo” o aparecimento dos discos voadores. **Diário da Noite**, Rio de Janeiro, 25/2/1958, p. 11, 1ª. seção. (BN)  
*Alheios ao Caso do Disco-Voador.* **O Globo**, Rio de Janeiro, 25/2/1958, p. 3 e 6. (BN)  
 O. M. “Discos-voadores” e sacis-pererês. Coluna: Revista dos Jornais. **Última Hora**, Rio de Janeiro, 25/2/1958, p. 2 (BN)  
*Praticamente provada a (sic) procedência interplanetária dos discos-voadores.* **O Jornal**, Rio de Janeiro, 25/2/1958, p. 7. (BN)  
 “Fotografias não constituem provas” **O Dia**, São Paulo, 25 fevereiro 1958, p. 1 e 2. (AESP)  
*Tripulantes do “Almirante Saldanha” afirmam ter visto o “disco voador”.* **Folha da Tarde**, São Paulo, 25 fevereiro 1958, p. 6. (AESP)  
 Mason [sic] (famoso fotógrafo): “Disco de 58 é mais aperfeiçoado do que o de 54”. **Diário Popular**, São Paulo, 25 de fevereiro 1958, p. 1. (AESP)

#### 26/2/1958

*Marinha: Silêncio sobre disco-voador.* **Tribuna da Imprensa**, Rio de Janeiro, 26/2/1958, p. 1. (BN)  
 BRAGA, Rubem. Discos. **Diário de Notícias**, Rio de Janeiro, 26/2/1958, 1ª. seção, p. 2 (BN)  
 Manzon “faz” discos voadores. **O Globo**, Rio de Janeiro, 26/2/1958, p. 1 e 6. (BN)  
*O fotógrafo estava só quando revelou o filme.* **O Globo**, Rio de Janeiro, 26/2/1958, p. 3 (BN)  
 “Como teriam sido feitas as fotos”. **O Globo**, Rio de Janeiro, 26/2/1958, p. 2, 2ª. seção ? (BN)  
*“Disco-voador” no Estado-Maior da Armada.* Coluna: Zero Hora. **Última Hora**, Rio de Janeiro, 26/2/1958, p. 1 (BN)

O. M. *Disco-voador: devaneio de fotógrafos*. Coluna: Revista dos Jornais. **Última Hora**. Rio de Janeiro, 28/2/1958, p. 2 (BN)

*Meros fenômenos meteorológicos os chamados “discos voadores”*. **Diário Popular**, São Paulo, 26 de fevereiro 1958, p. 1 e 3. (AESP)

*Vêm sendo examinadas pelo Estado-Maior da Armada as fotografias do “estranho objeto”*. **Folha da Manhã**, São Paulo, 26/2/1958, p. 2. (AEL)

### 27/02/1958

*Avistaram disco-voador no México*. **Tribuna da Imprensa**, Rio de Janeiro, 27/2/1958, p. 7. (BN)

*“FAZER DISCO VOADOR É TRABALHO PARA MULHER”*. **Diário de Notícias**, Rio de Janeiro, 27/2/1958, p. 1 e 7, 2ª. seção. (BN)

CORÇÃO, GUSTAVO, *Discos Voadores*. **Diário de Notícias**, Rio de Janeiro, 27/2/1958, p. 5, 1ª. seção. (BN)

*Informações sobre o disco voador pede o deputado Sérgio Magalhães*. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 27/2/1958, p. 1 do 2º. Caderno e p. 12 do 1º. caderno. (BN)

*Deputado quer desvendar sigilo do disco-voador*. **Diário da Noite**, Rio de Janeiro, 27/2/1958, p. 7, 1ª. seção. (BN)

*85% dos “discos-voadores” não passam de fenômenos naturais*. **O Globo**. Rio de Janeiro, 27/2/1958, p. 2 (BN)

*História de disco-voador é assunto esquecido no “Almirante Saldanha”*. **O Globo**. Rio de Janeiro, 27/2/1958, p. 3; (BN)

*Seria a única prova material da existência do disco-voador*. **O Globo**. Rio de Janeiro, 27/2/1958, p. 12. (BN)

*Encerrado oficialmente o caso do disco-voador*. **O Jornal**, Rio de Janeiro, 27/2/1958, p. 10. (BN)

*“Discos-voadores” não passariam de brincadeira do fotógrafo*. **O Dia**, São Paulo, 27 fevereiro 1958, p. 2. (AESP)

[Foto com legenda] **Folha da Tarde**, São Paulo, 27 fevereiro 1958, p. 1. (AESP)

BRAGA, Rubem. *Discos*. **Folha da Tarde**, São Paulo, 27 fevereiro 1958, p. 4. (AESP)

*O espaço naufrago [Charge]* **Folha da Tarde**, São Paulo, 27 fevereiro 1958, p. 4. (AESP)

*“Disco voador”? não, truque de Jean Manzon*. **Folha da Tarde**, São Paulo, 27 fevereiro 1958, p. 8. (AESP)

*Fotógrafo do disco voador já foi mestre de truques e fotomontagens de discos*. **Diário Popular**, São Paulo, 27 de fevereiro 1958, p. 1. (AESP)

*A questão dos discos voadores afeta a segurança nacional*. **Diário Popular**, São Paulo, 27 de fevereiro 1958, p. 16. (AESP)

*Depoimento sobre o “objeto” que sobrevoou a ilha da Trindade*. **Folha da Manhã**, São Paulo, 27/2/1958, p. 2. (AEL)

### 28/02/1958

*Disco ou não viu um objeto oval e luminoso nos céus de Trindade*. **O Globo**. Rio de Janeiro, 28/2/1958, p. 4 (BN)

*“Não é mais lícito duvidar da existência dos discos-voadores”*. **O Globo**. Rio de Janeiro, 28/2/1958, p. ? (BN)

*Pedido de informação sobre o disco-voador da Trindade*. **O Jornal**, Rio de Janeiro, 28/2/1958, p. 3. (BN)

*Políticos, cientistas e intelectuais dão opinião sobre “discos voadores”*. **O Jornal**, Rio de Janeiro, 28/2/1958. (BN)

*Permanece inexplicado o caso do “Disco-voador”* **O Dia**, São Paulo, 28 fevereiro 1958, p. 1. (AESP)

*Há vida em Marte?* **Diário Popular**, São Paulo, 28 de fevereiro 1958, p. 1. (AESP)

BRAGA, Rubem. *Discos*. **Folha da Manhã**, São Paulo, 28/2/1958, p. 6 (AEL)

## Março

### 1/3/1958

[Charge]. **Diário de Notícias**, Rio de Janeiro, 1/3/1958, p.1, 2ª. seção. (BN)

*“Nem eu, nem meus colegas, nem ninguém da guarnição da ilha viu o disco-voador”*. **Folha da Manhã**, São Paulo, 1/3/1958, p. 1. (AEL)

[Propaganda futurista]. **Folha da Manhã**, São Paulo, 1/3/1958, p. 3, caderno assuntos especializados. (AEL)

### 2/3/1958

*Discos Voadores*. **Correio da Manhã**. Rio de Janeiro, 2/3/1958 - p.2 - 1º. Caderno (BN)

*“Não é mais lícito duvidar da existência dos discos-voadores”* **Folha da Manhã**, São Paulo, 2/3/1958, p. 2, caderno assuntos gerais. (AEL)

LEITE, Pedro. *Como se pode ver o disco*. Coluna O sal de sete dias. **Folha da Manhã**, São Paulo, 2/3/58, p. 9. (AEL)

“Ao contrário do que em geral se divulga, as condições de vida na ilha da Trindade são as melhores possíveis”

**Folha da Manhã**, São Paulo, 2/3/58, p. 12(AEL)

*Discos voadores*. Coluna Gota a gota. **Folha da Manhã**, São Paulo, 2/3/58, p. 7, caderno Assuntos culturais. (AEL)

### 3/3/1958

*Reafirma o prof. Fernando Pinto que não viu “disco-voador” em Trindade*. **Folha da Tarde**, São Paulo, 3 março 1958, p. 10. (AESP)

LEITE PEDRO. *Como se pode ver o disco*. Coluna *O sal de sete dias*. **Folha da Tarde**, São Paulo, 3 março 1958, p. 13. (AESP)

### 4/3/1958

*Dizendo-se “Iluminada” prevê coisas terríveis sobre a Terra*. **Diário de Notícias**, Rio de Janeiro, 4/3/1958, p. 1, 2ª. seção. (BN)

FIGUEIREDO, Guilherme. *Aventura interplanetária*. Coluna *Um dia depois do outro*. **Diário da Noite**, Rio de Janeiro, 4/3/1958, p. 4, 1ª. seção. (BN)

*Dizem que os Discos são Extraterrenos*. **O Globo**. Rio de Janeiro, 4/3/1958 – p. 7 – 2º. caderno? (BN)

*Proibida a circulação de número de algumas revistas em Curitiba*. **Folha da Manhã**, São Paulo, 4/3/58, p. 2, caderno Assuntos gerais (AEL)

“Objeto luminoso” *avistado ao sobrevoar uma colônia de férias*. **Folha da Manhã**, São Paulo, 4/3/58, p. 2, caderno Assuntos gerais (AEL)

### 5/3/1958

POMPEU, HELIO. *Discos, chilikues etc*. Coluna *Dia e Noite*. **Folha da Tarde**, São Paulo, 5 março 1958, p. 4. (AESP)

POMPEU, HELIO. *Discos, chilikues etc*. Coluna *Dia e Noite*. **Folha da Manhã**, São Paulo, 5 março 1958, p. 8, caderno Assuntos gerais. (AEL)

### 6/3/1958

*Explodiu um corpo luminoso nos céus de Vitória*. **O Dia**, São Paulo, 6 março 1958, p. 1. (AESP)

*A Associação de Amadores de Astronomia de São Paulo e os “discos voadores”*. **Folha da Manhã**, São Paulo, 6/3/58, p. 8, caderno Assuntos gerais. (AEL)

### 7/3/1958

*Advogado afirma haver avistado “disco-voador” que sobrevoou municípios do Centro da Bahia*. **Folha da Manhã**, São Paulo, 7/3/58, p. 3, caderno Assuntos gerais. (AEL)

### 8/3/1958

MARTINS, João. *Disco Voador sobrevoa o “Almirante Saldanha”*. In **O Cruzeiro**. Rio de Janeiro, 8/03/1958 (BN)

### 9/3/1958

*Prevista a campanha de descrédito contra as fotos do “disco-voador”*. **O Jornal**, Rio de Janeiro, 9/3/1958, p. 7. (BN)

ARON, Robert. *Agora, o disco mergulhador...* **Folha da Manhã**, São Paulo, 9/3/58, p. 2, caderno Assuntos da vida social. (AEL)

### 10/3/1958

“Fabricou” *disco voador*. **Tribuna da Imprensa**, Rio de Janeiro, 10/3/1958, 2ª edição de 2ª feira, p. 5. (BN)

*O “disco voador” pousado no morro era apenas uma bandeira branca*. **Folha da Tarde**, São Paulo, 10 março 1958, p. 14. (AESP)

### 12/3/1958

MARIANO, VICTOR. “O planeta Terra está cercado! E Marte quer destruir o nosso mundo!”. **Diário da Noite**, Rio de Janeiro, 12/3/1958, p. 3, 1ª. seção. (BN)

“Na minha opinião, disco voador é conversa fiada”. **Diário da Noite**, Rio de Janeiro, 12/3/1958, p. 4, 1ª. seção. (BN)

“Associação de Amadores de Astronomia de São Paulo”. **O Jornal**, Rio de Janeiro, 12/3/1958, p. 2. (BN)

## ANEXO II – LISTAS DE CASOS

### Onda de 1947

Nº	Noticiado em	Local	Fonte
1	9/07/1947	Presidente Prudente-SP	<i>Teriam sido vistos no Brasil “discos voadores”</i> . <b>O Globo</b> . Rio de Janeiro, 9 julho 1947, p. 1 e 7. (BN) <i>“Discos voadores” sobre a capital</i> . <b>A Noite</b> . São Paulo, 11 de julho 1947, p.1. (AESP)
2	10/07/1947	Rio de Janeiro-RJ	<i>“Discos voadores” também sobre o Rio</i> . <b>A Noite</b> . Rio de Janeiro, 10 de julho 1947, edição das 11 horas, p. 1 e 3. (BN) <i>O propalado aparecimento de “discos voadores”</i> . <b>Folha da Manhã</b> , São Paulo, 11/7/1947, p. 2, 1º. caderno. (AEL) <i>Vistos também no Rio os discos voadores</i> . <b>Diário de São Paulo</b> , São Paulo, 11 de julho, p. 3. (AESP)
3	11/07/1947	São Paulo-SP	<i>Dizem ter visto, novamente, “discos voadores”, em São Paulo</i> . <b>A Noite</b> . Rio de Janeiro, 11 de julho 1947, edição final, p. 9. (BN)
4	11/07/1947	Presidente Prudente-SP	<i>Inquieta o mundo o mistério dos discos voadores</i> . <b>A Noite</b> . São Paulo, 11 de julho 1947, p.7 e 11. (AESP)
5	11/07/1947	Presidente Prudente-SP	<i>Inquieta o mundo o mistério dos discos voadores</i> . <b>A Noite</b> . São Paulo, 11 de julho 1947, p.7 e 11. (AESP)
6	11/07/1947	São Paulo-SP	<i>“Discos voadores” sobre a capital</i> . <b>A Noite</b> . São Paulo, 11 de julho 1947, p.1. (AESP)
7	12/07/1947	Recife-PE	<i>Disco, pires, ou caçarola?</i> <b>A Noite</b> . Rio de Janeiro, 12 de julho 1947, edição final, p. 1. (BN)
8	12/07/1947	São Paulo-SP	<i>Discos Voadores sobre São Paulo</i> . <b>A Noite</b> , São Paulo, 12 de julho 1947, p.1. (AESP)
9	12/07/1947	São Paulo-SP	<i>Discos Voadores sobre São Paulo</i> . <b>A Noite</b> , São Paulo, 12 de julho 1947, p.1. (AESP)
10	13/07/1947	Florianópolis-SC	<i>Teriam sido vistos em diversas regiões os famosos “discos voadores”</i> . <b>Diário de São Paulo</b> , São Paulo, 13 de julho, p. 3. (AESP)
11	13/07/1947	Florianópolis-SC	<i>Teriam sido vistos em diversas regiões os famosos “discos voadores”</i> . <b>Diário de São Paulo</b> , São Paulo, 13 de julho, p. 3. (AESP)
12	14/07/1947	Rio de Janeiro-RJ	<i>Em Ipanema, eu vi um “disco voador”!</i> <b>A Noite</b> . Rio de Janeiro, 14 de julho 1947, 1ª. edição, p. 1 e 3. (BN)
13	14/07/1947	Campos-RJ	<i>“Discos voadores” avistados em vários pontos do país</i> . <b>Folha da Noite</b> , São Paulo, 14 de julho 1947, p. 1. (AESP)
14	14/07/1947	Itapira-SP ou Itabira-MG?,	<i>Também em Itapira foi visto um “disco voador”</i> . <b>Folha da Noite</b> , São Paulo, 14 de julho 1947, p. ?. (AESP) <i>Enchem-se de “discos voadores” os céus do Brasil...</i> <b>O Globo</b> . Rio de Janeiro, 14 julho 1947, p. 2. (BN)
15	14/07/1947	Campinas-SP	<i>Enchem-se de “discos voadores” os céus do Brasil...</i> <b>O Globo</b> . Rio de Janeiro, 14 julho 1947, p. 2. (BN)
16	16/07/1947	Campo de Lagoa Santa-MG	<i>“Discos voadores” avistados em Lagoa Santa</i> . <b>Diário da Tarde</b> , Belo Horizonte, 16 junho 1947, p. 1. (BN)

17	16/07/1947	Santos-SP	<i>Um aspirante da Base Aérea de Santos viu um “disco voador”.</i> <b>A Noite</b> , São Paulo, 16 de julho 1947, p.4. (AESP) <i>Mais um “disco voador”...</i> <b>A Noite</b> , Rio de Janeiro, 16 de julho 1947, edição das 11 horas, p. 3. (BN)
18	16/07/1947	Entre Torrinhã e Dois Córregos-SP	<i>“Discos voadores” em todo o interior.</i> <b>A Noite</b> , São Paulo, 16 de julho 1947, p.1 e 2. (AESP)
19	16/07/1947	Taubaté-SP	<i>“Discos voadores” em todo o interior.</i> <b>A Noite</b> , São Paulo, 16 de julho 1947, p.1 e 2. (AESP)
20	19/07/1947	Pedregulho-SP	<i>“Discos Voadores” também foram vistos em Pedregulho.</i> <b>Diário de São Paulo</b> , São Paulo, 19 de julho, p. 3. (AESP)
21	22/07/1947	Rio de Janeiro-RJ	<i>Afirma ter visto um “disco-voador”.</i> <b>Diário da Tarde</b> , Belo Horizonte, 22 junho 1947, p. 6. (BN)
22	22/07/1947	Mogi-Mirim-SP	<i>“Discos voadores” no interior de São Paulo.</i> <b>A Noite</b> , Rio de Janeiro, 22 de julho 1947, edição final, p. 10. (BN)
23	24/07/1947	? - Goiás	<i>Discos voadores em Goiaz.</i> <b>Diário da Tarde</b> , Belo Horizonte, 24 junho 1947, p. 1. (BN) <i>Foram vistos em Goiás inúmeros “discos voadores”.</i> <b>Diário de São Paulo</b> , São Paulo, 25 de julho, p. 8. (AESP)
24	24/07/1947	Patrimônio das Marrecas-PR	<i>Discos voadores em Goiaz.</i> <b>Diário da Tarde</b> , Belo Horizonte, 24 junho 1947, p. 1. (BN)
25	28/07/1947	Campinas-SP	<i>Mais “Discos Voadores” agora foram vistos em Campinas.</i> <b>A Noite</b> , São Paulo, 28 de julho 1947, p.3. (AESP)
26	31/07/1947	Mumbuca -?	<i>“Disco voador” visto em Mumbuca.</i> <b>Diário de São Paulo</b> , São Paulo, 31 de julho, p. 3. (AESP)
27	5/08/1947	São Paulo-SP	<i>“Discos voadores” sob os céus de São Paulo.</i> <b>Folha da Noite</b> , São Paulo, 5 agosto 1947, p. 5. (AESP)
28	5/08/1947	Pitanga-PR	LAMARTINE. Extranho aparelho teria sido visto a noroeste de Pitanga! <b>Diário da Tarde</b> , Curitiba, 5 agosto de 1947, p .5 (Biblioteca Pública do Paraná – Curitiba-PR)  <i>Marcianos descem no Paraná!</i> <b>A Noite</b> , São Paulo, 15 de agosto 1947, p. 2 e 8. (AESP)

### Onda de 1950

Nº	Noticiado em	Local	Fonte
1	15/3/1950	Recife-PE	<i>Disco voador no Recife.</i> <b>A Manhã</b> , Rio de Janeiro, 15/3/1950, p. 1 (BN)
2	19/3/1950	Porto Velho-AM	<i>Disco voador visto no Amazonas.</i> <b>Folha da Manhã</b> , São Paulo, 19 de março 1950, p. 3, 1º. caderno. (AESP)
3	20/3/1950	Paranaguá-PR	<i>Disco voador em Paranaguá.</i> <b>A Noite</b> , São Paulo, 20 março 1950, p. 3. (AESP) <i>Aparece um disco voador em Santa Catarina.</i> <b>Folha da Manhã</b> , São Paulo, 19 de março 1950, p. 1, 1º. caderno. (AESP)
4	21/3/1950	Rio de Janeiro-RJ	<i>“Discos voadores”.</i> Coluna <i>Revista do Mundo</i> . <b>A Noite</b> , São Paulo, 21 março 1950, p. 6. (AESP)
5	21/3/1950	Maceió-AL	<i>“Disco voador” em Maceió.</i> <b>A Noite</b> , São Paulo, 21 março 1950, p. 2. (AESP) <i>“Disco voador” visto em Maceió.</i> <b>A Manhã</b> , Rio de Janeiro, 21/3/1950, p. 2 (BN)
6	21/3/1950	Ijuí-RS	<i>Disco voador, com foguetes e fumaça, no sul.</i> <b>A Noite</b> , Rio de Janeiro, 21/3/1950, p. 1, edição final. (BN)

7	23/3/1950	Petrópolis-RJ	<i>Raio ou disco? Coluna Se Non é vero...</i> <b>A Noite</b> . São Paulo, 23 março 1950, p. 6. (AESP)
8	23/3/1950	Fortaleza-CE	<i>Disco voador no Ceará.</i> <b>A Manhã</b> . Rio de Janeiro, 23/3/1950, p. 2 (BN)
9	23/3/1950	Curitiba-PR	<i>Discos Voadores em profusão....</i> . <b>A Noite</b> . Rio de Janeiro, 23/3/1950, p.1 e 2, edição final. (BN)
10	23/3/1950	Vitória-ES	<i>Discos Voadores em profusão....</i> . <b>A Noite</b> . Rio de Janeiro, 23/3/1950, p.1 e 2, edição final. (BN) <i>Mais “discos voadores”...</i> . <b>A Manhã</b> . Rio de Janeiro, 24/3/1950, p. 2 (BN)
11	23/3/1950	Porto União-SC	<i>Discos Voadores em profusão....</i> . <b>A Noite</b> . Rio de Janeiro, 23/3/1950, p.1 e 2, edição final. (BN) <i>Reboliço na Avenida Rio Branco. Visão de um “disco voador”.</i> <b>A Manhã</b> . Rio de Janeiro, 30/3/1950, p. 1 e 13 (BN) <i>“Discos-voadores” em Porto União.</i> <b>A Noite</b> . São Paulo, (22, 23 ou 24?) de março 1950, p. 6 (AESP)
12	24/3/1950	Caxias-RJ	<i>“Disco voador” avistado por pilotos no Rio.</i> <b>A Manhã</b> . Rio de Janeiro, 24/3/1950, p. 1 e 13 (BN) <i>Estranho objeto avistado por tripulantes da “Panair”</i> <b>Folha da Noite</b> . São Paulo, 24 março 1950, p. 6. (AESP) <i>Avistaram um disco voador quando sobrevoavam Caxias.</i> <b>Folha da Manhã</b> , São Paulo, 25 de março 1950, p. 3, 1º. caderno. (AESP)
13	24/3/1950	Botucatu-SP	<i>Discos voadores em Botucatu.</i> <b>Folha da Noite</b> . São Paulo, 24 março 1950, p. 1. (AESP) <i>Discos voadores nos céus de Botucatu.</i> <b>Folha da Manhã</b> , São Paulo, 25 de março 1950, p. 3, 1º. caderno. (AESP) <i>Avistados “discos voadores” em Botucatu, Santos e Itapira.</i> <b>O Estado de São Paulo</b> . São Paulo, 25/3/50, p. 7. (AEL)
14	25/3/1950	Santos-SP	<i>Avistados “discos voadores” em Botucatu, Santos e Itapira.</i> <b>O Estado de São Paulo</b> . São Paulo, 25/3/50, p. 7. (AEL)
15	25/3/1950	Itapira-SP	<i>Avistados “discos voadores” em Botucatu, Santos e Itapira.</i> <b>O Estado de São Paulo</b> . São Paulo, 25/3/50, p. 7. (AEL)
16	25/3/1950	Colatina-ES	<i>E os discos continuam.</i> <b>A Noite</b> . Rio de Janeiro, 25/3/1950, p. 1 e 2. (BN)
17	25/3/1950	São Paulo-SP	<i>Continua o “mistério”... “Disco voador” em São Paulo.</i> <b>A Manhã</b> . Rio de Janeiro, 25/3/1950, p. 3
18	25/3/1950	Mogi das Cruzes-SP	<i>Continua o “mistério”... “Disco voador” em São Paulo.</i> <b>A Manhã</b> . Rio de Janeiro, 25/3/1950, p. 3
19	27/3/1950	Porto Alegre-RS	<i>Discos voadores no Rio Grande e em Minas.</i> <b>A Noite</b> . Rio de Janeiro, 27/3/1950, p.1. (BN)
20	27/3/1950	Porto Alegre-RS	<i>Discos voadores no Rio Grande e em Minas.</i> <b>A Noite</b> . Rio de Janeiro, 27/3/1950, p.1. (BN)
21	27/3/1950	Lavras-MG	<i>Discos voadores no Rio Grande e em Minas.</i> <b>A Noite</b> . Rio de Janeiro, 27/3/1950, p.1. (BN)
22	30/3/1950	Rio de Janeiro-RJ	<i>Você “viu” o disco voador?.</i> <b>A Noite</b> . Rio de Janeiro, 30/3/1950 – p. 1 e 12, edição final. (BN)
23	30/3/1950	Rio de Janeiro-RJ	<i>Reboliço na Avenida Rio Branco. Visão de um “disco voador”.</i> <b>A Manhã</b> . Rio de Janeiro, 30/3/1950, p. 1 e 13 (BN)
24	30/3/1950	Porto Alegre-RS	<i>Reboliço na Avenida Rio Branco. Visão de um “disco voador”.</i> <b>A Manhã</b> . Rio de Janeiro, 30/3/1950, p. 1 e 13 (BN)
25	30/3/1950	Porto Alegre-RS	<i>Reboliço na Avenida Rio Branco. Visão de um “disco voador”.</i> <b>A Manhã</b> . Rio de Janeiro, 30/3/1950, p. 1 e 13 (BN)
26	31/3/1950	São Luís-MA	<i>Disco voador em São Luís.</i> <b>A Manhã</b> . Rio de Janeiro, 31/3/1950, p.2 (BN)
27	6/4/1950	Ponta Porã-MT	<i>Em pleno dia e a grande velocidade.</i> <b>A Manhã</b> . Rio de Janeiro,

			6/4/1960, p. 5 (BN)
28	14/4/1950	Olinda-PE	<i>Viu o “disco voador”</i> . <b>A Noite</b> . Rio de Janeiro, 14/3/1950, p. 8. (BN)
29	20/4/1950	Andradina-SP	<i>Discos voadores sobre Andradina</i> , <b>A Noite</b> . Rio de Janeiro, 20/4/1950, p. 1. (BN)
30	21/4/1950	Ituiutaba-MG	<i>Disco voador em Minas</i> . <b>A Noite</b> . Rio de Janeiro, 21/4/1950, p. 2, edição final. (BN)

### Casos de 1952

Nº	Noticiad o em	Local	Fonte
1	12/5/1952	Botelho-MG	<i>“Discos voadores” avistados também na França e em Minas</i> . <b>Diário da Noite</b> , Rio de Janeiro, 12/5/1952, 1ª. edição, p. 1 e 6. (BN)
2	14/5/1952	Rio de Janeiro-RJ	<i>Um clarão enorme iluminou o céu</i> . <b>Diário da Noite</b> , Rio de Janeiro, 14/5/1952, 1ª. edição, p. 1. (BN)
3	15/5/1952	Petrópolis-RJ	<i>“Disco voador” em Petrópolis</i> . <b>O Jornal</b> , Rio de Janeiro, 15/5/1952, p.2. (BN)
4	23/5/1952	São Tomé das Letras-MG	<i>Visto em São Tomé das Letras...</i> <b>Diário da Noite</b> , Rio de Janeiro, 23/5/1952, 1ª. edição, p. 1. (BN)
5	9/6/1952	São Paulo-SP	<i>Disco voador avistado em São Paulo</i> . <b>Diário da Noite</b> , Rio de Janeiro, 9/6/1952, 2ª. edição, p. 2. (BN) <i>Sobre os diques da Light Disco-Voador em São Paulo</i> . <b>Diário da Noite</b> , Rio de Janeiro, 10/6/1952, 1ª. edição, p. 2. (BN)
6	10/6/1952	Jacarezinho-PR	<i>Disco voador no Paraná</i> . <b>Diário da Noite</b> , Rio de Janeiro, 10/6/1952, 1ª. edição, p. 2. (BN)
7	13/6/1952	Florianópolis-SC	<i>“Discos voadores” avistados em Santa Catarina</i> . <b>Diário da Noite</b> , Rio de Janeiro, 13/6/1952, 1ª. edição, p. 1. (BN)